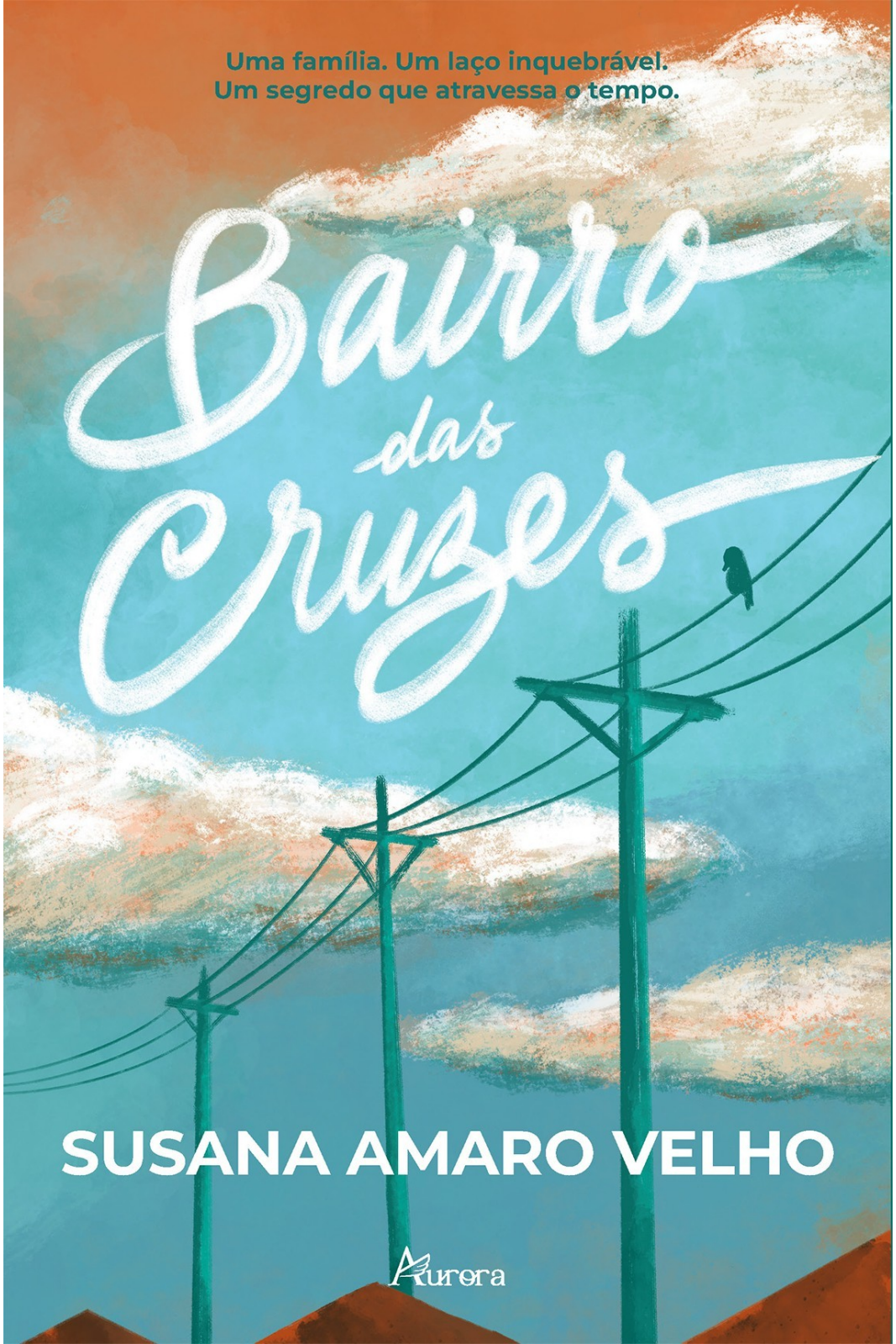


Uma família. Um laço inquebrável.
Um segredo que atravessa o tempo.

Bairro das Cruzes



SUSANA AMARO VELHO

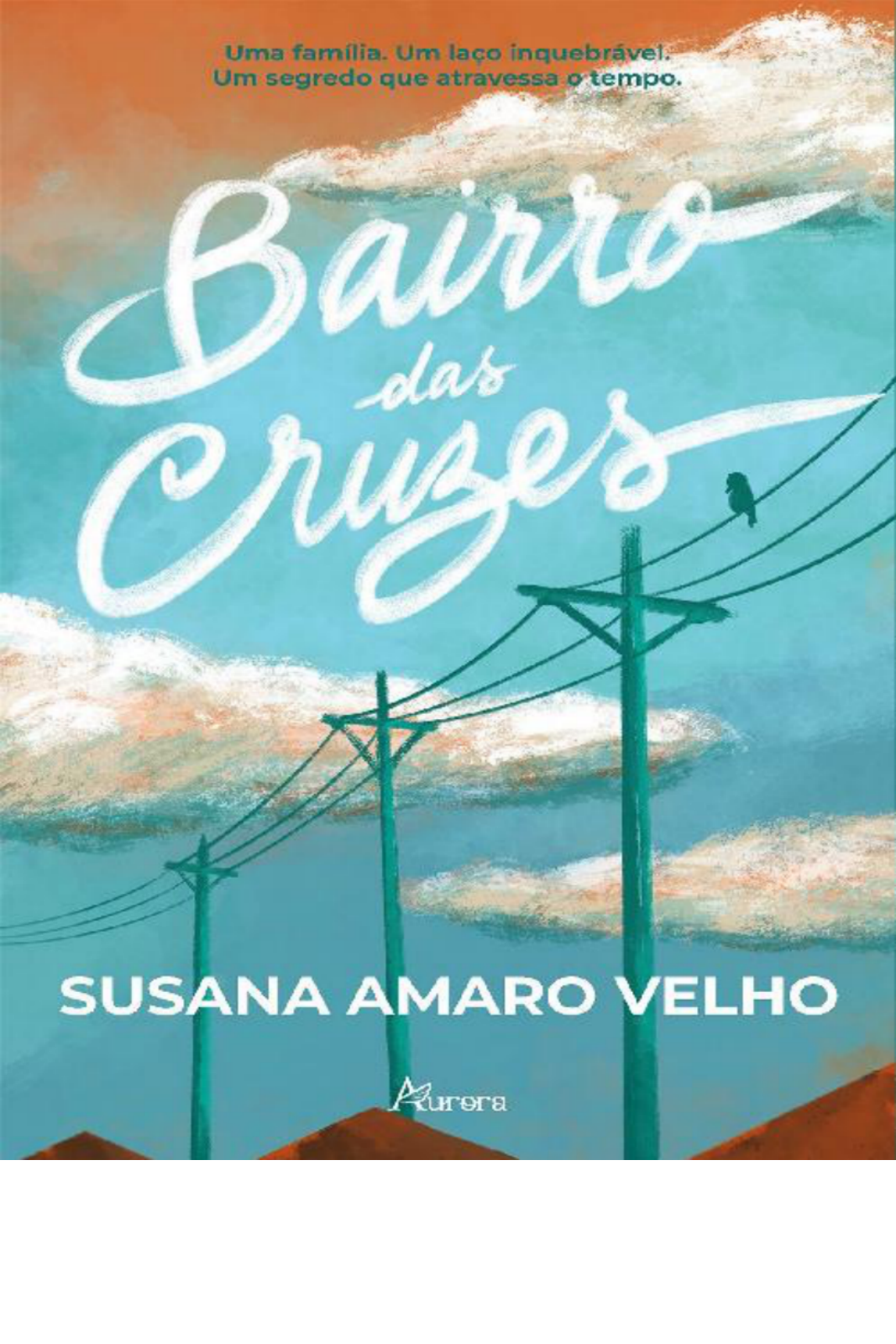
 Aurora

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Uma família. Um laço inquebrável.
Um segredo que atravessa o tempo.

Bairro das Cruzes



SUSANA AMARO VELHO

Aurora

Mas há tempo na morte.
E, por isso, quando ela me pediu
Conta o nosso bairro, eu sabia
que era minha obrigação fazê-lo.
A quem? Não importa.
De que modo? Ainda menos.
Mas o nosso bairro é a nossa
história e lá eu serei sempre
criança. Mesmo que a memória
me atraia, o espírito já se
encolha e a melancolia, tantas
vezes, se enrosque comigo ao
deitar, naquele lar macilento
de cheiro a mofo.

Bairro
das
Cruzes

Bairro das Cruzes

SUSANA AMARO VELHO

Aurora



© Aurora Editora

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título: *Bairro das Cruzes*

Autoria: Susana Amaro Velho

Revisão: Daniela Maciel e Lénia Rufino

Paginação: Ana Gaspar Pinto

Capa: Helena Soares e Sara Costa

Ilustração: Sara Costa

ISBN: 978-989-9150-22-5

1.ª edição em papel: maio de 2023

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outros, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito do Editor.

Aurora Editora é uma chancela


infinito particular
Criatividade à medida

info@particular.pt | www.particular.pt

Nota da Autora

Ainda que fazendo referência a acontecimentos reais, esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, factos ou acontecimentos reais, terá sido mera coincidência.

Tu eras também uma pequena folha que tremia no meu peito. O vento da vida pôs-te ali. A princípio não te vi: não soube que ias comigo, até que as tuas raízes atravessaram o meu peito, se uniram aos fios do meu sangue, falaram pela minha boca, floresceram comigo.

Pablo Neruda

*Para todos os moradores do Bairro Frederico Ulrich em Mafra
que inspiraram esta história.*

E para o meu eu de dez anos que um dia sonhou contá-la.

2023

1.

Sento-me sobre a campa e sinto o frio cortante do mármore gelado sob a saia de fazenda e os *collants* cardados. *Ah, isto da idade!* Se alguma vez pensei usar uma bengala sempre que precisasse de me levantar, ou imaginei que me pediriam que contasse de novo esta história. Até porque, como sabem, esta *não* é uma história de amor. Não uma história de amor convencional, por assim dizer. Não tem um casal que se apaixona e tem filhos. Que troca juras de amor até que se unam na sepultura partilhada, com dizeres e fotografias a sépia. Como *esta*. O que vos conto não é, de todo, uma história desse tipo de amor, mas realça o elo indelével entre uma criança, a sua origem e os seus laços familiares. Embora esse vínculo, que tantas vezes tentamos forçosamente esquecer, seja talvez a mais bonita forma de amor.

É a história da minha saudosa infância. Do meu malfadado bairro. E dos meus. Dos que ficaram e dos que se foram. Dos que jazem aqui à minha espera, debaixo de cobertores de granito bordados em letras douradas. *Aqui jaz Luísa. Um dia.*

Eu, que até na morte serei criança. Agarrada a um bairro e a sonhos que nunca morrerão, pois são o combustível que ateia a fogueira. O açúcar que adoça o pudim. O pedal da bicicleta que nunca se fará ferrugenta. As asas que me fizeram voar por entre as casas e os quintais. As palavras que ficaram escritas. E por escrever. As que contei anos antes e agora reconto a quem ainda as quiser ouvir. São os sonhos e o bairro a metáfora da vida. O avesso que se torna certo, porque eu serei sempre criança. A criança que corre e que salta nas poças, rindo a cada respingo, porque a infância é correr descalço. É magoar os pés no cascalho selvagem e deixar que o sangue escorra sem medo.

Porque um dia, sim, um dia, as feridas irão doer. Mas não na infância. Nela, tudo é penso rápido. Tudo é fugidio. Como uma tarde livre e sem horas, onde os minutos se convertem em meses. Porque não há tempo quando se é feliz.

Mas há tempo na morte. E, por isso, quando ela me pediu *Conta o nosso bairro*, eu sabia que era minha obrigação fazê-lo. A quem? Não importa. De que modo? Ainda menos. Mas o nosso bairro é a nossa história e lá eu serei sempre criança. Mesmo que a memória me atraíçoe, o espírito já se encolha e a melancolia, tantas vezes, se enrosque comigo ao deitar, naquele lar macilento de cheiro a mofo.

O nosso bairro é a nossa história e, nele, a nossa sepultura será um emaranhado de cruces de pedra que, agora que penso, talvez sejam uma história de amor. Porque realçam o elo indelével entre uma criança, a sua origem e os seus laços familiares.

Eu.

O meu bairro.

A Rosa.

O Carlitos e o avô Zé.

E o que ficou por contar.

1957

2.

O meu nome é Luísa e nasci e cresci no Bairro das Cruzes. Visto do céu, formava três cruzeiros perfeitos de casas simétricas e estradas mal cimentadas. Coisa rara em 1947, ano que me viu nascer, ter tamanha proporção como morada. Isso e tijolos nas paredes. Nunca vi o bairro do céu, mas acredito em quem o diz. Afinal, ver bairros do céu era coisa de pássaro e, por mais asas que eu desse à imaginação, a verdade é que nunca consegui voar.

Era um bairro numa vila, o que o tornava ainda mais bairrista. Mãos na cintura. Gritaria da mãe que chama para o jantar. Miúdos sujos e esfolados na rua, fazendo eu parte dos que jamais se apresentavam sem nódoas em jeito de medalhas de honra. Barulho e homens de taberna. E uma espécie de cães vadios, porque apesar da coleira, ninguém saberia dizer ao certo qual a sua morada. Era este o meu bairro. E a minha vida.

Ficava mais ou menos a quarenta quilómetros de Lisboa, mais precisamente em Mafra, que não tinha só o Bairro. Também tinha um Convento. Embora isso, para mim, não fosse tão importante como o sítio onde morava, até porque nunca havia entrado no Convento e contavam-se histórias sobre ratos e morcegos capazes de tornar em pesadelos todos os sonhos.

Era um bairro longe e ao mesmo tempo perto. Porque também era grande, mas conseguia ser pequeno. Lá, todos se tratavam por *tu* e não havia gente que não se conhecesse, porque a vida do vizinho vivia-se também na nossa casa. *Pobre da Custódia, o filho já anda outra vez a roubar.* Mas, apesar das desavenças, no Natal todos coziavam batatas com bacalhau. E em novembro trocavam-se broas de erva-doce. Que é como quem diz que, por mais que se

odiassem, eram todos iguais e até amigos.

As casas eram caiadas de branco e tinham telhados baixos e quintais à frente. Nas traseiras, barracões mal-enjorcados, capoeiras para coelhos e lixo, muito lixo acumulado. Daquele que se guardava esperando ser útil, mas que ganhava teias de aranha capazes de alojar uma família de três gerações. Bidões que serviam de fogareiro e telhas partidas que haviam de remendar telhados. Ou servir para assar coelho. Nada que se comparasse, porém, à plantação de salsa e coentros que o avô fazia dentro de uma banheira de latão gasta.

Para mim, o engraçado daquele bairro era o facto de os quintais serem iguais ao penteado de quem morava dentro das casas. A Olímpia pintava o cabelo de amarelo e, na sua honrada moradia, todos os vasos do caminho de entrada eram dessa cor. A Clara cozinheira não fazia um carrapito sem que lhe saltassem cabelos de fora. Talvez por isso o seu quintal estivesse minado de ervas daninhas. Já a Ti Orquídea era quase careca e a parca penugem que se lhe notava no alto da cabeça era da cor do nevoeiro. Por isso, o caminho do quintal dela era de gravilha cinzenta. O da avó Palmira era salpicado de peónias coloridas, porque ela pintava tantas vezes o cabelo que já não se lhe distinguia a cor. E, sobretudo, porque o avô a apelidava de «Ave Rara». Tal qual as peónias.

Achava eu, portanto, que o bairro tinha vida. Que era capaz de escolher quem lá vivia e onde. Olhava-nos para o cabelo e escolhia-nos a casa. Eu acreditava que quando fosse crescida, se ainda lá morasse, teria um quintal de areia. Com buracos e castelos. Assim à imagem da minha cabeleira loira pálida que tinha peladas por causa dos elásticos de borracha que a minha mãe insistia em fazer-me usar. Mas teria castelos, isso sem dúvida, porque eu não me cansava de sonhar. Não que me tornaria princesa, claro, mas que dominaria a minha casa. E, nela, as torres, janelas e varandas seriam tantas quantas as ideias que em mim moravam. Já a minha prima Rosa, a julgar pela farta cabeleira em canudos simétricos que lhe caía nos ombros, iria viver num palácio austero, frio e perfeito, carregado de colunas de mármore. Só que pretas. Na verdade, ela dizia que o bairro ia ser demolido só para se construir a casa dela. *Isto um dia vai tudo abaixo.* A Rosa nunca fez a coisa por menos. Ainda sonhava mais alto do que eu. E, infelizmente, tinha razão.

3.

Passava pouco das oito e meia da manhã e já estava um calor infernal. O avô andava a falar de uma vaga de calor estranha. Eu tinha entrado a muito custo no quintal da Ti Orquídea sem que ela me tivesse visto chegar. *Raio da mulher, que parecia ter dez olhos!* Sabia sempre onde nós estávamos e depois contava à avó Palmira, que, como se podia imaginar, me ameaçava com a cana se eu voltasse a invadir quintal alheio. Escapuli-me pelas traseiras, subi o caminho de gravilha com a bicicleta na mão e em câmara lenta. Se ela me ouvisse, estaria tudo acabado. Ainda bem que o *Piloto* tinha morrido semanas antes ou, caso contrário, o seu ladrar enlouquecido iria denunciar-me outra vez. Fora difícil enganá-lo com bolachas *Maria* todo aquele tempo. E eu não conseguia sentir-me culpada por ter ficado feliz com a morte dele — era um cão chato e estúpido. E dava cabo do nosso arsenal de bolachas.

A Rosa e o Manel estavam atrasados. *Típico*. Para quê dar um jeito a um barracão velho e meter-lhe lá dois caixotes a fazer de bancos, uns lençóis roídos da traça a tapar as janelas, se, depois, em vez de no nosso esconderijo, tínhamos de nos encontrar na rua porque um deles não tinha chegado antes de a velha se levantar? Já os tinha avisado: *antes das nove. Ela levanta-se às nove em ponto, como um relógio, ou como se precisasse de pegar no trabalho a horas*. E a janela da cozinha dava para o caminho, por isso tínhamos de chegar antes disso. Oito e meia era boa hora, mas nada feito. Ninguém me ouvia. Eu era o cérebro. A Rosa, as maminhas. O Manel, um pau-mandado. O que fazia de mim a chefe, ainda que não declarada. Do barracão e das brincadeiras. Embora a Rosa achasse que era ela quem mandava. E isso irritava-me, obviamente.

— Luísa? Estás aí? — ouvi uma voz perguntar.

— Tu estás parvo, Manel? Fala baixo. Queres que a velha nos apanhe?

— A Rosa está a vomitar ali na valeta — disse, com a voz a tremer-lhe daquele jeito tão dele. — Anda rápido. Não sei o que fazer sozinho. Ela está branca. Nem parece ela!

Deixei a bicicleta no esconderijo e saí a correr. Não sei se acordei a proprietária daquele espaço clandestino, se os cães todos da vizinhança, mas, de repente, todo o silêncio do mundo e daquela manhã de julho parecia ter sido roubado. A Rosa estava com os cantos da boca sujos, amparada no muro de cimento da casa da Tila, uns metros adiante.

— Rosa, então? O que é que te aconteceu?

— Não sei. Vinha a caminho e vi o Manel. Quando lhe fiz sinal para se despachar, porque já nos ias cansar a cabeça, senti assim uma tontura e desatei a vomitar o bolo de iogurte e o leite com cevada.

— Que nojo! — não pude evitar. — Mas já estás bem?

— Acho que não. Acho que vou cair.

Dramas. A Rosa era perita nisso. Eram tantas as vezes que eu vomitava e seguia caminho. Ia lá ficar doente por culpa de um leite azedo.

— Não vais nada. Deixa-te disso. A minha bicicleta ficou lá dentro. Se não entrarmos antes das nove, hoje não há planos para ninguém.

Ela estava realmente pálida.

— Mas eu acho melhor voltar para casa. Se a minha mãe e a avó sabem que vomitei e fui na mesma brincar...

— Primeiro, elas não vão saber... só se lhes contares — argumentei. — E, depois, nós não vamos brincar. Nós temos uma *missão*. Anda, Manel, faz alguma coisa! Ampara aí a Rosa que eu vou na dianteira ver se a costa está livre. Mais tarde trato de arranjar um balde de água para despejar em cima disso.

Mas, no preciso momento em que a larguei, a Rosa caiu para o lado. Em cima da poça de vômito cor de café com leite. Estava branca e com umas olheiras tão pretas que quase parecia que as tínhamos pintado com carvão — como daquela vez em que tentáramos fingir que éramos índios e que vivíamos numa tenda improvisada na horta da Amélia. Todos os quintais do bairro eram nossos — embora a avó não pudesse saber disso. Meus, da minha prima Rosa e do Manel. Um ano mais novo e muitos anos mais pateta. Os outros miúdos respeitavam-nos porque eu só tinha nove e já sabia ler como os adultos. E, sobretudo, porque muitas vezes passeava o *Pantufa* — o cão de caça do avô que na verdade não caçava uma pena de perdiz — com distinção, só para parecer que tinha em casa uma fera feroz que impunha respeito. Na

realidade, o raio do cão era mais medricas que o Manel.

Foi nesse dia, num dia qualquer normal de verão, que a Rosa caiu à cama e foi sentenciada à morte. Ainda não tinha feito nove anos e os médicos diziam à mãe dela, a minha tia Cândida, para se mentalizar. O tempo de vida dela seria curto e nunca me vou esquecer de a ver estendida no chão e de pensar: *afinal é isto um fantasma*. Achei que a Rosa tinha morrido na valeta, tal era a sua ausência de cor e vida.

Depois, quando a vi no hospital, enquanto eu apertava a medo a mão da minha mãe, pensei que ela se tinha transformado numa espécie de extraterrestre magrinho e transfigurado. Um espírito reencarnado. Aquela coisa ali deitada não podia ser a Rosa. *A minha prima Rosa*. Ela era roliça, tinha bochechas sempre vermelhas como se bebesse vinho, tal qual o avô Zé, e tinha maminhas. Onde é que estavam as maminhas dela? A Rosa era a bonita e eu, uma trinca-espinhas. Sempre fora assim. Sempre deveria ter sido. Como é que ela poderia estar mais magra do que eu?

Eu não tinha a menor noção de tempo e julgava que ele andava muito devagarinho. A Rosa só tinha estado internada sete dias, mas, uma vez que não aguentava nada no estômago, parecia um palito. E, a mim, parecia que ela estava ali havia uns vinte anos e que de repente tinha ficado velha. *Mesmo velha*. Mais que a Ti Orquídea, porque até o cabelo lhe estava a cair.

Senti o medo crescer-me no peito como um balão que se enche e se enche e ocupa cada vez mais espaço, impedindo-nos de respirar. E eu tinha cá um medo. Medo de que ela me aparecesse durante o sono à beira da cama. Ou que nunca mais aparecesse, de todo, e fosse embora para outro sítio sem se despedir. Sem me levar dali. Ela sabia ser má e parva, mas era minha prima e minha amiga. A única que tinha, a bem da verdade. E não tinha graça nenhuma deixarmos de ser um triângulo e passarmos a ser uma reta. Eu e o Manel. *Que Deus me ajudasse! E a ela*.

4.

Foi um choque tremendo para o bairro inteiro saber que a Rosa tinha cancro. Eu dizia *can-ca-ro*, naquela altura. A palavra ainda não era muito usada e todos diziam que ela tinha *o bicho*. E tornara-se comum ver as velhas carpideiras encostadas nas ombreiras das portas, cesto de vime num braço e leque no outro, a chorar a pobre menina que havia de ter pouco tempo de vida. Mal me viam aproximar, calavam-se e gemiam um *coitadinha*, como se também eu estivesse a morrer. Como se fosse a Luísa a enferma. E eu que nem sabia que ela estava a morrer? Não sabia, inclusive, muito bem o que *era* morrer. Sabia que deixávamos de ver a pessoa por uns tempos, mas ainda não tinha percebido bem se era uma coisa definitiva, ou uma espécie de férias. Por exemplo, eu tinha dois avôs Zés e, por isso, tratava o mais velho por Bisa. Ambos eram caçadores e vestiam aquelas roupas camufladas, com boinas a condizer e casacos carregados de coisas pesadas nos bolsos, nas quais não me deixavam mexer por ser perigoso. *Catuchos?* Garantiam que não eram coisas para crianças. Um dia, o Bisa agarrou na caçadeira que guardava em cima do roupeiro de três portas lacado a caruncho, longe das mãos curiosas e peçonhentas dos bisnetos, e saiu para apanhar perdizes. Para os outros, o Bisa nunca mais voltou. A bisavó Isabel, mulher dele, chorou durante dias, e eu achei que ela nunca mais se conseguiria rir. Estava sempre a dar-lhe água, já que tinha ouvido a Xica da Merceria dizer que a Natércia, mãe do Manel, tinha chorado tanto quando o marido morrera que acabara seca como uma passa de uva. Certo era que eu ainda tinha visto o Bisa mais duas ou três vezes depois disso. Depois da sua suposta *partida*. A primeira: eu estava a lanchar pão com marmelada, sentada num tijolo — naquilo que era o início da

garagem que ele andava a construir —, quando dei por ele a olhar para mim também sentado, mas na ponta oposta. Perguntei-lhe se já tinha vindo da caça e para ir depressa avisar a avó Isabel, porque ela não parava de chorar. O Bisa ergueu os ombros — num gesto que lhe era característico sempre que estava com pouca paciência para um qualquer assunto, evitando demorar-se —, tirou a boina de xadrez cor de caramelo que usava sempre e disse-me: «*Não posso. E a garagem nunca há de ficar pronta. Com tanta coisa que inventa o teu avô Zé, nem em dez anos teremos sítio onde guardar o trator.*» Era agricultor e comentava-se no bairro que não havia melhor tratorista do que ele. De seguida, olhei para o meu mindinho, um pingo de marmelada tinha escorregado da carcaça, e enquanto lambia o dedo e me preparava para contra-argumentar, já ele se tinha escapulido. *Sem mais.* Como num erguer de ombros. Não sei para onde terá ido e ninguém acreditou em mim, *claro*, o que era habitual, atendendo ao pouco crédito que me davam. Já da segunda vez, tinha sido mais de relance. Para falar a verdade, nem contei a ninguém porque não tinha bem a certeza se era ele. Os homens do bairro costumavam jogar dominó e passavam horas numa coisa a que chamavam *Batota* — que eu nunca percebi por que razão jogavam se sabiam que todos eram batoteiros. Certo dia, ia eu de boné virado para trás — tinha-mo oferecido o senhor da gasolineeira e eu usava-o como um fio de ouro, coisa que irritava profundamente a minha mãe —, quando a vi sair da mercearia carregada de sacos. Com a pressa para virar o chapéu e o meter conforme mandava a etiqueta, caí com a bicicleta em menos de nada. Quase que posso jurar que o Bisa estava encostado a ver o jogo de dominó e que também virou a cabeça com o som do meu grito. Os nossos olhares cruzaram-se durante segundos. Também posso jurar isso. Mas, já me habituei, os meus juramentos de pouco valem, já que a minha mãe remata sempre: «*juras muito, mas acertas pouco*».

No fundo, pensando bem, talvez tenham sido mais as vezes em que o Bisa me foi aparecendo aqui e acolá. Não sei se fruto da minha imaginação, por ter sido a minha primeira perda, se para me mostrar que não se morre *a sério*. Não como os adultos achavam que se morria. O nosso corpo desaparece, mas há qualquer coisa que se mantém por aí. O que me baralhou e deixou confusa foi o facto de uns meses depois a bisavó Isabel ter ido atrás dele. Foi, com certeza, ver onde andavam as perdizes que o Bisa não apanhara, porque também ela deixou de aparecer na casa do avô Zé e da avó Palmira aos domingos, quando nos reuníamos, sagradamente, mas todos contrariados, para almoçar. A ela, infelizmente, nunca mais a vi, o que me fez acreditar que, se calhar, morrer era ir de férias para sempre. Apanhar o comboio na

estação de Maфра e nunca mais regressar. Ou, se calhar, juntaram-se os dois num grande abraço e deixaram de ter tempo para vir ralar comigo. Embora o Bisa não fosse nada de se zangar. Era mais de encolher os ombros, como já disse.

Assim sendo, e porque eu achava que ninguém morria verdadeiramente, no máximo ia de férias, não me preocupei muito com o *can-ca-ro* da Rosa. Fiquei triste, é certo, porque não podíamos brincar naquele verão — e o verão era *tudo* —, mas passou-me depressa a preocupação. Talvez ela morresse, mas depois voltasse? Duvido de que conseguisse viver sem mim. Eu, se tiver de ser sincera, garanto que não saberia viver sem ela. *Que aborrecimento!* E, mesmo que ela morresse, eu tinha a certeza de que não me deixaria. Não *a sério*. Não *para sempre*. Como é que eu iria conseguir combinar os sapatos com o vestido — nos raros domingos em que íamos à missa —, se ela não me desse enfadonhas instruções? Eu, que sempre preferi uma camisola de manga curta desbotada e uns calções de algodão pelo joelho, já que me permitiam correr sem ter de os puxar para baixo? Também não tinha muitas opções, na realidade, uma vez que vestia o que as vizinhas me davam e que sobrava das filhas, maiores e mais cuidadosas do que eu. A minha roupa não havia de ter herdeiros — eu fazia questão de espatifar tudo o que me assentava no corpo. No fundo, a Rosa podia estar doente para os outros, mas, *para mim*, a imagem dela era a da mesma Rosa roliça, pispineta e chata como a potassa. Pindérica e vaidosa. Gabarolas e gananciosa. Mas a minha melhor amiga. Até porque não tinha muitas mais.



— Já foste ver a Rosa ao hospital? — perguntou-me um Manel encolhido e cheio de medo, como se a mera menção do nome da Rosa tivesse peste e se pegasse. Ou lepra, uma imagem assustadora que víamos em caixinhas de donativos na Escola Primária.

— Fui ontem. E tu?

— Eu vou lá hoje à tarde com a minha mãe. Parece que estou maldisposto só de pensar nisso.

— Tu para de ser piegas. *Caraças!* — não lhe gritei, mas quase. O Manel tirava um santo do sério. Era assim que se dizia? Ou do altar?

— Não se pode dizer essa *asneira*.

— Caraças não é uma asneira. Só se for uma asneira dos fracos. *Merda* é que é. E sabes que mais? A Rosa estar doente é uma merda.

Vi o Manel girar a cabeça. Talvez procurasse um polícia que me prendesse por aquele *grave* delito.

— Lembras-te de quando ela desmaiou? Não me esqueço. É que não parecia ela. Estava branca e esquisita.

— Estava desmaiada, Manel. E lá no hospital também está esquisita. Aviso-te já.

— Esquisita, como? — perguntou-me.

— Parece a Lena Fininha, sabes? — tentei suavizar a coisa. — Aquela que tem duas pernas que, juntas, são do tamanho do meu braço?

— Não pode ser — indignou-se o Manel. — Mas só se passaram uns dias, não foi? Será que são os extraterrestres que estão a fazer experiências com a Rosa? Lembras-te de o Cristóvão contar que a mãe dele tinha um livro sobre pessoas de outros mundos e planetas? Que medo, minha Nossa Senhora!

Achei tudo um disparate. Mas era melhor não contrariar o Manel. Ainda desmaiava e já me bastava uma ausência.

— Se calhar é mesmo isso — declarei, mas sem me conter — e até dizem que ela vai morrer.

— Morrer?

Pronto, tinha estragado tudo.

— Ó Manel, então...! Não chores. Mesmo que morra, ela aparece-nos.

— Mas isso ainda é pior. Isso são fantasmas.

— Manel, tu és tão mariquinhas! Tu não queres que a Rosa volte para brincar connosco? Então o que é que importa que ela seja fantasma ou menina? — perguntei-lhe. Só havia uma coisa que me dava a volta ao estômago. Literalmente. — Eu cá só não quero que ela vomite mais, porque aquilo cheirava mesmo mal.



Talvez venha daí o meu trauma com vomitado. Ou talvez venha do facto de ter vomitado aos pés do Carlitos, uma vergonha que nunca esquecerei! E, agora que a Rosa estava a morrer, eu não conseguia parar de pensar que assim talvez o Carlitos me enviasse folhas de papel com cheiro a pó de talco, em vez de as oferecer à minha prima, que as enfiava dentro da gaveta de papeladas do avô, porque tinha tantos admiradores que o Carlitos era só mais um. Seria eu uma aproveitadora? Estaria feliz com a *quase* morte da Rosa? Eu acreditava que não, afinal, o avô Zé dizia sempre «*Não deixes fugir uma oportunidade, ou levas a vida a pensar nela*». O Carlitos era a minha oportunidade.

Para mim, Luísa Baliza, conhecida na escola por ser a melhor guarda-redes de toda a vila e arredores — embora não deixassem as meninas jogar à bola no recreio —, o Carlitos era o *tal*. Só o via no bairro, porque na escola éramos separadas dos rapazes e, mesmo assim, via-o muito pouco, porque ele se juntava a jogar berlinde e a fazer carrinhos com tábuas de madeira com a trupe dos Doze. Não porque fossem *doze*, mas porque tinham *doze* anos. E, isso, naturalmente, criava algum distanciamento, uma vez que eles se achavam mais espertos e capazes, ainda que mal soubessem ler.

No dia em que a Rosa desmaiou, a nossa missão era atar o Aníbal a uma árvore, com uma corda que eu tinha roubado do barracão de ferramentas do avô Zé, e ameaçá-lo de morte caso ele continuasse a cuspir no Manel sempre que o via. O plano era apanhar o Aníbal, também pertencente a esse grupo de delinquentes armados em espertos, em que só o Carlitos prestava, antes que ele se juntasse aos outros. Eu até tinha pensado em começar a rapar-lhe as pernas peludas com uma gilete do meu pai. Isto porque, obviamente, isso seria um castigo e peras. E devia fazer doer, porque o pai sempre que fazia a barba aparecia à mesa cheio de pensos com pintinhas de sangue. Mas o Manel não me deixou pôr em prática esse plano mágico. Disse que amarrá-lo à árvore já era arriscar demasiado e que, certamente, ele depois se iria vingar e passar, não só a cuspir-lhe, mas a baixar-lhe os calções de flanela, quando se cruzasse com ele. Nunca vi um miúdo tão queixinhas e choroso como o Manel, mas era meu dever protegê-lo, porque ele não tinha pai, nem irmãos. Mas, voltando ao Carlitos, ele era o miúdo mais magricela do bairro. Mas era *lindo*. Fazia parte dos Doze, mas eu nutria por ele uma simpatia especial e desculpava-lhe esse facto. Eu achava-o não magricela, mas *atlético*, e chegava a ofender-me quando a Rosa dizia com aquele tom de desdém, «*mas ele é um magrela*». Ainda bem que ela não gostava! Sobrava mais para mim. Podia ser que, pelo menos assim, um só rapaz reparasse em mim, já que a Rosa parecia alimentar todas as paixões infantis e inofensivas que tinham por ela. Com isso, ganhava rebuçados e sabia que estava linda, sem precisar de se ver ao espelho. Só que o Carlitos era discreto. Dava-lhe apenas as tais folhas de cheiro com pedaços de frases românticas que tirava dos contos eróticos da mãe. Às vezes, as frases eram mais ordinárias do que românticas, porque chupar dedos como se soubessem a framboesa era coisa que ninguém se imaginaria a fazer. E até um pouco *nojento*. O Carlitos abria os tais livros e, mesmo sem saber muito bem o que aquilo queria dizer, copiava a frase numa caligrafia horrorosa e cheia de erros ortográficos, que eu depois roubava à socapa e lia enquanto sonhava ser sua professora. A Rosa dizia que ele, além de magrela, não era lá

muito esperto. Já devia ter deixado a primária, mas estava encravado na quarta classe. O pai dele, o Armindo Pedreiro, gritava ao bairro inteiro que era a última hipótese que lhe dava. «*Se não servia para médico, bem podia carregar baldes de massa.*» Talvez lhe desse os músculos nos braços de que precisava. Eu não achava que o Carlitos fosse burro. Achava-o esperto demais para perder tempo com letras e números. Ele precisava de vida e de ação. De correr e explorar. E eu acreditava que, com a minha ajuda, ele poderia ser as duas coisas: capaz de ler e de me construir um castelo. Inteligência e força.

O Carlitos tinha cinco irmãos. Todos homens. Os mais velhos andavam na construção civil a brincar com tijolos em vez de carrinhos e os mais novos andavam sempre tão sujos e ranhosos que eu tinha medo de apanhar piolhos só por me cruzar com eles no passeio. A casa do Carlitos tinha um quintal desbravado. Nem uma única flor. E diziam as más-línguas que eles dormiam todos no mesmo quarto, deitados em camadas, como sardinhas numa lata, na mesma cama de ferro ferrugenta que já servira para os pais e para os avós. Talvez fosse por isso que o cabelo da mãe dele era laranja. Da cor do tijolo. Tal qual a ferrugem e a cor da terra que cobriam a entrada daquela casa. A mais velha e feia do bairro. A casa da Ruiva.



— Luísa, eu já te disse que não te quero a rondar a casa da Ruiva. Aquilo deve estar empestado de percevejos — repetia a minha mãe cheia dos seus moralismos.

— E tu achas que *isso* se agarra assim a mim? Nem sei o que isso é.

— Pouco importa, mas não te quero lá. Não precisas de más companhias, que já és machona que me baste. Sabias que o filho mais velho dela fugiu para Lisboa? O pai deu com ele numa casa de putas. Com dezasseis anos, vejam só! Já a formiga tem catarro.

— O que são putas? — perguntei.

— Ai, cala-te boca, já falei mais do que devia. Deixa lá... só não te quero com eles. Nem por ali a rondar. Estás avisada.



E, sendo assim, o meu primeiro amor estava condenado desde a nascença. Primeiro, porque o Carlitos amava a Rosa e eram para ela os bilhetinhos

ordinários. Depois, porque a minha mãe achava que na casa deles se apanhavam doenças de nome estranho — *perce-quê?* — e que o irmão dele ir às putas era crime. Fosse lá isso o que fosse! A minha esperança parecia do tamanho de uma ervilha, mas a quase morte da Rosa lembrou-me de que ainda *era* possível.

Assim, numa tarde de agosto ainda mais quente do que o habitual, já a Rosa tinha voltado do hospital e estava acamada em casa da avó Palmira — sítio onde eu estava proibidíssima de entrar para não incomodar a *menina doente* —, decidi procurar o Carlitos.

— Olá, Dona Ruiva, boa tarde. O Carlitos está em casa? — perguntei do lado de fora do portão, enchendo-me de coragem, mas sentindo alguma comichão nos braços despidos. Seria o tal bicho?

— Não, Luísa. Foi com o pai para as obras. Chumbou outra vez na quarta classe. Acabou-se a manha. Qualquer dia morria lá de velho. Agora, vai começar a dar ao cabedal, que já tem bom corpo. Isto não podem ser só bocas a comer.

Não percebi metade, por isso continuei:

— É que eu trago-lhe um recado da Rosa.

— Da Rosa? Da miúda moribunda? Ouvi dizer que ela mal fala e que veio para casa para morrer.

Engoli em seco. Tinha de me manter firme na mentira, porque a verdade era impossível de admitir.

— Fala, pois. Comigo, fala. E pediu-me para falar com ele com *urgência*.

— Ele só chega lá para as seis. Se quiseres, espera. Está um calor dos diabos, mas podes ficar aí, debaixo do telheiro. Eu vou andando, que o trabalho não se faz sozinho — declarou enquanto atravessava o portão de ferro e o deixava aberto, convidando-me a entrar.

A mãe do Carlitos era mulher-a-dias, à semelhança de uma série de outras mulheres do bairro. Mulher-a-dias era um nome estranho, e eu costumava pensar muito na razão de ser das coisas e dos nomes. Isso significava que ela não trabalhava de noite? E que o meu pai, trabalhando na recolha do lixo, devia ser *homem-a-noites*? Como, na verdade, eu não tinha nada que fazer — o Manel tinha ido com a mãe ao Norte, à casa da avó materna que lhe cosia remendos patéticos nos joelhos —, decidi esperar. Enquanto pensava nisto e noutras coisas, lambuzei-me com cinco figos gordos que apanhara no quintal do avô, antes de me aventurar na visita ao Carlitos, apesar de advertida para não o fazer, porque, se a avó os vendesse no mercado ao sábado, sempre seriam mais uns trocos a entrar. Sentei-me à sombra de uma espécie de

telheiro feito de chapa de zinco. Se a minha mãe me visse ali, diria que eu já estava comida pelo bicho. Tantas horas no quintal do Armindo e da Ruiva talvez me fizessem morrer antes da Rosa, mas o Carlitos valia o esforço. Só não sabia muito bem o que ia dizer-lhe, mas não podia deixar morrer a oportunidade. *Morrer*. Agora tudo era sobre *morrer*. A Rosa ia *morrer*. O *Piloto* tinha *morrido*. O Carlitos estava a *morrer* na quarta classe. A oportunidade também queria *morrer*, com certeza, porque nunca mais chegava. As horas passaram de forma lenta e o meu rabo doía como se fosse de cimento. Se calhar também tinha *morrido*.

— Luísa Baliza? O que é que estás a fazer no meu quintal? — A voz do Carlitos despertou-me.

— Vens sozinho ou com o teu pai? — perguntei, mantendo-me sentada. Meio escondida, não fosse o Armindo vir atrás.

— O meu pai ficou na tasca, claro. O dia só acaba depois de dez copos de tinto e quando não souber muito bem qual é a casa dele. Acho que a Ti Orquídea é ranzinza porque leva a vida a abrir a porta ao bêbedo do meu pai.

— Ainda bem — disse, mais aliviada. — Trago-te um recado da Rosa.

— Da Rosa? Mas disseram aí no bairro que ela não fala e que não podemos visitá-la.

— E não podes. Ela está a morrer. Deve ter só umas horas. Mas mandou-me dizer-te que, a partir de agora, deves passar a dar-me as folhas de cheiro com as frases de amor. Assim como se eu fosse um jogador suplente.

— Como é que tu sabes que eu lhe dou isso?

— Porque a Rosa não percebia nada da tua letra, que por sinal é *hor-ro-ro-sa*. Vamos ter de trabalhar nisso — acrescentei, mais para mim. — Pedia-me sempre para ler em voz alta e depois fazia um ar de enjoo quando eu terminava. Estás a ver? Assim com a língua de fora. Não sei até que ponto gostava...

— Queres dizer que ela não gostava? Ela nunca me disse nada!

— Oh, não! Ela *adorava* — tentei disfarçar. Estava a ficar embrulhada. — Tanto que quer que continues a escrevê-las, mas para *mim*. Porque eu sou prima dela, melhor amiga, claro, e, se ela morrer, eu sou a melhor pessoa para ocupar o lugar dela, percebes?

— Percebo. Mas eu não sei se...

— Está combinado, Carlitos — interrompi-o. — Não podemos deixar morrer o último pedido da Rosa, não achas? Já que agora *tudo* morre.

E, dito isto, senti uma dor de barriga rápida e estranha e vomitei-lhe nos pés. Fiquei tonta e a babar vergonha, mas em vez de branca fiquei vermelha,

tal qual um tomate madurinho, daqueles que a avó usava para misturar nos ovos mexidos. Lá se foram os figos. E, agora, além de morrer, toda a gente vomitava.

5.

Acordei alagada em suor e sangue no dia a seguir, depois de uma noite agonizante em que parecia que o meu corpo gritava de dor. Tudo me doía. Cabeça. Barriga. Pernas. Achei, imediatamente, que também ia morrer. Estava a acontecer-me o mesmo que à minha prima Rosa. Gritei pela minha mãe, que olhou para mim com aquele ar de despreço típico e me disse que era *só o período*. Para me deixar de histerias. Não sabia o que isso era, mas ela disse que ia acontecer todos os meses, provavelmente até que tivesse uns cinquenta anos. Meteu-me toalhas nas cuecas e disse que era melhor não andar de bicicleta nesses dias, porque me podia sujar. Sugeri contar ao Manel que se calhar a Rosa também *só* tinha o período. Devia era ser pior do que o meu e durar mais tempo, mas a minha mãe proibiu-me. Disse-me que aquilo não era coisa que se contasse aos meninos, que eu seria uma *mulher* daquele momento em diante e que estava mais do que na altura de me portar como tal. Foi assim. Palavra por palavra. *Portar como tal*.

Quis contar à Rosa, tamanho era o meu desgosto. Não conseguia conceber a ideia de que a partir daquele momento era uma *mulher*. Eu ainda me sentia tão criança, tão menina. E por que razão deitar sangue das pernas fazia de mim uma mulher? Isso significava que estava mais perto da morte e, então, já era adulta?

A Rosa estava acamada na casa da avó Palmira. Na casa da tia Cândida, mãe dela, não havia um quarto arejado onde ela pudesse descansar, até porque os irmãos da Rosa, gémeos, eram uma espécie de inferno na terra — uma das coisas que a avó mais dizia era a célebre frase: *parece que têm o diabo no corpo*. Entrei de mansinho e a tentar não fazer barulho, mas era difícil quando

sentia um enchumaço nas pernas que me fazia andar com elas abertas. Aguentar aquilo seria duro. E notava-se nos calções de algodão fino e gasto. A Rosa estava a dormir e a avó devia estar lá fora, na cozinha improvisada que tinha no quintal e onde nos preparava o almoço. Nunca usava a cozinha *verdadeira* da casa, por isso, mesmo quando uma pessoa só queria um copo de água em plena madrugada, era obrigada a ir à rua fizesse chuva ou sol, pois era lá que estavam os copos. Por essa razão e porque eu não dava dois passos sem acordar a casa — tal era o meu mau jeito e descoordenação —, ficava muitas vezes com a garganta seca. E dormia muitas vezes em casa da avó, uma vez que os meus pais trabalhavam de noite e de dia para nos dar de comer. Palavra por palavra da minha mãe, mais uma vez. *Dar de comer.*

— Rosa, estás a dormir? Rosa? — perguntei, tão baixo quanto podia.

— Luísa?

Alívio. Esperança. Qualquer coisa do género. Ela não estava morta, só de olhos fechados.

— Sim, sou eu. Vim ver-te. E trazer más notícias.

— Então? Que horas são? — perguntou. A voz um *piu* de passarinho frágil.

— Depois de almoço. Hora da sesta. É sábado, hoje. Sabes... desculpa dizer isto, mas... acho que também vou morrer.

— Também vais morrer?

— Sim, também vomitei ontem. E tenho sangue nas pernas. A sair-me da *coisa*. Da «coisa», percebes? Se calhar vamos morrer juntas, mas como eu sou mais forte ainda ando em pé. Mas também devo ter isso chamado *can-ca-ro*.

— Eu já não tenho isso, passou-me. Só estou fraquinha e magra porque não aguentava nada no estômago, mas não vou morrer. *Era o que faltava!* — Sentou-se, acompanhando a indignação, e pareceu-me mais a Rosa mandona que eu conhecia. Ainda que mais pálida e feia. — Até estou a melhorar. O Conde já tratou de mandar cá o melhor médico. O *melhor!* Achas que ele ia deixar morrer a sua afilhada querida?

Tive vontade de revirar os olhos, mas, afinal de contas, ela ainda estava combatida. Pelo menos era isso que eu ouvia. *Combatalida*.

— Estou a ver que estás a recuperar. Estou a ver, estou... — Um relance breve da cara do Carlitos, de dentes tortos e sardas direitas, atravessou a minha mente. Devia ficar feliz com a recuperação da Rosa, mas... — Olha, tenho aqui arroz-doce da avó Palmira, queres? Está mesmo docinho como tu gostas. E se calhar precisas mesmo é de comer. Eu tenho o período, mas não fiquei sem fome. O nosso período não deve ser igual, porque eu ‘tou cheia de fome.

— Dá-me lá e vê se te calas. Só dizes disparates!

E eu dei. Dei à Rosa a minha tigela, quase toda, de arroz-doce. Se ela estivesse enganada sobre a cura e chegasse a morrer, pelo menos iria contente. Se me dessem a escolher, eu também devoraria arroz-doce antes de morrer, quando fosse comigo. E figos.



De repente, em menos de nada e com o passar dos dias longos e quentes de um verão ainda infantil, a Rosa começou a recuperar forças. Começou a levantar-se. A comer. A ir à casa de banho sem precisar de fazer as porcarias na cama. Já tinha até aquela cor vermelha nas bochechas novamente e os médicos diziam que tudo aquilo era um milagre. Mas eu cá acho que foi do arroz-doce. Era setembro e não tardava muito a começar a escola. Era preciso que ela ficasse boa rapidamente, porque eu não queria nada fazer o caminho de ida e volta sozinha. O Manel tinha menos uns três palmos do que eu e se fosse só com ele iam achar que levava o meu irmão mais novo. Ninguém iria reparar ou daria crédito a uma miúda, ou *mulher*, para a minha mãe, que só tinha um amigo baixinho.

6.

— **L**uísa, este ano, depois da escola, vais para o salão da Judite ser cabeleireira.

— Ser o quê?

— Vais ajudar no salão. Ela precisa de ajuda para lavar cabeças e meter rolos e eu disse-lhe que tu ias para lá trabalhar. Estás quase a fazer dez anos, não vais andar na escola para sempre. Tens de fazer alguma coisa para ajudar, porque...

De repente, o mundo parecia andar à roda sobre si mesmo a uma velocidade estupidamente rápida. Rolos? Lavar cabeças? E a minha bicicleta? O espiar dos Doze quando chegava da escola? O Carlitos? A cozinha da avó, onde eu descascava ervilhas de dedos já encardidos, tornou-se pequena. Sufocante. A voz da minha mãe continuava a martelar-me na nuca, quando percebi o motivo daquilo.

— Isto é por causa do sangue?

— Sangue? Qual sangue?

— O das pernas. Por causa de ser uma mulher.

Ela largou o pano turco sobre a bancada e virou-se para mim com aqueles olhos cinzentos de víbora. Nunca lhes vi carinho. Em toda a minha vida.

— Não digas disparates. Vais ajudar a Judite e ajudar cá em casa com algum. Não vivemos com à-vontade, minha menina. O teu pai trabalha toda a noite a recolher o lixo e eu mato-me a lavar escadas com os teus irmãos atrelados a mim. Está mais do que na altura de fazeres a tua parte.

— Mas e a Rosa? Também vai comigo? Ser isso?

— O que é que interessa a tua prima Rosa? Ela vai continuar na escola,

que tem um padrinho rico.



O padrinho da Rosa era o Conde da Serra. Não sei o nome verdadeiro dele, calculo que não seja esse, porque toda a gente na vila lhe chamava *Conde*. Era uma espécie de dono de tudo. Tinha todas as fábricas, era patrão de todos os pais e tios e, até, dos avôs que ainda trabalhavam. Tinha quintas com vinho e terrenos inteiros cheios de pera-rocha, a minha preferida, lá para os lados do Bombarral, que eu também não sabia onde ficava, mas era *oeste*, segundo o avô Zé. Tinha casas para se fazerem casamentos e batizados e era dono da pastelaria mais famosa da vila, onde se faziam uns pastéis de ovos, açúcar e feijão que eu seria capaz de comer até vomitar — e toda a gente já percebeu quanto eu odeio vomitar, por isso era fácil perceber o amor que lhes tinha o meu estômago.

Na verdade, o Conde da Serra nem vivia numa serra. Vivia só num terreno mais alto, onde tinha uma mansão cor de azeitona verde descorada, ladeada de pinheiros e eucaliptos. Tinha tantas janelas como o Convento de Mafra e era feia como a cara dele. No entanto, por estar num terreno mais elevado e com vista privilegiada para o Bairro das Cruzes e para todas as outras casas e ruelas e tudo o que havia por perto, chamaram-lhe Conde da Serra. Porque Conde da Montanha talvez soasse a exagero.

A mãe da Rosa era empregada em casa do Conde. Diziam as mulheres do bairro que era a preferida e que lhe fazia *todos* os favores. E normalmente este *todos* era acompanhado por risos cínicos, talvez invejosos, mas certamente acusadores. Eu não percebia, porque o avô Zé sempre me disse que se fizéssemos favores aos outros havíamos de ser recompensados no futuro. Talvez por isso o Conde fosse padrinho da Rosa. Queria agradecer os favores da tia Cândida. Dava à miúda vestidos de folhos e oferecia-lhe bolos e livros — ela ficava com os bolos e dava-me os livros, porque não gostava nada de ler. Naquele verão em que a Rosa estivera doente, podia apostar que só não tinha ficado hospedada em casa dele, ou no hospital da cidade grande, porque o Conde não estava na vila. Viajara para a América, onde fazia negócios, contudo prometeu à Rosa que, mal chegasse e trouxesse uma coisa chamada *televisão* — que, pelo que ela me explicou, era uma caixa que tinha pessoas a mexerem-se lá dentro —, a sua *menina preferida* iria a casa dele ver o tal aparelho. Eu não sabia nem o que era a televisão, nem onde ficava a América, mas com toda a certeza era muito longe, porque ele nunca mais chegava e eu

estava mesmo cheia de vontade de ver pessoas com vida dentro de uma caixa. Sentia a minha ansiedade borbulhar.

A mulher do Conde é que não achava muita graça àqueles *convites*. E muito menos ao facto de a Rosa ser tão especial para o padrinho. Eu chamava-lhe *Áspera*, porque ela tinha um ar espinhoso. Cabelo sempre arrepiado, nariz adunco e olhos esbugalhados. Um ouriço sem nada de fofinho. Parecia um animal atizado. Assim como o gato do Manel quando eu entrava em casa dele. Andava sempre muito bem vestida e quando passeava no bairro era sempre com ares de altivez. Como se visse o mundo de cima, lá do alto da serra, mesmo estando cá em baixo. Embora o baixo fosse relativo, já que ela parecia um escadote de tão alta, mais ainda do que o Conde da Serra. E confesso que a *Áspera* fazia os meus pelos dos braços eriçarem-se. Como uma vilã de história infantil. Uma bruxa que entregava maçãs envenenadas. «*Rosa, não comas nada que seja ela a dar-te!*», pedi-lhe, certa vez, antes de a Rosa rumar à mansão. Nunca se sabia. E o seguro tinha morrido de velho. Não era assim?

O Conde da Serra não tinha filhos. Dizia-se que a mulher era seca. Havia, portanto, e segundo se comentava no bairro, uma fortuna à espera de dono. E muita gente, como a tia Cândida, a querer fazer-lhe *favores*. De vários tipos. Coisa que eu ouvia, mas que não sabia o que queria dizer. Se calhar, por essa mesma razão, a minha mãe achou que a Rosa era rica e que poderia continuar na escola. E isso deixava-me triste, porque a inteligente era eu e agora tinha de ir lavar cabeças. Ainda por cima não tinha jeito nenhum para penteados e metia-me nojo mexer no cabelo das velhas. Todo feito ninho ou bola de algodão. Elas usavam um *spray* que deixava o cabelo rijo como aço e só a ideia de lá enfiar uma mão fazia-me pensar que poderia partir os dedos.

— Ó Manel, mas estás a chorar porquê? Passamos a vida nisto.

— Porque eu já não tenho pai. Não tenho irmãos. E agora ainda vou ficar sem ti e sem a Rosa.

Procurei acalmar-me e falar com a pouca paciência que vivia dentro de mim. Era o Manel, afinal.

— Manel, a Rosa vai voltar para a escola. Só ainda não está a cem por cento, como diz a minha avó. Precisa de mais açorda com ovos para enrijar as pernas. Mas já está mais gorda.

— E o que é essa história de seres *mulher*?

— Olha, é uma valente merda. — Ele esbugalhou os olhos, naturalmente.

— Vou ter de ir ajudar no cabeleireiro da Judite, depois da escola.

— A Judite? A que cheira mal da boca?

— Sim, essa. Não sei como alguém deixa que ela lhe trate da beleza quando não tem os dentes da frente.

Aquela era uma boa questão. Voltaria a ela mais tarde, quiçá numa insónia.

— E é todos os dias depois da escola?

— *Todos* os dias. Ou, pelo menos, devia ser.

— Não estou a perceber.

Claro que não estava.

— Tomei uma decisão, Manel. Vou fugir de casa.

— Vais o quê? Para onde? E como? Ah, não, Luísa, não... não me faças chorar mais. Já todos gozam comigo e tu...

— Vou para Lisboa — interrompi-o. — Só preciso de perguntar ao irmão

do Carlitos como fez quando foi às putas. E ser mais esperta do que ele, claro. Não quero ser apanhada.



A avó Palmira gostava de dizer que eu era uma rapariga *problemática*. Chamava-me *machona*, argumentava que era uma vergonha uma *menina* ter os joelhos esfolados e, claro, estava muito entusiasmada com a minha transformação em mulher e com o facto de eu ir meter rolos em cabelos de arame. Enchia o peito para dizer no bairro que a neta ia ajudar a Judite já em outubro, mal a Dulce fosse parir. Ainda tinha a Rosa em casa dela, mas mais restabelecida, e costumava comparar-me a ela em tudo o que fazíamos. «*Olha a delicadeza da Rosa. Até a estender a roupa é um ás. Tu és uma mastronça!*» Ou então «*Andas com calções do teu pai? Em vez de usares vestidos como a tua prima Rosa!*» Eu não ligava pataвина ao que a avó dizia. Tinha uma espécie de filtro na cabeça, ou melhor, um *armazém*. Aprendi que tinha de arrumar as coisas por secções. Por exemplo, o Tozé e a Tininha, meus irmãos mais novos, estavam arrumados na secção *empecilhos*. Era isso que eles eram. Tudo o que faziam era chatear, estragar, e eu, ainda por cima, tinha de tomar conta deles. Como se fosse uma espécie de ama, mas sem nenhuma tolerância ou jeiteira para essa arte. Uma vez, o Tozé roubou-me o aro. O aro era um dos meus brinquedos favoritos. Era feito com uma roda velha de bicicleta e arame e servia para eu fazer campeonatos e corridas. Estava tão bem feito que rodava muito mais que o dos outros e era cobiçado por todos os miúdos dos Doze. Foi o avô Zé quem o arranjou. Aliás, impediram-me sem demoras de competir com eles, porque tinham vergonha de perder contra uma rapariga. Mas, por causa do empecilho, isso deixou de ser um problema. O Tozé rodou o aro em direção à estrada principal e o *BMW 501* do Conde, que mais parecia um carro para levar os mortos, amolgou-o como se fosse feito de papel. Nesse dia, quase que passei o Tozé para a secção *mortos* do meu armazém, tamanha foi a vontade que tive de lhe apertar o pescoço. Nessa secção estavam o Bisa, a avó Isabel, a Ti Clotilde, que fazia as melhores broas no São Martinho e que também tinha morrido havia pouco tempo, o *Piloto* e, pensava eu, um bocado da Rosa. Isto porque a Rosa que eu conhecia tinha morrido um bocadinho naquele verão. Deixou de ser a Rosa do costume e passou a ser ainda mais parva do que o habitual, mais mandona e egoísta. Mas lá iremos. Na secção *enjoadas* estava a Avó Palmira e a minha mãe. Tanto que era *enjoadas* e não *enjoados*, porque só lá estavam elas as duas. Tinham sempre aquela cara de nojo quando falavam

comigo e eram tão cansativas como os meus irmãos, mas não podiam estar na categoria das crianças, porque eu não tomava conta delas. Elas é que tomavam conta de mim. Parecia que tinham feito uma promessa na missa de domingo e que a forma de pagamento proposta a Deus tinha sido chatear a Luísa até à eternidade. Eu pouco ia à missa, porque ficava a tomar conta dos meus irmãos para elas poderem ir. Tinham mais pecados para lavar, dizia o avô Zé. Eu lera num panfleto distribuído pelas senhoras de saia preta — apelidadas de *jeová's* pela avó, embora eu não soubesse o que isso era —, que Deus ouvia as nossas preces se fôssemos convictos. Por isso, pedia com muita força que elas me deixassem em paz, mas a promessa delas, talvez por serem adultas, devia ser mais pesada do que a minha, mais válida, e então Deus ignorava-me. Elas passavam a vida a azucrinar-me o juízo. A reparar no meu cabelo desgrehado, unhas roídas e joelhos pretos. Passavam a vida a dizer que eu tinha tão pouco de menina que devia ser engano e que só podia sair ao lado do pai, porque a família dele, que vivia no Algarve, era toda assim. Tagarela, irrequieta e com a mania da esperteza. Apesar de o meu pai ser a pessoa mais calada que eu conhecia e de estar sozinho na categoria *estranho*, porque eu mal falava com ele e era isso que ele era para mim. Um *estranho*. O pai... limitava-se a existir. De vez em quando, lá me dava um sermão ou ensinava umas frases deveras sábias e importantes, como aquela que eu um dia repeti à professora Lurdes — *Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti* —, no dia em que ela me pôs de castigo, porque fiz chichi no recreio como se fosse um rapaz. Sim, de pé e ao lado de uma árvore. E, por fim, na minha secção mais querida do armazém estavam os *preferidos*. Aí, viviam o Manel, a Rosa e o avô Zé. Contudo, a vida estava a obrigar-me a desenvolver novas categorias. Não sabia bem onde encaixar o Carlitos. Nem o Conde e a mulher. Por vezes, ficava curiosa acerca da vida e da casa gigante deles, outras, tinha tanto medo que nem lhes passava à porta quando ia fazer recados à Dona Eugénia Costureira, mãe da professora Lurdes. Também não sabia muito bem onde encaixar a minha tia Cândida. Ela devia ser uma boa pessoa, porque fazia inúmeros favores ao Conde, mas era ainda pior para mim do que a minha mãe e a avó, embora não me ralhasse, mas sim ignorasse como se eu não existisse, ou fosse um mosquito da fruta que enxotamos, sem, no entanto, lhe dar grande crédito porque também não faz mal a ninguém. E a minha tia usava a filha quando isso lhe convinha. *Pobre Rosa!* Até eu percebia isso. Por exemplo, era amiga dela quando queria que ela fosse pedir dinheiro ao Conde para as despesas do mês, mas era capaz de virar um falcão, com aquela boca que parecia um bico, quando a Rosa dizia que não tinha ido

visitá-lo, porque tínhamos estado a brincar.

A vida adulta era difícil de entender, mas, com a ajuda de uma cabeça dividida, como no minimercado onde as alfaces não se misturam com as bananas, eu juntava as pessoas em categorias adequadas e, assim, já sabia com quais gastar o meu tempo e as que devia ignorar. E eram as alfaces, claramente.

8.

A Rosa estava muito estranha desde a sua *quase* morte. Dizia que tinha tido febre da carraça e que tinha apanhado o bicho no quintal da Ti Orquídea. Por essa razão, nunca mais quis ir ao esconderijo e alegou, com um ar altivo que eu só conhecia na mãe dela, que *aquilo* também não era coisa para a nossa idade. *Aquilo*. Cheia de um desprezo desconhecido e sem sombra da meninice e entusiasmo de outros tempos. Dos tempos em que pendurámos as cortinas e, com cartão, construímos uma mesa. Quando lhe perguntei se também já era mulher e se também tinha sangue, ela limitou-se a dizer que isso eram assuntos pessoais. *Assuntos pessoais?* A Rosa estava muito esquisita. Achou ótima a ideia de eu ir trabalhar para o cabeleireiro e, agora, quando queria brincar, era com as bonecas de trapo. Fingir que tínhamos filhos e que fazíamos comida com terra apanhada dos canteiros, que se transformava em *mousse* de chocolate. Sobremesa de gente fina e que eu nunca cheirara, mas ela via isso na casa do Conde e comandava a recreação chata a que chamava *brincar às mães e aos filhos*. Escusado será dizer que esse tipo de brincadeira me aborrecia de morte e que eu só queria que ela voltasse ao normal. Que alinhasse em corridas que contribuíssem para o número de cicatrizes que eu tinha nas pernas. Quando lhe falei do meu plano de fuga, porque a ideia de ser cabeleireira me afligia tanto como a de brincar às mães, disse rapidamente e sem demoras que eu tinha perdido o juízo. Voltou-me costas e entrou disparada na cozinha da avó, chibando as minhas pretensões e fazendo-me ficar de castigo, todas as tardes, até começar a trabalhar no salão. Foi a primeira vez que odiei a Rosa. Só tinha pouco mais de uma semana de soltura e, agora, era obrigada a lavar a roupa no tanque, bater a massa dos croquetes

que a avó Palmira vendia e dar de comer às galinhas empertigadas e amuadas do avô, que teimavam em picar-me.

Aliás, foi mesmo o avô quem me valeu.

O avô Zé era a pessoa mais querida e bondosa que provavelmente existia em todo o mundo. Não que eu conhecesse o mundo inteiro, mas apostava um merendeiro com chouriço, das festas de Santo André, em como não haveria ninguém melhor do que ele. Falava para mim com doçura e não me obrigava a cuidar dos outros ou a fazer tarefas que em nada se adaptavam a mim. No fundo, tratava-me como a criança que eu ainda era, mas que a minha mãe teimava em varrer para debaixo de um tapete. O avô, no fundo, era o único a aceitar-me. Passava a mão na minha cabeça, o cabelo cortado pelo pescoço por ser demasiado forte e embaraçado, e elogiava-me dizendo quanto era bonita, mesmo não tendo a cabeleira da Rosa — ela alternava o penteado entre cachos soltos, presos com travessas, e duas tranças enroladas atrás do pescoço; só cortou o cabelo pela primeira vez aos treze anos, imaginem! Não sei como dormia embrulhada naquilo e muito menos percebia como é que esfregava a cabeça com sabão, mas, ao que parecia, toda a gente achava que era assim que pertencia e *que bonito era ter tranças quase até aos pés*.

O avô também me oferecia coisas proibidas para meninas. Por exemplo, arranjou uma bola, que nada mais era do que um monte de retalhos cosidos, e treinávamos remates na espécie de garagem inacabada lá de casa. Ele dizia que, se eu queria ser como o José Bastos do Benfica, teria muito que treinar. Fazíamos isto, claro, quando a avó estava enfiada na sala, de roda das agulhas a fazer casacos em malha, e a minha mãe bem longe, a trabalhar. E se eu queria mesmo ser como o José Bastos! Também me ofereceu a caderneta de cromos *Raças Humanas*, que me ajudou a completar, e que me permitiu conhecer pessoas diferentes das do bairro. Também fiquei a saber onde era a América e, se o Conde realmente lá ia, deveria ser respeitado por todos, porque atravessar um mar inteiro, com todo aquele tamanho, era mesmo coisa de bravo, de navegador. O avô também me tinha explicado o que eram *Os Descobrimentos*. Ele podia vender paciência na feira mensal ao sábado, porque aturava os lamentos da avó, os queixumes da minha mãe, as embirrações da tia Cândida e ainda ajudava o meu pai quando ele reclamava simplesmente por existir. Fazia biscates no bairro, montava tomadas e endireitava capoeiras e, aos fins de semana, ainda era guarda na Tapada Real, o que nos enchia de orgulho. Ou pelo menos a mim, já que a Rosa ultimamente não queria saber e nem perguntava ao avô se podíamos ir com ele, na esperança de ver um ou outro javali.

— Deixa a miúda vir comigo para a Tapada, Carmo. Ela gosta tanto. É sábado, o tempo ainda está bom, não há razão para ela estar aqui fechada — pedia ele à minha mãe.

— Pai, ela está de castigo!

— Qual castigo, qual quê! Daqui a nada está na escola e a trabalhar... queres castigo maior? E vamos lá ver... achas mesmo que ela ia fugir de casa? Tem nove anos, por amor de Deus! E vocês querem que ela seja cabeleireira. *Cabeleireira!* Não conseguem perceber que isso não tem nada que ver com a miúda? — perguntou o avô divertido. — Ela nem o cabelo dela sabe pentear. Acho que tem duas mãos esquerdas. — E riu-se muito depois de dizer aquilo, sem que eu, ouvindo atrás da porta, conseguisse perceber porquê.

— Na educação dela mando eu! E, a propósito, também não quero que ela seja cabeleireira. Quero que seja *responsável!* Tem idade para isso. A vida não é só brincar.

— Ah, filha... deixa-os ser crianças! Pudesse eu brincar todos os dias como os meus netos. Anda lá, vá. Vou levar as duas, que a Rosa também precisa de ar puro.

E, assim, com brandura, o avô salvou-me de uma tarde fechada a remendar meias, acompanhada da Tininha, que só chorava com dor de dentes — apesar de ter os dentes mais pequenos que eu já vira. Fomos os três. O avô na dianteira, de sorriso fácil. Eu, a saltitar de felicidade. A Rosa, de cabeça baixa e beija pronta. Parecia que no corpo dela vivia agora um espírito novo. Talvez a carraça lhe tivesse trocado a alma.

— Sabes, encontrei o Carlitos — atirou, do nada, na minha direção, enquanto percorríamos o caminho de gravilha e os seus sapatos pretos de verniz se tornavam brancos do pó. — Ele disse-me que lhe deste um recado meu, *de que eu não me lembro*, e que lhe vomitaste nos pés. Acho que tem nojo de ti, a julgar pela cara dele...

Fiquei sem ar. Apanhada de surpresa. O que é que poderia dizer? *Pensa, Luísa. Pensa!*

— Ah, e perguntou-me se queria namorá-lo, agora que já estava boa.

Parei, aterrorizada. O ar a escapar dos meus pulmões demasiado depressa. A visão turva. *Não, eu não conseguia pensar.*

— Namorar? Que coisa horrível. Nós não vamos ter namorados tão cedo, pois não, Rosa? — perguntei, esperançosa.

— Eu disse-lhe que *sim*. Que aceitava.

— Tu o quê? Mas tu nem gostas dele! Ele tem piolhos e é magrela.

— Mas eu preciso de treinar... e de fazer ciúmes ao António. O sobrinho

do Conde. Voltou da França. A minha mãe diz que esse, *sim*, é um bom partido.

— Mas o António nem é do bairro. Fazes-lhe ciúmes com o Carlitos como, se nem te vê? E o que é um bom partido?

Sentia o meu cérebro mirrar de tão espremido. De tantas ideias que se juntavam e empilhavam sem sentido, como numa lixeira a céu aberto. Tantas coisas que queria perguntar e dizer, mas que nem sabia como. Que raio era aquilo?

— Não sei o que é *um bom partido* propriamente, mas é uma coisa boa, de certeza. Assim alguém que vale a pena, entendes? E quando eu for à casa do Conde, conto ao António que namoro o Carlitos. Ele vai explodir de ciúmes e querer namorar comigo, também. *Aposto!* A minha mãe diz que eu tenho muitas qualidades para atrair os homens. Que saio a ela. E que é assim que se faz.

E, enquanto verbalizava esta ideia estapafúrdia — que jamais conceberia antes da carraça e de se achar mulher antes do tempo —, apertou as duas minimaminhas que tinha acima da barriga que estava já um bocadinho mais gorda.

— Sabes que vais ter de lhe dar beijos na boca, como os crescidos? — perguntei com repugnância, porque essa ideia era mesmo muito, muito nojenta, até para mim que gostava do Carlitos.

— Digo-lhe que basta dar a mão. Que a minha doença da carraça se pega. É ou não é boa ideia?

E assim, sem mais nem menos, a Rosa destruiu aquela que teria sido uma bela tarde na Tapada de Mafra. Logo naquele dia em que vimos um bando de javalis, com direito a pais e filhos. E eu que só pensava que nunca havia de ter filhos atléticos, que jogassem ao aro e futebol, como eu e o Carlitos. Estava tão triste e fora de mim que a empurrei de propósito para dentro do fosso com água onde as lavadeiras esfregavam com sabão azul e branco as vestimentas dos soldados que viviam no quartel. Ela só não se afogou porque a água lhe dava pela cintura, mas ficou cheia de lama e cheia de ódio. Posso jurar que tinha aquela mesma cara de falcão que a mãe dela tão bem imitava. Com a boca a parecer um bico. Fiquei outra vez de castigo — desta vez sem abébias, porque a Rosa se tornara uma chiba — até ao fim da vida. «*Completamente proibida de sair de casa sem ser para a escola e para o salão da Judite*», gritou a minha mãe, visto que era uma vergonha eu ter usado o meu tamanho e força para empurrar uma pessoa ainda em convalescença.

Mas, para namorar, engendrar planos e partir corações a primas, a Rosa

parecia estar muito bem.

9.

Aquele início de ano escolar revelou-se muito pior do que eu imaginava. Preferia que a avó Palmira tivesse cumprido a sua promessa e me tivesse enviado para uma casa de correção, ou lá como aquilo se chamava. Tudo seria melhor do que fazer permanentes no salão! As aulas duravam a manhã toda e eu já sabia fazer todas as operações matemáticas na primeira semana. Sabia ler e escrever e copiar sem erros. Sabia desenhar e, até, geografia e saúde. Sabia que Lisboa era perto, e que podíamos ir sozinhos, mas que, por exemplo, a Badajoz, onde o avô ia caçar, era melhor ir de excursão, porque demorava muito mais tempo. De qualquer modo, os caramelos com pinhão *El Caserio* compensavam a viagem, segundo ele.

O Conde havia regressado à sua mansão no alto da vila e convidara toda a família da tia Cândida para ir assistir à televisão. Enviou mesmo uma carta pomposa na qual se lia: «*Convido todos os membros da sua família para virem ver a televisão*». Mas aquilo, afinal, não tinha assim tanta graça, o que me fez perceber que era mesmo necessário que eu aprendesse a baixar as minhas expectativas em relação às coisas. Era surpreendente, claro, mas ficava muito aquém daquilo que eu tinha imaginado. Não tinha cores, e as pessoas falavam todas com voz rouca. Ainda por cima, quando o avô perguntou que tipo de programas iria transmitir, o Conde respondeu-lhe, ofendido: «*os que o regime autorizar*». Não percebi o ambiente tenso e gélido que ficou naquela sala depois disso.

Dizia-se que o Conde pertencia à Legião Portuguesa, e eu julgava, pelo nome, que isso seria uma coisa boa, motivo pelo qual declarei, certo dia à mesa, que quando fosse grande também queria fazer parte da Legião, para ter

uma televisão e uma casa onde não existisse a avó Palmira. O avô, quando me ouviu, benzeu-se, puxou-me à parte e disse baixinho: «*nunca mais repitas isso*». Dias depois, em segredo, explicou-me o que era o fascismo e que, por causa disso, ainda iríamos passar muito mal. *Pior ainda do que estávamos*. Fiquei com medo da Legião e ainda com mais medo do Conde. Assim, evitava falar dele, do António sobrinho, e tremia das pernas só de imaginar que a Rosa ia para aquela casa todas as tardes aprender costura, cozinha e outras tarefas domésticas essenciais. Era exatamente assim que ela as descrevia, embora nunca lhes tenha dado grande uso. O avô foi assistir à televisão contrariado e continuo a achar que só não virou costas a meio caminho, colina acima, porque a avó o ameaçou. Ela era ótima nisso. *Palmira Ameaça*. Ou *Chantagem*, quando se tratava da minha pessoa.

A minha avó era detestável, irritante, rezingona. Não gostava que eu estivesse a ler, sossegada, sentada no muro do quintal. Não gostava que eu gostasse de comer e me desse satisfação encher a boca toda de uma vez, sem delicadeza — e se houvesse um sismo, como nos ensinavam na escola, e eu fosse obrigada a esconder-me debaixo da mesa, deixando o prato meio cheio? Que desperdício! Não gostava da vizinha Lucrécia, porque ela dava nas vistas, quando entrava numa sala todos os homens olhavam. *Um claro sinal de ordinarice!* Mas não gostava da Lucinda que era o oposto — uma mosca morta apagada, sendo que ninguém dava por aquele mono. Encostava-se no portão da frente todas as tardes a partir das cinco e ficava a dar à língua com a Custódia, parceira de maledicência. Esmiuçavam a vida dos outros, como se se tratasse de uma novela. Era o primo do outro que tinha um talho e que tinha deixado a mulher. Ou a filha da marmanja que sacava o dinheiro à mãe para se meter em maus vícios. Não olhava, curiosamente, para o que tinha em casa, mesmo debaixo da ponta do nariz.

Por essa altura, nós já vivíamos na casa dos meus avós quase permanentemente. O meu pai tinha duplicado o turno das recolhas do lixo e agora também fazia serviço diurno. A minha mãe tinha arranjado mais casas para limpar, porque o dinheiro escasseava e a Tininha e o Tozé davam muita despesa — ele cheio de chiadeiras que pareciam gatinhos a viverem-lhe no peito; ela cheia de otites e rinites e outras coisas acabadas em *ites*. É claro que isto significava que a minha vida estava profunda e miseravelmente infeliz. Dormia quase sempre em casa da avó Palmira, onde a Rosa agora mal estava, visto que se enfiava o tempo inteiro na casa do Conde, e aturar a minha avó estava a tornar-se cada dia mais difícil.

Até já preferia estar no cabeleireiro, vejam só! Por incrível que parecesse, as

clientes nunca se calavam, sabia todas as novidades do bairro e da vida política portuguesa — quando era a Áspera e as amigas a serem atendidas —, e, desse modo, não precisava de ver a Rosa e o Carlitos de mãos dadas a passear com ar de tolos. Ou a esconderem-se atrás de um qualquer muro que só lhes dava pela cintura. Afinal, ela não achava assim tão asqueroso dar beijinhos na boca. E a história do *dar só a mão* tinha sido só para me enganar.

10.

Em novembro, percebi que a minha família era mais estranha do que eu pensava e as coisas pioraram ainda mais. Tudo começou no dia dos finados. A avó inventou que devíamos ir, vestidos de branco, fazer uma espécie de procissão familiar ao cemitério, em homenagem ao Bisa. Aquilo pareceu-me a ideia mais descabida de sempre. Pior ainda que a da Rosa quando tentou descolorar os pelos do bigode com água oxigenada e ficou com um tufo louro que a tia Cândida foi obrigada a rapar à gilete. Primeiro, eu não tinha roupa branca, porque como todos gostavam de me dizer, andava sempre *encardida*. Depois, era capaz de apostar o meu braço direito, e para quem queria ser guarda-redes isso valia muito, em como o Bisa não estava no cemitério, mas sim na Casa do Povo a jogar à moeda. *Por que motivo ficaria ele, logo ele que gostava tanto de convívio, a vaguear por entre os mortos?* Quando disse isso à minha mãe e revelei quão estúpidas eram as ideias da avó, ela assentou-me cinco dedos — que mais pareciam lixa por causa da lixívia que ela usava nos vãos de escada — na bochecha direita. Foi meio caminho andado para a guerra começar. O avô Zé, mal nos viu chegar, chateou-se com a filha porque nunca gostou de violência, não era assim que se educava — tinham sido estas as palavras dele — e ainda acrescentou que tinha feito um péssimo trabalho com ela, ou não seria uma pessoa sem valores. Instalou-se, pois, uma batalha campal no cemitério — o que, acontecendo no meio das campas, até tinha graça —, sendo que eu e os meus irmãos estávamos *aterrorizados* com a quantidade de gritos e asneiras que saíam disparadas da boca da minha mãe, avó e tia Cândida, que aproveitaram o ensejo para lavar roupa suja e carpir maleitas e ofensas como se estivessem nos tanques públicos e não no meio dos que ali

jaziam. Assim, numa espécie de aliança demoníaca contra o sexo masculino. O avô abanava a cabeça e o meu pai, medroso, palerma e cheio das suas frases feitas, que de nada nos valiam, soprava baixinho: «*A melhor palavra é a que fica por dizer. Tenham calma*». A Tininha perguntava por que razão havia tantas fotografias de pessoas velhas por ali e o Tozé, quando dei por ele, tinha na mão um ramo de margaridas plásticas e bolorentas que tinha roubado à memória do senhor Eurico, ali deitado desde 1953. A Rosa, impecável de vestido branco e a contrastar com a minha camisola de gola alta e borboto — que me fazia transpirar naquele verão de São Martinho antecipado —, passou por mim com ares de grandeza e declarou: «*estragas sempre tudo*». Deve ter sido a segunda vez que a odiei. E, no meio de tanto grito e barafunda, desejei que realmente o Bisa não estivesse lá para ver.

Ao quarto dia do mesmo infelizmente novembro, ainda o circo não tinha levantado a tenda, já se antecipava outra guerra. Desta vez, com a segunda filha como principal gatilho. Tentávamos ter um jantar de família tranquilo quando o avô, que andava cabisbaixo e de poucas palavras desde o espetáculo de variedades no meio das sepulturas, entrou de rompante e, com um murro na mesa — coisa nada própria e que por si só me assustou —, gritou:

— Estamos lixados! Ah, se estamos lixados! *Mai-o-ri-a*. Maioria para a União Nacional. 120 lugares E o Salazar lá fica! *Merda, merda, merda*. Puta que pariu isto tudo. Continuamos na mesma.

Eu não percebi nada, mas a tia Cândida insurgiu-se, afirmou que estávamos muito bem assim e que, se o Conde achava que isto era o melhor para o país, ela também concordava. Aliás, estava a pensar meter a Rosa na Mocidade Portuguesa, porque estava na altura de ela aprender a seguir a Igreja e os seus ensinamentos e nada seria melhor do que isso para que aprendesse a ser uma senhora. *Já que a Luísa era um caso perdido, pelo menos que se safasse uma!* Nesse momento, o avô, que eu conhecera sempre calmo, agarrou na toalha de mesa e fez voar o coelho de cabidela em direção aos mosaicos azul-turquesa que decoravam as paredes. Gritou-lhe que não era bem-vinda naquela casa se continuasse com tais ideias, completamente comprada pela propaganda nojenta do regime. Perguntou-lhe se gostava de viver numa ditadura, sem poder abrir a boca com medo da PIDE e da censura do Estado. Disse-lhe que se ela queria abrir as pernas ao Conde e ao regime que o fizesse, mas para não arrastar a miúda com ela. *Já bastava não se saber quem era o pai!* — aquela última frase, lançada já da porta de entrada, preparado para se afastar deixando um aparato de cacos e arroz no chão.

Eu, em agonia profunda e assustada como nunca estivera perante o avô,

guardei mentalmente as palavras *propaganda*, *ditadura*, *censura* e *PIDE* no meu dicionário mental. Também pensei no que significaria *abrir as pernas ao regime* e na questão do pai da Rosa. Ele não estava na Marinha? Não era o que ela contava? Se havia coisa que eu odiava era não saber do que falavam os adultos. Isso e a Rosa, que, do alto dos seus nove anos mal medidos, disse ao avô, mesmo antes de ele sair, que podia ser o que quisesse, que ele não mandava nela e que tinha uma fotografia do Salazar na carteira, oferecida pelo António, sobrinho do Conde. Já era altura de se dar com as pessoas que interessavam.

Então, o avô Zé abanou a cabeça, encolheu os ombros ao jeito do Bisa, e virou definitivamente costas, saindo porta fora. Ainda fui a tempo de o ver sacar do lenço de pano azul-celeste, que guardava na algibeira e ao qual assoava o nariz pontiagudo. Podia apostar que limpava uma lágrima. Ou duas ou três, porque ele não tinha vergonha de chorar e fazia-o em todos os Natais perante a nossa alegria. Não merecia que a Rosa lhe falasse assim. E era um facto consumado: a carraça não lhe trocara apenas a alma; tinha-lhe mesmo comido o cérebro.

11.

Fiz dez anos no início de dezembro. O dia de aniversário mais triste da minha vida. Sentia-me realmente uma mulher, agora. Isto porque já não brincava, já não tinha tempo para conspirar planos contra os Doze, que mal via, nem tão-pouco para proteger o Manel, que se sentia sozinho e perdido no bairro sem a sua guarda-costas de eleição e, por esse motivo, estava branco e esquálido por passar os dias fechado em casa a jogar ao jogo da glória com um amigo imaginário.

O Manel era tolinho e infantil, mas também tinha o coração mais puro e verdadeiro que eu conhecera na minha curta existência. Era quem, no mundo, se podia assemelhar mais ao avô Zé. O Manel tinha medo de tudo e isso fazia de mim uma pessoa muito corajosa. O Manel não gostava de ditados ou resumos e ajudá-lo fazia de mim muito mais inteligente. O Manel não era particularmente bonito e ao lado dele eu parecia um bocadinho mais apresentável. Talvez, na realidade, eu usasse um bocadinho o Manel para ser a melhor em alguma coisa, mas isto devia-se ao facto de viver à sombra da Rosa em tudo o resto. E eu precisava de estar com ele e de o ajudar a sair da casca. Se não fosse por mim, ia viver qual caracol encolhido, escondido e com receio de tudo e de todos. Por vezes, até dele próprio, e das ideias que tinha na cabeça, o Manel tinha medo. E tinha conversas estranhas sobre não gostar muito de meninas e isso o assustar, coisa que só explorámos mais tarde. A verdade era que eu tinha saudades dele. Das nossas tardes a comer queques gordurosos no esconderijo que improvisámos e onde, agora, as aranhas deviam fazer teia. Talvez a Ti Orquídea até já o tivesse descoberto e utilizado os nossos caixotes, outrora bancos, para fazer uma coelheira nova. Era triste

crescer. E fazia-me mal ter tanto tempo livre para pensar, já que eu tinha alguma tendência para tornar tudo ainda pior.

Mas, resumindo esta história triste e longa, o meu décimo aniversário tinha sido muito infeliz. Já não tinha alegria e já nem me sentia a Luísa Baliza. Não ia aos treinos havia tanto tempo que estava longe de alcançar o plantel principal do Benfica. Nem o avô me cantou os parabéns depois do jantar, uma vez que, segundo a avó, andava em reuniões secretas que haveriam de lhe sair caras.

Logo depois do meu, celebrou-se o aniversário da minha prima Rosa. Até aqui, e por só termos dias de diferença, os nossos aniversários eram sempre celebrados numa festa conjunta. Balões às cores, que eram caros como dióspiros. A miudagem do bairro reunida. Pão com fiambre e pudim mandarim. Nós, de vestidos novos iguais, costurados pela Eugénia com particular entusiasmo e com tecidos que as patroas da vila ofereciam à minha mãe. Tínhamos sempre o barracão do avô reservado para a festa, onde, humildemente, ele pendurava triângulos de jornal amassado em jeito de bandeirolas. A minha mãe ia arranjar o cabelo ao salão, o que era um verdadeiro luxo, e todo o bairro cheirava a canela, ao famoso arroz-doce da avó Palmira. O Conde não vinha ao bairro misturar-se, mas mandava sempre, todos os anos, um bonito ramo de flores para a Rosa — ou para a tia Cândida, nunca percebi, já que era ela quem sacava o envelope que lá vinha no meio, cheio de notas gordas.

Mas, em 1957, porém, e por se tratar dos dez anos da menina mais bonita do bairro — como a nossa avó repetiu umas vinte vezes alto e qual papagaio —, a grandiosa festa de aniversário da Rosa seria celebrada no salão grande do padrinho Conde, o que fez estalar uma outra guerra. Ou talvez a continuação da anterior que nunca chegara a terminar. O avô não concordou e bateu o pé. A minha mãe insistia que ele ia acabar em Peniche — o que percebi ser um qualquer sítio, mas desconhecia onde ficava e o porquê de a avó desatar a chorar com tal plano de viagem. A tia Cândida berrava na sua voz esganiçada, já com o batom vermelho, que tinha a ousadia de usar, todo esborratado: «*A filha é minha e ninguém pode fazer nada quanto a isso*». Então, eu tapei os ouvidos e gritei que era preferível ser *mulher-a-dias-e-a-noites* na Judite Cabeleireira a viver naquela casa, momento em que se calaram todos e olharam para mim — com exceção da Rosa. Essa fitou-me com olhos de lince e disparou:

— Não te preocupes, porque não vais ser convidada. Podes ser pobre, cabeleireira, uma tonta sonhadora, que não larga este bairro, e resmungar à

vontade. Isso já não me importa nadinha.

Nesse dia, em que não percebi se ela fazia dez anos ou vinte, porque de repente me parecia cheia de pressa para crescer, muito adulta e pouco criança, arrumei-a num novo armazém. Chamava-se *ex-melhores amigas-primas que se tornam verdadeiras cabras*. E eu sabia que ser *cabra* era mau, porque a minha mãe e a avó costumavam chamar isso a todas as pessoas de quem não gostavam. A cabra da Lucrecia tem a mania que é rica. A cabra da mulher do Ernesto que leva mais meio centavo pelo pão com manteiga. A cabra da conta da água que estava cada vez mais cara.

Até o Carlitos eu teria de mudar na secção do armazém — *gente que me despreza* parecia-me apropriado —, já que ele tinha deixado de me falar, porque, ao que parecia, a Rosa tinha terminado o namoro com ele — mais um pobre mendigo que não se adequava ao nível de vida que ela agora seguia. Ou que a mãe lhe impunha. O Carlitos pensava que isto tinha mão minha, que era eu quem cimentava tamanhos disparates na cabeça oca da Rosa e, por isso, trocava de passeio se por acaso se cruzava comigo, cuspi no chão e chamava-me *fascista*.

Definitivamente, a Rosa já não era minha amiga. Muito menos, *melhor* amiga. Duvidava até de que pudéssemos continuar a ser primas. As melhores amigas-primas não se tratavam mal. Não se pisavam. Não se ignoravam. E muito menos se esqueciam.

Não fui à festa dela na mansão do Conde. Fiquei no salão da Judite, todo esse sábado, a fazer penteados e a fingir que era a laca que me fazia arder os olhos cheios de lágrimas.

12.

Naquela altura, o avô falava muito de um Álvaro Cunhal e de uma Catarina que tinha sido assassinada. Dizia que a esses, *sim*, deviam ser construídos bustos e que não havia de morrer sem ver o tal Cunhal fugir da fortaleza. A avó benzia-se e alvitrava que as reuniões clandestinas dele ainda haveriam de nos levar à miséria. Ainda o ano não tinha acabado e já a profecia se realizava. Tudo por culpa da Rosa, a quem eu ainda não perdoara por me ter deixado de fora da festa de aniversário.

O ambiente até estava mais ou menos ameno pela altura do Natal. Assim como que *adormecido*. Não houve grande troca de presentes, mas realmente o bacalhau da avó Palmira era digno de capa de uma revista de culinária, daquelas que ela pedia à tia Cândida que trouxesse da mansão do Conde. Estávamos junto ao braseiro, de chocolate quente nas mãos, quando a Rosa disse que o Conde andava à caça de comunistas. Sabia que os havia no bairro e que ia depená-los um por um — como galinhas enfiadas em baldes de água quente —, por fazerem frente ao Governo. O avô Zé insurgiu-se imediatamente. Pôs-se muito direito na cadeira. As mãos largaram o chocolate que derramou no meio da sala, manchando a alcatifa.

— Onde é que ouviste isso? — perguntou o avô à Rosa. O rosto muito branco, o que fazia a sua barba de cinco dias parecer ainda mais escura.

— Em casa do Conde.

— E o que é que tu percebes desse assunto para dizeres coisas dessas?

— Sei o que é o comunismo. Sei que o Cunhal manda neles e que está preso em Peniche. Aliás, nunca mais vai sair de lá. Posso ter só dez anos, mas não sou parva. Vocês é que acham que a esperta é ela — apontou-me um

dedo —, mas *eu* é que tenho tido lições.

Olhou para mim com um olhar que me trespassou e bateu direitinho contra a parede, por sinal cravejada de humidade, atrás de mim.

— Quem é que te pôs essas ideias na cabeça com apenas dez anos? — perguntou o avô. Os cantos da boca cheios de uma espuma branca.

— Eu não sou estúpida e o Conde sabe isso. Está a ensinar-me coisas importantes sobre a vida política portuguesa. Eu vou sair deste bairro! Não vou ser como vocês.

Eu não sabia o que era o comunismo e, naquele instante, decidi que arranjaría tempo para ir à biblioteca ler os jornais do dia e todos os dicionários que existissem; para me informar sobre a *vida política portuguesa*, como ela pomposamente dissera. Podia ser necessário que me multiplicasse, que pintasse cabelos em dez minutos em vez de vinte, ou, até, que perdesse os meus únicos e preciosos minutos de final de dia para andar de bicicleta, mas sentir-me mais estúpida do que a Rosa era coisa que nunca mais voltaria a acontecer. Não que aquilo me interessasse muito, preferia saber de cor o nome dos jogadores do plantel do Benfica, ou, até, a tabuada, mas não era possível que ela me olhasse outra vez daquela maneira. Com tamanha audácia e como se eu não passasse de um asno.

O avô ficou boquiaberto com aquele discurso e deixou-me ainda mais intrigada o facto de não ter atirado nada ao chão ou contrariado as ideias da minha prima. Levantou-se e saiu. Outra vez e como já havia feito. Deixando aquele Natal ainda mais frio, apesar das brasas que ferviam no lume aos meus pés. E a sensação de abandono ficou, muito para lá da meia-noite sem presentes.

O avô Zé era, não me canso de dizer, a pessoa de quem eu mais gostava no mundo inteiro, e era horrível ver a Rosa ser ingrata e tratá-lo com o mais feio dos desprezos. Ele, que era a pessoa mais benevolente e afetiva da minha família — a *única*, na verdade —, que tinha sempre uma frase bonita e um abraço caloroso dentro da manga. Parecia magia. Será que ela se tinha esquecido? Quando alguma coisa marcante acontecia ou estava por acontecer, ele mandava a cartada. A frase intemporal e que não se esquecia. E as palavras dele ensinavam, realmente, qualquer coisa — não eram tolas e inúteis como as do parolo do meu pai. Toda a gente no bairro o respeitava e as suas habilidades de canalização, carpintaria e outras variadíssimas coisas que fazia com as mãos desenvoltas de dedos finos eram muito solicitadas no bairro. Embora ele, quase sempre, deixasse um cano a pingar, um fio escarnado ou uma tomada a fazer curto-circuito, porque, apesar de

despachado e extremamente prestável, conseguia ser muito trapalhão e distraído. *Exatamente como eu*. Tinha fama de ser um bom e respeitável chefe de família, um verdadeiro herdeiro das qualidades e genuinidade do Bisa — que todos adoravam e que chegara a ser nomeado para Presidente da Junta de Freguesia; posto de alto gabarito.

Nunca consegui perceber por que razão, se o avô Zé era tão inteligente e humano, tinha casado com a abominável avó Palmira, um ser mau e desprezível. Se calhar era feio odiar uma avó, mas a verdade era que, ao longo dos anos, na escala do ódio que se pode desenvolver por um familiar mesmo sabendo que não devemos, ela foi sempre subindo uns degraus. E, naquele Natal de 1957, estaria a roçar o topo.

Com todo aquele alarido, o meu chocolate quente arrefeceu. Tinha muitas saudades dos meus joelhos esfolados, agora tapados por saias pelo tornozelo que se enrolavam no selim. E, contra a minha vontade, tinha sobretudo saudades da minha prima Rosa. A que existira antes da febre, do Conde e da mania das grandezas que se apoderara do corpo dela. Se calhar a culpa era do tal comunismo que eu não sabia o que era. E íamos, mesmo, cair todos em desgraça. Ou viver no tal Peniche.

Rezava a lenda que o Bairro das Cruzes tinha sido construído por três irmãos gêmeos. Iguais em tudo e sem diferença que os marcasse. Coubera-lhes de herança três partes de um terreno, que haviam dividido em partes também elas iguais.

À sombra do imponente Convento, construiriam cada um a sua casa. Horta farta e negócio pronto. Quintalinho na frente e casota onde deitar o cão. O pai inaugurara o Mercado da Vila e a vida dos filhos fazia-se de batatas, tomates e hortaliça. No entanto, e porque o povo se mobilizara para ajudar na construção, por devoção ao pai dos trigêmeos que sempre distribuía a sua riqueza ajudando os pobres, os irmãos decidiram fazer não apenas três, mas várias casinhas pequenas e geminadas. O símbolo da união e partilha. O teto necessário àquele mesmo povo que vivia precariamente em barracas, onde chovia noite fora e o frio cortante se sentia até no verão.

A dividir as fileiras de pequenas casas, caiadas de um branco brilhante capaz de ofuscar o céu, três estradas mal cimentadas, com três bancos onde contar histórias e três laranjeiras plantadas, ainda tímidas, mas um dia cheias. Da bonança e paz de que todos precisavam.

Visto do céu, o Bairro das Cruzes formava três cruzes perfeitas. De casinhas bonitas e gente satisfeita. Mas as cruzes, só os pássaros conseguiam ver.

1963

13.

Tinha combinado com o Manel irmos comer um gelado de gelo depois de almoço, uma vez que tinha a tarde livre no cabeleireiro e precisava de espaiar. Ele apareceu atrasado, porque a mãe o incumbira de estender a roupa que tinha ido lavar aos tanques municipais. Quando chegou, eu já ia a meio da digestão do feijão-frade, o que me fez optar por beber apenas um copo de água no café do Ti Ernesto, não fosse uma congestão levar-me desta para pior. Ultimamente, acreditava em tudo.

— Desculpa — disse ele, sentando-se ao meu lado, à sombra da laranjeira e ainda afogueado —, sabes que a minha mãe me pede sempre para fazer estes recados. Vai sempre lavar a roupa na hora de almoço. Diz que há menos gente. É claro que sobra para mim estendê-la depois, enquanto ouço assobios dos Doze que me chamam *maricas* e *dona de casa de calças*.

— Deixa-os, Manel. Não sabes que aquilo é tudo gente parva? Pouco importa o que te chamam. São todos burros que nem uma porta.

Ele olhou-me atentamente, erguendo as sobrancelhas. O sinal que tinha na bochecha direita a subir em direção ao olho.

— Estás de mau humor? — arriscou perguntar.

— Estou cansada. E *farta*! Que vida miserável é esta? Foi isto que desejámos para nós? Cabeleireiro. Casa. Cabeleireiro. Casa.

— Não te esqueças das idas à biblioteca aí pelo meio.

— Sim, é verdade. Mas já nem isso me entusiasma.

— Precisas de um namorado.

Lancei-lhe um olhar fulminante e ele diminuiu de tamanho, ocupando só meio banco.

— Que raio de conversa... — declarei, porém, hesitante. — Deixa-te disso. Sabes bem que ligo pouco a essas coisas. E olha para a minha cara, estou cheia de borbulhas. Pareço um campo de tiro. Achas que alguém vai olhar para mim?

A verdade era que *essas coisas* começavam a insinuar-se de forma ligeira, mas firme, em mim. Tentava, perante os outros, manter o meu ar despreocupado, até desmazelado, de outros tempos, mas com o Manel não precisava de fingir. Via as outras meninas do bairro — e via as da vila que ainda me amedrontavam mais, nas suas tranças perfeitas e luvas de fim de semana — e percebia que alguma coisa em mim não estava certa. Ou pelo menos estaria desadequada, e temia ficar solteirona como a Tila.

— Eu olho — anunciou o Manel, e tive vontade de o abraçar.

— Manel, não é com esse tipo de olhar! E não vamos discutir outra vez a possibilidade de seres meu namorado. Não sejas tolo!

— Pelo menos assim eles deixavam de me chamar *maricas*.

— E isso valia de quê? Que importa a opinião de um bando de desordeiros, ainda por cima analfabetos? Eles nem devem saber o que é um *maricas*. Ouviram um pai qualquer chamar isso a alguém, aposto.

Ele permaneceu calado e introspetivo, enquanto chegava ao fim do *pirulito* de morango. Afinal, em vez do gelado, tinha preferido um chupa em forma de coração.

— Por falar em pai, já sabes alguma coisa do teu?

— Nada. Continua lá no meio da guerra — respondi.

— E achas que está vivo ou morto?

— Não faço ideia. E que diferença faz? — Era verdade. Aquilo pouco me importava. Não perdia o meu tempo a imaginar se o meu pai estaria na trincheira ou confortável e quente dentro de uma tenda. — Mesmo antes de a guerra começar, ele já nos ligava pouco. Nem sei há quanto tempo lá está... talvez quatro anos? Se quisesse dar notícias, dava. Isto da guerra só dura há dois anos e ele foi para lá muito antes. Preocupa-me mais o meu avô, que anda doido. Metido em coisas do partido e da oposição.

— Ai! Não percebo nada disso! Toda a gente fala e eu cada vez sei menos...

— Eu sei que não te importas, mas estou assustada. — O Manel seria a última pessoa com quem poderíamos discutir assuntos políticos. — Eles querem a libertação das colónias, sabes? E o Salazar é contra, claro. Diz que está a defender o interesse dos portugueses que lá vivem. Basicamente é isso. É o que precisas de saber. Mas o pior é a PIDE. Anda a apanhar os comunistas

e desconfio que o meu avô se vai lixar.

— O teu avô é comunista? — Isso ele sabia o que era. Afinal, tinha quase quinze anos.

— Claro que é, Manel! Ele opõe-se aos confrontos. Diz que a guerra é injusta e que só favorece quem tem dinheiro. Devias ir mais à biblioteca, também. É um bocadinho redutor só leres histórias de amor e não te interessares por mais nada. *Digo eu, não sei!* Além disso, o meu avô embebedou-se para festejar a fuga do Álvaro Cunhal há uns anos, não me esqueço. Acho que nem nunca o tinha visto assim... A minha avó deixou-o a dormir no quintal. Aí, tive a certeza de que ele estava ligado de algum modo ao PCP. Parece outro. Anda todo atarefado em reuniões, manifestações e a pintar cartazes nas horas vagas. Nem tem feito grandes biscates, por isso o dinheiro está cada vez mais curto. A avó está prestes a colapsar e eu tremo de medo que nem varas verdes.

— A tua mãe continua a obrigar-te a pagar as contas?

— Claro. Moeda a moeda, sem perdão. Diz que é minha *obrigação* contribuir para a casa. — Imitei-lhe o tom de voz esganiçado. Não resisti. O Manel deu uma risadinha e concluiu:

— Assim, nunca mais vais conseguir fugir para Lisboa. E continuar a estudar.

— Eu sei. É nestes momentos que me dá uma certa inveja da Rosa.

— Percebo... até porque tu és a *mais* esperta. Sempre foste! Olha para ti, toda cheia de ideias e a falar como gente grande.

— Eu prometi, não prometi? Que nunca mais ia ficar sem perceber uma conversa da Rosa? Que nunca mais olharia para o colo, para esconder o rubor nas bochechas, tamanha era a vergonha de a ver humilhar-me? Ela que venha *agora* falar-me de comunismo e da Mocidade Portuguesa. Vai levar uma ensaboada.



A minha prima Rosa, por esta altura, era pessoa que eu mal via. Raramente vinha ao bairro, juntar-se ao povo, e quando aparecia era ao domingo, momento em que fazia uma visita de cortesia aos nossos avós, mas nunca se demorava mais que uma hora e meia. *Com sorte!* Cheguei ao cúmulo de cronometrar o tempo que ela lá estava. Pouco ou nada privava com os amigos do bairro e, havia uns anos, a minha cúmplice e companheira feminina passara a ser a Laidinha, que, apesar de cusca, vivia no seio de uma

família imaculada e unida, coisa que me dava algum alento e esperança na humanidade.

Já a Rosa era a minha principal decepção.

Quando fizemos doze anos, em 1959, a minha prima mudou-se de armas e bagagens para a casa do Conde. A minha tia também. A avó Palmira, sempre protetora das suas crias — pelo menos no que tocava às favoritas, em que eu naturalmente não me incluía — e incapaz de meter a decência à frente da falta de vergonha na cara, aplaudiu tal mudança de pé. Apesar de o Conde continuar casado e de eu, nesta fase do campeonato, já perceber muitíssimo bem que tipo de favores a minha tia lhe fazia. Falava-se disso na escola, no bairro, e eu lia bastante, apesar de só ter doze anos. O avô declarou à mesa, perante tal comunicado, que a partir daquele momento teria apenas *uma* filha. O mundo não parava de me surpreender. O lá de fora e aquele, ali dentro, onde era obrigada a crescer. A avó transformou-se num destroço humano perante aquela afirmação. Desmaiou no meio da cozinha entre gritos desalmados e credos, agarrada ao terço. A minha mãe, sempre autoritária e destemida, parecia ter, pela primeira vez na vida, medo do avô Zé, tamanho era o espanto com que encarava aquela sua posição tão dramática e radical. E o avô, por sua vez, estava tão sereno que metia respeito. Convicto e altivo. Colocou uma mão no meu ombro e, surpreendendo-me também, disse que eu era a única pessoa naquela casa de quem se podia orgulhar. A minha cara corou como se tivesse outra vez dez anos e o palerma do Carlitos ainda me fizesse doer a barriga. A Rosa olhou-me com um desprezo maior ainda do que aquele que vinha a cimentar havia anos. «*Espero que a PIDE te apanhe, avô!*», foram as palavras dela antes de se erguer da mesa, atirar os cabelos para trás e sair porta fora. Nem as coisas dela levou, mandou um lacaio do Conde vir buscá-las. Depois disso, estive mais de um ano sem aparecer e só voltou a pisar a casa dos avós quando eu já tinha borbulhas em todos os bocadinhos de pele que existiam no meu rosto. No que dizia respeito à tia Cândida, nunca mais ninguém lhe pôs a vista em cima, mesmo que fosse uma vista de esguelha, como a minha, que sempre olhei para ela de lado.

O desgosto sentido aos doze anos e o desmembramento evidente da minha família, já de si amputada, fizeram-me vergar a mola. Assim, em setembro de 1963, eu tinha um mealheiro onde guardava uns poucos escudos que conseguia desviar da minha mãe, alimentando a esperança — que tantas vezes sentia inútil — de fugir para longe. O trabalho no cabeleireiro era, agora, o meu único ofício, uma vez que se tinha acabado a escola. A minha mãe achava que era mais importante ganhar algum dinheiro do que estudar,

até porque me considerava já demasiado esperta para o gosto dela e, tendo quase dezasseis anos, não trabalhar não era uma hipótese. «*Gente preguiçosa nesta casa? Diabos me levem se quero cá gente preguiçosa.*» Estava até capaz de me casar se lhe seguisse o exemplo. Ainda bem que não havia rapaz que me pegasse ou achasse graça. Era uma sorte continuar sozinha e solteira, se visse as coisas por essa perspetiva.

Andava muito preocupada com o avô e a história da perseguição aos comunistas. Sabia que ele andava envolvido em alguma coisa, uma vez que agora passava pouquíssimo tempo no bairro e muitíssimo em Lisboa. A avó, que vivia do dinheiro que ele trazia para casa, porque os croquetes e os rissóis pouco davam, queixava-se constantemente da falta de disponibilidade dele para os biscates, que se traduziam num rendimento extra, dado que a ocupação principal do avô era na fábrica de madeiras — o seu vencimento curto, mas certo. O clima lá em casa, quiçá em todo o bairro, estava tenso, pesado, a roçar o insuportável.



— Há coisas mais importantes para fazer neste momento — tentava ele explicar à avó Palmira de cada vez que ela o cercava com queixas e cobranças.

— Como o quê, Zé? Não vejo nada mais importante do que alimentar a tua família.

— Se te queixas tanto, por que motivo não arranjas trabalho? Nunca me opus a que trabalhasses. Até acho boa ideia! Passavas menos tempo a falar da vida alheia e a inventar doenças e problemas. Ocupavas-te, sabes? — perguntou, irónico.

— Ai, Zé, se eu pudesse...

— Fazias o quê? Ias como a tua filha viver para a casa daquele Merdas que me dá asco? Era isso que fazias? É isso que achas bem? Que a tua filha seja criada durante o dia e puta durante a noite?



Vivíamos os dias assim. Eu só pensava em fugir, embora o medo me cruzasse as pernas e me fizesse ficar amarrada à cama de grades ferrugenta onde dormia, por vezes, cheia de fome, porque realmente o dinheiro não

esticava e ninguém sabia do meu pai – não mandava um *tusto* de Angola e provavelmente já teria morrido na Guerra do Ultramar, nem sei se a defender a independência, se agarrado ao salazarismo que tentava conquistar a simpatia dos povos coloniais. Acho que, a estar vivo, nem ele deveria saber pelo que lutava. Se sempre me pareceu um inútil e um pau-mandado nas mãos da pateta da minha mãe, agora tinha efetivamente registado o seu cognome. O meu pai era um ser quase invisível. Sempre o fora. Não sabia, naquela altura, se devia referir-me a ele no passado ou no presente. Quando nos comunicou que ia para África, uns anos antes, ficámos todos sem reação, sobretudo porque *coragem* era coisa que não vivia naquele corpo. A minha mãe tentou impedi-lo. Regateou, tagarelou, contou aos vizinhos próximos, companheiros de cartas e vinho branco ao pequeno-almoço. Ninguém o dissuadiu. Depois, inventou que ele tinha outra, quicá uma preta. Que queria ir sustentar outra família em vez desta, o que era errado, porque nós já cá estávamos antes e éramos os primeiros da lista, mesmo que ele tivesse outros filhos, possivelmente. Nunca a ouvi chorar porque ele lhe faria falta, por *amor* — mas sim porque a fonte secava mês após mês e os escudos eram finitos. Penso que o invisível, o *estranho*, ganhou pernas e andou. E, lamentavelmente, apenas o salário dele era lembrado com saudade. Principalmente nas noites em que a minha barriga roncava, impedindo-me de sonhar com uma cama fora do quarto pequenino, que dividia com os meus irmãos em casa dos avós.

O avô Zé, na casa dos cinquenta e muitos, também parecia prestes a dar um grito de revolta e a pirar-se de punho cerrado. Andou uns quantos anos a revelar-se enquanto mestre da rebelião. Em modo *banho-maria*. Agora, até mandava a avó ir trabalhar, tal era a sua falta de paciência para alimentar hipocrisias e o pouco discernimento das mulheres da família. Só comigo a situação era diferente. Ainda me perguntava como me corria o dia, contava histórias nascidas das suas reuniões furtivas e alimentava, cada vez mais, a minha curiosidade pelo contexto político. Dizia vulgarmente que eu era um *verdadeiro desperdício*. Um espírito aventureiro, vestido de uma inteligência sublime. Ah, sublime! Como eu adorava essa palavra. O avô também era inteligente. Tinha pouco mais do que a quarta classe, mas sempre se esforçara por ler, fazer, compreender e desenvolver aquilo a que, lá no bairro, chamávamos de *miolo*. Talvez muito por culpa do Bisa, que não era letrado, porque a falta de informação abundava como os figos no final do verão, mas era aquele tipo de pessoa que já nascia a fazer tudo. A *saber* tudo.



O bairro estava virado do avesso e toda a gente se queixava da má vida. Do racionamento. Do pouco dinheiro. Da conjuntura política que em nada favorecia o povo. E nós, ali perto da cidade, mas ainda assim desviados, começávamos a sentir na pele o peso dos preços altos. Do quanto custava a vida.

Eu tinha muito medo. Medo de que acontecesse alguma coisa ao meu avô, como a Rosa ameaçara que acabaria por acontecer. Medo de perder a única pessoa que ainda me dava um abraço afetuoso e me fazia sentir menina, e não mulher à força. Que me respeitava e incentivava. Que me amava sem cobranças. Mal eu sabia que os meus maiores receios me bateriam à porta em poucos dias, e que entrariam sem pedir licença.

Apenas para que a minha vida se tornasse ainda mais miserável.

14.

— A PIDE levou o avô.

— O quê? E contam-me isso assim? Quando?

Levantei a cabeça do prato de sopa e olhei para a minha mãe e avó. O braço, que tremia a meio caminho da boca, deixava que o líquido amarelo e viscoso caísse da colher sem misericórdia.

— Hoje de manhã.

— E vocês deixam-me estar um dia inteiro no cabeleireiro sem me contarem nada? Inacreditável! — Pus-me de pé, atirando com a cadeira. A fúria, o medo, uma escuridão nova, a crescerem-me no peito. A dor era quase palpável. Parecia que uma delas se sentara em cima de mim.

— E o que é que adiantava? Ias fazer o quê?

— Tenho o direito de saber, avó — gritei. — E como é que sabem que foi a PIDE? Onde é que ele estava quando o levaram?

— Numa cave de um prédio em Lisboa, a preparar uma manifestação qualquer. Alguém deu com a língua nos dentes. O Jeremias, marido da Lurdes, conseguiu fugir. Veio contar-nos antes da hora de almoço. Já era de se saber que isto ia acabar assim!

— Mas levaram-no para onde?

Eu não sabia bem como reagir ou o que dizer, ou *fazer*, mas sentia o choque ganhar espaço dentro de mim.

— O Jeremias não sabe.

— E ninguém foi a Lisboa, mãe? À procura dele? Vocês não estão preocupadas?

— A avó bem o avisou — respondeu, com uma calma inexplicável.

Perturbante.

— Ah, se avisei! Avisei mesmo. Tantas e tantas vezes. E ele quis saber? *Não!* E agora? Vamos andar a pedir para conseguirmos comer. Até a Tininha pediu na mercearia se pode fazer lá umas horas, pobre criança. Uma merda, é o que é.

— Então, achas que isso é o mais importante? O avô vai preso, sabe Deus para onde e o que lhe irão fazer, e tu estás preocupada com o dinheiro?

— Olha lá, minha menina — disse a avó Palmira, enfrentando-me e aproximando o corpo pequeno do meu —, mas tu julgas que são as ideias comunistas do teu avô que nos metem pão na mesa? Que te encham essa boca linguaruda? Eu bem o tinha avisado que mais valia montar antenas do que andar a armar estandartes, mas o velho é burro e...

— Para com isso, para! — interrompi-a, aos gritos. Aquilo ultrapassava todos os limites. — Ele não é velho! Nem burro! E, se está a defender a causa em que acredita, tem todo o meu apoio.

— Isso, sua *estúpida*, tens mesmo a quem sair com a mania das espertezas! Construíste-lhe um altar, não foi? Mas sabes que mais? Vais acabar na mesma jaula! Os dois a ver o sol aos quadradinhos. E eu não vou ter pena nenhuma!



Saí de casa a suar em bica, as lágrimas a impedirem-me de ver, e fui a correr ter com o Manel. O meu cabelo loiro e desarranjado estava colado à testa cheia de acne, o que tornava a minha aparência, esguia e desproporcional, ainda mais ridícula. Se ainda jogasse à bola, estava mesmo com a altura certa para guarda-redes. Um metro e meio só de pernas aos quase dezasseis anos para contrastar com o metro e meio do Manel no seu todo. Infelizmente, o sonho de ser futebolista não estava ao alcance de pessoas com vagina.

Precisava que o Manel me encobrisse na minha ida até Lisboa. Não sabia muito bem como ir, nem onde, mas tinha de descobrir onde estava o meu avô, se o tinham levado para Peniche, como profetizara a insensível da avó Palmira e, principalmente, se havia forma de o fazer sair de lá. Ele tinha-me contado o tipo de tortura a que o Cunhal havia sido sujeito. O avô não tinha seguramente a mesma importância no partido, mas alguma coisa lhe fariam. Alguma coisa *má*. Espancá-lo? Impedi-lo de dormir? Obrigá-lo a andar descalço sobre uns pés massacrados de pancada? Apanhei um panfleto escondido no meio das tralhas dele no barracão. Devia ter sido censurado,

claro. Descrevia o tipo de massacres a que os presos políticos estavam sujeitos e só de imaginar o meu querido avô nessas condições, a fazer de *estátua* como lhe chamavam, o meu coração batia descompassadamente e o suor colava a minha camisola desbotada ao corpo. Cheguei à casa do Manel sem me lembrar do caminho que percorrera. Bati à porta ferozmente e de punho fechado. A dor aliviava o medo.

— Rosa? Estás aqui? — Não consegui mascarar o espanto quando a vi surgir atrás da porta de entrada.

— Vim ter com o Manel para lhe pedir que te chamasse. Parece que adivinhas! Preciso de falar contigo e não pode ser em casa da avó. Há séculos que não te via. Estás maior?

A familiaridade dela e simpatia assustavam-me tanto quanto a PIDE. Senti um abanão no corpo, o despertar da fúria, e ataquei:

— É sobre o avô? Já sei que ele foi preso. Estás contente? Tiveste dedo nisto?

— O avô foi preso? — perguntou, surpreendida.

— Sim, foi. Hoje de manhã. Não sabias? Aposto que isto tem dedo teu. *Aposto!* Foste chibar ao Conde que o avô é comuna, não foste? Diz, vá. Podes dizer...

— Eu lá tenho paciência e tempo para me ocupar dessas lutas. Eu só quero que não me chateiem, que me deixem no meu canto... desde que não me falte nada.

— Egoísta! És uma cabra egoísta, Rosa — atirei, dando voz a anos de repressão, ao pavor de a enfrentar. — Desanda, sai-me da frente... chama o Manel que isto é urgente. Preciso dele!

— Isto também é — declarou, posicionando-se a meio da porta, o corpo largo e gordo a tapar-me a visão para o interior da pequena salinha de paredes cor de ameixa.

— Sai da frente, Rosa. *Sai!* O que é que esperavas? Que fôssemos amigas? Que eu me preocupasse? Desapareces, não me dizes nada que interesse durante anos e agora já precisas de mim? Lembraste-te de que tinhas uma prima, foi?

— Sim, preciso de ti. E não vale a pena enrolar o assunto ou pôr paninhos quentes — disse. As mãos desceram-lhe até à barriga, onde as entrelaçou numa pose teatral. — Estou grávida. Não achas isto mais importante do que o avô ter sido preso?

15.

A Rosa estava grávida. *Aos quinze anos!* O embate com aquela notícia fez-me perder a força nas pernas e amparei-me na porta. Era uma daquelas portas grossas, de madeira verde, com uma janela com postigo para ver quem batia. Tinha uma cortina de renda amarelecida pelo sol, certamente mais antiga do que a estada do Manel e da mãe naquela casa. Lá de dentro, vinha um bafo quente outonal e um cheiro a batatas assadas. O Manel devia estar a terminar um dos seus cozinhados para o jantar, mais uma coisa invulgar nos rapazes da nossa idade. E no sexo masculino, em geral.

— Estás grávida, como? — consegui perguntar.

— Olha, como... queres que te explique como se faz? E entra, se fazes favor. Isto não é assunto para se falar à porta de casa.

— Onde é que está o Manel?

— Lá dentro. Estava a acabar de fazer o jantar para depois te ir chamar. Não podia deixar o pitéu estragar-se. Sabes como é a mãe dele. E o avô foi preso? Não me espanta!

Respirei fundo.

— Eu nem sei por onde começar. Vai buscar-me um copo de água.

A Rosa tinha mudado da noite para o dia em apenas uns anos e eu não sabia distinguir em que armazém da minha cabeça ela estava agora alojada. Isto porque queria, à força, desvincular-me dela, mas algo renascia dentro de mim sempre que lhe punha a vista em cima. Um chamariz da infância. De tempos felizes, despreocupados e de tardes tão longas que pareciam meses. Porque o tempo estica quando se é feliz. E eu acalentava, em surdina, o desejo de que ela voltasse a ser a minha Rosa pré-doença da carraça aos dez anos.

Pré-afilhada do Conde da desgraça. Pré-nariz empertigado que se levantava da mesa sem pedir licença, baloiçando as ancas largas e o corpo de mulher definido, tão diferente do meu — ainda desajeitado e de adolescente em plena puberdade. Tinha saudades da Rosa, a minha confidente. A que me dava a mão por baixo da mesa quando precisava de ajuda porque não queria jantar e a avó nos obrigava. Então, eu ia tirando os bocadinhos de bife do prato dela e comia-os muito depressa, para evitar que ela ficasse sentada na cozinha, virada para a parede. Ela era a preferida, mas os castigos eram gratuitos. E para todos.

— Vamos lá, então, tentar perceber o que se passa. Como é que sabes que estás grávida?

— Não tenho o período.

— E como é que tens a certeza de que é por isso?

— Queres ver as minhas mamas? Apalpa! — ordenou, esticando-se para mim. — E a barriga? Estou grávida e já se nota. *Juro!*

— Então, mas quem é o pai?

— Não tenho a certeza.

A minha boca aberta de espanto. *Teria ouvido bem?*

— Não tens a certeza?

— Não sei quem é o pai.

Seriam assim tantas as hipóteses?

— Ai, Rosa! Estás metida numa embrulhada.

— É por isso que preciso de ti. Porque temos de ir a Lisboa tirar isto.

— Tirar o quê?

— O bebé, ora! És parva? O que havia de ser? Isto dá para tirar, sabias? Foi a minha mãe quem me disse.

Perdi a cabeça.

— Estás doida? Perdeste completamente o juízo? Eu já sabia que tu estavas meio doida, mas a este ponto? E a tua mãe ainda te deu essa ideia?

— Queres que faça o quê? Que tenha um filho aos dezasseis anos? É tua obrigação ajudar-me! Somos primas, caramba.

O Manel entrou na sala, aturdido, ainda de avental apertado e com uma touca de renda feita pela mãe, quase cómica, não fosse o desastre que se dava naquela sala.

— Eu ouvi bem? Tu vais ter um *filho*? Oh, meu Deus Santíssimo!

— Não, Manel. Não vou — respondeu-lhe a Rosa, prontamente. — É precisamente por isso que preciso da vossa ajuda.

O Manel assumiu uma postura séria, paternalista, mas lavou rapidamente

as suas mãos.

— Vamos lá ter calma. Isso de tirar um bebé deve custar dinheiro. E até deve ser perigoso. Eu não me vou envolver nisso. Desculpa, Rosa. A Luísa é a melhor pessoa para te ajudar.

Eu não podia acreditar. Onde é que estava o apoio do meu melhor amigo? Empurrava, assim, o problema com a barriga? Para cima de mim?

— Dinheiro não é problema. Tenho o Conde.

— E como é que o convences a dar-te dinheiro, posso saber? — Eu estava a desesperar.

— Basta dizer-lhe que estou grávida, que é ele o pai, e vais ver que faz tudo o que eu quiser.

O Manel ficou branco de choque. E eu não sei de que cor terei ficado. Achei que ele acabaria por desmaiar a qualquer instante e, por isso, ainda sem digerir o que acabara de ouvir, comecei a abaná-lo com um jornal velho que estava em cima do sofá. A ambos, na verdade. Mas de pouco adiantou.

— O Conde é o pai? — indagou o Manel, num fio de voz.

— Não sei se é. Mas pode ser.

— Rosa, isso é um escândalo! Ele tem o quê? Cinquenta anos?

— Quarenta e sete.

— Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! — repetia o Manel, engolindo a indignação entre frases.

Eu fiquei em silêncio, com a boca aberta qual túnel de vento.

— Não vale de nada invocarmos Deus e todos os Santos. Preciso é que me ajudem a resolver isto. Luísa, estás a ouvir? A minha mãe disse logo que não se metia. «*Soubeste fazê-lo, agora trata de o tirar!*», disse-me ela. E só me restas tu... és a pessoa mais esperta que eu conheço. Não me vais deixar ficar mal, pois não?

Não respondi. Ela olhou para a saia. Sentada na poltrona à minha frente, reparei que o fecho lateral estava aberto, possivelmente porque a indumentária já lhe estaria apertada no ventre.

— Mas olha que falarmos do Conde acabou de me dar uma ideia... talvez exista outra saída...

Alcei-me do sofá subitamente consciente de onde estava, daquilo que acontecia e da incredulidade do momento.

— Eu? Ajudar-te? Espera lá... — comecei a divagar, de um lado para o outro, gastando o soalho já gasto, mas impecavelmente encerado, da mãe do Manel. — E por que raio te vou ajudar? A ti, que me ignoraste e trataste como lixo, como se eu fosse demasiado burra para pertencer ao teu mundo,

demasiado pobre e mal vestida para te acompanhar nos lanches de esplanada no centro da vila?

— Não é o momento para te fazeres de vítima, Luísa. Isto não é sobre ti...
— afirmou com o maior dos atrevimentos. — Foi a força da ocasião. A mãe disse que eu tinha de fazer por *mim*, não podia estar presa às tuas coisas. A *ti*.

— Ainda me lembro do dia, não há muito tempo, em que sentaste esse rabo gordo na cadeira do cabeleireiro da Judite e me mandaste fazer-te caracóis, como se fosses uma rainha e não me conhecesses. Como se fosse tua *empregada*. Ali, pronta a servir sua excelência.

— E ali és. Estás ali para me servir! É o teu trabalho, ou não? Não mistures tudo, Luísa!

— Meninas, acho que assim não vamos a lado nenhum. É preciso arranjar uma solução para o problema — interveio o Manel, tentando de algum modo refrear a cena. Acalmar os ânimos e trazer alguma racionalidade àquele discurso.

— A Rosa que arranje uma solução. Eu vou tratar de libertar o meu avô da PIDE. Ele, sim, é um problema *meu* e merece a minha atenção, até porque foi o único que se preocupou comigo todo este tempo. Lembras-te, Rosa? Lamento, mas não sou tão estúpida como pensas. Amanhem-se os dois.

— Não sei se vais conseguir libertar o avô. Mais depressa trato eu disso. *Se quises, claro!* Se me ajudares... — O tom de voz que se insinuava, que deixava no ar a possibilidade de ela controlar o incontrolável. A chantagem disfarçada.



Saí de casa do Manel completamente abanada e perdida. Demasiadas informações terríveis numa só noite. A Rosa grávida. O avô encarcerado sabia-se lá onde. Às tantas já imaginava que tipo de torturas também iriam recair sobre o corpo da Rosa para se livrar do bebé. Ou o tipo de flagelos emocionais a que se sujeitaria quando meio bairro descobrisse. O Conde era uma hipótese. *Meu Deus! Como é que aquilo era possível?* E, mesmo não sendo, ela usaria isso a seu favor. Que ausência de escrúpulos. De vergonha. De bom senso. Quem seria, ou seriam, os possíveis pais? O António? Ela namorava o sobrinho e deitava-se com o tio, sabendo que ele era casado com a Áspera, mas que também dormia com a tia Cândida? Estaria tudo louco, menos eu? Não lhe perguntara nada disso porque me levantei e saí porta fora ainda mal terminara a última frase. Ouvi-a chamar-me, mas não vacilei. *A avó vai matar-se*

quando souber! Era desta que tomava comprimidos. A minha mãe vai enviar-me para um colégio interno, se for gratuito, claro, com medo que eu faça o mesmo e ajudando assim no seu plano de contenção de custos, agora que não tenho pai nem avô que a impeçam. Menos uma a comer.

Eu sentia-me a chegar ao fundo de um poço. Sentia-me prestes a desabar a qualquer instante, tamanho era o peso sobre os ombros. Sobre *tudo* o corpo. Não era nada daquilo que eu esperara para mim aos dezasseis anos. Tinha ambições tão mágicas, tão ricas, tão enternecedoras quando contadas aos sete ou oito anos. *Caraças, como tudo mudava!* E, de repente, estava rodeada de gente, mas mais sozinha do que nunca. E rodeada de sonhos que não passariam de idiotices infantis. Eu, que acalentara o desejo secreto de abrir uma livraria, ou uma casa de chá, onde pudesse fazer bolos caseiros de laranja e guardar livros em prateleiras que só se alcançassem com escadotes. Adeus, livraria. Adeus, casa de chá. Iria acabar num convento!



Não me restava outra hipótese senão a de pedir ajuda ao Carlitos e ao seu irmão mais velho, o Luís. Eu tinha cortado relações com o Carlitos um ano antes. Ele tinha-se tornado uma pessoa revoltada, à imagem do irmão, cuja figura idolatrava de forma quase doentia. Antes da nossa zanga, tínhamos sido bastante próximos — *embora não dessa forma!* Os Doze já não se achavam mais do que os outros — o tempo para brincar tinha acabado não só para mim e todos nos víamos forçados, naquele contexto bairrista e de recessão, a ser adultos à força — e, honestamente, eu parecia mais velha do que qualquer um deles. Só nos separavam dois anos e picos e isso, entre os meus catorze e os dezasseis deles, quase não se notava. O Carlitos passava os dias a contar histórias do Luís. Histórias do partido e da defesa da pátria. O irmão, na casa dos vinte anos, tinha ido viver para Lisboa, com uma tal de Anabela. Costumava dizer que a mulher mais bonita era a guerrilheira. E a Anabela era linda de se esbugalhar os olhos, ainda que só a tivesse visto uma vez, numa curta visita ao bairro — eu revirava os olhos quando o Carlitos falava dela, não querendo assumir que sentia um bocadinho de ciúmes. *Tolice.* O Luís era temerário. Já o era na escola. Todos o respeitavam e, quando se soube, em 1960, que se virara ao pai e o expulsara de casa por ter batido na mãe, o Luís passou a ocupar um lugar de elevado estatuto entre os vizinhos. Não que não fosse normal, infelizmente, açoitarem-se as mulheres, mas enfrentar um pai com aquele corpanzil e mau vinho do Armindo era, sem dúvida, um ato de

coragem digno de um busto erguido na Rua Principal.

Assim, o Luís era uma espécie de rei lá do sítio. Para o povo e para os pobres, era claro. Para o Carlitos, principalmente. Mas para a gente que se julgava finória como a Rosa, o Conde e o seu sobrinho António continuavam a granjear melhor nome e honra. Enfim, o Luís tinha sido preso pela PIDE em julho de 1962. O Carlitos, obviamente, não conseguiu fazer nada, pois a mãe proibiu-o de mexer uma unha que fosse ou perderia não um filho, mas dois, e o pai, entretanto, já tinha sido encontrado morto numa valeta com uma cirrose hepática. Quando este incidente aconteceu e a família do Carlitos se desmoronou ainda mais, eu era a sua melhor amiga e cúmplice. Tentei acalmá-lo. Mantê-lo na sombra. Os pides andavam à caça e o meu avô Zé alertou-me, em jeito de segredo e saindo depois pela porta do cavalo, que era melhor eu não me envolver e manter o meu amigo afastado do cenário de guerra que se armava. «*Salazar não dorme!*», garantiu-me. Via tudo. E o que não via, tinha gente a ver por ele. O Carlitos revoltou-se. Quis fugir. Eu quis que ele ficasse em casa, calado e sossegado. Disse-me que era fraca. Procurou a Rosa e pediu clemência ao Conde. Ajoelhou-se. Humilhou-

-se. Sabia que, dias antes, o Conde dera um jantar onde sentara, no topo da mesa, o chefe da PIDE. A Rosa ignorou-o. Quase lhe cuspiu na cara quando ele, revoltado e depois de um *não*, chamou puta à tia Cândida. Eu estava atrás dele. No terceiro degrau de mármore, em plena entrada da mansão do Conde. A Rosa gritou que tudo aquilo era mais do que justo, por estarmos do lado errado. E um Carlitos, insubmisso e impulsivo, empurrou-me na direção da minha prima e disse que éramos farinha do mesmo saco. Que eu não valia de grande coisa, uma vez que não tinha tomates para o apoiar. Estava armado o circo. E partido, outra vez, o meu coração. Cortámos relações depois disso, porque eu não conseguia digerir a injustiça. Manter-me calada, na sombra, tentando acalmar a fera que vivia dentro dele, tinha sido confundido com fraqueza e vulnerabilidade. E, por mais que eu tentasse explicar-lhe isso, existiam coisas que o Carlitos — *talvez os homens!* — simplesmente não conseguia ver. *Egos feridos*. Apesar de andarmos sempre às turras, eu sempre o apoiei e preocupava-me com ele. Mas a cabeça do Carlitos era dura como pedra! Oca e idiota.

Naquela noite, depois de me ter caído no colo aquele bombardeamento de mau agoiro — uma prisão e uma gravidez, imagine-se! —, eu sabia, assim que bati à porta, que a minha ideia de procurar a ajuda dele não seria grande coisa, mas restavam-me poucas alternativas.

— Luísa? — perguntou espantado assim que pôs os olhos em mim.

— Olá, Carlitos. Preciso de falar contigo. Em privado.

— Falamos lá fora. Estão aqui os meus irmãos — disse enquanto me afastava para o quintal, encostando a porta atrás de si e calando o barulho de demasiados risos masculinos, encobertos pelo fumo do tabaco. — Que se passa?

— É urgente. O meu avô foi apanhado pela PIDE.

— Como?

— Não sei pormenores. Sei que estava numa reunião, ao que parece numa cave qualquer. O Jeremias conseguiu fugir e contou à minha avó.

— E precisas de mim porquê? O meu irmão também está preso e eu nunca consegui fazer nada — asseverou, não conseguindo esconder a frustração. — Aliás, tu sabes disso. Ficaste do lado da inútil da tua prima. A única com influência para nos ajudar. Aquela ingrata. Quando precisou, soube chegar-se! E eu, parvo, a cair-lhe nas falinhas mansas...

— Eu não fiquei do lado dela — tentei explicar novamente, anos depois, mas parecendo-me de igual modo em vão. — Sempre me interpretaste mal. Ferves em pouca água. És um idiota chapado!

— Luísa, ela escorraçou-nos e tu ainda a defendeste. Disseste para lhe darmos um desconto, porque estava cega. Ela não presta! Sabias que anda enrolada com o meu irmão João? Descobri isto há dias. A dar a volta à cabeça do puto para tentar sacar informações para o Conde e o seu sobrinho. *Cambada de fascistas!* É pior que um pide, ela! Se calhar denunciou o teu avô... Já pensaste nisso? E o idiota sou eu?

— Ela não seria capaz. — *Seria?* — Nem sabia que o avô Zé tinha sido preso! E ela é tudo isso que dizes, concordo contigo, mas é acima de tudo egoísta. Primeiro pensa nela, e isso de o nosso avô ir preso não lhe traria vantagem nenhuma.

— Como é que ainda tens esperança de que exista ali um coração? És tão inteligente para umas coisas e tão pouco esperta noutras. A mim, nunca me enganou. Ela só serve para uma coisa e nisso até é boa. Para abrir as pernas.

Estremeci. Murro no estômago. Estaria ele a falar a sério?

— Carlitos, estou a tentar assimilar tudo isto... não piores as coisas. Não foi para isso que vim.

— Eu sei! Mas tenho a cabeça cheia de Rosa desde que soube dela e do João.

— Ela meteu-se mesmo com o teu irmão? Mas ele tem o quê? Uns treze anos? Ela não tem limites, realmente!

Também podia ser ele o pai, ocorreu-me. Duas crianças que dariam vida a

uma criança. *Ai, Nossa Senhora!*

— Precisamente. É mais fácil de enganar. Vê um par de maminhas e fica doido. Capaz de tudo. De chibar até a família.

— Achas que ela está metida na detenção do Luís?

— É bem possível.

— Vou ter de falar com ela, Carlitos.

— Fala. Faz o que quiseses. Garanto-te que só perdes tempo. E, quanto ao teu avô, só te posso aconselhar uma coisa. Tenta a Escola Prática de Infantaria. Eles têm lá carradas de pides disfarçados. Faz-te de parva. Chora. Eu não tive essa sorte, mas também não uso saia... Ainda apanhei na tromba e fui uma noite dentro, por querer saber demais. Talvez por seres mulher apanhes um capitão que te dê crédito e te diga se ele está em Peniche. Mas se estiver...

Sacudi um arrepio que me passou atrás costas.

— Achas que é duro?

— Não acho, tenho a certeza! Não quero imaginar sequer o que já fizeram ao Luís e à Anabela. E ela estava grávida.

16.

Eu já tinha ouvido o avô dizer que na Escola Prática de Infantaria se escondiam uns quantos espiões do regime. Mas como é que conseguiria identificá-los? Chegava lá e perguntava: *quem é que aqui pertence à PIDE?* Parecia-me um caminho algo sinuoso, com direito a rasteira e a corpo estendido em poça de lama. Não podia correr esse risco. Se já tinha corrido mal com o Carlitos, o melhor era nem me aventurar. Decidi, no dia seguinte, arriscar primeiro o Conde. Ou pedir ajuda à Rosa, em troca da minha *total* disponibilidade para a ajudar a tirar o bebé. Só de pensar nisso sentia-me culpada, mas naquele instante a vida do avô era mais importante que a do embrião que vivia no corpo da mal-agradecida da Rosa. *Que Deus me perdoasse*, se realmente existisse.

Talvez aquela nova espécie de egoísmo que sentia nascer em mim me transformasse numa má pessoa. Talvez me viesse a causar um peso de consciência noturno, capaz de me tirar horas e dias de sono. Mas não seríamos todos assim, uns aproveitadores em função das circunstâncias? Não valia a pena fingir! Cosíamos com as agulhas que tínhamos, já dizia a avó Palmira, que raramente acertava, mas que nisso até tinha razão. Só que eu tinha pena do bebé, apesar de tudo. E, por isso, sentia-me a habitar num limbo.

A casa do Conde tinha uma cor semelhante à do vomitado, acho que já o mencionei. Ou talvez fosse apenas culpa minha, que sentia dores no estômago sempre que me aproximava daquele lugar. E era um enjoo diferente daquele que sentia no bairro, que, às vezes, também me causava náuseas, mas que eu tinha de aguentar — tal como um parente com o qual nem sempre se

simpatizava, mas que não podíamos apagar da árvore genealógica. *Rosa*.

Não tinha uma única memória boa daquele sítio. Primeiro, fizera-me sempre sentir diminuída, um ser dizimado pelo luxo daquelas paredes. Tinha lá ido poucas vezes em criança, mas serviram para que constatasse, por comparação, que vivíamos em condições precárias — dividíamos, à noite, um só pão saloio por todos e, ali, eles abundavam na mesa posta; cortados à fatia e fazendo pestanejar os olhos gulosos de quem os via barrados com todo o tipo de compotas. Depois, porque me roubou a minha prima Rosa. Fora o estar *ali*, o crescer *ali*, o viver *ali* que a corrompera. O ter tudo à mão. O dar pouco valor às conquistas. Aos mealheiros que o avô nos tinha ensinado a fazer para podermos comprar pevides. Aquela casa tirara-me a minha prima. Tinha sido *a casa* a sugá-la. E, nisso, tinha mais poder do que o bairro, que, no fundo, só nos cercava de enredos e histórias, mas que nos deixava ser protagonistas. Aqui, era a mansão quem mandava. Imponente. Lá em cima. A olhar-nos com desdém e sem compaixão.

Foi a tia Cândida quem me abriu a porta.

— O que é que estás a fazer aqui, Luísa?

— Preciso de falar com a Rosa.

— Ela está a estudar.

Revirei os olhos.

— A Rosa? A estudar? Podias inventar outra desculpa, tia. Além disso, é rápido. E urgente.

— É sobre o avô ter sido preso? Se é isso não vale a pena. Só teve o que mereceu.

Respirei fundo e fiz uma contagem mental para me acalmar. Ou talvez não o tenha feito. Não seria necessário. A arrogância e desdém dela, afinal, não eram nada de novo para mim. Eu sabia como lidar com aquilo.

— Olha, tia, não vou discutir contigo. Não vale a pena. Há muitos anos que nos abandonaste à nossa sorte, sem queres sequer saber do que sentem a tua mãe e a tua irmã. Nem falo no avô, porque sei o tipo de relação que tinham e como as coisas ficaram feias. Mas *elas* gostavam de ti, não sei bem como, mas isso... enfim, não te fizeram mal algum. A avó ainda chora por tua causa.

— E o que é que *tu* sabes sobre isso?

— Podes chamar a Rosa, por favor? Já te disse que não vou discutir contigo. Não vou alimentar isto... chama-a ou desato a gritar! Queres ver?

E mal abri a boca, ela interrompeu-me:

— Cala-te, catraia! Ainda bem que me livreis de ti. De todos vocês.

E foi. Contrariada. A lamuriar-se em direção à escadaria de mármore, tapete vermelho a dar-lhe cor, qual sangue vivo derramado. Quando eu era pequena, costumava achar que o Conde era uma espécie de vampiro — o avô contara-nos uma história de terror sobre esses sugadores de sangue humano — muito branco, sempre vestido com um fato preto, com um nariz encurvado e umas entradas tão grandes sobre a testa que o cabelo lhe acabava em V. Tinha, achava eu, perto de um metro e noventa e, portanto, impunha um certo respeito. Aliás, ele e a Áspera eram apelidados de *os andaimes* pelos miúdos do bairro, e era fácil perceber porquê. Tinha uma das sobranceiras sempre erguida, o que lhe dava simultaneamente um ar desconfiado e austero e, como era apanágio nisto de se viver à grande e à francesa, usava sempre, por cima da camisa branca de vincos perfeitamente firmados, um colar de ouro maciço com um pendente de Cristo pendurado na cruz. Parecia um cangalheiro. Pouco diferente do Alfredo, dono da *Funerária Adeus Eterno*, que se vestia todos os dias como um esposo enlutado — mas esse tinha justificação. O Conde estava sempre com um semblante misterioso. Um misto de pesar e raiva. Como se, apregoava a minha mãe, todos lhe devessem e ninguém lhe pagasse. Não conseguia perceber se era bem ou mal-intencionado. Se gostava ou não, realmente, da Rosa. E isso de eu não conseguir deslindar a criatura que vivia atrás da máscara era o que mais me incomodava nele. A mim, que observava o mundo e as pessoas nele existentes com especial gosto e atenção, para que depois as pudesse arrumar no devido espaço na minha cabeça. Para que, nas quatro paredes do meu quarto, pudesse pensar nelas em silêncio. Lê-las e interpretá-las à minha maneira. E o Conde alimentava em muito a minha imaginação sempre fértil e a dar frutos. Certas vezes, até me perdia em raciocínios excessivos; andava sempre a magicar o que fazer, em que pensar e quem incluir em mais uma série de divagações que nada acrescentavam. Mas, se o meu mundo interior era melhor do que aquele em que vivia, que mais é que me restava fazer? Viver dentro da minha cabeça era mais seguro e tranquilo.

Esperei o que me pareceu uma eternidade na porta da entrada da casa do Conde, de onde se via o Bairro das Cruzes lá em baixo. Pequenininho. Quase insignificante. Tal como ele nos achava. A Rosa apareceu com cara de poucos amigos, de camisa de dormir e olheiras.

— O que é que queres?

— Preciso de falar contigo, Rosa.

— Sim, já percebi, mas o que é que queres? Pensei que me ias virar as costas.

- Eu ajudo-te — declarei, ganhando coragem.
- Ajudas?
- A tirar o que tens na barriga. — Chamar-lhe bebé no meio daquela frase parecia-me insuportável.
- Podes dizer alto. Já todos sabem. Incluindo o Conde. Mudei de ideias.
- O quê? Não estou a perceber.
- Vou usar este filho para meu proveito. Meu, teu e do avô. Se era essa a troca que vinhas sugerir, pensei nela antes de ti. Espera e verás.

17.

O avô foi solto a tempo do Natal. Não estava em casa no dia do meu aniversário, mas a Rosa garantira-me que deveria estar por dias, e assim foi. Entrou pela cozinha de rompante e só me deu tempo de saltar da cadeira, deixando-a cair atrás de mim. Abracei-o com tanta força quanta os meus braços permitiram e esperei, ingenuamente, que a minha mãe e avó se juntassem. Que idiotice a minha, achar que dentro daqueles corpos cada vez mais escanifrados ainda vivia amor. A avó vociferou um «*que te tenha servido de exemplo*» e a mãe sublinhou as últimas palavras, terminando a frase e acrescentando «*passámos muito mal*».

Foram três meses agonizantes aqueles que serviram de clausura ao meu avô Zé. Não tinha notícias. Não sabia onde ele estava. Ou *como* estava. Ou *se* estava sequer. A Rosa prometera ter a situação controlada. Fez-me jurar, com juramento de cuspo, como se tivéssemos outra vez dez anos, que guardava o mais absoluto segredo sobre a gravidez. A mim e ao Manel. Quando nos reunimos no esconderijo, agora ainda mais decrepito e desamparado, visto que a Ti Orquídea morrera um ano antes e deixara tudo ao abandono, quase me senti criança outra vez. O meu coração, nessa tarde, ganhou uma nova substância, um alento, uma cor. *Ressuscitou*. Foi quase como nos velhos tempos. Antes das transformações necessárias da idade. Antes de sermos estragados pelo meio. Antes de carregarmos cada um de nós uma cruz. Afinal, éramos mesmo parte do bairro e sempre seríamos. E talvez estivéssemos mesmo amaldiçoados.

Ela não me contara o plano, pedindo-me, apenas, que confiasse nela. Confesso que isso não seria fácil, depois de tudo o que havia acontecido nos

tempos que antecederam a gravidez, mas o meu coração, confuso e tosco, não sabia guardar-lhe rancor e acabei por ceder. Calei-me e esperei, embora morresse de medo, uma vez que até ali, apesar de ser apenas uma miúda, nunca tinha estado à mercê das loucuras da Rosa. Dera sempre a volta. Tinha sido desprezada, esquecida, mas aprendera a desenrascar-me sem ela. Por isso, ver-me novamente envolvida nas ideias mirabolantes que a Rosa tinha enchia-me de tremeliques e nervos. Confiar nela era penoso.



No bairro, estava tudo diferente, mas continuava igual. A avó mantinha-se sem trabalhar. A minha mãe tinha plantado a Tininha na mercearia quase dezasseis horas diárias. O Tozé, por ser frágil e asmático, era o único que ia escapando ao trabalho. Da tia Cândida e dos gémeos irmãos da Rosa, nem sinal. Continuavam a viver na mansão e, pensava eu, a frequentar a escola.

Quanto ao Carlitos, agora, fazia-me uma marcação cerrada. Ainda não tinha percebido que eu jogava à baliza e, como tal, tinha uma vasta experiência em defender todo o tipo de investidas. A vida no bairro preparara-me para isso. Não tinha cabeça nem corpo para o aturar. Não naquele momento. O cabeleireiro estava sempre à pinha e as dores nos braços, das mises e pinturas, eram cortantes ao final do dia. Depois, quando chegava a casa, ainda deparava com um chorrilho de ofensas ao mundo, de uma forma geral, e ao meu avô, em particular. Acredito que o Carlitos estava a tentar integrar-se com o objetivo de chegar, a bem, à Rosa. Tinha sido informado, por camaradas do irmão, que ele e a Anabela estavam encarcerados em Peniche. Que o tinham exposto à tortura do sono e a espancamentos severos para revelar os planos do partido, a sua residência, a de familiares, e para que se chibasse sobre nomes. Sobretudo, eles queriam *nomes*. Tinha sabido isso através de uma carta colocada à socapa por baixo da porta de casa da Ruiva. Ninguém se atrevia a usar o correio em condições daquelas. E tudo o que passava cá para fora era alvo de censura. Assim sendo, só restava ao Carlitos aproximar-se de mim e, com isso, da Rosa, para tentar obter informações pelo Conde. O seu plano não estava a funcionar porque, durante esses três meses, nem do meu próprio avô eu soubera alguma coisa.

Quando o avô Zé regressou, vinha magro de dar pena. Eu, com os meus braços compridos, sentia-me perdida a abraçá-lo. Sobrava braço. Sobrava espaço. Sobrava abraço. Sentia-lhe as costelas. Trazia um pulso e cotovelos partidos, precariamente ligados e sem gesso. E tinhas as pernas tão negras e

marcadas quanto as olheiras profundas que lhe penetravam o rosto ossudo. Não falava. Mantinha-se deitado no sofá da sala, com o olhar perdido no teto, numa letargia aflitiva. Num dos dias em que cheguei do trabalho, trazendo-lhe um parrameiro num saco de papel pardo por ser o seu bolo preferido, encontrei-o alagado em urina. Não se tinha levantado sequer para ir à sanita. Cheirava a suor. A barba estava medonha e as unhas roídas até ao sabugo. Porém, o que me apertava mais o peito era o facto de não reagir a nada. De não querer saber. Da vida, da luta, da casa, ou de mim. Comecei a pensar que apenas tinha regressado o corpo. Que a alma havia sido esquecida no frio de uma qualquer cela daquela maldita fortaleza à beira-mar. Onde o som das gaivotas chegava apenas para recordar aquela gente da existência de uma tempestade em terra. Onde a dor e a tortura eram tão largas e firmes quanto as paredes. E a opressão cortante deixava as línguas caladas. As vozes abafadas. Os espíritos perdidos para sempre.



— Rosa, o avô está muito estranho. Não reage, não fala. Estou mesmo preocupada com ele. Não é o mesmo.

— Pelo menos está em casa. Não te queixes — asseverou, enquanto abanava as mãos, secando o verniz das unhas, em frente à televisão do Conde.

— Sim, isso é verdade. Embora já comece a achar que a avó preferia que ele não tivesse voltado. Devia pensar que ele ia chegar e começar a subir telhados, montar antenas e a encher-lhe os bolsos. Afinal veio dar-lhe trabalho. Será que está com algum trauma? Em estado de choque?

— É possível. Eu não fazia ideia das coisas que lá se fazem aos presos. Acho que nada justifica tanta violência. Tenho ouvido coisas nesta casa...

— Estás finalmente a acordar?

— Há uns dias, o Conde recebeu aí um oficial qualquer. Era da PIDE, tenho a certeza. Falavam das coisas que tinham feito a uma mulher grávida. *Grávida!* Insensíveis de merda! Como é possível, Luísa? Eu imagino-me a estar de pé horas com estes trambolhos que agora tenho no lugar dos pés!

— É pena que só agora vejas isso — disse, verdadeiramente esperançosa por aquela luzinha ténue que parecia querer aparecer ao fundo do túnel —, mas fico feliz por ainda teres um resto de coração aí perdido nesse corpo. *Gigante*, por sinal!

— Eu não estou a dar razão aos comunas, atenção! Mas acho tudo isto desumano. Mas olha, também não quero saber. Quero pensar em mim e no

meu futuro. Já pouco me importam estas guerras. O que é que nos trazem e onde é que nos levam? A porra nenhuma, a verdade é essa. Estou cansada disto! E estou farta, principalmente, desta vida de aldeola. Está na hora de darmos o salto.

Olhou-me com um ar sério e segurou-me em ambas mãos. Confesso que me assustei com aquela proximidade repentina.

— Damos?

— Sim. Escuta bem, vou explicar-te tudo. Precisas de ânimo. Eu vou deixar de ir aos avós, claro. A barriga vai notar-se cada vez mais, já está impossível de disfarçar e não posso continuar a dizer que é dos bolos que se comem na mansão. O Conde vai inventar que me mandou ir estudar para Coimbra e eu vou ficar estes meses aqui em casa. Encarcerada, basicamente. Quando o bebé nascer, entrego-o ao Conde e à Áspera. Eles sempre quiseram ter um filho e assim faço-lhes a vontade. Assim, ele evita o escândalo de ter engravidado uma menor, e ainda ganha um rebento para encher de mimos e idiotices e para ser tão estúpido como ele e a mulher.

— Rosa, tens noção do que estás a dizer? Eu... eu pensava que tu gostavas dele. Do Conde.

— Gostar dele? A puta dele é a minha mãe, não sou eu!

— Então... — hesitei. Receava ouvir o que aí vinha. — Como é que pode ser ele o pai? Aliás, como é que ele acredita que o filho é dele se...

— Sim, pode ser dele, porque houve efetivamente *sexo*! Mas só porque o cabrão me obrigava! Há mais de dois anos. Saiu-me caro o querer viver bem e deixar a casa podre do bairro. Olha o preço que paguei. — Fixou um ponto atrás de mim. Perdida dentro dela. — Mas já era tarde demais para fugir. Ele ameaçava-me. E a culpa é toda da minha mãe. Aquela besta traiçoeira.

— E nunca me contaste? — perguntei chocada. — Foi por isso que ficaste assim? Meio estranha? Diferente? Podias ter ido à polícia.

— Ó Luísa — disse. O tom de voz melancólico. A resignação no seu meio-sorriso. — Não podia. Ele ameaçava fazer-vos mal. A ti, aos meus irmãos... ao avô! Ameaçava as pessoas decentes da minha vida, portanto. Até mandou os gémeos para um colégio interno há mais de seis meses. Não sabemos nada deles. Aquilo é um pulha da pior espécie. Não vale um tostão. Mas eu não fiquei diferente por ele, sou o que sou. Nunca serei tão boazinha e crente como tu.

— Eu não sou boazinha, só tenho bom senso. Coisa que às vezes te falta, como bem sabes. Mas isso não é razão para permitires uma coisa dessas. Oh, meu Deus! Mas tu disseste que não sabias quem era o pai, que querias tirar o

bebé...

— E não sei. Pode ser o António, sobrinho do Conde, ou o rapaz que entrega o leite, até pode ser o irmão do Carlitos, mas com esse eu deito-me porque até gosto dele. É bom miúdo. Ah, é verdade... ainda houve um soldado do quartel, gosto deles de uniforme. Enfim... não sei por que motivo é pecado uma mulher gostar de *variar*, mas não pensemos mais no assunto, porque está resolvido.

— Rosa! Que coisa horrível. Tu tens dezasseis anos!

— E então? Descobri antes de ti o que é bom.

— Vou fazer de conta que nem ouvi — disse, fingindo tapar os ouvidos. — E mudaste de ideias em relação ao bebé por que razão? Tiveste medo do aborto?

— Porque pensei que poderia usá-lo para nosso proveito. Esta criança é um trunfo, Luísa. Não vês? Eu não quero ter um filho daquele pedaço de esterco, sendo ou não dele, mas tive de ser inteligente.

Tudo naquele discurso me parecia errado, mas arrisquei perguntar:

— *Nosso* proveito?

— Sim. O avô está solto. Primeira condição para não contar ao mundo que o filho da puta me viola. Segunda: mal o miúdo nasça e eu consiga mexer-me, vamos para Lisboa. Apartamento no Chiado e entradas na faculdade. Pouco me importa como nos mete lá. Que faça uso das amizades que tem, do dinheiro, da grandeza. É isto ou um filho nascido do escândalo. Vendido a todas as revistas de oposição ao regime. E ao próprio regime, que o vai escorraçar. Pecador. Velhaco.

— Só não percebi o *nós*. Onde é que eu entro nisso?

— Ah, Luísa, santa paciência! A tua esperteza vem do que lêes na biblioteca e não da vida. Essa ficou toda do meu lado. A chantagem *inclui-te*. Vamos a *duas* para Lisboa. Está na altura de eu te compensar por ter sido uma valente cabra para ti. Não achas?



E assim, no final daquele ano terrível, eu recuperava a Rosa. Mudava de rumo, apesar de por meios pouco éticos, e via uma mísera esperança nascer relativamente ao meu futuro.

Pensei, depois daquela conversa, em todos os comportamentos estranhos da minha prima. Desde viver empertigada aos onze anos, julgando eu que a futilidade e o materialismo a haviam vencido de vez, a ter sido sujeita, como

acabou por me confessar, a violações na calada da noite. Na casa do *vampiro*. Ao que parecia, com o conhecimento e consentimento da minha tia, que preferia *emprestar* a filha a deixar-se empobrecer. Eu tinha sérias dificuldades em digerir aquilo, uma papa pesada de cimento que fazia cama no meu estômago sensível, e não sabia se era correto aceitar a tal hipótese de ir para a cidade, estudar, mudar de vida, considerando as condições em que essa possibilidade nascia. Nascia isso e nascia um filho. O meu conhecimento da história faria de mim cúmplice? Apoiantes da ideia de um filho doado, ou vendido, em troca do meu futuro? Era uma ideia promissora e ao mesmo tempo dissimulada, mas se eu não me agarrasse a ela, por mais dores de cabeça que me causasse ao deitar-me todas as noites, corria o risco de ficar a lavar cabeças para sempre. Presa à mesquinhez e misoginia que ali se vivia. Porque a mulher não podia ser mais do que o homem. Não podia exercer os seus direitos, votar, estudar, fazer-se ouvir. E eu precisava de me fazer ouvir. De largar os jornais na biblioteca e os livros que devorava secretamente até altas horas da madrugada. Precisava da vida, como dissera a Rosa. De aprender com ela. De me fazer ver. Era tempo de pegar o touro pelos cornos.

O final de dezembro trouxe, ainda, em vésperas de Ano Novo, a notícia da morte do meu pai. Era oficial, e pelo menos agora sabíamos dele. Foi-nos comunicado o infortúnio através de telegrama, remetido pelo Ministro do Exército. Um conjunto de palavras enxutas e pouco intimistas, que revelavam que o meu pai havia falecido em combate na Guerra do Ultramar, entregando o corpo pela pátria e pela causa. Lutando pelo conceito de nação pluricontinental e em defesa do território nacional. Só e apenas isto, seguido de umas *sentidas condolências à família*. Não chorei. Quis sentir-me triste, mas não consegui. Na realidade, já o havia enterrado havia algum tempo e ele, sim, tinha mesmo morrido, porque nunca me voltou a aparecer. O *invisível*. O *estranho*. Fora-se de vez. E a minha mãe, ao ler as últimas linhas, soltou um *«finalmente vou receber pensão de viuvez. E posso casar com o Américo»*. O Américo era o dono da padaria.

Estava explicado o porquê de ela, nos últimos meses, ter engordado uns vinte quilos. A culpa era dos queques.

Como na maior parte das histórias de amor, também nesta existiram capítulos de tragédia. A história do Bairro das Cruzes era de força e fraternidade, mas a ganância ganhou voz até entre as paredes mais firmes, e o egoísmo, espaço, aproveitando brechas em janelas e portas quase fechadas. A lenda não teria, pois, um final feliz. Um dos irmãos matou outro. Agarrou na faca mais afiada do talho que ele próprio geria e cravou-a no peito do irmão. Ao centro. Três vezes. De olhos raiados de sangue e com o corpo vestido de loucura. Eram três da tarde. E três pares de olhos testemunharam tudo. Foi preso em menos de três tempos e há quem aponte três motivos para tamanha crueldade: ciúme, inveja, cobiça. Três cruzes difíceis de suportar.

No final da Rua Principal, aquela que une as três estradas afinal imperfeitas, foi erguida a primeira lápide e murado o cemitério. «Aqui Jaz Túlio. Morto por Teófilo, só sobrando livre Timóteo.»

1967

18.

— Tenho mesmo saudades tuas — disse o Manel, fazendo uso do seu habitual sentimentalismo. Mas agora até eu assumia sentir saudades dele.

— Desculpa, Manel. Sabes que agora é mais difícil vir ao bairro. Escondome em Lisboa e tenho pouca vontade de regressar... não há nada que me prenda aqui, exceto tu. E, claro, o próprio bairro... sabemos que funciona como um íman, não é? Mesmo que queiramos fugir, quando dou por mim, cá estou. É uma coisa meio estranha. Mas também tenho saudades tuas.

— Sim, é. Sempre pensámos que era magia... *que tolos!* Mas custa-me não te ter por perto quando preciso de desabafar.

Percebi que alguma coisa se passava. O Manel parecia-me magro e malencarado. Com um semblante de preocupação que em nada fazia parte dele. O Manel era ingenuidade, mas alegria. Generosidade e um sorriso explorador, de eterna criança de seis anos à descoberta de novos trilhos.

— O que é que tens?

— Nada de especial. Ou nada de novo.

— É a tua mãe? — perguntei. A mãe do Manel era bastante presente, prudente e preocupada, o que era raro por aquelas bandas, mas também demasiado exigente e controladora.

— É a minha mãe e a minha vida aqui.

— Sabes que, se pudesse, levava-te para Lisboa connosco, mas as coisas estão cada vez mais difíceis com a Rosa. A fonte está a secar.

— Que queres dizer?

— O Conde, claro! Anda a ameaçar deixar de lhe enviar dinheiro. Diz que, como já passaram três anos desde o nascimento do Pedrito, ninguém

acreditará nela, se agora vier dizer que o filho não é dele e da Áspera.

Aquilo preocupava-me, naturalmente. Já me parecera completamente impossível acreditar que iríamos, de facto, viver e estudar para Lisboa. Aceitei, durante os primeiros meses, que seríamos escorraçadas em menos de nada. Como é que era possível? Como é que o Conde tinha conseguido aquilo? Que duas pessoas, iletradas e de origem humilde — para não dizer coisas piores sobre a nossa origem —, tivessem lugar sentado na Cidade Universitária? Aquilo acontecia nas minhas fantasias, não na vida real. Por isso, era fácil que eu imaginasse o tipo de poder que o Conde tinha — e que percebesse com igual rapidez que, com a mesma facilidade com que ali chegáramos, poderíamos ser recambiadas para o sítio de onde havíamos partido. Afinal, tudo era um jogo, certo? De interesses e contactos e dinheiro que eu nunca, jamais em toda a vida, viria a perceber.

— Ela continua a chantageá-lo?

— Obviamente. Achas que sobrevive como?

— Devia sobreviver do mesmo modo que tu: a trabalhar.

Não contive uma gargalhada seca.

— Ora, Manel. Estamos a falar da Rosa. Sabes aquele pedacinho de simpatia dela? Aquele pedacinho de boa pessoa que sobrevivia escondido num refego qualquer do corpo? *Morreu!* Se é que algum dia existiu. Tenho dias em que lhe viro costas e finjo nem a ouvir, porque só me apetece dar-lhe dois abanões e duas chapadas. E pensar que acreditei que ela teria cura... esquece! Ela é mesmo doida. Tenho cada vez mais a certeza disso.

E tinha.

— Continua com a mania que é fina? E a andar com uns e outros?

— Igual... não sei onde ela vai parar. Qualquer dia está grávida outra vez.



Eu e a Rosa tínhamos mudado de morada, para a Calçada do Carmo, em agosto de 1964. O bebé, Pedro em homenagem ao falecido irmão do Conde — *Pedrito* para os familiares próximos e porque era mais querido, o que se tornou o seu nome oficial em todo o bairro, mesmo sem familiaridade alguma ou explicação —, nascera em abril desse mesmo ano. Foi necessário que a Rosa se mantivesse por perto nos primeiros tempos para o amamentar. O Conde exigira que assim fosse, para o menino *ter defesas*. As visitas iam à mansão adorar a criança e a Áspera vestia uma camisa de noite, pintava olheiras com sombra dos olhos e fingia que passava as noites a dar mama ao

seu rebento. *Toda uma fantochada!* Eu era visita assídua, uma vez que eu e a Rosa nos tínhamos tornado, novamente, melhores amigas, ou perto disso — *eu* era amiga dela. Evidentemente, as minhas idas à mansão eram curtas e em segredo, durante as pausas de almoço ou antes do meu regresso a casa, dado que, para o resto do mundo, a Rosa estava em Coimbra a estudar. A passividade da minha tia perante toda aquela situação era de bradar aos céus. Andava pela casa, fingindo que o filho era mesmo da Áspera e não seu neto, limpando bolçado e trocando fraldas — a madame tinha nojo e a minha prima Rosa recusava-se a fazer o que quer que fosse além de alimentar, contrariada, a criança. Eu, que julgara já ter visto de tudo, ainda me surpreendia com o desprezo com que ela olhava para o bebé. Era tão fofo e roliço. *Um amor!* A mim, só me apetecia apertá-lo e enchê-lo de beijos, mas a Rosa avisou-me para me manter longe. «*Nada de lhe ganharmos estima! Ele não é nosso!*» E eu não ripostei. Não me dizia respeito. Aquele bebé não era, de facto, meu.

Pela altura do nascimento do menino, o avô já se encontrava em franca recuperação. Não era o avô Zé de outros tempos, mas tinha voltado ao trabalho, sentava-se à mesa durante as refeições e até esboçava um ou outro sorriso para mim. Nunca falou sobre a prisão ou aquilo a que fora sujeito, e também ninguém ousou fazer-lhe pergunta alguma sobre o assunto. A avó andava mais tranquila e menos rezingona, talvez porque ultimamente se queixava de uma dor nos pulmões ao respirar, o que a deixava mais cansada e com menos vontade de tagarelar. Já a minha mãe, era raro vê-la. Fora viver com o Américo Padeiro e andava ocupada a cuidar dos cinco filhos dele, órfãos de mãe. No entanto, como o pão e os armazéns que ele tinha arrendados na zona industrial constituíam um belo rendimento mensal, ela sujeitava-se. Sublinhe-se que, a somar aos *cinco* filhos dele, havia os meus *dois* irmãos. Eu livrara-me dessa mudança marcando posição e batendo o pé para permanecer em casa dos meus avós, com o pretexto de cuidar do avô Zé — mais ninguém o faria, pelo menos não com a mesma dedicação — e a minha mãe, tal como eu esperava, pouco se importou.

Por vezes, quando a noite chegava e o tempo me sobrava para devaneios, sobretudo agora que o quarto era só meu e que podia deitar-me sem a chiadeira típica do peito do Tozé e os constantes pesadelos da Tininha, debatia-me sobre aqueles comportamentos da minha mãe e tia, e também sobre a inércia da avó, mesmo em períodos de maior necessidade. Era habitual questionar-me sobre se aquele tipo de atitude seria um grito de revolta ou escapatória, uma vez que às mulheres não era possível, na ocasião,

ambicionar muito mais do que a estabilidade proporcionada por um homem. Ou se, por outro lado, todas elas eram apenas preguiçosas e acomodadas. Certo era que todas as mulheres que eu conhecia do bairro, as que trabalhavam, porque existiam também as que viviam a cuidar da casa sob as ordens de maridos machistas e conservadores, tinham ofícios instáveis. Fazer limpezas. Horas extras na padaria. Tomar conta de crianças que depois cresciam e já não precisavam de amas — visto que se começava a trabalhar muito cedo, abandonando-se a escola e, em simultâneo, a possibilidade de almejar um melhor futuro. Mas, com exceção das bizarras típicas daquele lugarejo, as coisas estavam mais tranquilas no bairro e em casa dos avós. Isso porque ninguém sabia que em setembro eu e a Rosa iríamos estudar e viver em Lisboa. *Em Lisboa*. Ficava com dores de barriga só de me imaginar a viver na cidade grande, com todas as mudanças que isso implicaria. Deixar o cabeleireiro. Deixar o Manel. *Até* o Carlitos. Deixar a casa da minha avó de paredes cada vez mais pretas, pintadas de humidade. Deixar o bairro e as suas ruas mal cimentadas, onde eu já não andava de bicicleta. Onde só me escondia de uma vida que não queria, que não me instruíra ou pertencia. Era tempo de ir, para depois voltar. Senhora do meu nariz.



Apesar das dúvidas e de tudo o que deixaria — não acreditei até acontecer —, mudámo-nos em agosto, antes do previsto, e depois de toda a gritaria da avó que, assim, contaria com menos um salário: *o meu*.

O dia estava quente. Sufocante. Não sei se transpirava do medo, se devido aos quase quarenta graus que se sentiam nas águas-furtadas do apartamento. Tinha, no andar de baixo, uma cozinha afunilada, de móveis brancos e imaculados. Uma sala pequena com uma televisão instalada no armário de mogno, com cristaleira e serviço de mesa *Vista Alegre*. Um quarto que acabava num canto, com cama de dossel e colcha de linho branco. E, por fim, uma casa de banho inexplicavelmente mais espaçosa do que o meu quarto na casa dos avós, que daria para pista de dança de tão grande, com uma banheira comprida para banhos de imersão. No piso superior, um sótão com espaço suficiente para dormirem não duas, mas dez pessoas. O soalho era todo em madeira, e os roupeiros, dois, estavam identificados com um pequeno azulejo pintado à mão. *Luísa*, podia ler-se. Abri e contemplei toda uma exposição de saias, calças e camisas. Um casaco de inverno de gola de pelo de raposa e dois pares de botas quentes para o inverno na cidade. Nem nas melhores lojas da

vila eu alguma vez vira uma montra do género. No canto, por baixo da janela, duas secretárias e em cima duas pilhas de livros. Faculdade de Letras para mim. Faculdade de Direito para a Rosa. Ela não tinha feito a coisa por menos.

O ano letivo começou e eu parecia safar-me bem, apesar da pouca bagagem que levava comigo e especialmente por ser teimosa, perfeccionista e exigente, conseguia acompanhar. Lera durante toda a minha vida, tinha a curiosidade como segundo nome e sempre tivera facilidade em aprender. Em miúda, era um ás nos ditados e implacável nas composições, uma vez que imaginação não me faltava. E, mesmo de serviço às perucas, nunca deixara de frequentar a biblioteca, de folhear os jornais e ler-lhes as gordas e de devorar uma enciclopédia bafienta que a Áspera me havia oferecido, porque estava a livrar-se do lixo que lá tinha em casa e levou uma sacola de livros para o cabeleireiro da Judite, não fosse ela precisar de entreter as clientes. Assim, eu sabia um pouco sobre as espécies animais, geografia do mundo e astronomia. Não que fosse valer-me de muito num curso de letras, mas, pelo menos, ler muito evitava que desse erros ortográficos e ajudava na construção frásica. *Entre sujeito e predicado nunca existe vírgula.* Tinha conhecimentos limitados, mas era uma entusiasta do ensino e da aprendizagem. E muito, muito esforçada. Já a Rosa, eu sabia-o de antemão, limitar-se-ia a passear a pasta pela cidade universitária, uma vez que nunca se esforçaria minimamente por estudar ou ter bom aproveitamento, embora não fosse parva, só mandriona. Sabia que ela tinha tido aulas em casa do Conde, uma coisa a que chamavam ensino doméstico, mas duvidava de que isso lhe permitisse disfarçar a ignorância.

Subimos ao telhado e contemplámos Lisboa.

— Não foi com isto que sempre sonhaste? Liberdade? — perguntou-me a Rosa.

— Isto não é bem o conceito de liberdade que tenho em mente.

Ela revirou os olhos e deu uma passa longa no cigarro que segurava entre os dedos.

— Oh, por favor! Deixa de te queixar. Não consegues, por uma vez na vida, aproveitar o que te oferecem e viver o momento?

— Não consigo deixar de pensar que, para aqui estarmos, deste um filho em troca. E dá-me lá um cigarro.

— Mas agora também fumas?

— É crime?

— Não, não, longe de mim! Pega, vá. — Estendeu-me a mão que segurava o maço. — E, explica-me lá, Luísa, tu que sabes tudo... achas que podia ter

um filho? Sustentava-o como? E de que outra forma poderíamos sair do bairro? Olha para esta vista. Não sentes? Não te cheira? A mim cheira-me a vida. Também me cheira a bifanas, devíamos ir ali abaixo àquele café de esquina encher a mula.

Não contive um meio-sorriso. Cheirava mesmo e eu estava cheia de fome.

— Rosa, eu agradeço tudo. O teres-me incluído neste plano. O queres-me como companheira de casa. A possibilidade de estudar. Mas isso não deixa de me causar medo. E angústia. Nunca saí do bairro.

— Costumavas ser mais afoita quando éramos miúdas. E é mesmo por nunca termos saído que merecemos isto. Sempre vivemos naquela parvalheira. Rodeadas de gente estúpida. Não precisas de mais do que aquilo?

— É claro que preciso. E sempre quis mais para mim. Mas sabes que as condições, sobretudo financeiras, nunca abonaram a nosso favor. Venho com meia dúzia de escudos no bolso. A primeira coisa que vou fazer é arranjar um trabalho. Não vou ser sustentada pelo Conde. Isso é um plano teu, não meu! E nem quero imaginar a quantidade de mentiras e favores que foram prestados para conseguires tudo isto. Mas eu vou arregaçar as mangas. Livrar-me um bocadinho deste peso de...

— Faz como quiseres — interrompeu-me. — Se te apetece matar-te a trabalhar, é uma escolha tua. Sempre foste um bocado parva, mas quem sou eu para te contrariar?

— Parva? Sempre fui honesta, é isso que queres dizer? Nunca fui pretensiosa, nem tive aspirações impossíveis. Olha onde isso te levou.

— Creio que nos levou a um apartamento novo. E à possibilidade de frequentarmos a universidade. Diplomas forjados, dá para acreditar? É bom que finjas que adoras o Salazar. Safei o avô, mas já não tenho bebés que te possam salvar se fizeres asneira.



Portanto, três anos depois, em 1967, estava eu a passar as férias de verão no bairro, à conversa com o Manel — que se sentia cada vez mais sufocado naquelas ruas e casas em decadência crescente —, quando nos chegou a notícia da morte do António, o sobrinho do Conde que fora em tempos um bom partido para a Rosa. Eu fazia vinte anos em dezembro e preparava-me para entrar no terceiro ano de Faculdade. Tinha, ao contrário do expetável, um surpreendente bom aproveitamento. Talvez porque me agarrava com determinação à oportunidade que me fora vergonhosamente concedida. Não

havia um dia em que não temesse que o Conde parasse de pagar a propina. Não havia um dia em que não temesse ser despejada do nosso apartamento na baixa lisboeta, de onde contemplava o Castelo de São Jorge no topo da colina e agradecia o facto de me estar a transformar em alguém. Por essa razão, porque o medo andava de mão dada com a sorte, agarrava-me aos estudos como se dependesse daquilo como do ar que respirava. O que era um pouco verdade, visto que era para isso que eu vivia.

Aqueles três anos fora daquelas ruas de casas geminadas e ideias igualmente idênticas, independentemente da porta a que se batesse, assemelharam-se mesmo a um género de libertação. Reaprender a respirar. Reaprender a andar. Reaprender o mais básico e essencial, sem regras. Sem horas ditadas pelos outros. Sem presenças que se impunham e que me impunham coisas que não era, nem nunca desejara vir a ser. Livrar-me da minha mãe e da minha avó tinha sido, sem dúvida, o maior benefício. Também o virar costas ao cabeleireiro. À rotina. Às gentes pequeninas em tudo — inteligência e ambição.

O convívio com outras pessoas, outras ideias, tinha sido um extra com o qual não contara. E durante aqueles três anos também vivera e fizera asneiras e cometera delitos que, outrora, me pareceram coisas de livros. Embebedei-me e viciiei-me em tabaco de enrolar. E faltei a algumas aulas para ir a festas universitárias. Um mundo novo, com novas cores. Eu precisava de crescer e de aprender *todas* as matérias. E não era nenhuma santa caída do altar do Bairro das Cruzes ou freira do Convento de Mafra que, por essa altura, já sabia nem sequer existirem, já que aquilo estava mais para palácio e só havia albergado monges.

Os anos fora do bairro eram ainda poucos, porém tinha maturidade suficiente para me desenhencilhar sozinha, forçada pela vida que me quis rapidamente capaz de cuidar de mim. Arranjei trabalho num alfarrabista à porta de casa. Conseguia ir às aulas de manhã, apanhar o elétrico em direcção ao Chiado, petiscar uma sandes pelo caminho e ocupar as tardes a vender, e a ler, livros antigos. As palavras sempre tinham sido a minha verdadeira paixão e o cheiro daquele sítio era um bónus que não se media em adjetivos. Cheiro a papel. A capas gastas e a histórias narradas. A contos e fantasias que, ali estava eu para o provar, poderiam tornar-se reais. Passava tardes a devorar livros que, na biblioteca perto do bairro, jamais seriam abertos se existissem. De Hemingway a Dickens, passando por Bocage e Antero. Quando os dias estavam soalheiros e tinha uma pausa para o lanche, descia a Calçada do Sacramento e parava n'A Brasileira. Aquilo representava o mais próximo que

eu, na minha ainda curta vida, conhecera do conceito de felicidade.

Também tinha uma coisa parecida com um namorado. O Quim. Gênero de namorado, porque eu tinha receio de me dar demasiado e abrir demais o jogo. Ninguém podia descobrir que a minha entrada na faculdade se deveria a um favor pouco abençoado pela Igreja. Por isso, lanchávamos de vez em quando, dávamos uns beijinhos no Jardim da Estrela aos sábados durante a tarde e, no início daquele verão, eu mentira sobre ir visitar a minha família ao Alentejo. Sentia-me mal por isso, mas como não tencionava casar com ele não me pareceu muito importante que não conhecesse tudo da minha vida. Era mais uma boa companhia do que outra coisa. E não era lá muito bonito, o que não jogava a favor da paixão, que deveria brotar-me do corpo. Galopante e pungente. Escorreita. Mas nada disso.

Também tinha duas boas colegas de curso: a Lena e a Matilde. A essas, sim, acabei por confessar o pecado da Rosa, que me envolvia diretamente. Já éramos colegas havia algum tempo, o que mereceu a minha confiança, e elas, apesar do espanto, guardaram religiosamente segredo e compreenderam o porquê de ter sido impossível para mim negar a possibilidade de ingressar na faculdade. Talvez pudesse até, e três anos depois, chamar-lhes *amigas*, porque gostava mesmo delas — ainda não haviam defraudado expectativas, se bem que eu tinha aprendido a proteger-me para não sofrer em dobro com as derrotas e desilusões. Bebíamos cafés ao fim do dia, fumávamos cigarros nas águas-furtadas da Calçada do Carmo e as noites passadas a revelar segredos e primeiras experiências sexuais tinham outro gosto se partilhadas.



Mas, voltando ao bairro e ao António, ninguém contava com uma notícia daquelas, que mais parecia saída de um policial da Agatha Christie, de quem eu era fã.

— O António morreu — disparou a Laidinha na minha direção e do Manel, despertando-nos. Estávamos sentados no *nosso* banco, à sombra da *nostra* laranjeira, distraídos com as palavras cruzadas do jornal que ele roubara à mãe.

— O quê, Laidinha?

— O sobrinho do Conde.

— Morreu de quê? Como? É pouco mais velho do que nós.

— Assassinado! Foi encontrado com umas facadas no estômago. Ali, no

beco que dá acesso ao mercado da vila, sabem? — Apontou, como se o beco estivesse ao alcance da nossa vista. Não estava e ainda bem. — Não sei se o mataram lá, se o arrastaram depois. Não sabem quem foi. Estão umas dezenas de carros da polícia à porta da mansão e diz-se que os gritos da Áspera se ouviram em Lisboa quando lhe deram a notícia.

— Meu Deus! Já sabias disto, Manel?

— Achas? Estou a saber agora, ou já te teria dito. Quem é que terá cometido uma barbaridade dessas? Começo a ter medo de viver aqui.

— Como é que o António é assassinado às portas do bairro e não se sabe quem é o culpado? Isso é que me assusta — acrescentei.

O Manel estremeceu. Os anos não lhe haviam dado mais bravura.

— A polícia deve andar a investigar, não? — indagou num fio de voz.

— Deve ser acerto de contas — divagou a Laidinha. — Merdas do partido, com certeza. Com o Conde como tio, é estar a jeito. E para de roer as unhas, Manel! Dizem que a notícia até vai dar no Telejornal, logo à noite. Vê lá a importância do bicho. Os meus pais é que comentaram comigo que é melhor irmos ao café. Sabias que agora tem televisão, Luísa? Estamos a evoluir!

— É claro que vai dar na televisão, Laidinha — disse e acrescentei, mais baixo e um pouco para mim mesma —, é *O sobrinho do Conde da Serra*. Dou um braço em como vão culpar os comunistas.

A Laidinha não era muito inteligente, mas pelo menos tinha boa memória. Era uma coscuvilheira nata e valia-lhe a boa cabeça para guardar mexericos. Não lhe escapava um. Sabia sempre as últimas novidades do bairro e arredores e, na minha opinião, teria tido mais sucesso se tivesse enveredado pela carreira jornalística, já que era uma investigadora nata, em vez da tentativa falhada de ser médica — não saía do primeiro ano de faculdade desde os dezoito e acabaria por desistir, claro. Namorava um dos filhos do Ernesto do café e tinha mais vocação para doméstica. Contudo, porque me respeitava, nunca me havia perguntado como tinha eu conseguido ir estudar para Lisboa.

— Isto nunca mais acaba? Esta guerra? — perguntou, sem, no entanto, esperar que eu ou o Manel soubéssemos a resposta. — O António também não estava envolvido com a guerra em África? Ouvi dizer que era amigo de um inspetor que andava a recrutar africanos para passarem informações. Não sabes de nada, Luísa? Tu vives com a Rosa, e ela namorava o António.

— Nada concreto. Sei que isto, no fundo, anda tudo à volta do mesmo. Mas, desta vez, o Conde lixou-se. Se bem que não me pareça que ele tivesse muito amor ao sobrinho. E a Rosa nunca fala deles. Sei o mesmo que tu,

Laidinha.

— Mas ela andava enrolada com o António até há bem pouco tempo. Se é que não anda...

— Com o António? Há pouco tempo? Juro que não sei de nada.

E não sabia.

— Eu também não sei. Mas eu sou sempre o último a saber. O chamado *corno* — choramingou o Manel.

— Ela voltou a ser vista com ele em casa do Conde nos últimos meses. Sei por fonte segura. *Seguríssima!* E também os vi por aí, a passear de carro. Acho que ela os visita mais vezes do que julgas, Luísa. A tua colega de casa anda a esconder-te coisas. Até se comentou aqui no bairro que a finória tinha voltado às origens.

— Deixa-te disso, Laidinha, não sejas intriguista. Se calhar ela não disse à Luísa porque não era um namoro importante.

O Manel punha água na fervura, mas eu já estava longe dali, a refletir naquilo que a Laidinha acabara de insinuar. Era bem capaz de acreditar que a Rosa tivesse voltado ao bairro — *ao António* — se com isso ganhasse alguma coisa em troca. Pior era também acreditar que ela podia, de algum modo, estar ligada à morte dele. Era um pensamento terrível, mas a vida, o convívio e a desconfiança haviam-me ensinado a não negar nada *a priori*.

— Não sei se andarem por aí a passear... e a fazer outras coisas, claro, é ou não importante. Sei que ele *morreu*. E se calhar a Rosa até sabe porquê! Ou foi mesmo a Rosa quem o matou, já imaginaram? «*O sobrinho que herda tudo o que deveria ser da afilhada.*» Pensem nisto. Há sempre mais, muito mais, escondido do que aquilo que as pessoas mostram. Vão por mim.

Afinal, eu enganara-me. A Laidinha dava mais para detetive, em vez de jornalista. Ou para agoirenta. Também era boa nisso. Mas, mais grave, ela podia estar cheia de razão.

19.

Aquela última frase da Laidinha ecoava-me na cabeça: *se calhar a Rosa até sabe porquê*. Por que razão andaria ela a passear de carro com o António pelo bairro? E por que motivo mo ocultara? Julgava eu que ela não mantinha relações com aquela família, ou que as tinha exclusivamente para garantir o essencial à sua sobrevivência — por vezes exigente! — e, na realidade, ela fazia-me de parva? Andava a tramar alguma, isso era certo, porque, no que dizia respeito à Rosa, ela não dava ponto sem nó. E o António estava morto. E ela andava embrulhada com ele? Esperava, honestamente, que não estivesse envolvida noutra trapalhada na qual também me enrolasse. Preferia viver na penumbra dos seus atos desprovidos de valores. Já me chegavam os cabelos brancos, nascidos no cocuruto, que toda aquela situação faculdade-bebé-mentira me provocara. E ainda as preocupações que não conseguia evitar e que nasciam da falta de responsabilidade dela — ora eram faltas frequentes às aulas para ficar a dormir, sendo que isso ainda a mantinha no primeiro ano com um rol de disciplinas em atraso; ou porque as noitadas eram habituais; bebedeiras onde falava alto, mais do que devia, e que acabavam com o apartamento onde vivíamos cheio de estranhos a fumar erva. Havíamos combinado que ela ficaria com as águas-furtadas e eu com o quarto e a salinha do piso inferior, que tinha transformado em escritório. As festas da Rosa originavam um conjunto de noites em claro, a contar carneiros. A contar as asneiras gritadas que se diziam. A ouvir pés e gargalhadas que pareciam acontecer dentro da minha cabeça e não no sótão sobre mim. A enumerar os insultos que me faziam descaradamente através do soalho por eu declinar todos os convites para me juntar às festas — não apreciava a

companhia, mas principalmente a atitude, que era grosseira e a roçar o patético. A Rosa era tal qual um pássaro enjaulado que, quando libertado, não sabia encontrar poiso certo. Queria depenicar tudo, saltitar sobre as patitas e cantarolar num som estridente e irritante. Tinha ideias tolas que depois me relatava e que eu criticava severamente — como intercalar uísque e erva de cachimbo. Sentia-me uma espécie de mãe. Mas se nem eu tinha paciência para aturar a minha, que direito tinha de me impor aos outros? Era preferível que me mantivesse calada e quieta na minha vida a meter-me nas avarias dela. Desde assaltar carros com os amigos para roubar rádios e ir vendê-los na Feira da Ladra ao sábado, a comprar erva no Bairro Alto que depois vendia nos corredores da Faculdade. Não conseguia perceber onde tinha a cabeça. *Se é que a tinha*. Estava cada vez mais distante e alucinada, com conversas disparatadas sobre vir a ser mulher de um político rico, talvez do Marcello Caetano, quarenta anos mais velho, mas cujo Manual de Direito Administrativo tornara bíblia. Tinha-lhe uma espécie de altar no sótão, com um quadro gigante, de caixilho dourado, que o Conde lhe havia oferecido no ano em que entrara para a Faculdade de Direito. O Conde considerava que a Rosa deveria vingar precisamente em Direito Administrativo. Era uma pessoa crente, o Conde. O problema era que ela não queria vingar em nada, apenas vingar-se dela própria.

As oscilações de humor — e consequentemente de comportamento — da Rosa assustavam-me. Numa qualquer semana, queria reconstruir todos os pedaços do corpo que havia perdido. Cabeça. Coração. Mãos e pés que sentia terem ficado esquecidos anos antes. Nessa altura, chorava convulsivamente. Ficava roxa de inchada e deixava de comer. Eu fazia-lhe sopa de legumes com feijão vermelho, porque sabia que ela adorava e que a ajudaria a recuperar as forças — e porque vivia dentro de mim uma compaixão chata e intrometida que eu não conseguia calar; era mais forte do que eu aquele impulso de a salvar. Dias depois, voltava a sentar-se no telhado a fumar erva que cheirava a incenso. Dormia vinte horas seguidas e convencia-se, discursando debruçada sobre mim enquanto eu tentava estudar, que tinha de arranjar outro *Conde* que a fodesse e sustentasse, mas que, se engravidasse, não lhe daria bebé algum. Será que ela se arrependera? Que se lembrava com mais frequência do que eu supunha do bebé que abandonara à sorte naquela mansão infeliz? Achei que ela estava doente e marquei-lhe consulta de psiquiatria no Hospital de São José. Ela não foi.



No bairro, não se falava de outra coisa a não ser do António. De que tinha morrido? E como, realmente? Porquê? Teria sido vítima ou culpado da própria sorte? As más-línguas aproveitaram o ensejo para ferver uma série de culpas ao pobre diabo, que era um vaidoso e que se pôs a jeito. Sempre de peito cheio, a passear de carro lustroso. A cuspir para o chão junto às portas e a cobrar rendas inflacionadas em nome do tio.

— Avô, soubeste do António? — perguntei surpreendida, ao chegar a casa e encontrar o avô, sozinho no barracão, a alimentar os coelhos, no cantinho dedicado às capoeiras.

— Já sei, sim. Não se fala de outra coisa. Até tinha levado marmita para o trabalho, mas vim almoçar a casa para ver se havia novidades.

— Acabei de saber. Estava com o Manel quando apareceu a Laidinha e nos contou. Parece que a casa do Conde está cheia de polícias e jornalistas.

— Ainda estou em choque. Não deixa de ser um miúdo de vinte e poucos anos.

— Achas que é retaliação? Da oposição? — atrevi-me a questionar, baixando, porém, o tom de voz.

— Não sei. Sabes que tive de me afastar. Já conheciam o meu nome. E, pior, a minha cara.

Fechou a última capoeira e puxou-me para um canto. A avó Palmira andava por perto, a estender a roupa, entre *ais* e suspiros que agora largava com ainda mais frequência.

— Sim, avô. Não te envolvas nisso de novo, por favor! Toma conta de ti. Já não tens idade nem corpo para essas aventuras. E eu... bem, eu agora nem sequer vivo aqui. Não posso estar em Lisboa constantemente preocupada com a possibilidade de te prenderem outra vez.

Ele puxou-me para um abraço e sussurrou, junto ao meu cabelo cor de palha.

— Sei bem o que defendo e em quem acredito, mas sei que só cá estou fora por gentileza de quem tem poder. Deveria sentir-me grato, mas só me sinto acobardado e ainda mais triste, por não ter tido determinação suficiente para não me deixar vender. Estou aqui *por favor*. A *dever* favores. Cedi, fui fraco. E não te quero a cuidar de mim, tens toda a razão. Nem preocupada.

— Todos cedemos — assenti. — Acho que todos acabamos por ceder, em determinadas circunstâncias.

Não era fácil ter sempre fibra. Não era nada fácil.

— Estás a falar de quê, Luísa? Não te deixes corromper. *Tu, não!* Já me basta o desgosto que me deram a tua tia e prima. O facto de ter de lidar com a intrujona e oportunista da tua avó. É tudo gente que não presta, não nos enganemos mais. Não sabem no que acreditam. Não têm valores, nem moral. Dão-se por tão pouco... ah, por pouquíssimo! Olha a tua mãe, a cuidar dos filhos do padeiro por meia dúzia de tostões.

Ouvi passos. A avó aproximava-se.

— Tens razão — segredei, antes de me afastar do corpo quente dele. — E eu bem tento fazer alguma coisa por mim, mas olha à nossa volta. Não é fácil!

Antes que a avó Palmira desse connosco no barracão, quase escondidos, e impusesse a sua impertinência com perguntas e insinuações, o avô perguntou-me pela Rosa.

— Nem sei como te responder a isso...

— Pois, o costume. É que comentaram comigo hoje que ela andava com o António. Quando me deram a notícia, perguntaram como estava a minha neta Rosa, já que namorava com ele. Apanhei o queixo do chão.

— Sim, também eu. A Laidinha disse o mesmo e eu vivo com a Rosa na mesma casa e nem sabia que continuava a frequentar a mansão. Aliás, há muito dela que desconheço. Tanta peça por consertar... é uma espécie de carro velho, sabes? Arranja-se o tubo de escape e uma semana depois dá problemas na embraiagem.

— Ó Luísa, minha querida neta! Um carro não tem arranjo quando o problema está no motor. E aquele só pode acabar numa sucata.

Em todos os dias que se seguiram naquele mês de agosto, o prato do dia, servido em quase todas as casas, foi a morte do António, sobrinho do Conde. O acontecimento fez capa nos jornais, aproveitando o regime para engordar os títulos atizando as hostes por considerar que o homicídio fora assinado por forças da oposição ao Estado Novo. As velhas meteram os braços nos portões e só com a língua afiada mandaram prender mais de vinte inocentes, como se palpites fossem prova irrefutável.

No *Avante*, jornal comunista clandestino a que o avô tinha acesso, o partido defendia-se de forma descomplicada, alegando nada ter que ver com o caso. Reforçavam que a sua orientação era a de mobilizar as lutas da classe operária e trabalhadora, no sentido da defesa de uma política antifascista e contra a ditadura dos monopólios, sendo totalmente contrária à sua diretriz a existência de qualquer tipo de violência física nas disputas contra o capitalismo e contra o governo. Sublinhavam, uma vez mais, a necessidade de luta por melhores condições de vida, maiores salários e contra a guerra colonial que continuava a somar mortes. Nada de maior destaque sobre o António ou o assunto *assassinato*, visto que, para o PCP, esta figura bairrista, ainda que sobrinha de um patrão da Legião Portuguesa, não teria força suficiente para fazer moessa. E eu acreditava neles, porque, a meu ver, o problema vinha de dentro. Vinha do bairro.

A Rosa não estava em Lisboa. Procurei-a assim que fiquei a saber do seu namoro furtivo — era impossível permanecer no bairro com a cabeça afogada em conspirações e dúvidas —, mas, quando cheguei, o apartamento estava deserto. Não havia sinais dela, nem sequer um bilhete. Sempre lhe pedi que

deixássemos recado ao sair de forma inesperada, para que a outra não se preocupasse, mas ela esquecia-se dessa regra demasiadas vezes em proveito próprio. E eu também começara a esquecer-me, por pirraça. Se eu não sabia dela, a Rosa também não tinha o direito de saber de mim.

O cinzeiro estava em cima da mesa da cozinha, colado à toalha de papel plastificada e com desenhos de limões já sumidos. As beatas faziam pirâmide. Não me pareciam antigas e tinham marcas de batom vermelho. Reparei que as botas de cano alto e a saia de bombazina amarela estavam largadas no primeiro degrau das escadas que davam para o primeiro piso. De resto, tudo se mantinha como eu deixara. Louça lavada por arrumar no corredor, ferro de engomar em cima da tábua, no canto habitual da cozinha.

Voltei ao bairro sem saber o que responder a quem me perguntasse por ela. Seria de esperar que a suposta namorada do António aparecesse para o velar e, mais tarde, para lhe prestar homenagem no funeral. No entanto, ela não o fez. Não deu sinal de vida, nem de morte, para adequar a situação ao caso.

— Onde está a Rosa? — perguntou-me a minha tia, abordando-me no meio do cemitério, e puxando-me por um braço, como se tivesse outra vez sete anos e estivesse a encobrir a filha dela por algum disparate.

— Não sei, tia.

— Não vai cair bem ao Conde ela não estar no funeral. Olha para isto, está aqui todo o bairro. Toda a vila. — O tom de voz seco e ameaçador.

— Larga-me o braço, se faz favor. Eu não sei dela, já te disse! E, caso não te lembres, a filha não é minha. *É tua!* Já era tempo de te meteres ao barulho. De assumires alguma responsabilidade...

— Olha, olha, já o carapau tem tosse! *Tu* vives com ela. *Tu!* Deves saber melhor do que eu o que se passa naquela cabeça de merda. Sempre foram boas a fazer panelinha.

— E eu fui a Lisboa à procura dela, mas não a encontrei. Não deixou recado, por isso não sei... — Tinham passado alguns dias entre o espalhar da notícia e o enterro, porque tinha sido necessária a intervenção da PJ, o que atrasara o processo. Certamente a Rosa sabia da morte do António. Não estava ali porque não queria. — Já viste o tempo que a polícia demorou a libertar o corpo? Se ela não veio enterrá-lo, algum motivo deve ter, porque saberá da morte como todos nós. E eu tenho de me deixar disto de me preocupar com ela. Cada macaco no seu galho.

— Esses vossos segredinhos têm muito que se lhe diga. Juntam-se as duas com cochichos e combinações do arco-da-velha. Sempre foram assim. Desconfio que tens culpa no cartório nisto de ela se ter perdido. E não

me digas que não sabes, não te ponhas com esses ares de inteligente.

A minha paciência estava a esgotar-se, mas aquele não era o local, nem o momento. *Pensava eu*, mas era tarde demais.

— Olha, tia, já não tenho dez anos. Não vou ficar a ouvir este chorrilho de disparates. Se calhar se tu não fosses uma alcoviteira, capaz de te venderes a um homem casado, hoje ainda tinhas uma filha orientada e não uma tonta sem rumo, capaz de fornicar qualquer um. O exemplo vem de casa, sabias?

Ela puxou da mão e deu-me uma lambada. Fiquei com os anéis marcados e toda a gente assistiu àquele teatro, em pleno cemitério. A minha família era perita em montar circos em cenários fúnebres. A avó Palmira puxou do lenço e chorou ainda mais alto, qual carpideira, gritando que Deus a tinha castigado com aquela família. Concentrou todas as atenções nela quando simulou um desmaio e, repentinamente, aquilo já não se tratava do funeral do António, mas sim do putativo AVC da minha avó. O meu avô não tinha ido. Recusara-se. Dissera que até podia estar livre graças ao Conde, mas que nunca iria passear hipocrisia num momento daqueles. Eu decidi não mais dirigir a palavra à minha tia e fingir para todo o sempre que ela não pertencia à família. Já pouco via a minha mãe. Já ignorava diariamente a minha avó. Seria fácil esquecer que tinha uma tia.

Tinham aberto um inquérito para identificar o autor do homicídio. No bairro, a vida política não era o assunto do dia, por desconhecimento de causa e analfabetismo declarado. No entanto, quando o tiquetaque do relógio terminava e fazia explodir uma qualquer bomba, rapidamente se culpava o Estado Novo. Ou os comunistas. Ou o vizinho que gritava com a mulher demasiado alto e por isso acordava os miúdos. Ou aquele que ficou a dever dinheiro ao outro. Brigas de taberna. Cobranças difíceis. Tudo matéria que se desviava do assassinato, mas que, no fundo, se lhe podia misturar. Assim era *o bairro*. Uma salada mista, onde os ingredientes diferentes abundavam, mas que ninguém comia, por estar mal temperada. Talvez estivesse mesmo amaldiçoado, como rezava a lenda das cruzes, e o António mais não fosse do que um parente afastado do tal Túlio.

Horas depois da descida à terra, eu sentara-me à sombra da figueira, mas ainda assim suava em bica. Tinha o rabo praticamente colado à napa da cadeira que roubara da cozinha e não conseguia sentir-me confortável, apesar de ter no colo *A Cidade e as Serras*, do Eça, que relia sempre que me sentia a precisar de isolamento, de me distrair do mundo, de fugir para longe. O Manel apareceu.

— Credo! Estás tão pálido! Também morreste? — gracejei, tentando

aligeirar o ambiente pesado que se colava à pele.

— Já sabes o que se diz por aí?

— O quê?

— Que a Rosa não foi ao funeral porque estava no posto da GNR a confessar o crime.

Deixei cair o livro. Em vez de calor, senti um arrepio e um frio súbito.

— O quê? Espera. Não ouvi bem.

— Diz-se que a Rosa confessou que matou o António.

— Isso não pode ser verdade. Ela não teria coragem. Não o faria. — *Pois não?* — Quando é que foi isso? Onde é que ela está, sabes?

O Manel parecia aflito perante o meu desespero. Não estava habituado a ver-me perder o controlo.

— Não sei, Luísa. Mas a tua tia deve saber. E o Conde. Queres que vá lá contigo?

Disse-lhe que sim, com um acenar de cabeça frouxo. Agradei ao Manel por se ter prontificado a ir comigo e por ter feito de bengala ao levantar-me. E nos passos seguintes. Sentia-me tonta e estranhamente agoniada. Parte de mim sabia que aquilo não podia ser verdade, mas a outra parte, aquela que não parava de se surpreender com as barbaridades que a Rosa vinha a cometer ao longo das suas duas décadas de vida, dizia-me que era possível. Que era, até, *provável*. Ela tinha desaparecido todo o mês de agosto. Sem deixar bilhete. Sem deixar rasto.

Quando chegámos à porta da mansão do Conde, eu estava, como se alguma vez achasse isso possível, mais branca do que o Manel, quase sempre da cor dos muros do bairro. A minha tia, com papos nos olhos de tanto chorar, abriu-nos a porta com a simpatia habitual.

— O que é que querem? Não chega por hoje? A Rosa está a dormir. Deixei um comprimido para ver se acalma.

Eu estava cada vez mais perdida.

— A Rosa? Mas ela não está presa? Disseram-nos que se tinha entregado à polícia.

— E entregou. Perdida de bêbeda, sem tomar banho há uns quinze dias. Não sei onde andou sequer e não dizia coisa com coisa. Garantia que o tinha matado com uma paulada na cabeça. Isto porque não foi ela, claro. Inventou! Sabe Deus porquê... Eu não tenho sorte nenhuma! *Nenhuma!* Puta de vida!

Nada daquilo fazia sentido. Estariam todos, de repente, ainda mais doidos do que o habitual? É que eu sentia a minha sanidade a abandonar-me juntamente com o suor que me escorria da testa e axilas.

— Não estou a perceber. Mas ela disse que era a culpada do crime? Assumi que matou o António?

— Ela disse no posto que tinha sido ela a matar aquele imbecil. Depois, disse que a culpa era do violador do Conde. Estás a imaginar onde isto vai parar? Ligaram-nos para ir buscá-la. Olha a vergonha! Tenho-a ali deitada no quarto dos fundos, semivestida, que nem a consegui despir para lhe dar banho. Enfiei-a assim na banheira. Não sei o que fazer com ela. Leva-a para Lisboa, Luísa. Leva-a! Tu é que sabes lidar com ela. Deve ser do sangue.

— Mas a polícia não vai apurar se ela está envolvida?

— Qual envolvida, qual quê? Ninguém lhe deu crédito nenhum. Ela... olha, ela está é a precisar de ser internada. Naquele hospital para malucos, lá em Lisboa. Não está boa da cabeça e quer pôr-me doida. *Que sorte. Que sorte de um corno!* Mandeí calhaus à cruz noutra vida! Isto é castigo, só pode ser castigo!

— Ou nesta. Se calhar mandaste nesta...

— Eu ouvi.

Era essa a intenção.

— Diz-lhe que a venho buscar amanhã. Arrancamos para Lisboa no autocarro das dez e meia. E, por favor, não a deixes beber! É o mínimo que podes fazer.

21.

O regresso a Lisboa com a Rosa revelara-se mais problemático — *e dramático* — do que eu previra. Enfiou-se na cama durante dias, recusando-se a comer, a lavar-se e até a fazer as necessidades fora dos lençóis. Pensei em chamar ajuda, mas não sabia quem. O cheiro dentro do quarto era agonizante, por mais que me esforçasse por abrir janelas, forçando correntes de ar, e eu bufava em surdina. A minha paciência atingira o limite. Mais uma da Rosa e explodia.

Dava muitas vezes por mim a pensar se aturar a Rosa seria uma espécie de pagamento por algum pecado cometido numa vida passada ou se, por outro lado, serviria para me abrir diretamente as portas do Céu. Imaginava que quando lá chegasse teria uma herdade com cavalos e centenas de metros quadrados à minha espera, visto que passar por todas aquelas coisas com ela dava-me imenso crédito junto de Deus e do seu Paraíso. Quando, passados uns dez dias daquilo, e depois de muitos lençóis brancos demolhados em lixívia, lhe gritei que estava cansada e que me ia embora de vez, deixando-a entregue à sorte, pareceu despertar subitamente do seu coma — talvez porque eu tinha perdido mesmo as estribeiras; ela nunca me tinha visto tão exaltada; estava à beira do colapso de tão cansada, desesperada e capaz de me atirar da Ponte Salazar, inaugurada no ano anterior. E, se a hipótese de morrer num sítio tão feio e triste — *e com aquele nome!* — me parecia uma melhor saída para aquele inferno, seria fácil imaginar o meu desgaste. Eu deitara a toalha ao chão e estava prestes a desistir dela, da faculdade, dos meus sonhos e de mim. Parti uns quantos pratos na cozinha. Fiz voar o cinzeiro cheio de beatas velhas. Arranquei os quadros gastos das paredes descascadas por anos de uma

primeira pintura. Chamei-lhe nomes feios, daqueles que eu raramente pronunciava, e bati com a porta. Felizmente, ela acordou. Quando regresssei, horas depois e já noite dentro —, tinha deambulado sem destino por entre as ruas da baixa e ao lado do Tejo — disse-me que ia procurar trabalho e esforçar-se ao máximo para, no ano letivo seguinte, fazer as disciplinas que tinha em atraso, porque queria ser alguém na vida. Alguém *com rumo*. Eu tinha muita dificuldade em acreditar nela — os últimos dez anos da Rosa assemelhavam-se a uma montanha-russa a oscilar entre picos de humor e diferentes personalidades — porém, tentei dar o benefício da dúvida. *Que alternativa teria, afinal?* Mas, antes de avançarmos para outros temas, pus-me direita, fiz-me firme, e perguntei-lhe, sem demoras, porque me ocultara o namoro com o António, por que razão se encontrava com ele e, pior, por que raio havia dito à polícia que o matara com uma paulada.

— O passado pouco importa. O caminho é para a frente.

— Mas tu és louca? *Estás* louca? És inconsciente? Não percebes que as tuas ações afetam os outros? *Que me afetam?* Vim para Lisboa contigo, limpei-te o rabo e dei-te sopa à boca, mas isso acabou, Rosa. Isto não é uma história de sacrifício e coragem. Não pretendo ser mártir, nem andar aos caídos por ti. Faz-te à vida, por amor de Deus! Deixa de ser uma criança egoísta a quem fazem todas as vontades e que quando é contrariada arma espetáculo e vira o jogo a seu favor. Sempre foste ótima a fazeres-te de vítima. Já o fazias quando éramos miúdas... até quando era a mim que davam um pacote de amendoins por ser mais rápida a estender a roupa, lembras-te? Acabava sempre a partilhá-lo contigo, porque *«coitadinha da Rosa, era mais lenta porque caíra, ou dormira mal, ou tinha os tornozelos inchados»*.

— Calma lá contigo, ó Luísa! — insurgiu-se. — A seu tempo terás as tuas respostas. Só precisas de saber que tudo o que eu faço é por *nós*. Pelo nosso bem-estar. Tens de aprender a confiar em mim, já devias saber... Tu e essa tua mania de meteres o bedelho em tudo quanto é assunto. De queres saber mais do que deves. Não vês que a ignorância é uma bênção? És assim desde miúda. *Tem calma!* — repetiu, mas eu sentia a minha calma a abandonar-me e cada vez mais longe. — Cada coisa a seu tempo. Agora senta-te e fuma um cigarro. Falas e pensas demasiado. Vamos só desfrutar, está bem? Cheira-me a paz. E a ti?

A mim, cheirava-me a esturro.



No entanto, os meses que se seguiram foram de uma estranha serenidade, a Rosa acabou por ter razão, e só quando o Manel nos veio visitar — passar pela primeira vez um fim de semana em Lisboa — trouxe consigo o bairro e alguma agitação.

Nada mais se soubera sobre o tema *António*; constava apenas que a polícia mantinha a investigação em curso. Aquelas coisas levavam tempo, diziam. Aparentemente, o Carlitos tinha sido preso. *Outra vez!* Não mantínhamos uma relação próxima, mas parecia-me sempre que as notícias sobre ele tinham uma espécie de prioridade, porque me estavam sempre a chegar — delitos, manifestações e escaramuças em que se envolvia. Ninguém sabia se, desta vez, seria algo mais sério — por ser culpado do assassinato do António? — ou se era mais um cenário à Carlitos: descatos no centro da vila, em modo embriagado, disparando comentários menos *próprios* sobre Salazar, ou, mais especificamente, sobre a mãe dele. O meu estômago contraiu-se. Já não nutria sentimentos de natureza mais romântica por ele — estávamos, até, mais afastados do que nunca —, mas o Carlitos tinha sido o meu primeiro amor. Meu amigo de toda uma vida. E, ultimamente, eu temia por ele, ocupando *aquele tema* boa parte das minhas atenções: ele andava muito calado e isso não combinava com a sua figura desbocada. Também fiquei a saber pelo Manel que o meu avô tinha saído de casa. *Saído de casa?* Do bairro? Para onde? Ninguém me dissera nada — ou se queixara, o que também tinha uma quota-parte de surpreendente. A minha avó andava a espalhar aos sete ventos e aos setenta vizinhos que ele só podia ter outra mulher. Uma qualquer velhaca mais nova que se aproveitara dele. Mas com que objetivo? O avô não era um bom mealheiro. Aquilo soava-me estranho e comecei a temer que também ele tivesse sido preso. Aquele silêncio era atípico e a incerteza gerava em mim uma certa paranoia — traumas do passado, claramente. Decidi, na sequência da conversa, que iria ao bairro na semana seguinte apurar o que se passava. *Se queres as coisas bem feitas, fá-las tu.*

A Rosa, com todas estas notícias trazidas pelo Manel em primeira mão, deixou de estar em banho-maria. Despertou num ápice. Agarrou no maço de tabaco e foi sentar-se no telhado sem nos convidar, sinal claro de que aquela cabeça atrofiada estava a carburar mal. Mas a Rosa raramente gostava de falar do Carlitos. Bufava, cuspiam para o ar três ou quatro asneiras e nomes menos bonitos a propósito dele e vaticinava-lhe um futuro menos feliz. «*Esse energúmeno! Morrer como o António ainda era pouco!*» Eu encolhia os ombros. Aprendera que o melhor era ignorá-la. Principalmente quando soltava disparates — o que acontecia com frequência.

— Como têm estado as coisas com ela? — perguntou o Manel quando a Rosa se afastou.

— Até agora, milagrosamente bem. Mas ir para o telhado sozinha fumar era coisa que não acontecia há algum tempo.

— Ela alguma vez te explicou o namoro com o António, Luísa?

— Nada — respondi, sentindo a nuvem negra que aquele assunto fazia pairar sobre mim. — Sei que foi outra vez interrogada pela polícia, mas nunca abriu o cofre. Sete chaves. Ela não joga com o baralho todo, mas também já não me preocupo muito. Se andasse sempre a tentar perceber o que *faz* a Rosa, as *escolhas* da Rosa, o que *pensa* a Rosa, dava em maluca. Desde que me deixe quieta no meu canto a viver a minha vida... Preocupa-me mais o meu avô.

— Ela é doida. E é assim desde a carraça.

— É mesmo!

Rimo-nos os dois. Nunca havíamos de ultrapassar a carraça que comera o cérebro da Rosa aos dez anos.

— Mas aquele bairro suga a felicidade a uma pessoa — continuou o Manel. — Nem te sei explicar... tinhas de continuar a viver lá para perceberes. Tenho dias em que sinto que vou enlouquecer se lá ficar durante muito mais tempo. Mas tenho a minha mãe e não consigo abandoná-la. O que é que lhe resta? E, por outro lado... gosto daquilo. Traz-me boas recordações. As únicas felizes da minha vida. É um sentimento esquisito: gostar e odiar em paralelo, sabes?

Sabia. Sentia o mesmo. Não só pelo bairro, mas pela minha prima que tossia lá fora sentada sobre o telhado, lembrando-me da sua presença.

— Eu sei... e compreendo. Se calhar, se fosse só eu e o meu avô, também lá teria ficado. Tenho muitas saudades dele. Mas *só* dele — sublinhei. — Rezo para que não tenha sido preso novamente. Desta vez não há Conde que nos valha, com tudo o que tem acontecido.

— Se soubesse que ias ficar nessa ralação, não te teria contado..., mas também não acho justo que não saibas.

— Fizeste muito bem em contar-me, Manel. Se não for eu a preocupar-me com ele, mais ninguém o fará.

Permaneci em silêncio durante uns minutos, antes de me aventurar no outro tema que me preocupava:

— E o Carlitos? Que coisa estranha.

— Os irmãos mais novos dizem que não se querem meter. Que ele e o Luís já causaram dores de cabeça suficientes à Ruiva. Com o pai morto e a terem

todos de sustentar o lar, acredito que não deve ser fácil para nenhum deles. Sabes que naquela casa, à mesa, sempre foram mais as bocas do que as cadeiras... lembras-te de quando diziam lá no bairro que eles dividiam uma sardinha por sete? Ainda assim, as pessoas não param de me surpreender. Como é que aquele Carlitos ainda não aprendeu a estar calado? O que tem de bonito tem de estúpido.

— Olha, olha... a sair da casca. Com que então também o achas bonito? Não sou só eu! A diferença é que aqui a Luísa admitiu mais cedo... quando ainda tínhamos borbulhas e eu continuava a achá-lo *lindo*. — O Manel deu-me um murro no ombro igual aos de antigamente. — E olha a minha mãe... Se quisermos falar de mães que ignoram filhos e de dificuldades, ela é o melhor exemplo. Fez-me isso a vida inteira! Até quando eu vivia debaixo do mesmo teto. — Aquele teto cheio de rachas e pintas pretas. Tinha um medo de morte que me caísse em cima, mas a minha mãe gritava-me, quando lhe pedia colo, para eu fingir que eram moscas, em vez de buracos bafientos. — Na verdade, acho que ela nunca gostou muito de mim, Manel. É triste, mas é verdade. Nem eu dela. Não é preciso sermos fingidas.

O Manel olhou para mim, contemplativo. Olhou, mas sem absorver nada do meu rosto. Estava no bairro, muitos anos antes.

— Às vezes, entre o trabalho e os recados, dou por mim a pensar em ti e juro que não sei como aguentas. Ou como te tornaste uma pessoa tão equilibrada. A viveres no meio desta quantidade de gente demente e cheia de problemas. Eu aturo a minha mãe, é verdade, mas ela não se mete em emburalhadas. É rígida, mas carinhosa. Tu tens uma avó doida, uma mãe desapegada, tiveste um pai meio maluco e um avô comuna. Não tens ligação com os teus irmãos, por culpa da vossa própria mãe, e ainda aturas a Rosa. *Todos os dias*. Essa então faz-te merecer uma medalha de ouro, Luísa. *Medalha de Ouro*.

— Dizes tu que sou equilibrada? Olha que tenho dias em que também acho que estou a passar para o outro lado. A ficar um bocadinho doida. Em que sinto que tenho o bairro a viver dentro de mim, com todas as suas manhas e gentes. Mas normalmente ligo o gira-discos que aí temos e tudo passa. — Levantei-me, dirigindo-me ao armário onde o aparelho estava. Podia ouvir a minha prima a saltar da janela, para dentro do sótão. Iria, provavelmente, juntar-se a nós e a conversa teria necessariamente de acabar. — A Rosa arranjou-o na Feira da Ladra, sabe Deus como. *Quem dança seus males espanta*. Não é assim?

— Não, sua tola! *Quem canta seus males espanta*. Sempre foste péssima em

provérbios.

— Acredita que sou muito pior a cantar!

22.

Cheirava a terra molhada e a refogado. A rua dos meus avós tinha sempre aquele aroma a cebolas cortadas às rodelas a alourar em azeite. Sempre supus que seria a vizinha Carlota. Fazia Bacalhau à Brás e Arroz de Pato para vender para fora. Era um cheiro tão familiar como o da casa da minha avó. Um misto de naftalina com couves cozidas. Não tão agradável.

Quando era pequena, jogava a uma espécie de *macaca inventada*. Não podíamos pisar as fissuras do pavimento, sob pena de ficarmos prisioneiros no quintal da Tila que tinha um cão cheio de pulgas. Era curioso como aos vinte anos ainda conhecia as marcas de cor. Era capaz de vedar os olhos, com uma meia do avô, e saltitar ao pé-coxinho sem pisar as linhas proibidas marcadas no chão de cimento. E era sempre ao pé-coxinho que chegava ao portão dianteiro da casa dos meus avós, saltando lá para dentro como se me estivessem a ver. Há tradições da infância que temos de manter vivas, porque, se as abandonamos, fazemos também morrer parte de nós. O esquecimento era um inimigo traiçoeiro. Um abismo negro. E as melhores recordações eram as que perduravam no tempo. As que se guardavam em álbuns fotográficos eternos. Sem humidade que as escurecesse.

— Avó? — perguntei, entreabrindo a porta da cozinha e espreitando lá para dentro. A voz dela chegou-me da sala.

— Luísa?

Apareceu diante de mim com um ar desvairado. Avental à banda. Cabelos fora do carrapito e completamente brancos. Estava magra e cheia de rugas e, à luz clara da janela, da porta aberta atrás de mim, pareceu-me muito mais velha.

— O Manel foi a Lisboa. Contou-me que o avô saiu de casa.

— Saiu e não volta, isso te garanto! — Comia qualquer coisa e limpou a boca de forma persistente a um pano da louça puído. — Não ando aqui a aparar mais golpes.

— Isso foi há quanto tempo? — Era melhor ir direta à questão.

— Há uma semana, se tanto.

— E ninguém me diz? Sou sempre a última a saber aquilo que se passa nesta casa?

Olhou-me com fúria, como se aquela empreitada de se tornar uma vítima fosse exclusivamente dela e, puxando as atenções para mim, o seu papel de protagonista fosse posto em causa.

— Não te foste embora? E não és tão amiguinha dele? Pensei que te contasse.

— Contar-me o quê?

— Que se foi com outra! — Senti um certo regozijo no tom de voz usado. Como se manchar a imagem do avô perante a neta, a imagem imaculada que eu tinha dele, lhe desse um prazer mórbido. — Não sabes que os homens chegam ali a uma certa idade e têm medo de lhe perder a força? Então arranjam miúdas novas. Sem este cabelo branco palha-d'ação que tenho de domar num carrapito. Sabias que ele dizia que eu estava com ar de velha? Vê se pode. Um filho da puta daqueles! Andei aqui a lavar-lhe a roupa, a fazer-lhe sopa quando veio todo fodido de Peniche... foi com outra! Dizem os comparsas que são coisas do partido. Partido o tanas!

— Olha a língua. — Sempre me incomodara aquela boca porca da avó Palmira.

— Olha a língua, nada! Na minha casa falo como bem entendo. E pouco afiada está ela, que se eu pudesse dizer tudo o que quero... Aquele grandessíssimo filho da puta! Ando eu aqui anos a aturar o velho para isto. Primeiro, foi preso. Depois, ficou para aí... o imprestável. E agora desaparece sem rasto, como se tivesse dezoito anos e perdido a vergonha.

— Eu já devia prever que vir aqui não me levaria a nada.

— Pois não. E é bom que te vás, tal como ele. Tu... tu, não! *Vocês!* Vocês e essa merda de ideias de esquerda. Olha onde nos levaram! Classe trabalhadora, defendem vocês? Eu vi o que ele trabalhou. Nos últimos anos, a fazer cartazes. A distribuir esse jornal *Avante* que enfiava no barracão, atrás do armário das ferramentas. Ele julga que eu sou parva? Posso não saber de políticas, mas as limpezas sou eu que as faço e bem os via lá escondidos! Fui uma moura de trabalho toda a vida, a cuidar desta casa e de todos vocês. Este

bairro vai matar-me, Luísa, e a culpa é toda vossa.

— Olha, avô, eu não sei que mal te fiz todos estes anos... que culpa tenho eu no meio disto? Nunca te vi fazer outra coisa senão queixares-te. Nunca deste valor à tua família. Caraças, podíamos ser todos tão mais felizes e menos rancorosos. Não percebo. Juro que não percebo... Tenho culpa de ter nascido?

— Ah, Luísa, Luísa... sai antes que eu fale demais. Pudesse eu dizer-te a culpa que tens! E *valor à família*? Larga os livros, rapariga! Mas que porra de valor têm vocês? É agora, com esta idade, que vou limpar a padaria ainda de noite. Que vou tomar conta dos netos da Adélia em troca de meia dúzia de escudos. Isto para não passar fome. E tu? Andas lá a pavonear-te por Lisboa, a fingir que és rica e esperta. Depois vens aqui, no verão, esfregar-nos na cara as tuas palavras chiques e conhecimentos do mundo. Sai daqui, desanda! Não pertences a este sítio. Mais do bairro é a tua prima Rosa, que pelo menos não se arma, não despiu os maus modos e continua a ser bruta como uma porta.

E eu saí. Porque pouco havia para acrescentar.



No bairro, nada se sabia acerca do paradeiro do avô. Nenhum compincha de café, ou do jogo da sueca. O avô tinha simplesmente desaparecido. Acreditei, com convicção, que estaria envolvido em alguma ação furtiva, a congeminar em surdina uma qualquer manifestação pelo povo, a que também eu pertencia, ao contrário do que a minha avó fazia crer. Decidi, até porque a única pessoa que me vinculava àquela casa também a tinha abandonado, nunca mais lá entrar. Mal sabia quanto o futuro me trocaria as voltas.

As palavras da avó cravaram-se no meu peito como chagas abertas a brotar pus. Tinham sido ditas com rancor. Mágoa. Inveja. Com o azedume que lhe era característico, mas cuspidas como balas. Como se me quisesse atacar e culpar pelo infortúnio que era a sua própria sorte. Tinha de condenar alguém. Estava desequilibrada. Destroçada, talvez — não pela perda do companheiro de uma vida, mas por ter, finalmente, de arregaçar as mangas e trabalhar para ter o que comer. Não vi a minha mãe. Também não a procurei. A única mãe de que me ocupei foi a Ruiva. Precisava, também, de saber novidades do Carlitos.

— Ele já foi solto — disse-me quando lhe bati à porta e perguntei pelo filho. — Falta de provas, segundo dizem. Provas de quê? Nem sei de que é acusado. Estes miúdos dão comigo em maluca, Luísa. Até porque ele não

voltou para casa.

— Não voltou para casa?

— Está para Lisboa.

— Mas onde?

— Não sei. Apareceu aqui, meteu meia dúzia de peças de roupa num saco de pano e arrancou. Só me disse que ia para Lisboa. E que lamentava — acrescentou, baixando a cabeça e olhando para os pés. Tinha começado a chorar, mas, perante o seu embaraço, não o comentei. A Ruiva era o tipo de mulher que não podia vacilar perante os outros. Jamais, em caso algum, mostraria um sinal de fraqueza, por mais que apanhasse da vida.

— Mas ele foi preso porquê? Foi a PIDE?

Ergueu a cabeça rapidamente, olhando em volta e puxando-me por um braço para debaixo do telheiro. O mesmo onde eu me sentara à sombra anos antes a comer figos, mas mais desgastado. Tal como ela.

— Cala-te! Fala baixo. Se te ouvem pronunciar isso à minha porta, amanhã perco outro filho.

— Acha que está relacionado com a morte do António?

— Diz-se por aí que sim, que havia suspeitas contra ele. Olha, cá entre nós, chega-te aqui — aproximou o corpo franzino do meu e falou em surdina —, o Luís tem dedo nisto, cheira-me. Deve ter encomendado alguma coisa ao irmão. Mas eu não me vou meter. Só sei que ele está para Lisboa. Deve haver quem te informe melhor do que eu. Talvez a tua prima Rosa. Andaram aí os dois aos cochichos, antes de ele arrancar.

E era tudo sobre a Rosa. Embrulhada como um presente de Natal embruxado que dentro de um caixote gigante nos parecia formidável, mas que, depois de aberto, se revelava cheio de papéis de jornal amarelecidos. O Carlitos e a Rosa? Era só o que me faltava.

23.

Começava a sentir-me estúpida, mais ainda do que era habitual quando se tratava da Rosa — ela sempre tivera esse dom: o de fazer nascer em mim um lado inseguro, um tanto idiota, que parecia sempre sobressair quando se tratava de ser racional. Agora, todas as pessoas citavam a Rosa. Ou sabiam algo sobre ela que eu desconhecia. Que se tornara subitamente misteriosa eu já havia percebido, mas o que me causava náuseas naquele momento era pensar até que ponto o seu secretismo e aquela atitude enigmática estavam a condená-la ao abismo. Mais ainda: arrastando outros com ela.

Estaria a Rosa envolvida na prisão do Luís, irmão do Carlitos? Na detenção e desaparecimento do nosso avô? Na morte do António? Teria sido mesmo ela a culpada, apesar da pouca credibilidade que a polícia lhe dera? Quiçá as supostas mentiras que me garantiu ter dito no posto da GNR não fossem, afinal, fruto do álcool, mas sim de um inconsciente que ganhava corpo, dava voltas na cama e lhe tirava o sono.

Ultimamente, apresentava-se sempre de copo na mão direita e cigarro na esquerda. Tinha olheiras cavadas, saídas de um filme de terror. O cabelo, outrora brilhante, era agora baço e lamacento. Os lábios frequentemente escuros e os dentes a apodrecer — um coração preto desenhado no meio dos dois da frente. Estava a perder-se. E eu a perdê-la. Quem era a Rosa? Se tivéssemos de fazer, como antigamente a professora Lurdes nos exigia, uma redação sobre quem éramos e o que gostávamos mais de fazer, que diria a da Rosa? Seria uma folha em branco, por nem ela saber quem era? Ou estaria pejada de nomes e ideias e caminhos sem rumo, um livro inteiro, páginas e páginas de um enredo de reviravoltas e cenas chocantes? Cenas picantes,

podia apostar, como as dos livros que o Carlitos roubava à mãe e copiava. E onde é que esse estaria? Que súbita relação seria aquela? Eu não queria preocupar-me, mas a verdade era que aquelas eram as personagens da minha história, que, nos últimos tempos, me parecia um policial.



A noite caía silenciosa enquanto eu caminhava para o nosso apartamento. Um pé à frente do outro, sem muita convicção. A cabeça perdida em dezenas de dúvidas. O olhar a absorver os sinais de que um inverno se aproximava. O vendedor de castanhas já havia recolhido o carro, deixando apenas um rasto de carvão usado e molhado na estrada íngreme. Era urgente que eu comesse a pensar no que pretendia fazer quando terminasse a faculdade. Procurar um emprego e um quarto onde dormir. Aquela dependência do Conde e, conseqüentemente, das loucuras da Rosa, tinha de ter um fim. Isto se ele não decidisse terminar o arrendamento forçado antes mesmo de eu acabar o curso de Letras. Já chegava de viver com a corda na garganta. Se morresse enforcada, a culpa seria somente minha.

A calçada era difícil de subir para quem vinha dos Restauradores, especialmente com tanto peso sobre os ombros. A estação do Rossio permanecia tranquila. Estava um frio húmido e suportável e chovia desde manhã cedo, não com muita violência, mas de forma constante. Ao chegar à nossa rua, entrei primeiro no café da esquina, antes de me aventurar na subida das escadas do prédio de madeira e a pique, que exigiriam outro esforço da minha parte. A Dona Aurora, ao servir-me num pires o último croquete da sua montra de vidros baços e alumínio, garantiu-me:

— Isto agora vai dar chuva a sério. Tenho aqui um joelho que não faz senão doer-me.

Era dia 25 de novembro de 1967 e não se enganou na profecia. Naquela noite, choveu a bom chover. Uma chuva que fez história.

Quando entrei no apartamento, antes de poder sequer imaginar o que nos esperava na manhã seguinte, a Rosa estava com os olhos esborratados até à boca e sentada na mesa da cozinha. Estivera a chorar.

— Fiz uma coisa horrível.

Mais uma, pensei.

— Estiveste a beber outra vez? — perguntei, vendo uma garrafa de tinto vazia sobre a mesa. Não me lembrava de a ter visto ali, antes de sair naquela manhã.

— Fiz uma coisa horrível.

Virei-me para o lava-louça e enchi um copo com água. Bebi-o de uma vez e no final suspirei. Estava tão cansada daquilo que poucas forças me restavam sequer para discutir.

— Rosa, isto não pode continuar. Eu não consigo viver assim. Estás descontrolada. Venho do bairro e já não sei que te diga. O Carlitos preso, o avô desaparecido. Todos insinuam que sabes o que se passa. Eu sinto-me uma idiota. *Uma idiota!* Já não te reconheço... se é que algum dia foste sincera comigo. A minha paciência acabou.

— Preciso de ajuda.

— Mas eu não consigo ajudar-te, Rosa. És um caso perdido! Roubas para contrabandear em feiras. Bebes. Fumas droga e vendes. Não aproveitas a oportunidade que a vida te deu... caramba, já não sei que te faça!

Com a Rosa nunca nada era equilibrado. *Estável*. Vivia-se numa constante dicotomia, entre extremos opostos e extenuantes que me faziam sentir sempre uma acrobata, prestes a tombar de um fio de arame. E se não tivesse cuidado, seria mesmo a próxima a cair. Tudo aquilo teria consequências na minha vida.

— Fiz uma coisa horrível e...

— Para de repetir isso! — gritei-lhe.

— E o António descobriu.

— O António o quê? Descobriu o quê? — perguntei, sem perceber onde ela queria chegar.

— Ele viu uma marca de nascença no Pedrito... uma marca igual à do Carlitos. No pulso esquerdo.

— Rosa, não estou a perceber.

— O miúdo! O filho que eu dei ao Conde... O Pedrito. Ele é filho do Carlitos.

— Do Carlitos?

Senti o chão fugir-me e uma rigidez esmagadora no centro do peito. Não tinha a certeza se respiraria outra vez.

— O António descobriu, porque viu uma marca no miúdo. Ele já sabia que o Pedrito era meu filho e não da Áspera. Só que julgava que era *meu* filho e do *Conde*. Uma longa história... enfim, disse que ia contar ao Conde, despachar o Pedrito para uma instituição e manchar o meu nome para sempre. Chamou-me puta oportunista! Gritou-me que eu havia de ir parar a Peniche e estar tantas horas em pé e sem dormir que havia de pedir para morrer.

— Oh, meu Deus, Rosa. — Eu sentia o medo ganhar forma dentro de

mim. Aquilo era mau. Era *muito* mau. — O que é que fizeste? Como é que o miúdo é filho do Carlitos?

— Olha, queres que te explique? Sentei-me de perna aberta atrás do muro da Eugénia, várias vezes e vários dias, e deixei-o entrar à força, como ele gosta. Fora a vez no barracão, a que chamavas *esconderijo*. Serviu bem para esconder isso!

Eu não sabia o que responder. E já não conseguia olhar para ela. Percorri o espaço que nos separava até à janela e fitei, sem realmente ver, um casal de pombos no parapeito do apartamento em frente.

— Não sejas pudica, Luísa! Não era isso que querias saber? Sim, eu fodi o Carlitos. *Várias vezes*. Nunca te contei, porque... olha, porque sabia da tua paixoneta por ele. Mas nunca foi nada sério, garanto-te. Na verdade, ele nem gostava de mim, ou eu dele, mas para isso servia. *Servíamos um ao outro*. Eu também me aproveitei. É assim tão descabido uma mulher gostar de sexo? Só os homens é que podem? Faz-me sentir viva, sei lá. É das poucas coisas na vida que me dão prazer. Ainda hoje... embora, nem sempre. Deixa lá, não vais entender.

Doía-me o estômago. Talvez por culpa dos murros certos que ela me dava. O meu coração estava esmagado e escondido entre as costelas, mas o pior era a apatia. Eu não conseguia falar.

— Não vais dizer nada?

— Não sei o que te diga — respondi, sem me virar. Não queria que ela visse as lágrimas que me nasciam nos olhos.

— Sabes qual é o teu problema, Luísa? Só vês o que está à tua frente. Só és perspicaz para algumas coisas. Vives dentro do teu mundo que é uma utopia e recusas-te a acordar. És demasiado crente...

— *Crente...* — repeti. Era verdade. Crente e estúpida.

— Mas eu preciso de ajuda. Não sei o que faça.

— Em relação a quê? — indaguei, virando-me finalmente. Era inimaginável que ela ainda ousasse pedir-me o quer que fosse depois daquilo.

— Em relação à morte do outro anormal, que julgava que tinha um plano infalível para enriquecermos os dois, e vê a merda que deu. Achas que eu *namorava* o António por que motivo? Tinha de o manter por perto... ele era astuto. Eu queria lá saber do António. Nunca quis! Mas a minha mãe vendeu-me esta história toda a vida, de que devia ser condescendente e fazer o que ele queria para ser alguém na vida. Vê no que deu. Achas que *sou* alguém na vida, que *sou* feliz? Ando aqui a engolir isto há meses e a fingir que não me importo. Só que eu tenho coração, porra! E o gajo descobriu a marca e a coisa

descambou e deu merda da grossa... e eu fiz uma coisa horrível!

Deixei de a ouvir. Era o rosto do Carlitos que me encarava, como se a Rosa se tivesse transfigurado. Quem era o Carlitos, afinal? Será que ele soubera, todo aquele tempo, que era o pai do miúdo? Que me escondera isso? Julgava-o uma pessoa de valores — impulsiva, desbocada e inconsequente, por vezes —, mas capaz de definir prioridades e defender o que era certo.

— E o Carlitos? Sabe de tudo isto?

— Não exatamente — respondeu-me. — Esse é o problema. Quando o António descobriu que o Carlitos era o pai e me apertou, virei o jogo. Fui à procura do Carlitos e disse-lhe que o irmão Luís tinha morrido e que o responsável era o Conde. E, naturalmente, que se quisesse vingar-se tinha de lhe atacar o inútil do sobrinho. Era a única maneira que eu tinha de calar o António, ou ele chibava-se sobre o miúdo e lá se ia Lisboa, lá se ia a nossa oportunidade! *A nossa vida!*

— E o Carlitos? O que é que fez? — perguntei, entre soluços, já pouco apreensiva pelo facto de estar a chorar. Eu sabia a resposta.

— Matou-o. Calou-o de vez! Foi ele, Luísa. Foi o Carlitos quem matou o António. E a culpa é minha.

24.

Teria a Rosa endoidecido? Nada daquilo fazia sentido. O Carlitos não podia ser o pai do filho da Rosa. *Ou podia?* Talvez nem ela soubesse, inicialmente, que o Pedrito era dele, mas sabia que se tinham deitado no esconderijo da Ti Orquídea — o *meu* esconderijo — e nunca mo dissera. A dor era aguda e agonizante. A boca sabia-me a traição. A pior de todas até ao momento.

A Rosa fumou um maço de seguida, a tossir em intervalos. Cuspiu-se e babou-se enquanto dissecava a história. Enquanto gritava ter errado — como se isso lhe valesse de muito! Fez voar a succulenta que enfeitava a mesa, os talheres expostos num corredor redondo de latão. Eu assisti, apenas, encostada na ombreira da porta lacada em branco. Certamente a misturar-me na cor. A mastigar cigarros, também. A confundir-me ainda mais. Era medonho o cenário, mas mais dantesca a história. Eu precisava de um comprimido para a dor de cabeça. Ou de dez.

— E onde é que ele está?

— Quem?

— O Carlitos, Rosa. A mãe dele diz que foi solto e que veio para Lisboa, mas não sabe para onde — expliquei.

— Ele não foi preso pela morte do António. Disso, ninguém desconfia. Ele foi preso por causa do partido. Andou outra vez a sondar as pessoas erradas. Depois queixa-se de ir dentro.

— Então, quando o Manel nos contou que o Carlitos tinha sido preso, tu já sabias? Sabias de tudo isto?

— Claro que já. Tu ainda não percebeste que eu estou sempre um passo à frente? Aliás, uns dez? E sabia do avô...

— Então por que motivo ficaste com aquele ar e foste fumar sozinha?

Ela bufou e olhou para mim como se eu fosse realmente estúpida.

— Porque a bomba estava prestes a explodir, Luísa. *Na minha cara!* Isto está tudo uma embrulhada desgraçada, e só espero não vir a lixar-me. Confessei o crime, viste? Ou inventei, vá. Nem sei onde tinha a cabeça, mas... às vezes bebo e perco o norte. A concentração. Fica tudo turvo... preciso mesmo de ajuda, Luísa. Acho que estou doente, e quanto ao avô...

Começou a chover torrencialmente. Não sei que horas dava o relógio de cuco pregado na sala, mas a chuva assustou-nos e interrompeu-nos a conversa. Antes de recuperarmos o fôlego, corremos para a janela da sala, que dava para a Calçada lá fora, e vimos a água a escorrer, qual rio Tejo desirmanado. O rio tinha parido um filho, que escoava rua abaixo enegrecido pela lama. Era aterrador. A chuva parecia não cessar e a corrente ganhava força. Ouvimos gritos ao longe e vimos carros dançar como se boiassem nas águas turvas. Senti-me tremer de frio e olhei para os pés descalços sobre o soalho de taco desgastado. Tive medo. Que calamidade era aquela? Que grito era aquele da Mãe Natureza que acordara de noite, sem medo do frio e das horas, para nos mostrar quem mandava? A Rosa estava lívida. Pregada à janela de vidro com a testa encostada e o bafo quente a impedi-la de ver com clareza. Quando é que ela passaria a ver com clareza? Era preciso a Natureza gritar-lhe, varrer-lhe os males com águas que transbordavam valetas?

Deitei-me com a certeza de que a Rosa tinha enlouquecido. Não sabia que doença era aquela que se alojara no corpo roliço da minha prima, mas era premente que me afastasse sob pena de ser contagiosa. Um frio estranho percorreu-me a espinha e tapei a cabeça com os cobertores, evitando o barulho da chuva — que continuava a cair — lá fora. Onde é que estaria o Carlitos? E o avô?

Não conseguia evitar aquele sentimento de iminente desgraça que me arrastava para um abismo. Talvez vivesse debaixo da minha pele, a correr-me nas veias e infetando-me o sangue. Tinha o bairro dentro de mim e uma cruz pesada sobre as costas, que me obrigava a concentrar-me, mesmo não querendo, mais nos outros do que em mim mesma. E, pior, sentia que toda a vida tinha sido assim. Um fosso gritante entre o que eu almejava alcançar — os meus sonhos, fossem eles utópicos ou não, como dissera a Rosa — e aquilo que acontecia na realidade — a constante necessidade de me envolver nas histórias dos outros, tentando salvá-los. Se refletisse nisso, assustava-me, já que sentia que andara todos aqueles anos escondida sob uma carapaça, despida de reais valores e a viver a vida que outros forçavam. E, aqui, não se tratava

apenas da Rosa. As preocupações com o avô. A espécie de amor platônico, um fio ténue, mas inquebrável, que me ligava ao Carlitos. E eu a carregá-los, noite e dia, sobre o peito, mesmo sem os ver. Mesmo não sabendo que iam comigo e que se uniam à minha carne.

Acendi a luz fraca do candeeiro de porcelana que descansava sobre a mesa de cabeceira. Peguei no livro de correspondência reunida de Florbela Espanca e abri-o aleatoriamente, à procura do sono.

Este anoitecer vai ser divino, como debes calcular. Foi sempre a minha hora de tragédia, a hora dos meus nervos dolorosos, dos meus pensamentos doidos; foi sempre, a noitinha, o meu grande calvário onde sobem devagarinho, em passos lentos, todas as minhas dores de muitos anos, todas as mágoas que me têm dado, e é nesta hora que eu rezo o meu verso, não sei de que soneto: «Ergue-se a minha cruz dos desalentos».

Não preguei olho toda a noite. Nem eu, nem a chuva.

25.

Na manhã seguinte, saí cedo de casa. *Sozinha*. A Rosa não estava na cama, nem em parte alguma, quando me levantei. A dada altura devo ter adormecido, ou teria dado pelo seu estranho madrugar. Ou talvez se tivesse esgueirado em surdina. *Mau presságio*. As minhas galochas estavam cheias de lama. Tinha deixado de lhes ver a cor de origem mal assentara os pés na rua. Não conseguia perceber se tinha chovido água, se terra, mas a enxurrada deixara Lisboa maltratada. A Emissora Nacional já havia noticiado o caos que se instalara. Ao passar pela loja do *meu* alfarrabista, uns metros acima da porta do nosso apartamento, deparei com o Sr. Amadeu lavado em lágrimas e sem vergonha disso, o que era raro na condição masculina, o rosto tão molhado quanto os livros ensopados, empilhados em cima de caixas de cartão prontas a serem carregadas. Tinha na cara a dor de quem perde um ente querido. O cheiro a mofo que se misturava com o da terra molhada entrava-me na cabeça, a ponto de a deixar tonta. Ele tinha os ombros caídos. As mãos sujas de pó e de letras perdidas. Limpava as lombadas com um pano esburacado e encafuava o que conseguia nas caixas de cartão também já húmidas.

— Foi-se tudo, Luísa. Tudo o que estava arrumado da altura dos joelhos para baixo está molhado. A água entrou como um tanque. Não sei que raio aconteceu. Meia Lisboa está morta.

Eu não tinha noção dos estragos, mas não foi necessário andar muito para o perceber. O café da Aurora tinha água até às mesas, por ficar no fim da descida acentuada da calçada. Toda a mercadoria, ainda que arrumada sobre paletes, estava perdida. Ela, de vassoura a empurrar a chuva que lhe lavara o negócio, tinha a testa suada e a bata suja na zona da cintura. Dizia, entre um

choro já mudo e as palmadas nos ombros dadas por Glória, a sua filha grávida, que para os lados de Odivelas a coisa estava negra. Já se contavam centenas de mortos, depositados pelos bombeiros como sardinhas sobre chapas — antigos telhados transformados em urnas. Mais acima, o Quartel do Carmo não dava conta dos apelos, dos gritos das famílias que desenterravam filhos e pais da lama.

Lisboa estava de luto naquela manhã de domingo — e estaria nas próximas. Decidi pôr em espera todos os problemas que faziam fila no meu cérebro, até porque ele se concentrava no nosso bairro. Será que lá teria chovido assim? As casas do bairro não o suportariam. De nada valeriam as panelas à espera de pingas, com tantas rachas e telhas partidas.

— Luísa, ainda bem que te encontro!

Virei-me, assustada, perdida em pensamentos e no meio do caos. A Lena apressava-se na minha direção. Vivia ali perto.

— Ó Lena, já viste isto? Está tudo cheio de água. Os carros virados. As pessoas perderam tudo. Não sei o que fazer — admiti. — Como é que podemos ajudar?

— É mesmo por isso que aqui estou. Vim à tua procura, mas apesar de ter batido à vossa porta ninguém abriu.

— Saí cedo. Queria perceber ao certo o que se tinha passado. Isto é assustador. *Mesmo assustador!* Será verdade aquilo que se diz sobre os mortos?

— É pior do que imaginas. Aqui até nem foi muito mau. Não se anda na Avenida da Liberdade a não ser de barco. A Praça de Espanha está feita um lago. E, vê bem o sufoco, houve quem ficasse preso nas estações. As carruagens não passavam com tanta água que se acumulou nas linhas. Isto parece o fim do mundo. Mas o pior nem é aqui — acrescentou. — Vila Franca de Xira, Alenquer, Loures, Odivelas, Oeiras. Famílias nos telhados a pedir guarida. Gente afogada dentro de casa. Vim buscar-te para irmos ajudar.

Senti-me pequenina. O que eram os meus problemas da noite anterior comparados com aquilo? O mundo abanava-me. Mostrava-me que era urgente que me erguesse e saísse da bolha. Que eu seria capaz de ultrapassar a Rosa e o Carlitos, bastava para isso que procurasse a minha coragem perdida na infância. Que fosse forte e destemida e que arregaçasse as mangas.

— Ajudar, como?

— Estão a organizar grupos de estudantes no Técnico, com o apoio da Juventude Universitária Católica. A Matilde já lá está. Foi o Domingos quem nos chamou. Aquele primo dela que está lá a tirar uma engenharia qualquer.

Queres ir chamar a Rosa? Achas que vem?

— Esquece a Rosa. Nem sei dela... saiu de manhã cedo, acho eu. Não a ouvi. Mas ontem à noite teve um daqueles achaques. Mas mesmo feio. E grave.

— O que é que fez desta vez? Sabes que ver a desgraça em que alguns vivem talvez a ajudasse. Pelo menos, a dar valor ao que tem...

— A Rosa? — perguntei, não contendo uma gargalhada carregada de ironia. — Nem que a metessem a pedir na Praça do Comércio, despida e sem comer três dias, aprendia o que quer que seja. É demasiado longa a história. Já nem tenho vontade de a contar.

— Mas se calhar devias. Ou escreve, és boa nisso. Quem sabe se um dia não dará um livro?

Soltei outra gargalhada. Só a Lena realmente, a pessoa mais esperançosa e otimista que eu conhecia — e se me valia disso! — para transformar a minha tragédia familiar num livro.

— Lá personagens para dar e vender, tenho. É só olhar para o bairro.

— E tens uma vilã. Não são elas que fazem a história? É sempre dos maus que nos lembramos.

Seria aquilo verdade?



Continuava a chover quando chegámos ao Técnico e nos reunimos, para que fôssemos distribuídos por zonas e tarefas. Era a maior concentração de estudantes a que já assistira. Vinham às centenas, de variadíssimos cursos e faculdades. Mangas arregaçadas. Sem medo do que poderiam vir a encontrar. Jornalistas procuravam relatar, com a verdade que tanto escapava naquela época à comunicação social, a realidade do que tinha acontecido. Era culpa da água que jorrava de uma qualquer torneira aberta e esquecida? Ou era, como já se gritava e outros mandavam dizer baixo, culpa da miséria em que tantos viviam? Ainda pouco se sabia, mas já muito se especulava. E a Comissão da Censura tinha o «lápiz azul» na mão. Nem para dormir o tirava.

O Domingos, o tal primo, coordenava as operações e acalmava as hostes. Havia quem tivesse familiares nas zonas mais afetadas, quem já soubesse que os mortos eram mais de trezentos, quem relatasse que os bombeiros de Odivelas tinham pilhas de cadáveres no quartel. A tragédia havia começado a ganhar forma pelas onze da noite de sábado e, durante a dura madrugada, o

cenário de terror agravara-se. Árvores arrancadas. Carros que nadavam e dançavam numa marcha lenta de cortejo fúnebre. Famílias ceifadas, afogadas nas ruas e nas próprias casas — em camas que subiram atingindo o teto, ou que deslizaram pelas terras fracas aterrando em nenhures.

Saímos juntos para uma aldeia perto de Vila Franca. Levávamos alimentos e medicamentos. A esperança seria a última a morrer e eu agarrei-me à ilusão de que o cenário não poderia ser tão mau quanto o descreviam. Tinha uma enxada na mão direita, tão apertada que os meus dedos suavam. A Matilde sentada ao meu lado esquerdo, a roer as unhas, segurava uma sacada de mantas. De vez em quando, dava palmadas afetuosas na minha perna, não sei se para me incentivar, se em jeito de autoajuda. Do outro lado, a destemida Lena, com a camisola de malha canelada de mangas puxadas até ao cotovelo e um boné preto na cabeça para a proteger da chuva. Sem frio e sem medo.

«*Preparem-se. Nem imaginam o que aí vem.*» Mas eu não estava nada preparada para aquilo. Não estava e jamais o poderia prever. As pernas tremiam-me. Faltava-me ânimo e força — não era uma Lena ou um Carlitos, capazes de se vestirem de uma coragem que derrubava muros internos e os tornava super-heróis. Percebi, naquele instante, que apesar de ter vivido num bairro carregado de mortes e cruzes, tinha sido protegida como uma borboleta num casulo. Achava que as minhas origens eram pobres, gente sofrida, por vivermos num bairro precário, onde os homens ora labutavam nas obras, explorados por empreiteiros com moedas a cair dos bolsos, ora no campo de sol a sol. Com testas queimadas pelo calor ou pelo frio das geadas, marcando rugas de expressão que se viam mesmo sem se franzir o sobrolho. Mas nunca lhes faltara trabalho ou pagamento. Achava que era difícil à avó esticar o dinheiro para nos alimentar, no tempo em que ainda éramos uma família e nos sentávamos dez à mesa. No entanto, nunca nos faltara uma sopa. Um agasalho. Um teto, mesmo que bafiento. Aquele quadro era o espelho da verdadeira pobreza. Da lástima em que viviam as pessoas na periferia da cidade. Sorte a nossa por estarmos mais longe.

O Bairro das Cruzes podia ser um bairro. Podia ter bairristas. Podia ter ódios de estimação, manchas de bolor e promessas camarárias a viver dentro dos barracões poeirentos. Porém, tinha saúde. Não desmaiava à chuva, nem voava em debandada com o vento das trovoadas. Afinal, as cruzes eram pesadas.

Tiraram duas crianças de dentro de uma casa com lama até ao telhado. Teriam morrido durante o sono. Contive a bÍlis que me subia à garganta, mas deixei que as lágrimas me ensopassem os olhos. *Que se lixe!*, pensei. Era

humana e *aquilo*, desumano. Arregacei as mangas da gabardina e brami a enxada para desenterrar o que pudesse, com um nó a formar-se na minha garganta e o estômago prestes a cuspir uma úlcera. Era quase impossível acreditar que aquilo não era ficção. Pior do que contemplar os estragos era verificar a miséria em que viviam as pessoas. Às portas da cidade. Até ali, eu ouvira falar em desigualdade, mas nunca percebera quão díspar podia ser o mundo dos ricos e dos pobres. Tirei um gato morto de uma valeta inundada de terra pastosa. Vomitei. Era impossível conter-me. Forcei os olhos a manterem-se abertos e andei meia dúzia de passos amparada num resto de muro, ou de casa, ou de família, não sabia. E então, vi-o. Não estava a sorrir, como era habitual sempre que os nossos corpos se encontravam no mesmo espaço. Estava deitado, ao lado de uma série de cadáveres, os olhos escancarados para o céu. Tinha uma camisa amarela vestida, demasiado garrida, e que contrastava com o tempo. E estava branco. Tão branco que parecia ter sido lavado vinte vezes, até que se gastasse o último resquício de cor. Encolhido ao lado de tantos corpos, não parecia existirem dúvidas, mas ainda assim aproximei-me cheia de uma esperança que morreu instantaneamente. *Com ele*. O meu avô estava morto.

26.

Ouvi três pancadas na porta que me despertaram do meu torpor. Fingi não ser verdade. Talvez, afinal, tivesse conseguido adormecer e aquele som fizesse parte dos gritos e lamúrias que me assombravam desde aquela manhã. Desde que a lama me afogara.

— Luísa, estás aí dentro? Sou eu, o Carlitos.

Carlitos? Novo toque na porta. Persistente. Julguei ter ouvido mal.

— Luísa? Abre, por favor. Vejo luz por baixo da porta. Desvantagens das casas velhas. Abre, vá.

Falava baixo, receoso. Abri a porta e deixei-o entrar.

— Que estás a fazer aqui, Carlitos? Andas fugido? Não quero confusões para o meu lado.

— Fugido, eu? Por que raio?

— Sei que estiveste preso. Falei com a tua mãe e ela disse-me que tinhas vindo para Lisboa, mas que não sabia para onde.

— Não estou fugido. Deram-me guarida. Amigos do Luís.

Eu não tinha cabeça para aquilo. Não naquele momento.

— Olha, se andas envolvido em tretas dos partidos e políticas, eu não quero confusões para o meu lado, volto a dizer. Estou farta de lutas partidárias e do caminho a que isso nos leva. Ajudei nas cheias, acredito francamente em muita coisa que se diz, nas desigualdades que existem e, naturalmente, não defendo este regime, mas deixa-me fora desse círculo. — Limpei o nariz à manga da camisola, sem sequer pensar no que fazia. Os olhos cheios de lágrimas. — Já me tirou o meu avô — acrescentei, desviando-me dele e sentando-me numa cadeira da cozinha.

— Tirou-te o teu avô? Não percebi.

— Ele morreu, Carlitos. — Era penoso dizê-lo em voz alta. — Encontrei-o no meio da lama, no meio dos escombros. Tinha a camisa amarela vestida. A de festa. Consegues acreditar?

O avô Zé tinha morrido nas Cheias de Lisboa. Não sei o que fazia naquele bairro, mas estava lá no meio. Da escaramuça e da lama. Aproximei-me dele a muito custo. Sentia o meu corpo a baloiçar, tamanha a náusea. E gritava-lhe o nome. Caí ao lado daquele peito adormecido, imóvel, e segurei-lhe a cabeça com as duas mãos, que abanei como se sacudidelas ferozes operassem um milagre e ressuscitassem revolucionários. Bradei ofensas a Deus, à chuva, à minha avó e à vida. E depois chorei, amparada pela Lena e pela Matilde, que me ajudaram a chamar os bombeiros, a meter o corpo dele numa carrinha onde, depois, seguimos viagem. A *última*. Os *dois*. O avô Zé tinha morrido.

— Lamento tanto, Luísa — disse o Carlitos, e eu sabia que era verdade. — Não fazia ideia. Quando é o funeral? Onde está o corpo?

— São tantos os corpos que dizem que não há urnas que cheguem, mas garantiram-me que brevemente o corpo segue para Mafra. Já avisei a minha avó. Fui para o bairro no mesmo dia, e depois voltei para Lisboa, porque a ideia de lá ficar... não consigo ficar naquela casa sem ele. Estou um bocado perdida... — admiti, sentindo-me tonta e reparando que o meu estômago roncava. Há quanto tempo não comia? — Não encontro a Rosa, não sei como lhe dizer. Não a vejo desde a noite das cheias.

— É precisamente por causa dela que aqui estou, mas antes disso...

O Carlitos aproximou-se de mim e abraçou o meu corpo que soluçava em espasmos sem que eu tivesse reparado. Não sei quanto tempo nos mantivemos assim, mas, embalada por ele, a dor parecia-me ligeiramente mais leve. Quando nos separámos, limpei com a palma da mão a mancha de lágrimas e ranho que deixara marcada na sua camisa. O meu fracasso recordou-me do que ele havia dito: estava ali pela Rosa, não por mim.

— Bem... a Rosa não está cá — disse, usando um tom de voz que denunciava mais do que eu queria os ciúmes que sentia. — O que é que lhe queres?

— Confrontá-la, claro! Disse-me que o Conde tinha mandado matar o Luís. Treta, tudo mentira, Luísa. É uma aldrabona de merda.

— E fizeste o quê, Carlitos?

Temia a resposta que ele pudesse dar-me, mas acabei por me surpreender.

— Ela acha que eu sou parvo, mas conheço-lhe as manhas. Agarrei nas perninhas, arranquei para Peniche e, aqui e ali, consegui ficar a saber que o

meu irmão está bem vivo. Desta vez não me deixei apanhar!

— Como assim?

— O Luís está vivo! Está preso, mas vivo. Por isso, o Conde não o mandou matar. A Rosa queria que eu fizesse mal ao António. Usou isso como pretexto, porque sabe que eu ferveo em pouca água... que me ia atirar ao pescoço dele em três tempos. Mas, desta vez, fiz-me esperto. Parei e pensei... perguntei a mim mesmo o que é que tu farias, antes de fazer merda. Não caí nas cantigas dela. Aquela tipa é do piorio. Tem-me feito a cabeça num oito.

O Carlitos percebera, então, o plano da Rosa. E eu sabia que aquela conspiração era verdadeira, uma vez que a própria mo admitira. Mas ficava uma coisa por explicar.

— Então... se não foste tu, quem é que matou o António?

— Mas tu achas que eu era capaz de o matar? Cruzes, Luísa! Mesmo com essas ideias estúpidas da Rosa, tu achas que eu era capaz?

— Eu não sei, Carlitos, eu não sei... Mas ela acha que foste tu. Aliás, ela tem a certeza!

— Isso já eu percebi. Tanto que foi para a polícia acusar-me, contar a tal história de o meu irmão ter morrido e eu estar a vingar-me. Mas também disse que tinha sido ela a culpada, bêbeda e descontrolada. A sorte é que eu estava na taberna no dia em que o gajo morreu. Tinha testemunhas que o podiam confirmar. O meu irmão Fernando, o Arnaldo Carteiro e o Cristóvão, o filho da Lurdes, sabes? Soltaram-

-me logo, até porque... olha bem para ela! Nem quando está sóbria conseguimos acreditar na Rosa.

— Então não foi a PIDE quem te apanhou?

— Não. Quer dizer, acho que não. Hoje em dia somos presos a toda a hora e por qualquer coisa. Mas agora até andava quieto, bem-comportado... fiz perguntas aqui e ali, para saber do Luís, mas acho que não foi por isso. Foi por existirem indícios de que estaria envolvido na morte do outro imbecil, mesmo sem estar. Mas há uma coisa que me martela a cabeça, e é nisso que me podes ajudar.

— Eu?

— Sim. Explica-me por que razão queria a Rosa que eu calasse a boca ao António? Logo ao António, aquele panhonha emproado que nunca me dirigiu mais do que duas palavras e com quem ela andava sempre a passear? Alguma coisa aconteceu, Luísa, para ela querer livrar-se dele. Alguma ela fez...

Senti as entranhas gelarem. A fome passara-me com a mesma rapidez com que se instalara aquela nova náusea, amiga e confidente de todas as horas.

— Não faço ideia — menti.

— Fazes, sim. Ela conta-te tudo!

— Ela não me conta nada, Carlitos. Há muito tempo que nem sei quem ela é. Com quem se dá. Não faço ideia! Olha, por exemplo, não sabia que namorava com o António e... e contigo — acrescentei, fingindo que me era indiferente.

— Foda-se, não! Eu nunca namorei com a Rosa, Luísa. Íamos ao esconderijo de vez em quando em miúdos. Sabes que ela tem umas boas mamas e...

— Não, é claro que não sei — interrompi. Não precisava *mesmo* de ouvir aquilo.

— Eu nem gostava dela. Sempre foi vaidosa e tinha a mania das grandezas. Mas era das únicas que abria as pernas, já em miúda. Aprendeu cedo — rematou, sem que eu conseguisse perceber se sorria por pena, se com desdém.

Se não tinha sido ele a matar o António, então quem é que o teria feito? Teria realmente alguma coisa que ver com lutas políticas e não necessariamente com as politiquices da Rosa? E onde é que ela estava? Ao que parecia, o Carlitos não sabia, de todo, que o miúdo era filho dele. E isso deixava-me com a corda na garganta, uma vez mais. Ali estava eu a saber mais do que devia, à mercê dos caprichos da minha prima que me envolvia nos seus esquemas. Sentei-me numa das cadeiras que ladeavam a mesa. Demasiado cansada e fraca para me manter de pé.

— Isto cheira-me a esturro. Cheira-me aos esquemas dela para conseguir tudo o que quer. Desde miúda que é assim, Luísa. Sempre te passou a perna sem dares conta.

— Eu sei...

— Ainda eu não tinha barba e já ela me dizia que ia ficar lindo de bigode. Ela é ardilosa. Matreira. E tu és boazinha demais. Gostas dela... eu percebo. O meu irmão Luís também me fazia merda em pequeno e eu sempre o idolatrei e defendi. Embora no teu íntimo tu saibas que ela é má rês. Tu sabes, Luísa.

— Mas, espera... continuo sem perceber. Onde é que queres chegar, concretamente? Que ela não presta já eu sei.

— Luísa, ela tem duas caras. Ou quatro ou cinco. Tem as que lhe convêm. E eu acho que ela é capaz de coisas muito piores do que inventar mentiras. A Rosa é mesmo má. Devias afastar-te dela.

Que novidade, Carlitos. Que novidade.

— Como é que conseguiram vir morar para aqui? — perguntou, primeiro

olhando em redor da cozinha e depois para mim. Intensamente. Talvez como nunca olhara. Ele precisava de confirmar se eu me mantinha a Luísa do bairro. A *sua* Luísa. Perceber se alimentava as intrujices da Rosa ou se, por outro lado, era arrastada para elas.

— É uma longa história. Não vais querer saber...

— Quero, sim. Eu estou metido ao barulho? Ela queria que eu matasse o protegido do Conde, tal como quis que o meu irmão João lhe chibasse coisas do partido, na altura em que o Luís andava a mexer-se. Até hoje, não sei se não foi ela quem o entregou. E talvez até o vosso avô. Eu quero saber, Luísa! Preciso de saber...

Ajoelhou-se aos meus pés. As mãos calejadas, cheias de cicatrizes, sobre os meus joelhos finos. Senti alguma coisa quebrar-se dentro de mim, quando desviei do meio da sua testa um caracol escuro e perdido.

— O filho do Conde não é filho do Conde — confessei. As palavras um sussurro.

— Quem? O miúdo pequeno? E isso vem a propósito de quê?

Hesitei. Respirei fundo. Fiz explodir a raiva que me dominava o corpo e me engasgava, prendendo o ar e o medo alojados no meu peito havia meses. Se não anos. Saiu tudo disparado. Se ela não tinha limites, eu também não tinha de ter.

— Sim, esse mesmo. Carlitos... ele é teu filho. Tem a mesma marca que tu no pulso. Essa mancha em forma de pássaro.

Ele levantou-se. Os olhos fixos no pulso estendido entre nós.

— Meu filho?

— A Rosa deu o miúdo ao Conde em troca de um apartamento e de um lugar na faculdade. Vês as minhas botas ali na entrada? Até isso estava incluído. Estavam guardadas no roupeiro do apartamento quando chegámos, juntamente com toda a roupa que nos enriqueceu só por fora. Sim, bem sei, foi um negócio que me incluiu... podes abrir mais os olhos e espantar-te, porque afinal a Luísa não é assim tão inocente. A Luísa sabia e permitiu.

Vi o rosto dele fechar-se. Vi os anos a fugir e voltei a encarar o Carlitos dos Doze, quando a Ruiva o chamava para casa pondo termo a uma jogatana de futebol ou a uma corrida descalço — eles adoravam fazer isso; correr descalços para ver quem suportava mais a dor.

— Não sei que te diga...

— Ela disse ao Conde que o filho era dele e que se não quisesse escândalos o melhor seria fazer-lhe a vontade — continuei. — Ela dava-lhe o filho e ele dava-lhe melhores condições de vida. É por isso que aqui estou, cheia de

vergonha na cara. Vivo numa mentira pegada. Ou achavas que era tão esperta que saltava do bairro para a faculdade, por milagre?

— Eu não sou estúpido, percebi que algo se passava, mas... confiei em ti.

— Desculpa.

Não sabia se devia desculpar-me perante o Carlitos, mas há demasiado tempo que devia um perdão a mim mesma. Talvez aquele *desculpa* fosse para a Luísa do passado. A tal que era crente e honrada.

— E eu entro nessa história como? Como é que o miúdo é meu filho?

— Ao que parece, o António viu a marca do miúdo e soube que ele era teu. Não sei como é que ele sabia que tens esse sinal na pele.

O Carlitos parou, pensativo. Afastou-se daquele lugar por breves instantes e, ao regressar, sabia perfeitamente quando é que o António havia descoberto a mentira.

— Ele andou a distribuir papéis da Legião Portuguesa lá pelo bairro. Quando li «*Venha defender o património espiritual da Nação e combater a ameaça comunista e o anarquismo*» desatei a bater palmas como se fosse doido.

— E a marca? Entra onde nessa história?

— Eu tinha as mangas arregaçadas. O tipo puxou-me pelo braço e ficou a olhar para ele. Não tirava os olhos de mim, com um ar demoníaco, e perguntou-me o que era isto — colocou o indicador sobre o sinal. — Não me esqueço, porque eu próprio achei estranho.

— E o que é que fizeste? Disseste que era um sinal?

— Eu disse: «*É um falcão. Eu também quero voar alto, como o General Sem Medo*».

— Pois bem... o teu General Sem Medo acabou por lhe ditar a sorte. O António percebeu que as marcas de nascença são iguais e chantageou a Rosa. Disse que ia contar tudo ao Conde. E agora está morto.

— Caraças! Não estava a contar com isto tudo! Eu sou pai? — Levou as mãos à cabeça e reparei nos seus braços magros.

— Parece que sim. Aí tens a *tua* verdade. Agora podes ir à procura dela, do teu irmão, do Conde, de quem quiseses. Só quero que todos vocês me deixem em paz. Não aguento mais... e acho que só quando todos morrerem me safo.

Talvez aí fosse a minha vez de voar.

27.

Era novembro. O último em que o avô Zé vivera. Era impossível que se soubesse quando seria o nosso último dia com alguém. O último momento. A última palavra. Se por algum poder divino eu o adivinhasse, não estaria preocupada com o próximo teste de Literatura Portuguesa, com a loiça que se acumulava por lavar ou com as parvoíces da Rosa. Por um lado, esse desconhecimento privava-nos de um sofrimento por antecipação. Todavia, o que se seguia não era melhor. Tantas vezes pensei que deveríamos, na vida, ser forçados a dizer aos nossos, todos os dias e sem exceção, quanto os amamos. Eu sentira falta disso na infância. De um verdadeiro colo. De um amor puro e genuíno, cuja expressão — ainda que muito dissimulada, porque mostrar afeto não era coisa onde se demorasse — apenas senti em relação ao avô.

Quando tinha uns nove anos e já sabia escrever sem erros, durante algum tempo desatei a escrever cartas a todos os que viviam lá em casa. Eram cartas de amor diárias e repetitivas, dizendo que era feliz com o cozido que a avó preparava ou com a nova camisola de malha que a minha mãe havia tricotado. Eram a minha forma de perdoar o pouco amor, ou importância, que me davam e de confortar o meu peito, enganando-o — fingindo estar tudo bem. Até que me mandaram calar. Já chegava de papel gasto e não era preciso repetir todos os dias as mesmas coisas. *Mas era*. E será sempre, porque nunca sabemos quando é o nosso último dia com alguém.

Não tive tempo para me despedir. Não houve espaço. Quantas vezes nos queixamos de não ter tempo? Quantas vezes nem sequer perdemos tempo em busca das razões que o fazem desaparecer? Não chegar para o que importa?

Aquele dia tinha sido o último do avô. Acabara-se o tempo. E parte do meu coração, a mais feliz, a que se recusava a crescer, acabara também.

— Estás pronta?

— Nunca estarei.

— Eu sei. Eu também gostava muito dele. Foi dos melhores homens que conheci. Era um *Homem* mesmo, sabes? Diferente de toda esta escória do bairro — disse baixinho, para que ninguém o ouvisse.

— Obrigada, Carlitos. E obrigada por estares aqui.

Ele apertou-me a mão que segurava desde que se sentara ao meu lado, no velório. Colocou o braço direito sobre os meus ombros e tive consciência, durante segundos, da segurança que esse gesto me transmitia. O conforto. O calor do corpo dele junto ao meu. Cabeça com cabeça. A dor partilhada que, assim, se tornava ligeiramente mais fácil de suportar.

— Sou teu amigo, não sou? Não te quero triste. Ainda me custa acreditar em tudo isto. Que foste capaz de ser conivente com a Rosa, mas este não é o momento para falarmos desse assunto. Teremos tempo para pensar no que fazer a seguir. Juntos, está bem? Não estás sozinha, Luísa.

E eu acreditei nele. Não sabia se devia, mas o meu coração frágil e destroçado, quebrado em mil pedaços, precisava daquela cola. Daquele alento.



Todo o bairro estava no cemitério, com exceção da Rosa. Até o Conde, com o seu semblante carregado — de quem vivia num eterno funeral —, estava presente. Distante, mas presente. O avô Zé era uma figura conhecida, mas certamente a presença do Conde devia-se muito mais ao respeito que tinha pelo Bisa, pois toda a gente comentava no bairro, desde que eu me lembrava, que ele era o único a quem o Conde, e o pai dele, deviam favores. Quais? Eu não sabia. Mas vinha daí o respeito pela nossa família e até o apadrinhamento da Rosa. Coisas de outros tempos com as quais eu não podia ocupar-me. Não naquele momento.

A minha avó não derramara uma lágrima. Permanecia estranhamente calada. Seria o embate com o facto de o avô estar a dormir numa urna? Amor não seria, certamente. Já havia muito que o sabia, mas a distância e a frieza confirmaram-no. Mesmo assim, era inesperado ver a avó Palmira calada. Talvez fosse a sua maneira de lidar com o luto. Com *aquele* luto.

O silêncio era estranho. Pouco habitual no cemitério, onde os vizinhos

aproveitavam o pretexto para alimentar coscuvilhices. Ou talvez fosse o meu corpo que pairava sem barulho, como se contemplasse a cena de cima. Como se estivesse a ler um livro, visualizando-lhe a trama. A Luísa não era a Luísa. Era um vulto, uma alma penada, que, do céu, chorava a morte do avô de alguém — não o seu; não podia acreditar nisso.

Antes de o deitarem à terra, enchi-me de uma coragem que não sabia ter e pedi que abrissem o caixão. Coloquei-lhe aos pés a minha caderneta de cromos e beijei-lhe a testa. Procurei pelo aroma dele, mas não o encontrei. Aquele cheiro que tão bem conhecia e que havia de me acompanhar até que a minha alma dormisse junto da dele — citrinos e um *after shave* barato, que usava havia anos e se entranhara nele; o mofo do casaco e a morte camuflavam a essência daquele corpo para mim ainda vivo. Ninguém se aproximou. Ninguém mais ousou tocar-lhe.

Por fim, dei-lhe a carta. Depositei-a por baixo das suas mãos cruzadas sobre o peito, que já não subia e descia. Ninguém precisaria de a ler. Mas eu não sobreviveria se não a tivesse escrito.

Meu querido avô,

Nunca pensei muito na tua morte, no dia em que me morrerias. Talvez porque também não pensamos muito na nossa própria partida e, ver-te ir, imaginar-te a percorrer esse caminho sem retorno, implica um vislumbrar da minha própria ida. Porque eu existirei sempre em ti. E, até na tua morte, iremos juntos.

Talvez não tenhas percebido, com clareza, a importância que tiveste. O quanto fizeste. O bem que trouxeste aos meus dias, tantas vezes negligenciados por uma mãe que pouco foi e por um pai desertor. Valeu-me o teu abraço. A tua palavra, acima de tudo, amiga. De conforto. De alento. De coragem. Valeu-me a tua capacidade de ver a vida para lá do convencional. E valeu-me o teu amor, o teu apego e companheirismo. Nas idas ao mercado ao domingo, onde me deixavas comprar tremoços. Na calma com que proferias um «isso não está certo, Luísa» sem ralar, sem castigos, sem chantagens ou ameaças. Na educação preciosa e doce. Porque podemos mimar e impor regras, cuidar transmitindo valores. «Nada é demasiado se bem doseado», dizias sempre, e o amor nunca é em excesso, nunca é em demasia. Porque é sempre desmedido.

Nunca pensei na tua morte, porque nunca me imaginei num mundo onde não existisses. Onde não pudesse consultar o teu sentido crítico. A tua forma ligeira e sem vaidade de te fazeres ouvir. Num mundo onde o teu abraço não conforta. Não consola. Não existe. Morre.

Nunca, mesmo longe, mesmo encarcerado, mesmo sem saber a tua morada certa, te senti ausente. Nunca, em momento algum, te senti menos meu. E a vida, essa vadia vigarista, foi-nos tantas vezes madrasta.

Nunca me imaginei sem ti, porque despedir-me dói. Encurta os meus anos de uma existência que, em criança, julguei eterna. Deixa tanto por dizer, e leva o tanto que dissemos.

Mas hoje, enquanto me vestia no velho quarto escuro onde cresci e brinquei com a Rosa, encontrei a minha mochila de cabedal, perdida anos antes. Aquela que me ofereceste no dia em que entrei na escola primária e que, segundo a avó, te havia custado sete salários. Tinha lá dentro a minha caderneta de cromos e cheirava a figos. Ao nosso quintal. Ao nosso bairro. À nossa história. Foste tu quem a deixou lá, não foste? No ar, o teu perfume sorrateiro e travesso, a fugir por entre as frinchas, a fingir-se esquecido para não ser apanhado. Sim, foste tu. Tenho a certeza.

Percebi que, algures no céu, me aquecerás sempre o leite e o adoçarás com mel. Que em todos os silêncios te ouvirei e que a minha cruz não ficou mais pesada, mas sim mais leve. És a minha liberdade, avó. E as cartas de amor, as palavras repetidas, tantas vezes esquecidas, poderão ser sempre ditas. Basta que existas em mim. Que sobrevivas em mim.

E assim será.

Descansa em paz, avó Zé. E espera pela tua Luísa Baliza. De preferência, com uma cesta de figos na mão.

1968

— **E**stás contente?

— Contente?

— Sim... foste contar ao Carlitos que o miúdo é filho dele. Estás contente?

A Rosa andava de um lado para o outro. Cigarro na mão. Vestido largo e com borboto. Cabelo revoltado, amarfanhado atrás qual ninho de ratos, com a marca da almofada e provando que não via pente há largos dias.

— E tu foste mentir-lhe por que motivo? Querias que ele calasse o António para mais uma vez safares a tua pele? E apareces aqui, agora? *É preciso ter uma lata!* Nem foste ao funeral do avô. És uma vergonha, Rosa! Sabes o que é que lamento? O facto de gostar de ti e me importar... não mereces nada!

— Para de ser sonsa. — Olhou-me com nojo e percebi que tinha estado a beber. Os olhos baços, vermelhos à volta. O ar alucinado e pouco focado. — Deu-te jeito, não deu?

— Deixa-me de fora das tuas merdas. Para mim, acabou!

Aproximou-se e senti-lhe o hálito quente e intenso. Capaz de inebriar um quarto. Por mais que tentasse, era impossível não sentir o meu corpo encolher. O terror ganhar espaço. Em todos aqueles anos, nunca sentira medo da Rosa. Por mais que ela fosse louca, inconsequente, irresponsável e egoísta, nunca tinha ponderado que ela pudesse virar-se a mim. Mas os caminhos sinuosos que escolhia ultimamente mostravam-me o contrário. Era pior, muito pior, do que eu julgara. Tinha de estar atenta. Tinha de fugir para longe.

— Esta gente é que não presta! O Carlitos. O Conde. O António. Todos eles. Todos mortos e enterrados. *Todos!* Olha, assim como o avô. Querias que fosse chorar a morte dele? Que ligação é que eu tinha com ele? Deixemo-nos

de merdas, Luísa. Ele nunca quis saber de mim... de falsos altruístas está o Inferno cheio. Hipócritas.

Cuspira-se ao gritar aquela última palavra e eu não conseguia tirar os olhos do fio subtil de baba que lhe assentara no queixo.

A cozinha da avó estava gelada. Os meus pés, enfiados numas meias grossas, podiam sentir o frio que emanava do chão de cerâmica, branco e baço. Recolhi-os para debaixo do rabo, mantendo-me sentada enquanto a via deslizar sem norte por entre o pouco espaço que nos separava. Cansei-me.

— Quando é que te tornaste este pedaço de merda sem sentimentos, Rosa? Tu não eras assim...

— Deixas-me explicar?

— Não há nada mais que possas dizer ou fazer. Já magoaste gente que chegue. Vai-te embora, anda. Vai para o mesmo sítio de onde vieste. Só posso desejar que seja longe.

Estávamos em janeiro, e eu não sabia nada da Rosa desde a noite das cheias. Não tinha aparecido em Lisboa. Não tinha sido vista no bairro. Não tinha ido mandar um punhado de terra para cima do caixão do avô e, de alguma maneira, a sua ausência nesse momento — o pior da minha vida até então! — fizera-me enterrá-la também. Tamanho egoísmo não teria perdão. Estar sob o mesmo teto que ela repugnava-me. Talvez por isso, ultimamente, eu passasse muito mais tempo no bairro — com receio de que ela entrasse pela porta na Calçada do Carmo. Era muito difícil estar em casa da avó Palmira — custava-me muito estar ali, sabendo que o avô não voltaria a sentar-se à mesa, mas, de algum modo, dava por mim constantemente a atravessar o portão de ferro.

— Tudo isto é por causa do Carlitos, não é? Sempre gostaste dele, como é óbvio. Por isso é que lhe contaste. Não aguentaste o facto de ele me ter saltado para cima? De gostar mais de mim do que de ti? Já não te lembras das frases ordinárias de amor que ele me escrevia? Era *a mim* que ele queria. Não suportas que ele me tenha escolhido, pois não?

— Ó Rosa, por favor! Tínhamos nove ou dez anos! Achas que me preocupa minimamente o que ele te fazia ou queria fazer quando éramos miúdos? Eu contei-lhe porque ele tem o direito de saber que é pai do miúdo. E ficou bastante magoado comigo por ter sido tua cúmplice no plano de o ofereceres ao Conde.

— Mas aposto que te perdoou. A ti, todos perdoam. A boa e santa Luísa...

— Cresce, Rosa!

Agora, já não importava quem era «Senhora da Estação». Quem escolhia a

próxima brincadeira, ou quem ganhava uma folhinha de cheiro com frases de amor escritas.

— Sabes que mais? — perguntou, cheia de um ódio que nunca lhe vira. Não dirigido a mim. Estaria ali uma centelha de inveja? Durante todo aquele tempo tinha sido isso? Por isso? A Rosa invejava-me? — Já na altura eu te devia ter empurrado para os carris! Devias ter sido esmagada por um comboio na estação. *Puf!* Lá se ia a Luísa, lá se iam as tuas merdas, ideias e fantasias... não vias como era impossível? Nunca teríamos saído daquele bairro se não fosse o meu plano. Nunca! Deves-me isso.

— Ganha juízo — rematei. Era a minha vez de falar. — Sempre precisaste de mim para tudo. Armas-te em forte, mas sempre fui eu a safar-te. Só que isso acabou, Rosa. A-ca-bou. Põe-te a andar!

Ela calou-se. Virou-se em direção à porta e, por instantes, acreditei que ia sair. Estava um frio horrível no bairro, de cortar os ossos, como a avó dizia em tempos. «*Vivemos à sombra do Convento, aqui está sempre frio!*» Agora, mal falava. A morte do avô e o primeiro Natal sem ele, sem ninguém a não ser *eu*, assemelhara-se a uma estaca espetada no pulmão. Teria ela, afinal, sentimentos? Coração era querer demasiado. Mas, percebi, sobrar a única pessoa que ela detestava devia ser de facto insuportável, até para a avarenta da avó Palmira.

— Eu estava com o António, antes de ele morrer, porque havia um plano...

Voltei a concentrar-me na Rosa.

— Que plano?

— Ainda antes de ele descobrir a marca do Carlitos, eu já lhe tinha contado que o Pedrito era *meu* filho, e *não* da Áspera. Se nos uníssemos, ficaríamos com a fortuna toda do Conde, porque *eu* era a mãe legítima, o que facilmente se provaria... só seria necessário, mais à frente, fazer o Conde desaparecer.

— Rosa, tu estás louca? Tu querias matá-lo? — Quanto mais a Rosa falava, mais eu confirmava a sua loucura e falta de escrúpulos. Será que aquilo teria um fim?

— Espera, espera... a coisa complicou-se quando o António descobriu que o Carlitos era pai do pirralho, claro. Aí, obviamente, descartou-me. Passou a ser, de novo, o *único* herdeiro, porque o miúdo não era do Conde. E ameaçou-me, como te disse. Até aí, ele pensava que eu era a mãe, mas o Conde, o pai. E eu só aturava o António por isso. Estudar não é para mim, bem sabes. Aquele plano era perfeito... até se descobrir a merda do sinal de nascença.

— E tu achaste que podias envolver o Carlitos nesse plano e levá-lo a

cometer um homicídio, só para te safares?

— Não, palerma! O Carlitos só entrou na história quando eu precisei que calassem o António. Até aí, queria lá saber dele! Até preferia que estivesse longe. Não ia pedir ao Carlitos que matasse o Conde, olha agora. O António é um alvo mais fácil. E estúpido. E era *calá-lo!* Não propriamente matar o tipo...

— Estás a deixar-me doida, Rosa.

— Porra, Luísa! É simples: eu sou a mãe do miúdo; o António pensava que o Pedrito era filho do Conde e, unindo-se a mim, ficaríamos com a herança do estupor se o atirássemos de uma ravina. *Simples*. Só que o asno do António, que eu fodia por obrigação porque nem na pila ele tinha força, acabou por se revelar bem esperto. Viu a marca no Carlitos, percebeu que o putro era filho dele e virou o bico ao prego. Passei a ser eu o alvo.

— Minha Nossa Senhora!

— Percebes agora? Tinha de me livrar do António, e não do Conde. O caso mudou de figura. Literalmente.

— E aí, sim, usaste o Carlitos. Ou *tentaste*.

— Esse tonto que só vê o irmão e a adoração que lhe tem. Queria tanto que o Conde fizesse alguma coisa para soltar o Luís que vinha ter comigo, com o orgulho embrulhado e escondido na algibeira, pedinchar favores. Era fácil dizer-lhe que o Conde tinha metido o irmão em Peniche e que era o responsável por ele lá ter morrido, seco e em pé como um pau de louro.

— Tu és horrível, realmente. Pior do que imaginei... e por que razão não me contaste *tudo* antes? — perguntei. Por que motivo só contara parte da história na noite das cheias?

— Porque tinha quase a certeza de que acabarias por contar tudo ao Carlitos. E porque ainda preciso de ti...

— Eu vou contar a verdade à polícia, isso sim — interrompi-a.

— E envolver o teu querido e adorado Carlitos? O teu eterno amor de infância?

— O Carlitos *não matou* o António. Ele desconfiou das tuas intenções e foi a Peniche pelo próprio pé. Descobriu que o irmão está vivo e que só o querias enrolar. Mas isso já tu sabes, provavelmente, visto que também sabes que lhe contei que o filho é dele.

— O Carlitos encontrou-me há dois dias. Apertou-me o pescoço contra a parede. Olha aqui, os dedos dele marcados, vê? Se o outro me chamou puta, este inventou ofensas maiores, porque puta não lhe bastava. Só não me contou que tinha ido a Peniche e que sabia que a história do irmão era

mentira... estava convencida de que tinha sido ele a fazer a folha ao António.
Essa parte não sabia.

Percebi-a pensativa. A congeminar. Teria perdido um trunfo? Era isso que usaria contra mim, certo? Eu não iria denunciá-la se isso prejudicasse o Carlitos. Mas não tinha sido ele a matar o António.

— Então quem é que o matou? — perguntou.

— Sei lá, Rosa — exasperei.

— Então também não há nada que contar à polícia. Vais para lá dizer o quê? Que eu sou maluca e que engendro esquemas? Grande novidade. Eu própria me assegurei de que na polícia me tomariam por doida, lembras-te? E olha, menos culpada me sinto se não foi o Carlitos quem matou o António. E quem foi fez-me um grande favor.

— Olha, Rosa, tu és doente. Não me canso de o dizer. Não sei o que queres de mim, das pessoas, do bairro... estás aqui porquê, afinal? Porque voltaste, se nos desprezas tanto? Se não gostas de ninguém?

E ela sentou-se. Finalmente. Mão na perna direita a endireitar o vestido e um olhar mortífero — saído de um cemitério; semelhante ao do Conde — dirigido à parede em frente. Não arriscou olhar para mim enquanto falava.

— Porquê? Porque temos de pensar no que faremos com este. — Colocou a mão sobre a barriga e eu senti uma vertigem. Invadiu-me uma sensação familiar, afinal, eu já assistira àquilo. O enredo era repetido. Rodou o pescoço e focou o meu rosto. Os meus olhos. Devagar e contendo-se entre as palavras.

— Estou grávida, outra vez. E preciso de ti. O que disseste não é verdade... a única pessoa de quem gosto neste mundo és tu!

29.

Quando éramos miúdas, eu e a Rosa costumávamos ir a pé até à Estação de Mafra, aos sábados de manhã, sem que a avó Palmira soubesse. Levávamos uma cesta com figos, carcaças e uma garrafa de água que, depois de algumas passadas, nos pareciam pesar toneladas. Os pés ficavam cheios de calos. As costas doíam-nos durante dias. Mas compensava. *Se compensava...* O bairro ainda ficava longe, e demorávamos horas a lá chegar. Saíamos cedo e chegávamos prontas a almoçar. Ora, se uma manhã na escola era interminável, acreditávamos as duas que aquele percurso demorava imenso tempo, já que também nos roubava metade do dia. Chegadas lá, víamos os comboios, despejávamos o farnel no chão e ficávamos a contemplar as pessoas. Quem ia e quem vinha. Inventávamos histórias e acabávamos chateadas. Ambas queríamos ser a Senhora da Estação, que se abeirava da plataforma com criadas, que lhe carregavam os baús de roupa cara, e dava ordens. Era difícil chegar a um consenso com a Rosa, porque ela apregoava sempre — *a mentirosa!* — que da última vez tinha sido *eu* a mandar. Numa das zaragatas, cheguei mesmo a puxar-lhe um tufo de cabelos, que voou em direção aos carris quando o larguei, e ela ameaçou-me de um modo pior que o habitual. Garantiu que me atirava plataforma fora no exato momento em que um comboio estivesse a passar. E eu ficaria esborrachada contra o vidro. O meu sangue a sujar as janelas. Aquela imagem perseguiu-me no caminho de regresso, que fiz uns passos largos à frente dela, porque as minhas pernas eram bem maiores. Talvez porque sabia que a Rosa não hesitaria em empurrar-me realmente, só para que pudesse ser sempre ela a Senhora.



A Rosa não tinha emenda. Não aprendera nada da primeira vez, por isso repetira a dose. Segundo esclareceu depois, atabalhoadamente e sem grandes demoras ou explicações, o pai era um marmanjo qualquer que tinha estado de serviço na EPI e que entretanto regressara à terra. Portanto, aquela segunda gravidez era muito pior, não havia chantagem que lhe valesse já que nem sabia de onde o tipo era.

Levantei-me, depois de a ouvir num confrangedor silêncio, virei costas e saí da cozinha da avó, evitando bater-lhe e temendo o desfecho disso. Eu era uma panela de pressão prestes a largar o pipo. Alternei, no quintal, entre roer as unhas e fumar meio maço, sentada no muro que ladeava o portão de ferro da entrada, antes de decidir que o melhor era levantar-me e ir embora dali. Não havia mais nada que pudesse dizer-lhe. E trocava tudo o que tinha pela possibilidade de nunca mais ter de lhe olhar para a cara.



Despedi-me do Manel com um lanche à antiga, sentados no banco de madeira apodrecido em frente à casa da Ti Orquídea. O Manel mantinha a sua vida pacata no bairro. Trabalhava numa loja de roupa na vila e confessou-me em segredo — assumindo a sua homossexualidade, *finalmente!* — que tinha um namorado: o Cristóvão, filho da professora Lurdes. Sigilo absoluto ou não fosse o bairro tacanho. Tinham sido necessários anos para ganhar coragem e me contar uma coisa que eu sempre soubera — desde que ele desenhava na escola casais com dois homens —, mas que, pelo respeito que lhe tinha, nunca perguntara. Fizemos planos para uma visita dele em breve, desta feita em casal, e eu rumei à paragem de autocarro.

Em Lisboa, iria confirmar ao senhorio a minha pretensão de me mudar em breve para um novo quarto que tinha encontrado, pequeno e bafiento, mas onde acreditava que me sentiria muito mais apertada, mas sem remorsos. Deixaria o apartamento na Calçada do Carmo — juntando os meus salários no alfarrabista conseguiria adiantar duas rendas e mobilar o espaço — e não dependeria de ninguém. Podia, finalmente, garantir sozinha o meu sustento. Levaria comigo a roupa e os livros. Disso não abria mão, até porque *dado não é roubado* e haviam sido ofertas para mim. Ainda bem que me tinha adiantado, não pude deixar de pensar. Evitaria uma ordem de despejo, consequência do

que estaria por chegar.



Tinham passado pouco mais de dois meses desde a minha mudança, quando me chegou uma carta da avó, que ela mandara a Laidinha escrever-me, a contar novidades do bairro. Soou-me logo estranho a avó relatar-me o quer que fosse, mas dei-lhe o benefício da dúvida, considerando que, desde a morte do avô, ela se esforçava por falar comigo, tentando, quando eu lá ia, que a nossa coabitação fosse pacífica.

Segundo me relatava, o Conde padecia de uma doença terminal. Tinha os meses contados, para não dizer dias que soava ainda mais a desgraça, o que o levava a assumir publicamente, num palanque no meio do bairro e com direito a rádio, polícia e bombeiros na assistência, que durante anos e anos havia sido amante da tia Cândida. Dormido com dezenas de moçoilas da terra. Enriquecido com a usura que aplicava nos seus contratos de empréstimo aos pobres de trocos e de espírito. Não havia no bairro quem não lhe devesse dinheiro. Tinha, a par de tudo isso, mandado também prender os comunas declarados e mascarados, Luís e avô Zé incluídos, mesmo os que haviam crescido ali, porta com porta. Porque o Conde, afinal, também era filho do bairro. Da gente que lavava a roupa no tanque. Tinha adormecido as origens em prol do partido, da ambição desgovernada de enriquecer. E, às tantas, esquecera-se também de quem era — comum e constante, ainda nos nossos dias. Saiu dali um chorrilho de lamentações e remorsos. Parecia-me que quando alguém achava que em breve iria morrer, achava também que a culpa lhe abriria as portas do Céu.

O Conde confessou pecados como quem desenrolava rifas. Disse que estava farto de ser espremido e chantageado, que queria partir em paz. Uma atrás da outra, na ânsia de descobrir um prémio, as rifas continuaram, e, naquele arraial, o remate final tinha sido a confissão entre lágrimas, e de punhos estendidos à espera das algemas, da morte do sobrinho, que mandara apunhalar pelas costas, numa viela estreita e escura. O povo bradou um «*oh!*» de espanto, mas em simultâneo de admiração pela confissão do crime. Quando se era rico e influente, até no ultraje se conseguia respeito. O sobrinho morrera às mãos do bandido Asdrúbal, um ser de porte alto, um garanhão não capado que olhava para as mulheres com um ar esfomeado. Uma presença aterrorizadora por si só. Sabê-lo empregado do Conde, para os mais diversos efeitos, só tornava as coisas piores. E o temido Conde da Serra,

ali, vulnerável, à espera do perdão de Deus que lhe daria acesso ao Paraíso. Até na maldade existia cansaço e, segundo a carta da avó, o *pobre diabo* estava exausto.

Novo choque abalou o povo, qual sismo inesperado, quando o Conde declarou não ser pai do menino Pedrito, nem a Áspera mãe; e que o António, tendo tido conhecimento disso e sendo o seu único e legítimo herdeiro, o ameaçara de tal forma que não existira outra forma de o calar. O Conde tinha-se afeiçoado à criancinha e não queria ficar sem ela, por mais birrenta e insuportável que fosse. O António apregoara que o miúdo devia ser entregue à mãe biológica, ou a uma instituição, e exigira que o seu papel de único sucessor fosse oficialmente reconhecido. Lixou-se, porque só herdou meio metro de terra no cemitério atulhado de lápides e de letras douradas caídas. Cruz em cima e estava feito.

O escândalo só foi maior, e a audiência incendiou-se, quando o Conde, farto de falsidades e de viver em constante pânico — tamanha era a tonelada que pesava a sua consciência —, esticou o dedo perante a multidão ávida de sangue e o apontou à verdadeira mãe da criança, que tentava passar despercebida, recuada entre as cabeleiras vizinhas. *Rosa*.

— Ele é filho da Rosa e do Carlitos. Ela deu-mo em troca de um apartamento em Lisboa.

Ninguém podia acreditar. Começaram a bradar-lhe insultos, a enumerar palavras de desdém e nojo. A Rosa, no meio da fúria, a única defesa que encontrou foi confessar ser vítima de violações diárias. Que os ossos da bacia lhe doíam de tanto que abria as pernas e que lhe dava asco pensar que o filho podia ser do Conde, *o violador*, por isso não quisera criá-lo. Só tinha percebido que o miúdo era do Carlitos meses depois de o catraio nascer, quando reparou na marca de nascença, até aí tapada pelas camisolinhas de malha tricotadas pela Áspera. Mas o povo já a odiava antes. Pouco havia a dizer que lhe melhorasse a imagem de *«empertigada com a mania das grandezas e que havia de se lixar, tamanha era a sua ganância»*.

No fim, o Conde acabou preso. A Áspera chorava e tremia como se se fosse desmanchar e acabou inanimada sobre um banco. A avó gritava — por fim, a avó voltara a gritar! — que tinha de pintar a cara de preto para esconder a vergonha. A tia Cândida saiu de mansinho, abandonando o recinto de festas para nunca mais ser vista. E a Rosa agarrou no Pedrito pela mão, que agora era publicamente seu filho, rumando em direção à casa da avó Palmira, *o seu novo lar*. Cabeça levantada e nariz a roçar o céu. O miúdo esperneava e babava-se de tanto gritar, mas ela tinha vestido o seu manto de pretensão e

não haveria birra capaz de a demover. O Conde ainda gritara um «*Serás sempre meu filho, Pedrito!*», mas ninguém lhe deu crédito. Nem a própria criança. E de nada lhe valia continuar a mentir.



Digeri a carta durante um dia e meio e pensei muito no que fazer à minha vida. A carta não era um apelo, *mas era*. Eu conseguia perceber o choradinho da avó e a queixa escondida entre parágrafos. Ela estava a pedir-me ajuda. Com a Rosa e o miúdo lá em casa, era fácil imaginar porquê. Assim sendo, regressei, também eu, ao bairro. Que raio estava a fazer em Lisboa, se a minha vida estava cimentada naquele lugar? Era no bairro que eu tinha de estar. E de agir.

A Rosa tinha sido obrigada a abandonar o apartamento na Calçada do Carmo, mal o Conde soubera que eu tinha saído de lá. Ao que parecia, só mantinha a fachada e o pagamento da «pensão da vergonha» por mim. Nem sabia que me tinha estima, mas contou-me o Manel que a Áspera havia dito à Judite cabeleireira que o Conde dava muito valor à prima da Rosa, auxiliar nas permanentes capilares, que viria a revelar-se uma excelente aluna da Faculdade de Letras. Que era uma pena ter sido burro na escolha da afilhada, dado que eu, certamente, daria muito mais valor às oportunidades da vida. Espero que por *apadrinhar* não tenha imaginado sequer a parte de me fazer visitas noturnas, ou teria logo levado com o quadro do seu idolatrado Marcello na cabeça oleosa.

Ao bastardo, rejeitado pela Áspera, não lhe sobrava outra sorte. Teria de viver com a mãe legítima e, por isso, a casa da avó tinha novamente duas crianças: mãe e filho. Rosa e Pedrito. Um desgraçado que chorava de noite e de dia; apesar de a avó ter mandado chamar o Dr. Armés, reconhecido pelos seus dotes mágicos com crianças, ali pouco havia a fazer.

— Está triste, pobre gaiato. Deem-lhe chocolate que costuma fazer arrebitar.

Mas ninguém tinha dinheiro para isso, uma vez que comer chocolate era um luxo de gente fina. O menino já tinha quatro anos, não era parvo nenhum, e percebeu a volta que a sua pequena vida dera. E não era lá grande volta.



Ninguém sabia da nova gravidez a não ser eu, e a minha boca fez-se um túmulo. Não era assunto que me dissesse respeito e, apesar de ali estar, de dar por mim uma vez mais no bairro, fizera-o por mim — quiçá por penitência —, pelo pobre miúdo e até pela desgraçada da avó que andava a aturar as lamúrias e desejos de iguarias da Rosa, sem saber muito bem como lidar com aquilo tudo. Quanto à minha prima, eu não lhe dirigia palavra. Fazia de conta que nem a via, apesar de ela estar gorda como um porco à espera de matança em plena Festa de Santo André, padroeiro da vila de Mafra.

E, tinha de o assumir, voltara ao bairro também pelo Carlitos. De repente, estávamos todos, novamente, em casa.

Procurei trabalho na Escola Primária, fazendo valer a minha experiência universitária. A Professora Lurdes, que sempre fora pau para toda a obra, assumindo turmas e a chefia da escola, garantiu-me que conseguiria arranjar-me, em breve, um lugar de professora substituta — as mazelas da idade já se faziam notar na geração de educadoras, com verdadeiros doutoramentos a aturar miúdos provincianos que acabavam patifes. Um mês depois, foi-me atribuída a minha primeira turma, porque a Professora Odete sofrera um AVC. Eu era uma miúda despachada, pelo que assumi a posição sem vergonha e a rebentar confiança. Na vida, não raras vezes, tínhamos de parecer mais do que éramos, e não podíamos deixar que nos pisassem. Consegui uma declaração da Faculdade de Letras. Valeu-me o Domingos e a prima, que mexeram os cordelinhos e conseguiram que me fizessem uma carta de recomendação atestando o meu excelente desempenho. A minha primeira turma tinha somente dez alunos, mas já me mantinha bem ocupada, e principalmente permitia-me fazer aquilo de que mais gostava na vida: ler, escrever e inventar.

Os meses foram passando e as camisolas largas deixaram de valer à Rosa. Disse-me a Laidinha, numa das nossas tardes e entre uma bica e um queque, que já se tomavam no bairro os comprimidos milagrosos que impediam a gravidez. Eu já os conhecia havia algum tempo, começara a tomá-los por precaução, embora no bairro isso fosse uma afronta. Sempre nos tinham dito que devíamos casar virgens. No entanto, em Lisboa, as coisas eram mais fáceis. Mais rápidas. Mais modernas. Entre uma esfregadela e um apalpão, eu tinha perdido a minha virgindade numa festa da faculdade. Não tinha sido bom nem mau. Não adorara, propriamente. Mas, se pensasse bem, também o Salazar tinha caído de uma cadeira e, o que lhe doera a ele, acabara por dar prazer a alguém. Ele tinha gostado, o Nandinho. «*Foi ótimo, Luísa.*» E eu assumi que, como em tudo na vida, não se podia agradar a toda a gente. A

morte de uns era a alegria de outros. A dor de uns seria o prazer de outros. Conformei-me, sem pensar muito mais no assunto.

Já o Domingos, dias depois das cheias e da morte do avô, numa espécie de consolo na Calçada do Carmo, tinha sido bem melhor. Não sabia se aquilo tinha sido, de facto, um orgasmo, mas pelo menos a delicadeza dele fizera-me querer continuar a tomar os comprimidos usados para não ter filhos. O sexo até podia vir a ser uma coisa boa no futuro, não?

No bairro, todavia, não existiam movimentações desse género. A verdade era que eu e o Carlitos éramos bons amigos, nada mais do que isso — embora eu não deixasse de reparar que ele tinha cada vez melhor aspeto; mais gordinho e com bíceps bem definidos; a pele morena, novamente com aquele brilho arrapazado e a barba aparada que lhe dava um certo charme; e os olhos... *Não éramos mais do que isso.* Amigos. E ele continuava a achar-me imensa graça, mas a ver-me como uma espécie de irmã mais nova, mais esperta e despachada do que ele, a quem recorria caso se sentisse apreensivo ou precisasse de *sábios conselhos*, como vulgarmente dizia, rindo muito, meio nervoso. Isso incomodava-me! Se incomodava. E acabava por gerar um atrito irritante e quase sistemático entre nós. *Como se fôssemos mesmo irmãos, o que ainda era pior!* Passávamos a vida a discutir, para, depois, procurarmos consolo um no outro — só que o consolo era comer um gelado de baunilha que dizia *tréguas* no rótulo.

Em agosto, nasceu o bebé da Rosa. António, ou Tonito, como lhe viríamos a chamar. Quão irónico era dar aquele nome à pobre criança? O nome do falecido sobrinho do Conde. A Rosa não aprendia e, na verdade, pouco ou nada quis saber do bebé. Ameaçou, inclusive, entregá-lo a uma instituição dias depois do nascimento. Recusou-se a amamentar, deixando-me a mim e à avó sem saber o que fazer; leite artificial implicaria ainda mais despesa. Da tia Cândida ninguém sabia, e a minha mãe pouco se importava, preocupando-se unicamente com o seu bem-estar em casa do padeiro. De quem é que teriam herdado aquele gene egoísta e pouco empático? É que até a avó Palmira, agora, me parecia melhor pessoa se comparada com elas. Por falar em avó... semanas depois do nascimento do Tonito, acabou por sucumbir aos nervos e à tristeza, que não assumia que sentia — talvez derrota e desgosto —, e teve um AVC, dessa vez verdadeiro e não simulado, que lhe deixou a perna esquerda coxa e a boca meio de lado. Paralisada.

E isso implicou, também, uma paralisia da minha vida, dado que fui obrigada a tomar conta da avó. Da casa. Da Rosa. E dos filhos dela.

— Luísa, estás aí? Posso entrar?

— Sim, entra. Estou na sala em limpezas... acabei de deixar os miúdos na Olímpia.

O Carlitos encontrou-me na sala, de pano do pó na mão, enquanto tentava dar um jeito à casa, tarefa que fazia ao sábado, de quinze em quinze dias, altura em que pedia ajuda à vizinha. A avó estava sentada lá fora, numa cadeira de vime, e aproveitava os raios de sol enquanto mudava feijões secos de uma taça para outra, exercitando a mão parada.

— Desculpa por te chatear, sei que deves estar cheia de coisas que te ocupam a cabeça, mas como tenho estado pela vila em trabalho e tenho passado menos tempo no bairro e... olha, vim ver se estava tudo bem. Se precisavas de ajuda.

Falava muito e demasiado depressa. Estaria nervoso? Teria alguma coisa para me contar? Eu tremia de cada vez que sentia por perto o espreitar de uma notícia, uma vez que, geralmente, nunca trazia nada de bom.

— Julgava que não querias vir aqui e dar com o miúdo — disse-lhe. — Por isso é que te gritei logo que os tinha deixado na Olímpia.

— Eu sei que te disse que precisava de um tempo para digerir a coisa... para me preparar. Mas acho que estou pronto. Acho que tenho de assumir a criança. É a minha obrigação.

— Achas? Ele é teu filho, Carlitos, se bem te lembras. E precisa de um pai, já que teve pouca sorte com o primeiro. Não podes *achar*. Tens de saber o que estás a fazer. Agir como um adulto.

— Eu sei, eu sei. Tens razão, claro. E já arrumei as ideias e tratei de tudo.

— Trataste de tudo?

— A seu tempo saberás.

Abanei a cabeça em sinal de negação e virei-me novamente para o móvel cheio de bibelôs por limpar. Já me habituara a não perguntar. A ignorância era mesmo uma bênção.

Dezembro chegava de mansinho, trazendo o verdadeiro frio e o cheiro a lareira. A vida decorria dentro da normalidade a que eu já me habituara. O avô tinha morrido há um ano, mas fazia-me falta todos os dias. Tanta que eu procurava, desesperadamente, coisas dele no Tonito — um bebé gordo e carinhoso que me derretia o coração e o enchia de um novo tipo de amor. O Pedrito, como qualquer criança que recebia amor, aprendera também a dá-lo. Durante o dia, enquanto eu trabalhava, a Olímpia tornara-se ama oficial e olhava pelos miúdos e pela avó. Tinha conseguido ficar com a turma da manhã, o que me deixava as tardes livres para orientar a casa e a rotina dos dias. Podia não ser o meu sonho de vida, se olhasse para ele com dez anos, mas assemelhava-se a um início feliz da construção de uma família. Eu não era pessoa de baixar os braços; preferia olhar para tudo aquilo como um jogo. No final, certamente sairia vencedora; só precisava de acreditar que todos os esforços compensavam e que acabaria por ter o meu final feliz. E, caramba, gostava mesmo dos miúdos.

O único senão era a sombra da Rosa, que pairava por ali de vez em quando, aquele permanente fantasma que entrava e saía a seu bel-prazer, não prestando cavaco a ninguém e não se importando, sequer, com o sustento dos filhos — que eu garantia como se fossem meus. Também me custava a ausência do Carlitos, que me pedira tempo para aprender a lidar com o facto de ter um filho, até àquele momento.

Pensei melhor e decidi arriscar. Ele precisava de ouvir certas coisas. De ter consciência de quanto empurrava com a barriga uma responsabilidade que era dele.

— Explica-te, Carlitos. A seu tempo? Queres mesmo falar de tempo? Tempo é esticar as horas para conseguir ser mãe de filhos que não são meus, enquanto a ingrata da Rosa passeia. Para conseguir tratar de uma avó que toda a vida me desprezou. Para gerir uma casa que não é minha. E, no meio disso, conseguir ter tempo para não desistir de mim. Sabes que vou começar a fazer visitas guiadas no Palácio de Mafra já no próximo ano, durante o fim de semana? É que o dinheiro não estica. E, lamento, até nisso terás de ser pai. Por isso, não me fales em tempo. Já tiveste o teu. Está na altura de mostrares o que tens entre as pernas, já que para fazeres o miúdo soubeste usar isso. —

Escusado será dizer para onde foi que aponteí.



No bairro, chamavam-me *a miúda*. Sempre me tinham chamado *a miúda*. A da Palmira. A do Zé. A da bicicleta. Mas sempre *a miúda*. Até no dia em que entrei na mercearia e comuniquei que as compras da semana passariam a ser pagas e recolhidas por mim, uma vez que a avó Palmira tinha dificuldade em deslocar-se. *A miúda cresceu*. Embora a miúda ainda nem tivesse vinte e um anos.

Fui à padaria depois da conversa com o Carlitos, quando este me assegurou que iria assumir responsabilidades e sugeri, para meu espanto, ficar com as crianças ao fim de semana quando eu comesse a fazer as tais visitas guiadas. Não sei como esperava amanhar-se sozinho, mas, em linguagem bairrista, teria de se *desemerdar*.

— Carmo, *a miúda* está aqui.

Era o namorado da minha mãe. O padeiro.

— Precisas de alguma coisa? — perguntou, cordial. O Américo era educado.

— Preciso de falar com a minha mãe.

Ainda não terminara a frase e já ela se aproximava do balcão. Mãos na anca. *Nem bom dia, nem boa tarde*.

— O que é que queres?

Se era assim que ela queria, eu também sabia ser direta, não pôr panos quentes.

— Preciso que, das duas uma: ou leves a avó Palmira ao fim de semana para tua casa ou vás lá ficar com ela. Por muito que me chateie pedir-te ajuda, não consigo dar conta do recado sozinha. Preciso de trabalhar para sustentar os miúdos.

— Estás a sugerir que eu deixe de ter os fins de semana para descansar? Eu, que trabalho de noite e de dia? Tudo porque estás a criar os filhos da outra puta?

— E tu também não estás a criar os filhos de outra? — perguntei. — Pouco me importa o que tu trabalhas, o que fazes e como te orientas. Tens uma de duas opções, já te disse. A mãe é tua. Escolhe o que fazer com ela — rematei, saindo porta fora. Ainda a ouvi gritar-me qualquer coisa, mas segui o meu caminho, orgulhosa da minha determinação. *A miúda* tinha deixado de ser estúpida.

De regresso a casa, e depois de dar almoço à avó, decidi ir buscar os miúdos um pouco mais tarde a casa da Olímpia. Estariam possivelmente a dormir a sesta, e eu iria aproveitar o sol e o silêncio para me sentar no quintal uma hora a ler. Já que estava tão orgulhosa por ter saído vitoriosa no confronto com a minha mãe, decidi alongar aqueles minutos de amor-próprio concedendo aquele prazer a mim mesma. Há quanto tempo não acontecia? Quando passei pelo quartinho pequenino, que era agora ocupado pela Rosa — os miúdos dormiam na sala e eu e a avó partilhávamos a cama de casal —, estranhei ver a porta aberta. A cama estava por fazer, mas não havia sinais de roupa suja espalhada. Em cima da mesa de cabeceira estava uma folha A4, dobrada a meio, que me chamou de imediato a atenção por ter o meu nome escrito. Bem legível. Letras gordas sublinhadas para que não restassem dúvidas.

Luísa,

Não vou dar-te grandes explicações, não vale a pena, mas antes de ir era preciso escrever-te esta carta. Deixar-te umas últimas palavras. Amanhã vou para França. Vou viver para Paris com o Joseph. Conheci-o há umas semanas na vila, numa das minhas idas ao café, à noite. Trabalha para uma empresa internacional que quer comprar a fábrica de madeiras. Vou com ele não porque me apaixonei perdidamente, mas porque o convenci pelos meus meios de que sou a mulher da sua vida. Há coisas que nunca mudam, não é? Preciso de sair daqui ou atiro-me à linha do comboio. E, mesmo assim, com a sorte que tenho tido, acredito que o comboio me passava por cima, deixava-me paraplégica e não me matava. Não aguento mais o bairro. A palerma da avó que nunca foi boa e agora acha-se santa só porque está entrevada e viúva. Os choros, as birras, as noites em claro por causa do miúdo — ele tira-me o sono e tudo isto me dá pesadelos. E não te aguento a ti, descida do pedestal, verdadeira mártir a cumprir promessas na igreja do Padre César. Sempre com esse ar de quem pode salvar toda a gente, dar a mão, mesmo que te roubem o braço.

Quis a tua vida desde sempre. Roubei-te, primeiro, o papel principal em todas as brincadeiras. Os namoricos e paixonetas de infância. O lugar principal no coração da nossa família. Eu era a mais bonita, a mais engraçada e a que tinha, inegavelmente, um futuro mais promissor, julgavam eles. Mas eu não era nada disso! E enganei todos, menos o avô. Eu era uma sombra encostada ao modelo que idolatrava e invejava. De uma maneira simples, tu eras feliz, e eu não. Ainda hoje és! Como é que é possível? A tua ingenuidade, a tua bondade consomem-me. Desgastam-me. Levam-me ao desespero.

Levei-te para Lisboa porque não queria viver uma chantagem sozinha e, se corresse mal, correria para ambas. Pensei em mim. Conteí-te das violações do Conde somente para que sentisses pena e, assim, não me abandonasses. Fiz trinta por uma linha em Lisboa e continuaste sempre lá, a limpar-me o rabo quando não me levantava da cama e a dar-me sopa à palhinha para que não adoecesse. E eu? Continuava a fazer apenas o que me interessava. Maquinei planos com o António. Dormi com o Carlitos e o irmão, e com tantos outros que me foram aparecendo pelo caminho. Pensei em mim. Tentei pôr em prática um plano para enriquecer sem esforço, desde o início, mas dei por mim a não saber sequer o que fazer com o dinheiro, se o tivesse. Não acabei o curso. Não consegui viver em Lisboa. Ou melhor, dou por mim a acreditar que não consigo viver em lugar algum. Chega a ser doentio, não achas?

E agora? Agora tenho dois filhos ao meu encargo, ou antes, ao teu. Não quero também esta prisão. Primeiro, porque não sei viver com amarras. Depois, porque não sou a mãe de que eles precisam. Tenho de me ir embora. E não podia levar só um — não vou separar os miúdos; não vou separar irmãos; isso, nunca. Por isso, deixo também o Tonito à tua responsabilidade. Serás melhor mãe do que eu e ele não precisará nunca de saber que não saiu de ti.

Cala as bocas do bairro, que bem sei que são complicadas de calar. E cuidado com quem parece ajudar, mas, na verdade, só te pesa. Só te finta. Olho aberto, Luísa Baliza. És ou não a melhor guarda-redes?

Até um dia,

A tua prima Rosa

Agarrada a esta folha, com uma dobra no canto superior esquerdo que inicialmente me passara despercebida, estava a certidão de nascimento do Tonito. Senti a garganta seca e o suor escorrer-me da testa. Na linha dedicada ao pai estava o nome do Carlitos, mas, na da mãe, podia ler-se o meu nome completo. *A Rosa registara a criança em nome dos dois!* E, como não havia duas sem três, o miúdo chamava-se António Marcelo. Só faltava o Caetano.

O Bairro das Cruzes caiu em desgraça. A terra fértil pouco paria. A colheita murchara tal como os corações das suas gentes. Mirrados. E o povo ruiu, perdendo a sua fé. Tornou-se mau, mesquinho, inimigo da vizinhança.

O irmão que sobrou, o único livre ainda que não na alma, tanto chorou que o seu corpo secou. Desapareceu numa terça-feira, três de março, eram três menos um quarto.

Sabendo disso, Teófilo, preso na terceira cela a contar da terceira janela, atou três nós numa corda e assim se enforcou.

Morreram assim os três. E a placa dos três irmãos, que anunciava um bairro feliz, deu lugar a três cruzes, a três sepulturas cobertas de mármore. Deu lugar ao Bairro das Cruzes.

1974

—Pedrito, despacha-te. Não há um dia em que não te atrases.

O frio daquele dia era cortante. Os miúdos estavam já prontos e de mochila às costas. O Pedrito, na quarta classe, seguiria comigo até à Escola Primária onde eu dava aulas aos meninos do primeiro ano. Já o Tonito e a Paulinha ficavam em casa da Olímpia, que, apesar de estar perto dos setenta, ainda tomava conta de crianças com mais agilidade do que eu, que só tinha vinte e seis. O número 5 do Bairro das Cruzes agora pertencia aos *Serra*. Eu, antes Luísa Pires — Luísa Baliza para os amigos —, agora vestia, com manifesto orgulho e afeição, aquele apelido. *O apelido do Carlitos*.

Tínhamos casado na primavera de 1970, no mesmo ano em que o país vira morrer António de Oliveira Salazar. Vivia-se a primavera marcelista, mas, nessa mesma primavera, estava um dia de tanta chuva e de tanto vento que o meu miserável vestido de noiva se colava ao corpo — o que o tornava ainda mais feio —, e a minha trança loira tinha mais cabelos soltos que apanhados. A minha indumentária era adaptada daquela que a avó usara em 1927, quando casara com o avô aos dezoito anos, já grávida e com mais trinta quilos do que eu. As vozes do bairro afiançavam que «*casamento molhado, casamento abençoado*», e, apesar da pouca sorte dos tempos que antecederam o nosso matrimónio, certo era que eu e o Carlitos estávamos satisfeitos com as nossas escolhas. Tínhamos sido sempre uma boa equipa. E, secretamente, ou de forma não tão secreta, ele era o meu primeiro amor, o único.

Assim, dessa junção congeminada aos meus dez anos, nasceu a pequena Paulinha, de caracóis loiros e olhos preto-azeitona, carregados de pestanas e de curiosidade. Fazia buraquinhos nas bochechas quando sorria e tinha sardas

grandes perdas no nariz e à volta dele — pareciam pontinhos desenhados a lápis preto. Era uma miúda irrequieta, cheia de manias e uma formiga com catarro, mas era também a coisa mais doce e querida das nossas vidas. E eu até estava a sair-me bem naquela coisa de viver os meus sonhos, porque tinha aberto uma livraria na vila, que vendia as últimas novidades e que estava carregadinha de livros antigos, graças à ajuda preciosa do meu querido amigo alfarrabista da Calçada do Carmo.

Aquilo que tinha motivado a minha união súbita ao Carlitos fora, naturalmente, a fuga da Rosa para França, que acabara por apadrinhar o casamento no dia em que me tinha escrito aquela carta, com a certidão anexada.



— Ela registou o miúdo em nosso nome? Então ele é nosso filho? É só isso que ela diz? Que o miúdo é nosso filho?

— Não é nosso filho, efetivamente — respondi, revirando os olhos. — Sabemos que não o fizemos. Mas, para todos os efeitos, legalmente, é nosso filho. É o que consta da certidão de nascimento.

— Ela é doida...

— É claro que é. Ainda tinhas dúvidas?

— E agora? Temos de cuidar do miúdo? E isso tem validade? Não pode ser anulado? Ela só o registou meses depois...

— Isso é o que faz toda a gente! Fazem o registo dos filhos mais tarde e mentem sobre a data de nascimento para não pagar multa. De qualquer modo, eu já tomei uma decisão. Vou ficar a viver em casa dos meus avós. Vou tomar conta deles. Precisam de uma mãe, já que a deles os abandonou. O Pedrito já está traumatizado. O miúdo tem comportamentos estranhíssimos, o que não me surpreende, olhando para o que tem passado... O outro ainda vou a tempo de consertar. Está por polir.

O Carlitos ouvia-me com atenção. No semblante, um misto de surpresa e admiração.

— Queres assumir as crianças? Como tuas filhas?

— Eu não consigo virar as costas a isto, Carlitos — afirmei, cheia de convicção. Não tinha a menor dúvida. — Nem a isto, nem a este bairro. Está-me no sangue. Sei que vou ser feliz aqui, só preciso de arregaçar as mangas. De fazer por isso... as pessoas têm de aprender a queixar-se menos e aproveitar mais. Nada acontece por acaso, não achas? Há muito por onde

crescer, muito por fazer, a começar por obras nesta casa. Podias ajudar-me nisso? Dava-me jeito um par de mãos extra. Sempre te desenrascaste com...

— Então vamos fazer isto juntos — declarou, deixando o meu raciocínio a meio. — Eu trabalho, Luísa, posso ajudar-te nas despesas. E é claro que damos um jeito na casa... peço ajuda ao meu irmão João, que ele é um tipo competente.

— Obrigada.

— Obrigada? O Pedrito é meu filho, Luísa. Não quero que o miúdo sofra mais, foda-se. Agora vai ter um pai e uma mãe. Está mais que na altura. Estou pronto. Vamos a isso.

Esfregou as mãos como se fosse dar início a uma partida de futebol. Como se estivesse prestes a devorar uma pratada de carne guisada, que sempre adorara. Aquele entusiasmo súbito e aquela segurança inesperada fizeram-me dores de estômago. Das valentes.

— Achas que podemos ser uma família, Luísa? Se calhar até nos podemos casar. Se tu quiseres...

— Que ideia! — *E que romântico aquele pedido... ou, melhor, sugestão!* — Deixa-te de parvoíces. Isso ia lá funcionar! Não temos dez anos.

— Temos, sim. Teremos sempre. E sempre fomos uma boa equipa, à altura do nosso Benfica.

Aproximou-se de mim e senti o calor familiar daquele corpo, embora naquele momento me parecesse diferente.

— Carlitos, eu...

— Cala-te, Luísa. Falas e pensas demais.

E beijou-me, com um rubor ameninado nas faces e como se aquele fosse o nosso primeiro beijo — o que, a bem da verdade, era. Tinha alguns anos de atraso, mas valera a espera. A língua dele encontrava a minha com calma, mas certeza. Com a paixão dos filmes e o fervor de quem já não tinha dez anos. De quem podia seguir dali para o quarto. Deixei que me puxasse para junto dele e fizemos amor ali, onde estávamos, em cima da mesa da cozinha. Tanto da minha história se passara naquela mesma divisão. A avó dormia a sesta lá dentro, no quarto pequenino. Graças a Deus, a idade fizera-a surda.



Eu e o Carlitos acabámos mesmo por casar. Uma coisa levou à outra. À sua maneira pouco poética e despretensiosa, o Carlitos tinha sido uma constante na minha vida. Era péssimo em demonstrações de afeto, mas eu sentia de

perto a sua admiração. E via-lhe o brilho nos olhos quando os concentrava em mim, entre banhos e gargalhadas com as crianças. Depositava em mim o mundo, se fosse preciso, tamanha era a confiança que tinha nas minhas vontades e valores. Sempre me julgara valente e corajosa, o que contribuía um pouco para que eu me tornasse mais do que aquilo que na realidade era. Porque amar era também encorajar. Fazer-se melhor. Tirar do nosso prato e dar ao outro. E, nisso, ele era exemplar. Não havia ser mais generoso e altruísta. E, além disso, viria a revelar-se um maravilhoso pai.

Em pouco tempo, habituámo-nos um ao outro. À rotina. Aos miúdos. Durante os primeiros dois anos de casamento, vivemos sem perdas e numa harmonia atípica naquele bairro. A avó acabou por falecer em meados de 1972. Ainda viu a Paulinha com meros dias de vida, mas durou pouco mais depois disso. Acho que estava somente à espera que nascesse a bisneta para depois partir sem delongas. Já se tinha demorado muito, costumava dizer. Cuidar dela tornara-se um encargo demasiado duro. Sim, um encargo. E sim, doloroso. Não existia naquele corpo, antes irremediavelmente desassossegado, resquício algum da antiga Palmira, e, apesar de eu nunca ter morrido de amores pela avó, sentia pena dela. Da solidão dos dias. Do fardo que carregava. Sofreu, culpa do seu feitio e do facto de ela própria afastar toda a gente à sua volta, para morrer. Sem as filhas e a viver da caridade da neta que sempre desprezara. Curiosamente, foi no fim de vida que se tornou mais amável. Acenava com a cabeça e sorria quando eu entrava. De qualquer modo, vê-la partir fez-nos sentir saudades da sua figura agoirenta, da sua insatisfação e queixumes permanentes, mas também nos fez respirar de forma mais serena. *Um alívio*. Sentimento dúbio. Como em tanto na vida.



Estava um dia frio, daqueles que pedem um casaco de pelo denso, camisola de malha e *collants* sob as calças. Os miúdos estavam já de mochila às costas e prontos para as rotinas habituais, enquanto davam pontapés um ao outro. O Pedrito julgava-se muito adulto, do alto dos seus nove anos. Herdara do pai a altura de pernas, que o tornava maior do que a maioria dos amigos. Já a capacidade de tirar os outros do sério vinha do lado da Rosa. Era implicativo e tantas vezes obstinado, a ponto de me fazer bufar. Era impossível, quando o via destruir propositadamente os brinquedos do irmão, não recordar o episódio em que a minha prima queimara, com fósforos roubados à avó Palmira, a minha boneca de papelão, *Josefa*, a única que eu tinha. Dois delitos:

usar fósforos e arrancar a felicidade do peito dos outros. Será que eu teria, novamente, de lidar com uma espécie de Rosa na minha vida? Isso assustava-me, mas, de algum modo, ligava-me a ela.

Lembrava-me muitas vezes da minha prima, e perguntava-me em que raio de confim do mundo estaria enquanto eu tentava domar o Pedrito.

Puxei do cigarro mal dobrei a esquina, depois de ter deixado os miúdos na casa da Olímpia. Estava a ficar com os dedos amarelos do tabaco, mas este era um vício que não queria largar. Dava-me prazer fumar. Era o meu sedativo natural, especialmente agora, que lidava com uma creche em casa. O bairro estava agitado. Demasiado acordado àquela hora da manhã. Ouvi uma voz masculina chamar-me, que não reconheci imediatamente.

— Luísa, anda, anda. Vem ver isto! Vem ouvir a rádio na tasca. Está lá toda a gente! Acabou-se o *orgulhosamente sós*. Vamos ter os nossos filhos de volta. Vai acabar a Guerra de África. Vão tirar os chulos do poder. Em Lisboa, manda o Povo — gritava um dos irmãos do Carlitos, apontando para o café do bairro, para onde se dirigia a passos largos.

Era dia 25 de abril de 1974 e, na vila de Mafra, a movimentação de militares era invulgar àquela hora do dia. Provava que algo se passava. Algo que eu já sabia desde a madrugada, uma vez que o Carlitos me tinha acordado ainda não eram seis da manhã.

— Luísa — sussurrou. — Estás a ouvir?

— Hum? — perguntei, espantada. Ainda perdida no sonho que estava a ter e que não recordava.

— Desculpa por te acordar, mas preciso que me ajudes... Onde é que estão as minhas calças de festa? Aquelas beges? Ah, e a camisa branca de gola. O lenço de seda já encontrei, mas das calças não sei.

Teria ele endoidecido?

— Mas vais ao casamento de alguém? — Virei-me e acendi o candeeiro. Uma luz amarela inundou o quarto enquanto eu pegava no meu relógio de bolso e confirmava ser cedo. A claridade mal espreitava pelos buracos das persianas. — Que ideia é essa? Já viste as horas? Estás bem, dói-te alguma coisa?

— Nunca estive melhor. Vou no primeiro autocarro para Lisboa. É preciso celebrar.

O Carlitos tinha tido uma das suas insónias. Desde que o Luís fora levado para Peniche, tantos anos antes, que, a espaços, estas lhe faziam companhia madrugada dentro. Existiam alturas na vida em que tínhamos sonhar e ele habituara-se a não dormir, evitando o que daí poderia vir. À meia-noite e

vinte, minutos depois de sintonizar o rádio no programa em antena «Limite», já eu e os miúdos dormíamos, estranhou ouvir a *Grândola Vila Morena*. Pareceu-lhe adequado que a música passasse no «Limite», visto que era assim que se sentia. Cansado. Sem esperança. A situação do país prolongava-se havia demasiados anos e a primavera marcelista nada tinha feito senão camuflar o inverno rigoroso em que se vivia. Admirou-se, contudo, com a ousadia. Na certa, no dia seguinte, teriam a PIDE à perna. Havia sempre um pide em cada esquina e a noite ainda era uma criança, muitos deveriam estar à escuta. Bem sabia, tantas tinham sido as vezes em que fora dentro, tanta a porrada que apanhara. Fumou dois cigarros de seguida. Acendeu um com o outro.

Eram quatro e vinte e seis quando ouviu o comunicado. Julgou, primeiro, que estava a sonhar. Sentou-se mais direito. Esfregou os olhos com as duas mãos, como fazia sempre que era preciso despertar. *Hirto!* Orelhas largas e grandes. As orelhas crescem até que o corpo morra, dizem os mais velhos.

Aqui, posto do Comando do Movimento das Forças Armadas. As Forças Armadas Portuguesas apelam para todos os habitantes da cidade de Lisboa, no sentido de recolherem a suas casas, nas quais se devem conservar com a máxima calma. Esperamos sinceramente que a gravidade da hora que vivemos não seja tristemente assinalada por qualquer acidente pessoal, para o que apelamos para o bom senso dos comandos das forças militarizadas, no sentido de serem evitados quaisquer confrontos com as Forças Armadas.

Pôs-se mais direito ainda. Cresceu dois palmos. Alguma coisa séria se passava em Lisboa. Um grito de revolta, uma movimentação capaz de destronar o regime. Sabia-o nas entranhas, na pele, no coração. Seguiram-se outros tantos comunicados. A tropa movimentava-se. Começou a pensar no irmão. Levantou-se e foi para o quintal fumar e olhar para a Lua, até serem horas razoáveis para acordar a mulher.

Às sete e meia, ambos despertos, ouvimos juntos o quinto comunicado, enquanto preparávamos o pequeno-almoço aos miúdos.

Conforme tem sido difundido, as Forças Armadas desencadearam na madrugada de hoje uma série de ações com vista à libertação do País do regime que há longo tempo o domina. Nos seus comunicados, as Forças Armadas têm apelado para a não intervenção das forças policiais com o objetivo de se evitar derramamento de sangue. Embora este desejo se mantenha firme, não se hesitará em responder, decidida e implacavelmente, a qualquer oposição que venha a

manifestar-se. Consciente de que interpreta os verdadeiros sentimentos da Nação, o Movimento das Forças Armadas prosseguirá na sua ação libertadora e pede à população que se mantenha calma e que se recolha às suas residências.

Viva Portugal!

Ação libertadora. O Carlitos tinha razão, daquela vez era a sério! Quando limpou as lágrimas às costas da mão esquerda calejada e com uma cicatriz profunda entre o polegar e o indicador, causada por uma rixa com nacionalistas, percebi que a marca mais profunda da opressão, que morava no corpo do Carlitos, não era aquela. Era a que se firmava na alma dilacerada. Pelas crenças que escondeu. Pelas lutas que travou e perdeu. Pela tortura a que o irmão tinha sido sujeito — e talvez o próprio Carlitos, conquanto nunca mo tenha contado.

Passei-lhe as calças e a camisa a ferro e vi-o sair porta fora, como um miúdo. Lembrei-me de mim, no dia em que os Doze me tinham deixado jogar à bola com eles, apesar de eu ser menina. *Liberdade.* O Carlitos partiu para Lisboa de autocarro com o irmão João ao lado. Iriam certamente encontrar-se com o Luís, com quem mantinham contacto regular, apesar da sua clandestinidade. Finalmente juntos. Finalmente livres.



À hora de almoço, já havia rádios ligados no centro da vila, à espera de mais novidades. Portugal estava prestes a virar. Cantava-se o *Hino*, a *Grândola Vila Morena*, uma e outra vez. Queriam-nos a todos na praça, em frente ao Convento, porque a tarde seria de festa. O *dia* seria de festa. Bater palmas e gritar «Liberdade». Parou a escola e parou tudo. Até a padaria do Américo tivera uma folga. Eu conseguia distinguir, entre o povo, a figura larga e barulhenta da minha mãe, ainda não a tinha visto naquele ano. As pessoas abraçavam-se, trocavam beijos e palmadas nas costas. Davam as mãos sem se namorarem e esqueciam os sabores da má vizinhança. Fazia-me falta o Carlitos. Queria dar-lhe a mão e abraçá-lo. Partilhar aquela alegria com ele.

— Em Lisboa está tudo doido. Dizem que há militares e pides envolvidos em confrontos. O Marcello Caetano está escondido no Carmo. Há milhares de pessoas nas ruas. Mas, como sabes, as informações aqui chegam torcidas e atrasadas — disse-me o Manel, parado ao meu lado. A observar e absorver o

que se passava com a sua habitual calma e algum receio. Eu tinha deixado o Pedrito na Olímpia, quando nos informaram que a escola fecharia, e tinha-me juntado ao meu amigo na praça.

— Que queres dizer com isso?

— Então, a Revolução é lá. Podes imaginar o alvoroço. Nós aqui só sabemos meias notícias.

Ainda não tinha avaliado a situação por aquele prisma. Senti um terror momentâneo.

— Caramba, estão a tremer-me as pernas. O Carlitos está lá. Doido como é, deve estar na linha da frente.

— Não me espanta nem um pouco. Isso é mesmo coisa do Carlitos, estar onde está o sangue, correr em direção às balas.

— Que reconfortante, Manel. Obrigada.



Antes de sair para Lisboa, o Carlitos deixara-me com um beijo intenso, como havia muito tempo não acontecia. No dia a dia, preenchido e sem espaço para afetos, os nossos beijos eram fugidios. Naquela manhã, ele beijara-me *a sério*. Tal como no nosso primeiro beijo, senti as pernas cederem, não tanto por paixão, mas por surpresa. Um amor reconfortante e tranquilo, que, embora sem grandes manifestações, eu sabia estar presente. Que outra coisa poderia ser o amor senão aquilo? Era amor, certamente, quando a barriga ainda se contorcia com um beijo roubado. Quando o futuro ainda cabia entre os ombros que se encostavam. Quando o silêncio falava sem incomodar. Só podia ser amor, esse consolo da alma, essa música que cantarolávamos em uníssono, numa melodia afinada e como uma lembrança feliz.

Sim, o Carlitos era amor. E alguma coisa dentro de mim se agitava e me dizia que eu devia temer por ele.

O golpe revolucionário do MFA não tinha sido planeado de véspera. Fora um conjunto de circunstâncias e um contexto adverso e autocrata demasiado longo que fizera que os capitães de abril se agitassem. Mas a maior revolução, a verdadeira agitação, viria a dar-se na minha vida.

— Mãe, estás a ouvir? Estão a bater à porta. Mãe?

Eu estava sentada à mesa da cozinha. A caneca de café de cevada a aquecer-me as duas mãos. Pensava até que ponto era possível aguentar a queimadura. Qual seria o momento em que definíamos ou decidíamos que havíamos chegado ao nosso limite?

— Mãe, olha a porta! — gritou o Pedrito. — Mas tu estás a dormir? E estás aí sentada, ainda? Estamos atrasados. Ou hoje não há escola por causa dos soldados?

Cravos. A minha cabeça pensava em cravos. Não pregara olho toda a noite. Uma noite demasiado comprida, interminável. Contara todos os tiquetaques do relógio de pêndulo dourado que tínhamos na parede da sala — o Carlitos encontrara-o no ferro-velho e fizera um brilharete ao arranjá-lo. Sentada no sofá de flores garridas, sentia-me estupidamente cinzenta e numa letargia que não me era típica. Conseguia perceber que no meu peito um mau pressentimento fazia cama, capaz de me afundar a alegria que procurava boiar no tal mar de liberdade em que todos nadavam.

— Desculpa, diz. — Despertei, subitamente consciente da presença do miúdo e das pancadas na porta.

— Estão a bater... não ouves?

Levantei-me arrastando a cadeira e percebi, quando finalmente abri a

porta, o que tinha acontecido. Não eram precisas palavras. Não eram precisas explicações. Eu sabia-o. Dentro do meu corpo encolhido, eu sabia-o. Havia largas horas que sabia.

— É a dona Luísa Serra? Esposa do senhor Carlos Serra? — perguntou-me um militar da GNR.

— Sim, sou eu — confirmei. A minha voz um farrapo.

Saí para o alpendre e puxei a porta atrás de mim, fazendo sinal ao guarda para que falasse baixo. O Pedrito espreitava atrás de mim e soltara um *oh* quando percebeu que o afastava.

— Tenho a triste tarefa de lhe comunicar que o seu marido faleceu ontem, vítima de uma bala perdida. Estava uma grande confusão em Lisboa, como bem sabe, no meio de todas as manifestações, algumas coisas ficaram descontroladas e infelizmente ele...

Deixei de ouvir. Durante alguns segundos, fiquei sozinha. Amparada na porta verde gasta, tão gasta quanto as ideias democráticas que o Carlitos e os irmãos defendiam à mesa de domingo, naqueles almoços familiares que ele insistia em fazer, apesar de termos de comer por turnos, por não cabermos todos. Durante alguns segundos, fiquei sozinha. Sentada à sombra da figueira a fazer-lhe um desenho. Atrás do banco do meio, da rua principal, com vista privilegiada para o quintal da Ruiva, escondida e na esperança de o ver sair. A rodar o meu aro insistentemente para lhe conseguir provar que era a melhor. Impressioná-lo. A descascar laranjas sentada num caixote e a imaginar que um dia o dividiríamos, *já velhinhos*, debaixo do nosso próprio alpendre, na nossa própria casa no bairro. O meu Carlitos.

— Como é que ele morreu? — consegui perguntar. — Quem é que lhe deu o tiro?

— Bem, ele estava em frente à sede da PIDE. As coisas ficaram descontroladas. Tiros para o ar, gente ferida, homens e mulheres no chão. Os tiros tinham a intenção de distrair o povo enquanto pensavam num plano de fuga. Lamentavelmente, o seu marido não foi o único a perder a vida.

— Mas não estão a assegurar na rádio que a Revolução se fez sem sangue? Que as espingardas não foram usadas? Que só serviram de jarras aos cravos?

Era por isso que eu só pensava em cravos. Era por isso que os conseguia cheirar, apesar do pouco aroma. Que os sentia como espinhos no coração. Uma coroa de Cristo.

— Deve haver algum equívoco — sugeri, mesmo sabendo ser um disparate.

— Infelizmente não, desculpe. Receberá notícias em breve, quando libertarem o corpo. Aconselho-a a contactar uma funerária.



E assim partira o Carlitos. Livre durante míseras horas. Crente toda uma vida. Tinha saído de casa em busca de justiça e voltaria dentro de uma urna com rendas e bordados — que abominaria se fosse vivo. Assim tinha morrido o meu Carlitos na revolução pacífica de abril. Naquela que seria sempre a revolução *sem sangue*, apesar de, para mim, se ter derramado o mais precioso de todos. O Carlitos morreu no dia em que nasceu.

Ainda bem que lhe tinha passado as melhores calças e a melhor camisa. E que ele me deixara com aquele último beijo, tão parecido com o primeiro. Afinal, nunca havíamos de descascar laranjas sob o alpendre quando chegássemos a velhinhos.

Virei a cara evitando olhar para o buraco onde tinham, minutos antes, depositado o caixão. O Carlitos nunca tinha gostado de se sentir aprisionado. De espaços pequenos. Acredito que isso se devia a um trauma de infância, por ter dividido cama com os irmãos. Isso e pancada — também era habitual dividirem as atenções do pai no que dizia respeito à primeira escolha para apanhar naquela noite. O pai sempre tivera mão pesada. E batia a todos naquela casa, incluindo a mãe. O Carlitos costumava dizer-me que isso lhe servira como exemplo, pela *negativa*. Podia ter sido um miúdo disparatado e imprudente, como tantos outros, mas no dia em que casámos jurou-me que seria o mais sério e respeitador dos maridos. E fez-me prometer que nunca falaríamos da Rosa. O Pedrito e o Tonito eram *nossos* filhos. Pouco importava o resto. Honrou o juramento até ao dia em que me morreu, e eu não falei da Rosa a ninguém até ao dia em que o enterrei.

Um vulto feminino magro, a envergar preto da cabeça aos pés, segurava na mão uma rosa branca. Usava uns óculos de sol e um chapéu preto de abas largas a esconder meio rosto. Eu, com os olhos marejados das lágrimas que teimaram em pontuar de forma errada o meu discurso de agradecimento a todos os que me cumprimentaram, nem a reconheci.

— É ela.

O Manel estivera de braço dado comigo desde o início. E estive em minha casa a ajudar-me com os miúdos e com toda a logística do funeral durante os cinco dias que intervalaram o comunicado da morte do Carlitos e a entrega do corpo para velório.

— Quem?

— É a Rosa, Luísa. Esteve ali desde o início. Já a tinha visto.

Olhei na direção que o Manel indicava e engoli em seco. O meu corpo tremia e sentia a barriga às voltas. Não era o momento nem o lugar para a abordar. A minha família já havia reunido um número suficiente de escândalos no cemitério para lhe ser barrada a entrada no Paraíso. Eu não queria isso para o Carlitos. Ou já ninguém se lembrava do folclore que tinha sido a homenagem ao pobre Bisa? Seria possível que o Carlitos me aparecesse, tal como ele? Tinha pouca esperança nisso, visto que aguardei, durante dias, uma visita do avô Zé que nunca tinha acontecido. No máximo, sentira-lhe o perfume uma ou duas vezes. Afinal, as pessoas morriam mesmo.

Como é que ela se atrevia a estar ali?

Notei que se aproximava. Parecia a bruxa de um conto de fadas e eu a princesa delicada, quase sempre meio tonta, que tremia feita gelatina perante aquela presença. Eu, que me mantivera firme pelos meus filhos, que só havia chorado na cama, sozinha e baixinho para que não sentissem o seu castelo ruir, para que acreditassem que, apesar da ausência do pai, se manteriam seguros, comecei a soluçar, publicamente e quebrando as correntes que me mantinham presa, quando vi a Rosa.

— Olá, Luísa — disse ela. — É bom voltar a ver-te, apesar de ser aqui... Os meus sentimentos.

— Obrigada, Rosa — respondi. O Manel a amparar-me. O lenço de algodão que segurava ensopado em ranho.

— Vou-me embora e não pretendo incomodar-te. — O tom formal contrastava com os maus modos e pouca educação que lhe conhecia. — Não podia deixar de vir...

Acenei de um modo frouxo com a cabeça — uma cabeça pesada e cansada que suportava a custo sobre os ombros —, e bruscamente ganhei consciência do que aquilo significava, desperta por fim da minha apatia: *era real; ela estava mesmo ali*. Não era altura para me preocupar com a Rosa, uma vez que era real também o facto de não ter o Carlitos ao meu lado para partilhar tamanha aparição. Para cuspir ofensas e desatarmos numa gritaria, competindo entre nós para ver quem a desprezava mais. Ou, até, para assumir que sabê-la viva me fazia sentir menos sozinha, como se uma parte da minha infância tivesse ressuscitado, já que todos tinham decidido abandonar-me.

As últimas pazadas de terra. *Estava feito!* Composta a campa e depositados sobre ela os arranjos florais e as coroas de cheiro enjoativo. Era assim que todos os funerais acabavam. E, depois disso, seguiríamos para casa meio vazios, sem saber como voltar a existir num lugar que ainda cheirava ao

morto. Sem saber como preencher o espaço oco que sobrara no nosso corpo. E, em mim, sobrava um vazio infinito.

Entregaram-me os cartões de condolências e segui, lado a lado com o Manel, rumo a uma vida que da noite para o dia se desmanchara. E as minhas reservas em relação ao futuro, aos meninos, ao bairro, abriam-se conforme o meu corpo pairava sobre as sepulturas, como o pássaro que sempre quisera ser, mas que nesse instante voava baixo. O que é que fariamos? Onde é que a vida nos levaria dali em diante? Eu sabia que era assim que todos acabávamos... em reticências.

— Olha que lata, realmente. Tu não achas que é preciso ter lata? — O Manel trazia-me de volta à realidade. — Eu nem lhe olhei para aquele focinho. Esta agora... nunca quis saber e, do nada, aparece sem vergonha no meio do enterro?

— Tens cigarros, Manel? — perguntei, desviando o assunto. — Os meus acabaram. E preciso de beber qualquer coisa. Vamos para minha casa, tenho lá um tinto do tempo do avô. O Carlitos ia gostar que o abrissemos. Preciso que lá entres comigo, pelo menos hoje.

— Mas não tenho razão? — insistiu, como se não me tivesse ouvido. — Aparece aqui do nada com aquele ar empreado. Tinha vontade de a mandar voltar para França. Ou para o raio que a parta. A puta que a pariu também serve.

— Falamos disso depois. Deixa-me respirar, por favor.

Seguimos pela Rua Principal em direção à casa da avó Palmira, que agora era minha. *Apenas minha*. Não minha e do Carlitos. Ainda não nos tínhamos sentado à mesa quando o Manel voltou à carga.

— Eu tinha esperança de que ela estivesse morta, confesso. Não deu sinal de vida estes anos todos. Até meti velas por isso, Luísa. Até rezei!

— Quem é que lhe terá dito? Alguém do bairro deve manter contacto com ela, caso contrário, como poderia ter sabido?

— É verdade. Quem será?

— Não faço ideia — reconheci.

O Manel tirou a rolha da garrafa de tinto e distribuiu o conteúdo por dois copos que colocou à nossa frente.

— Como é que te estás a aguentar?

— Bem, dentro do possível — menti, mais para me convencer. Estava um frangalho, na verdade. — Tenho de pensar nos miúdos. Não foi fácil contar-lhes. E não vai ser fácil aguentar o barco sozinha, mas eu desenrasco-me!

— Eu sei que sim, não duvido disso. Mas olha... podes pedir ajuda, sabes?

Nem tudo é um mar de rosas, e agora aparece esta Rosa para piorar o quadro.

— Tenho medo que me leve os miúdos... — confessei. Era o pensamento que mais me atormentava desde que lhe pusera a vista em cima.

— Tens medo que ela lhes conte que é mãe deles?

Estaquei com o copo a meio caminho da boca.

— Não digas isso. Nunca mais repitas isso, Manel! Ela *não é*... E não falemos da Rosa aqui. Jurei ao Carlitos que era passado, que não voltaríamos a pronunciar o nome dela em nossa casa.

— Chiça! Ainda bem que ele morreu. Ainda me dava um caldo por estar a quebrar a promessa.

Sorri e pousei a minha mão sobre a perna daquele meu amigo. O mais antigo e verdadeiro. O mais genuíno, inocente e querido. O mais presente, mesmo quando estive longe.

— Tu e o teu sentido de humor mórbido.

— É para ver se te animas. Não era o Carlitos que dizia: *pra frente é que é caminho*? Mesmo quando era para nos empurrar e chegar primeiro às broas no Pão-por-Deus? E eu vou ajudar-te sempre, *sempre*, minha querida amiga... como tu me ajudavas em miúdo. Palavra de Manel Farnel.

— *Manel Farnel* — repeti, rindo-me. Era ele quem levava a melhor marmita para a escola, que todos invejavam, mas que só eu podia depenicar.

O Manel tentava confortar o meu coração — o que sobrava dele — e eu devia-lhe alguma alegria em retorno.

— Amanhã, trago-te almoço. A minha mãe continua a fazer-me refeições boas para alimentar um regimento. E olha para mim, continuo franzino, não dou vazão à quantidade de arroz de cabidela. Vou ter de a dividir contigo e com os gaiatos.

— Obrigada, Manel.

Existiam juramentos de cuspo que nunca se quebrariam. Por mais que a vida nos tentasse despedaçar.

Era sábado, e eu tinha acabado de colocar no forno uma tarte de amêndoa e banana. Tinha bananas maduras na fruteira e sempre odiara comê-las quando já estavam assaltadas por manchas pretas. O cheiro naquela cozinha agora amarela era maravilhoso. Eu habituara-me a pintar os armários da cozinha a cada seis meses. Gostava do sabor da mudança e o Carlitos adorava a surpresa. Colava papel autocolante sobre os mosaicos, que comprava na papelaria da vila — hoje quadrados; amanhã flores — e, se mudasse os móveis de lugar, parecia estar sempre a entrar numa casa nova.

Julho já ia a meio, mas continuava a doer-me o coração como se abril nunca tivesse acabado. «*Abril viverá em nós eternamente*», dissera alguém a propósito da revolução. Em mim, abril havia de viver para lá da morte, tinha deixado marcas vincadas. Do género das que eu deixara, com uns sete ou oito anos, no metro quadrado em frente à porta de entrada que o avô cimentara, e que eu pisei com um pé distraído. Mal sabia eu que os meus passos haveriam de conduzir-me sempre àquela mesma porta.

— Mãe? O que é que estás a fazer? — perguntou o Pedrito, entrando sem avisar.

— Tarte. A aproveitar as bananas.

— Eu não quero. Já lanchei no Ti Ernesto. Ele deu-me uma madalena que tinha passado do prazo. É verdade... sabes o que me disseram há bocado uns miúdos do bairro?

— O quê, Pedrito?

— Que tu não és minha mãe — disparou sem grande preocupação. Como se aquilo, atirado assim para cima de mim, não fosse como um balde de água

gelada.

Senti o ar desaparecer da sala. Podia vê-lo evaporar-se. O oxigénio a sair-me dos pulmões e a deixar-me incapaz de reagir.

— Que disparate é esse? — consegui perguntar num murmúrio.

— Só não sei se a Paulinha é tua filha. Isso não percebi...

— O quê?

— Pronto, vá... não foram *uns miúdos!* Foi o Félix, mãe. Ele contou que ouviu a mãe dele dizer que agora que o Carlitos tinha morrido tu é que te tinhas lixado a tomar conta dos filhos dos outros. *Que nós nem éramos teus.* E ele veio avisar-me de que eu não sou *teu* filho. Tenho de me ir embora desta casa, mãe? — Comecei a sentir alguma ansiedade na forma como me olhava. A despreocupação anterior a dar lugar ao medo. Ele sabia o que era ser rejeitado. Sabia o que era sentir o abandono, que não pertencia a lugar algum. — Eu vou portar-me bem, prometo. Até te tenho ajudado desde que o pai morreu. E o tio diz que sou bom lá na empresa.

Abracei-o. Não passava de uma criança.

— Tu não vais a lado nenhum. E eu também não. Senta-te aqui, anda. A tarte está quase pronta e temos muito que conversar. Uma madalena não enche a barriga a ninguém!



A Rosa tinha desaparecido com a mesma velocidade com que aparecera. Pairou no funeral, qual assombração, mas quando perguntei por ela na mercearia, no talho e até na padaria, dando de caras com a minha mãe — que nem ao funeral do meu marido se tinha dignado ir dias antes, pelo menos que desse por isso —, ninguém me soube dizer nada sobre o paradeiro dela. E, se não se sabia no bairro, não se sabia em lugar algum.

O Conde tinha morrido no outono de 1973. Tal facto não teria grande importância se eu não viesse a descobrir que o Pedrito era o herdeiro da mansão. O Conde havia deixado ao Pedrito, em testamento, a mansão do Conde da Serra. Um advogado procurou-me e leu-me a parte do testamento que o indicava. Considerando as burocracias, tentativas de impugnação da doação pela Áspera e outros que tais, só agora o processo havia sido concluído. *Quase um ano depois.* O problema maior era o facto de eu não ser, legalmente, tutora dele, e de o pai ter falecido. A Rosa era, perante isso, a proprietária, até à maturidade do miúdo, da mansão verde-azeitona.

Nunca me haviam preocupado questões de Direito, no que dizia respeito à

paternidade das crianças — aliás, do Pedrito, visto que do Tonito *eu* era a mãe, pelo menos na certidão de nascimento. Na verdade, a minha mais recente condição de viúva deixava-me pouco tempo para me preocupar com o que fosse. Os dias eram cheios, sem muito espaço ou tempo para devaneios. Acordava cedo e punha ordem nos miúdos que se despachavam já quase sozinhos enquanto eu orientava marmitas. O Pedrito seguia para a empresa de eletricidade do pai, onde agora ajudava o tio João. Nunca gostara da escola e era muito mais feliz a trabalhar. Eu continuava a ensiná-lo em casa, mas era difícil prender a sua atenção e interesse. Agora que era verão, a Paulinha e o Tonito iam comigo para a livraria, na vila. Durante o tempo de aulas, eu só trabalhava lá durante a tarde. De manhã, era a Laidinha, que se cansara de ser doméstica a tempo inteiro, quem me tomava conta do negócio. No período de férias, no entanto, estava o dia todo ocupada entre clientes e parágrafos.

A livraria era *a* Luísa. *A menina*. Eram estantes altas e espaçosas, cheias de cores e lombadas douradas. Era chá de limão e frascinhos de vidro com flores secas. Era cheiro a passado, a um desejo de infância — os verdadeiros sonhos não conheciam limites; nem céu. Tinha um espaço com cadeiras de madeira, com assentos almofadados de veludo amarelo, onde se podia folhear um livro ou devorar um capítulo, e uma mesa grande na qual eu dispunha as novidades. Era *a* Luísa. E, por isso, entre uma compra e outra, ainda havia tempo para um biscoito de canela ou um cafezinho que levava num termo e dispunha no pequeno balcão de carvalho. Nunca na vida ninguém inventara melhor combinação do que aquela: um livro e um café.

Agora era tempo de me preocupar com o que fazer com o testamento, a mansão e o miúdo. Contava-lhe a verdade? Quebrava a promessa? Ou ocultava metade? E se a Rosa ainda andasse por ali e decidisse ocupar a casa? E se decidisse ser ela a contar ao Pedrito, já que isso lhe traria benefícios imediatos? O advogado tinha sido bastante explícito no que dizia respeito à ocupação do espaço *pela mãe da criança*. Será que sabia? *Tudo* se sabia. E se a Áspera havia tentado impugnar o testamento, era fácil perceber que o teria feito por todos os meios.

Precisava de ouvir o que pensava o Carlitos. Perguntar-lhe o que faria. Juntar as minhas ideias às dele, numa combinação perfeita de ingredientes razão/emoção, receita que até ali resultara. Só quando me deitava na cama à noite lhe sentia verdadeiramente a falta. O meu corpo e cabeça abrandavam e o espaço, antes preenchido pelos afazeres do dia, ficava subitamente vazio. Inesperadamente triste. O tempo sobrava, as horas longas e intermináveis, de

olhos despertos, sem amor que as preenchesse. O calor no quarto fazia-me suar, dar voltas na cama, e o verão cheirava ao corpo dele, porque viver com o Carlitos era viver em pleno verão. Ninguém estava triste. Não havia espaço para amarguras. «*Já somos muitos à mesa*», dizia ele. «*Não vamos deixar que a tristeza se sente*.» E eu tinha saudades. Do corpo. Do toque. Do cheiro. Daquele trinca-espinhas espalhafatoso: todo ele impulso, todo ele sentimento, todo ele explosão. Aposto que me diria para cuspir na cara da Rosa e lhe apagar uma beata no cabelo. Mas depois porventura o reconsiderasse, depois de conversar comigo — *a razão*; quiçá fosse melhor cedermos e contarmos a verdade ao Pedrito. Poupar-nos-ia problemas futuros. Ele merecia saber quem era, de onde vinha, até porque isso, com a nossa ajuda, pesaria muito menos do aquilo que acabaria por ser. «*Aos dez anos já se é um homem. Se se for educado a sério*», conseguia ouvir o Carlitos dizer.

— Lembra-te da prima Rosa, Pedrito? Já lá vão uns anos desde que ela nos deixou.

Coloquei a tarte de banana à nossa frente. Cortei fatias finas, que fumegavam, para que arrefecessem e me dessem, até à primeira dentada, tempo de concentração. *Coragem*.

— Morreu? Acho que tu e o pai tinham dito que ela tinha morrido.

— Achávamos que sim, mas afinal não.

— E o que tem isso que ver comigo? Com seres ou não minha mãe? — Os olhos expressivos fitavam-me num misto de curiosidade e receio.

— Bem, a história é longa, mas mereces a verdade. E eu também mereço libertar-me um pouco deste fardo.



Naquela noite, o Pedrito dormiu na minha cama. Chorou, como qualquer criança de dez anos choraria, mas acabou por se acalmar quando lhe garanti — juramento de cuspo, o que continuava a ser muito valioso no bairro — que jamais o abandonaria. «*As coisas são assim, temos de as aceitar. O pai também morreu e nós continuamos vivos*.» Ser pragmática era, muitas vezes, a melhor maneira de me proteger.

Expliquei-lhe, calmamente, que seria sempre a sua mãe. Que o amor não se media pelos meses na barriga, mas pelos anos a amparar quedas. Não seria nunca quem o tinha parido, mas seria sempre a mãe que o criara. E isso valia mais do que os gritos e as dores do parto, porque tantas vezes as dores do crescimento eram mais difíceis de suportar. Contei-lhe, também, a jeito de

segredo só nosso, sobre o Tonito. Vi-lhe um vislumbre de Rosa nos olhos quando revelei que também não era mãe dele — aquela alegria que só a Rosa sabia ter com o mal dos outros —, mas acreditei que isso se devia, somente, ao facto de se sentir menos sozinho desse modo, sabendo que não era o único a ser largado pela verdadeira mãe. Não quis sequer pensar numa hipótese que não essa; que o pequeno riso escarninho seria maldade pura — embora soubesse que a essência contava; que o sangue pesava toneladas e, não raras vezes, o do Pedrito manifestava-se, por mais que eu gostasse dele e lhe quisesse bem. Via muitas vezes a Rosa a passear pela minha casa. Virava a cabeça, fingia não ver, mas *era ela* dentro do pequeno corpo dele. *E o que poderia eu fazer?*

Naquela noite, porque até a Rosa eu tinha embalado tantas vezes, o Pedrito dormiu na minha cama. Contei-lhe sobre o Conde. O António. A Rosa e o avô Zé. Sobre lutas e partidos. Sobre interesses e chantagens. Dormimos abraçados, a cabeça dele em cima da almofada do Carlitos, enquanto eu me debatia — *será que lhe vai roubar o cheiro?*

É que, em apenas vinte e sete anos, já me haviam roubado coisas suficientes.

Bateram à porta de forma ténue. Um som praticamente inaudível. Eu estava a limpar o pó da sala, perdida nas divagações do costume. Limpar o pó era terapêutico. Lembrava-me de ter essa tarefa a meu cargo desde os meus cinco ou seis anos, era difícil precisar. Na minha mãe, era eu quem o fazia e, quando mais tarde mudei de casa e passei a morar com a avó Palmira e o avô Zé, a situação não se alterou. Eu gostava de limpar o pó, de tirar as coisas do sítio, de espreitar o que estava escondido dentro das caixas de porcelana, por trás das molduras e dentro dos livros. Não que a avó tivesse muitos livros, mas alguns enfeitavam a estante da sala — a maior parte era oferta de revistas ou jornais; coleções que ela começava e nunca terminava. Bisbilhotar acordava qualquer coisa dentro de mim. Despertava-me do torpor e dava-me vida. Nunca me cansava de ouvir atrás das portas, de prestar atenção aos vizinhos, de notar as suas rotinas e gravar as conversas alheias. Não no mau sentido! Não era nenhuma *leva e traz* porque não fazia nada com o que via ou ficava a saber. Limitava-me a guardar informação, a agrupá-la no meu armazém para conhecimento pessoal — ou pelo simples prazer de *saber*. Tinha sido sempre uma criança curiosa. Por exemplo, lembro-me de ter uns três anos — *já formamos memórias com essa idade, ou terá sido o avô a contar-me?* — e de ter uma insistente mania de pedir para usar o quarto de banho sempre que ia à casa de algum vizinho, à mercearia ou ao café. Gostava de espreitar as gavetas dos outros, de ver de que cor eram as toalhas penduradas ou a tampa da sanita de plástico. Certa vez, a minha mãe apanhou-me a abrir uma gaveta em casa da Eugénia costureira. Tinha lá ido por causa de umas bainhas, mas fui eu quem veio de lá com menos centímetros, culpa da chapada que levei por meter «o

meu nariz grande onde não devia». Até encolhi! Eu não queria roubar, ou mexer sequer, só queria *ver*. Era mais forte do que eu. Depois, contava à Rosa o que tinha encontrado e ela surpreendia-se com o meu entusiasmo. «*Que graça tem isso?*» Talvez não tivesse nenhuma, mas era a minha maneira de sair da casca, de explorar mais do que as paredes da minha casa, de inventar histórias e me sentir viva. A primeira vez que vi um corta-unhas foi em casa do Conde, e não me esqueço do meu espanto e emoção.

Talvez tivesse chegado a hora de abrir novas portas e gavetas na minha vida. Conhecer novos sítios. Outras pessoas. Tinha pensado numas *férias*. Um conceito praticamente inexistente para mim. O seu significado apenas levemente sentido em 1955, quando o avô Zé ganhou um prémio qualquer na lotaria — que não o deixou rico e que preferiu gastar connosco — e nos levou a todos para a Ericeira uma semana.

— Se já era pobre, pobre fico, Palmira. Por isso, mais vale levar toda a gente de férias — disse ele à avó, convencendo-a. Afinal, ela também nunca tinha ido à praia.

Toldo alugado na praia do Sul. Os netos corriam em direção ao mar que nunca tinham visto. A avó a ajeitar a saia, com os pés brancos enterrados na areia grossa. A loucura das construções de castelos que a corrente lambia e levava de volta. O meu cabelo a saber a sal e a Rosa a chupar as pontas dos meus caracóis, enquanto a tia Cândida dizia «*Isso é nojentol!*». A velhice não apagava tudo e alguns momentos seriam para sempre uma lufada de ar fresco nos dias soturnos. Soube-me bem, enquanto limpava o pó, voltar àquela praia e ver o sol pôr-se discretamente atrás do mar, como se brincasse connosco às escondidas.

Bateram novamente à porta. Não tinha sido impressão minha. Naquela casa, imperava o silêncio. O rádio não se ligava desde abril e as músicas da revolução eram proibidas. Não conseguia ouvir Zeca Afonso sem recordar o Carlitos. Já era demasiado penoso aquele castigo de ouvir os acordes na minha cabeça, que teimava em trauteá-los todos os dias, como se quisessem mostrar-me que só de mim dependia para ser livre. Até do passado.

A porta estava meramente encostada, como era habitual nos dias quentes. No bairro, tudo era ambíguo. Desconfiávamos da própria sombra e conferíamos sempre o troco no café do Ti Ernesto, mas deixávamos a porta encostada durante o dia.

— Posso?

Virei-me, aterrorizada. Eu conhecia aquela voz.

— Posso entrar, Luísa? É coisa rápida — disse, como se ainda ontem ali

tivesse jantado e voltasse apenas para apanhar o porta-moedas que deixara esquecido.

Era a Rosa. *Claro que era a Rosa*. Eu sabia que ela acabaria por voltar. Não tinha sido necessário procurá-la. Bastou-me esperar. A tentação de receber de mão beijada a mansão do Conde. Ela já devia saber... tudo se sabia.

Olhei para ela com desdém. Não foram precisas perguntas sobre o que raio fazia ali.

— Vim apenas trazer-te isto. Calculo que tenhas pouco interesse em falar comigo.

— Pouco interesse? Não tenho interesse nenhum! É por causa da mansão do Conde, não é? — atalhei. — Já soubeste do testamento e vens esfregar-nos na cara que és tu a mãe do Pedrito, agora que te dá jeito?

— Ah, Luísa. Tanto rancor, tanto rancor... — disse, cheia de sarcasmo.

— E esperavas o quê? Que te desse um abraço emocionado? Vens ajudar-me a cuidar deles? Ou vens arrancar-me os filhos para os depositares naquele antro de merda onde crescestes e que fez de ti esse bicho? Eu recuso-me a permitir isso. Eles não vão para a mansão contigo, não vão! — O meu dedo apontado ao rosto dela. Uma súbita força a correr-me nas veias. O coração acelerado que esperava que ela não ouvisse. — Deu-me muito trabalho domar o Pedrito e fazer dele um miúdo feliz, sem a ruindade que trazia no corpo. Limpo dos traumas, sabes? Não vais levá-lo, e não precisas de tentar chantagear-me. Ele sabe de tudo, e não te quer ver, muito menos viver contigo.

Agradei a decisão que tomara de contar a verdade ao miúdo. Era uma vantagem que tinha. *Obrigada, Carlitos, por me teres dado luz*.

— Calma, Luísa. Eu só vim trazer-te isto. Está aqui. Não precisamos de falar, sequer. Isto deve servir. Agora, faz o que entenderes.

Saiu porta fora, calcorreando o carreiro no quintal, ao lado do qual eu plantara rosas dias antes. O Carlitos nunca gostara particularmente de rosas, mas eu escolhi uns pés de Santa Teresinha porque o nosso plano para 1974 seria ter uma Teresa. O meu negócio florescia. A empresa dele também. E se tudo dava flor na nossa vida, era tempo de abraçarmos, novamente, o melhor dos projetos. *Um filho*. Eu queria ter muitos, agora que conhecia esse amor. Difícil ao início, mas que não tinha comparação. Ou adjetivo. Seríamos sete lá em casa. Primeiro, crianças barulhentas, choradeiras e ciúmes. Construir uma casa de madeira ao lado da nespereira e fazer dela um esconderijo. Anos mais tarde, seríamos Natais cheios de netos, junto ao braseiro.

Certamente, a Rosa havia arranjado forma de me levar o miúdo. De lhe

ficar com a mansão. Eu não fazia, de todo, questão de viver na habitação assustadora do Conde Drácula. A Luísa Baliza que ainda vivia em mim tremia só de se lembrar da escadaria branca de mármore, banhada a tapete de sangue — agora com teias de aranha, cheiro a mofo e fantasmas a pairar pelos cantos. Eu preferia o meu bairro. A minha casa, arranjadinha e restaurada pelas mãos do meu marido. Eu e o Carlitos tínhamos ponderado, alguns anos antes, comprar uma casa na vila, mais espaçosa e mais bem situada, mas eu recusei-me. Eu *era* aquele bairro. E ele era a minha história. Pouco importava a maldição, ou a magia que exercia sobre as pessoas que não conseguiam sair dali. Que não conseguiam, por muito tempo, cortar as amarras à terra. Ali, o chão falava. Contava a minha pequenez que se fizera grande — eu não ficara encostada a lavar cabeças; tinha estudado, era professora, construíra uma família e todos me respeitavam. Tinha muito orgulho nisso, no bairro e na minha gente.

A folha que a Rosa me estendera tinha o nome pomposo de um advogado gravado no canto superior direito. Uma intimação, pensei. Mas não. Se havia coisa em que a Rosa era boa, era a surpreender-me.

DECLARAÇÃO

Eu, Rosa Maria Pires Pereira, portadora do Bilhete de Identidade número 58795, natural da freguesia e concelho de Mafra, declaro através da presente prescindir de todos os direitos legais de paternidade sobre o menor Pedro Augusto Monteiro, por me encontrar impossibilitada de satisfazer as condições essenciais à subsistência do meu descendente. Entrego, por esta via, a guarda total da criança a Maria Luísa Pires Castro Serra, tutora do menor desde o seu nascimento.

Mais declaro, à presente data e para os efeitos tidos por convenientes, abdicar de todo e qualquer direito sobre o património do menor, adquirido e por adquirir, prescindindo da sua disposição, utilização e manutenção até que este atinja a idade adulta.

Mafra, 31 de julho de 1974

Rosa Pereira

Hoje, ninguém conta a lenda do Bairro das Cruzes ou se preocupa com a maldição. O tempo é bom a apagar memórias, principalmente as que se querem forçosamente esquecer. Mas, crê-se, ninguém que aqui viva viverá livre. Todos carregam a cruz de Túlio, Teófilo e Timóteo.

E em todas as famílias, para que depois vivam contentes, morrem precocemente três parentes.

Três cruzes a mais se irão erguer no cemitério e, um dia, o bairro terá mais lápides do que casas. Mais lágrimas e lamentos. Será um jardim de cruzes e flores plásticas. De quintais murados, para sempre a combinar.

1977

36.

— Devias deixar de fumar, Luísa.

O Manel olhava para mim com ar crítico e de nariz franzido. Sempre tinha detestado o cheiro a tabaco.

— Alguma vez experimentaste? — perguntei-lhe. — Tabaco?

— Não, que horror.

Reparei nas três rugas que tinha entre as sobrancelhas. Não era apenas eu quem envelhecia.

— Ainda vais a tempo. Dá-te cabo da pele, mas é um ótimo calmante.

— Não preciso disso.

— Não sabes o que é bom — disse, enquanto sorria. — O que é chegar à janela, depois de almoço, pegar num cigarro e sentir aquele cheirinho a cigarro acabado de acender. O prazer do primeiro bafo...

— Prefiro o cheiro do pudim, depois de almoço.

— Desmancha-prazeres.



Era outubro e, na vila, celebravam-se as Festas de Santo André. Em miúdos, isso seria motivo para ficarmos na rua até mais tarde do que o habitual. As noites ainda eram quentes e a correria fazia dispensar os casacos de malha comidos pela traça. Eu ficava tão transpirada que parecia ter estado de molho na banheira de zinco. As festas aconteciam junto à Igreja de Santo André, na Vila Velha. Palco improvisado. Conjunto musical a tocar acordeão.

Bailarico. Bifanas. Namorados de mãos dadas. Mães a puxar os filhos pelas mãos. Ou pelos cabelos — coisa que eu também tivera vontade de fazer quando deparei com o Pedrito na marmelada atrás de um muro. Tinha treze anos — *treze!* —, mas parecia ter dezassete, o que podia ser um problema. Corpulento. Um olhar desafiador. Alto como um poste de alta tensão — e era uma terrível tensão que me assolava sempre que ele me obrigava a lidar com aquele feitio saído e parido da mãe dele.

Depois da ensaboadura que lhe tinha dado, obrigando-o a ir para casa, não fosse ele engravidar a miúda, sentei-me a fumar ao lado do Manel, no banco de pedra junto ao muro que cercava a igreja.

— Já lhe contaste?

— Ainda não.

— Vais ter de o fazer. Ele tem o direito de saber.

— Ele já sabe mais do que deve. Está constantemente a tirar-me do sério, a ver até onde pode ir... vê só que agora deu em chantagear-me com a história do Tonito. Diz que conta ao irmão que ele não é meu filho. Faz isto sempre que é contrariado.

— E tu?

— Eu digo: «*então, conta!*». Não posso mostrar-lhe medo, Manel. É isso que ele quer... ver-me encolhida — confessei. — Tem sido tão difícil lidar com ele nos últimos tempos. Pensava que o tinha domado... Ah, santa ingenuidade! Esta pré-adolescência dá comigo em doida.

— Estás a criar uma Rosa. É normal que te leve ao desespero.

Era verdade. Eu estava mesmo a criar uma *Rosa*. Por mais que lutasse contra isso. E, para piorar tudo, a verdadeira voltara. Cirandava pelo bairro e pela vila, mostrando-me que seria impossível, algum dia, eu livrar-me realmente dela. De cada vez que sentia o meu mundo amainar e me permitia respirar com moderada paz, ela vinha qual furação livre e selvagem obrigar-me a acordar.

— O Pedrito tem de saber que ela voltou. Não vá dar de caras com ela e a maluca meter-se com ele. Nunca se sabe, Luísa... tens de lhe contar que ela regressou à vila.

— Duvido que ela o aborde — disse, mais para calar os meus receios. — Não a víamos há três anos. Três anos sem dizer cavaco! Deixou a declaração e foi à vida dela. Se nunca quis saber dele, por que razão isso lhe interessaria agora? Não achas?

— Não sei, mas a minha mãe viu-a e diz que ela está mo-ri-bun-da. Mesmo, mesmo, mal-encarada. Que parece uma morta-viva. A Laidinha

também se cruzou com ela junto à padaria. Não tarda, bate-te à porta.

Eu ainda não tinha visto a Rosa. E preferia permanecer assim.

— Espero que não, que não tenha esse descaramento! Até sinto o sangue ferver quando penso no nome dela. O meu peito fica logo todo às manchas, como me acontece sempre que me enervo, sabes? Só de imaginar um confronto com ela..., mas eu tenho as costas largas, Manel. Desde miúda que tenho as costas largas. Ela que venha.

E dito aquilo, esmaguei a beata do cigarro com força, escavando um buraco na terra.

Pouco me importava que a Rosa tivesse voltado. Tinha, finalmente, cortado o vínculo. Por um lado, amolecera-me o coração o facto de ela ter abdicado de viver na mansão e de me tirar o filho. Na verdade, esse gesto ressuscitara um pouco do amor infantil que lhe tinha. Porém, esse mesmo amor havia ruído como uma tenda em dia de vento, assim que percebi que ela tinha desaparecido de novo. Porque, secretamente, acalentei o desejo de a manter por perto. Era a única família que me restava, julgava eu. Podia não ter sido uma mãe para o miúdo, não ter ficado por perto quando precisámos dela, mas eu tinha ficado sem avô e sem marido. E nunca tivera, propriamente, uma mãe. A avó Palmira também se tinha ido e com os meus irmãos não mantinha relação alguma. Estava, pois, meio sozinha no mundo. Ter-me-ia sido útil que a Rosa voltasse para casa — ou, pelo menos, que se mantivesse por perto, bondosa e mudada, capaz de me ajudar e pronta a limpar os seus pecados com uma promessa de gratidão eterna. A Rosa era, no fundo, o terceiro vértice do meu triângulo — Luísa, Rosa e Manel; os que restavam. Mas, não. Mais uma vez, *não*. Novamente, ausência. Novamente, incerteza. Novamente, adeus.

Tive de me desenvencilhar sozinha. Tive de continuar a ser mãe e pai. A manter viva a alegria. Sobretudo, a não deixar morrer quem eu era. E, sabia Deus, nem sempre tinha sido fácil. Nem sempre fora fácil dobrar a esquina. Dobrar as cartas que a vida nos ia escrevendo e arrumá-las como se o passado vivesse para sempre guardado e esquecido. Não, não era assim! O passado voltava sempre. Nos sonhos. A dormir e acordado. Nas refeições que recordavam o avô a sorrir à mesa. Nas canções em que ouvia o Carlitos a desafinar e a ensinar a Paulinha a bater palmas.

Pouco me importava que a Rosa tivesse voltado, porque eu tinha-a enterrado, por fim. Tinha-lhe uma raiva que me fazia querer afastar-me, mas ansiava um encontro, chamar-lhe nomes impróprios. Achava que até era capaz de inventar uns quantos, piores que os que já conhecia. Talvez me

saltasse a mola e lhe mandasse com um caixote à cabeça. Um encontro no esconderijo da Ti Orquídea seria engraçado. Enterrá-la onde tudo começara. Onde as principais memórias se fizeram e construíram. E onde ficariam.

— Olha, Luísa. Ela está ali. Não posso acreditar — afirmou o Manel apontando na direção do palco. A nossa conversa e as minhas reflexões suspensas por culpa daquela assombração. Pelo descaramento. *Seria mesmo ela?*

O olhar da Rosa encontrou o meu e vi-a dirigir-se ao banco onde antes eu me sentava. Erguida, queixo mais alto do que julguei ser possível, mantive as costas direitas e, quando a distância entre nós se tornou curta, atirei-lhe com a pergunta que me sufocava a garganta:

— O que é que tu queres?

— Calma, Luísa, eu...

— Chega, Rosa! — interrompi. A fúria a tomar conta de mim. — O que é que tu queres, diz lá? Quem é que te julgas para apareceres e desapareceres sempre que te apetece! É preciso ter uma lata... uma puta de uma lata!

Senti que o povo se aproximava. Que eu falava demasiado alto e por cima dela. Que a minha testa quase roçava o alto da sua cabeça, que, reparei, estava realmente murcha e magra e estranha. *Sangue*. O povo queria sempre sangue. Sabia que estava a perder o controlo. O Manel puxou-me pelo braço direito e pediu-me para ter calma. Eu fervilhava. Como um vulcão que a qualquer instante cuspiria lava e mágoa e raiva e recalcamientos antigos em todas as direções. Caramba, como era possível que a Rosa tivesse aquele poder sobre mim? Fazer-me sentir tanta coisa, boa e má, ao mesmo tempo? Como é que ela me mantinha em cativeiro, aprisionada a um passado onde, em todos os passinhos que tinha dado, se impusera a sua figura? Eu tinha vivido anos e anos, calada. Anos e anos a congeminar um confronto. A preparar-me. Para quê? Na verdade, eu gostava dela. Ali, à minha frente, eu sabia que gostava dela, embora não devesse. E sentia pena — do passado que havíamos destruído, porque as memórias boas da infância não tinham força para sobreviver perante a dor; e, no futuro, dificilmente conseguiríamos criar outras.

— Toma isto — pediu, esticando para mim a mão que segurava um papel dobrado em quatro. Enfiou-o a custo dentro do meu punho cerrado e reparei na magreza dos seus dedos. De todo o seu corpo. Se eu soprasse com força, a Rosa seria capaz de se desmanchar.

— És ótima a dar-me papelinhos, não és, Rosa? A deixar-me recados. E enfrentares realmente os teus problemas? *Enfrentares-me?* Achas que consegues?

— O corpo dela reagiu a um pequeno espasmo antes de se virar. Eu ia puxá-

la pela manga da camisa, mas o Manel travou-me.

— Luísa, já chega. Anda daí, vá.

Quando nos encontrávamos já longe das vistas cuscas do bairro, o Manel sacou do meu maço de tabaco do bolso — tinha-o abandonado em cima do banco, mas ele guardara-o — e tirou um cigarro, que me estendeu. Acendi-o, concentrada nos meus pés.

— Estás parva? Vais ficar malvista ao pé daquela gente toda, por causa da Rosa? Achas que ela merece? Lutaste muito para chegar até aqui. Estas pessoas têm-te em grande conta. Respeitam-te. És professora dos filhos deles!

— Sabes uma coisa, Manel? As pessoas só me respeitam neste bairro porque eu tive de me safar sozinha, desde que a minha mãe casou com o padeiro, o meu pai fugiu para a guerra e o meu avô se tornou um comuna, sempre em manifestações. Por mais que eu gostasse dele, isso também não foi uma espécie de abandono? A dada altura, todos nos abandonam. Olha o que fez o Carlitos. Trocou-me por uma luta de merda! Deixou-me sozinha, sem ele... sem amor e sem casa... eu...

— Eu sei, Luísa.

— Não vou deixar que ela me pise, Manel. Já chega! Tenho de contrariar isto... este magnetismo doentio. Nem te sei explicar. Preferia que ela tivesse mesmo morrido, como se chegou a dizer. Juro que preferia. Teria sido mais fácil.

Mas a Rosa estava viva. E eu ainda tinha o papel que ela me dera apertado na minha mão suada. Levantei os olhos para o Manel e expirei antes de o desdobrar e reconhecer a caligrafia dela.

«Amanhã é sábado. Estou à tua espera logo cedo na Estação. Há muita coisa que precisas de saber.»

Senti que a filhós que fazia cama quentinha no meu estômago se preparava para vir cá para fora. Se não morresse de uma úlcera estomacal, causada pelas indigestões de Rosa, não sei o que me levaria desta para melhor.

Eu gostava da minha vida perto dos trinta anos. Tinha dois filhos na pré-adolescência e uma miúda de cinco anos tagarela, pespineta e chata até à quinta casa. Mas não os trocava por nada. Éramos uma equipa. Por vezes, prestes a descer de divisão, mas éramos uma equipa. Como eu tinha sido com o Carlitos. Cozinhávamos juntos. Dividíamos tarefas. Tudo era organizado e esquematizado em escalas de tarefas que eu colava semanalmente na parede, a fim de manter não só a casa organizada, mas também a minha sanidade mental. O detentor do maior número de estrelas, desenhadas ao lado do respetivo nome, seria premiado com um bolo ou gelado no domingo seguinte. Na maior parte das vezes, isso era suficiente para que as coisas se mantivessem em relativa ordem. Ao fim de semana, seguíamos até à Ericeira no meu carro. Eu tirara a carta e conduzia. Não ter um homem em casa ajudara-me na luta pela igualdade de direitos, porque não havia no bairro um marido a quem culpar pela minha audácia. Todos pensavam *«coitada, teve de se desenrascar sozinha»*, em vez de um *«como é que o marido a deixa ser assim?»* *Havia de ser minha mulher». Os homens do bairro baixavam-me a cabeça numa pequena vénia quando eu passava e nunca ouvi uma palavra de desdém sobre a forma como eu educava os miúdos. Pelo menos, ninguém se atrevia a dizer-me nada, a dar opiniões ou a contradizer-me — quiçá temessem levar com ameixas podres nas janelas durante a noite; ninguém se esquecera do que era enfrentar a Luísa Baliza.*

Anos antes, quando a Rosa me deixou aquela declaração, cuja validade legal questioneei de imediato, fiquei sem saber o que deveria fazer com ela — *e com a mansão*. Nunca pensei mudar-me para lá, mas também não achei justo

vender aquilo que não era meu. Inesperadamente, a declaração tinha sido feita num notário, com reconhecimento de assinatura, e podíamos ocupar o localo quando bem entendêssemos — fora justamente assim que nos dissera o advogado. Conversei com o Pedrito e ele aprovou de imediato a minha ideia: transformar a mansão do Conde numa espécie de centro recreativo da vila. Tinha uma parte para lar de idosos. Uma outra para berçário e creche, porque as mães em 1977 também trabalhavam. Tinha um salão onde se faziam festas, uma biblioteca e um refeitório solidário, que funcionava por senhas, distribuídas primeiro por aqueles que viviam em condições mais precárias. Fizemos obras e, com o apoio da Câmara Municipal, rentabilizámos o espaço e ajudámos a comunidade.

A mansão ganhou cor. Foi pintada de amarelo-canário. Quando o Pedrito atingisse a maioridade e a pudesse tomar como sua, faria com ela o que quisesse, pintaria a fachada da cor que lhe agradasse e eu lavaria daí as minhas mãos, porque o meu papel estaria feito. Passara, tinha a certeza, o melhor dos ensinamentos ao meu filho: que a partilha e a união teriam de vir antes da luxúria e da avareza. Para quem não era beata, eu até percebia alguma coisa sobre pecados.

Portanto, o ano corria bem. Sereno. Tínhamos ido de férias para o Algarve, para uma casa que eu estava a ponderar comprar para gozar lá a minha velhice. Isto poderia parecer precoce aos trinta anos, mas a ideia era adiantar um pouco a idade da reforma. A praia trazia-me boas recordações e eu alimentava-me de sol. Dos verões que me sabiam ao Carlitos. Talvez até abrisse uma livraria, mas desta feita com direito a pão de Mafra.

Os dias seguiam iguais e organizados, mas eu habituara-me a ser feliz com o que vivia, gerindo expetativas e queixando-me pouco. Por comparação, já tinha vivido bem pior. Cada dia de tranquilidade, sem dilemas e fantasmas, era uma pequena bênção. Por isso, agradecia a sopa na mesa. As gargalhadas e os disparates. O ter, ainda, a companhia do solteirão do Manel, que continuava a ser gozado pelos Doze — a sua maioria homens feitos e casados, rudes e inúteis — devido à sua excentricidade, mas que já pouco se importava com isso. E o ter, também, uma vida financeira estável. Bastante confortável até, o que me deixava margem para ir fazendo algumas poupanças a pensar no futuro dos meus filhos. Não queria que acabassem a meter rolos na cabeça de velhas ou a servir vinho branco por meros tostões, como eu e os meus irmãos tínhamos sido obrigados a fazer.

O bairro continuava a ser o bairro e, como ali era difícil sobreviverem segredos, ainda antes de eu a confrontar na festa, já sabia que a Rosa

regressara. Ao que parecia, a coisa era séria já que tinha assentado arraiais na vila, onde havia arrendado um quarto — numa pensão mal-afamada e onde, dizia-se, as almofadas tinham piolhos. Como não sabia por onde é que ela tinha andado, o que tinha feito ou de que vivia, também não me era possível especular sobre o motivo da escolha ou o que a levara a acabar ali. O que eu sabia era que, no bairro, todos os períodos de acalmia eram perturbados por uma enxurrada.



Não preguei olho nessa noite. O papel, que ela me entregara, estendido e legível sobre a mesa de cabeceira. Amarfanhado de tanto ser apertado. A tinta da caneta já esbatida. Demorei-me em lembranças da nossa infância. Cansei-me a saltar ao elástico. Lavei lençóis nos tanques com os ralhetes da avó Palmira como banda sonora. Enchi o regador de latão de água e vi-me aflita para regar os canteiros. Apanhei espigas secas que depois atirei às costas da Rosa para contar quantos namorados ela havia de ter. *Dezenas*. Apanhei figos e laranjas. Descasquei batatas com a navalha do avô Zé. Demos cal no muro da frente do quintal. Fiquei com o cabelo todo branco. Dobrei meias e peúgas, sentada num tronco de madeira que a avó tinha na soleira da porta. Andei de bicicleta, uma e outra vez. Cortei a franja com a tesoura do peixe. *Não ficou nada bonito*. A Rosa riu-se a bandeiras despregadas. Até fez chichi nas cuecas. Apanhámos as duas. Roubei toalhas de mesa no café do Ti Ernesto para fazer as cortinas do esconderijo. Metemos manteiga em pão rijo e preparámos a trouxa. Seguimos a pé para a Estação para fazer um piquenique.

— Onde vais tão cedo, mãe? — perguntou-me o Tonito, encontrando-me na cozinha ainda mal o Sol nascera. Não era habitual ver-me por ali tão cedo a um sábado. Ele é que era o madrugador da família.

— Ficas com os teus irmãos um bocadinho, Tonito. Tenho um assunto por resolver. À hora de almoço já aqui devo estar. Não me demoro.

— Podemos fazer um piquenique quando chegares? Aproveitar enquanto está sol? Tenho saudades. Já não vamos ao Jardim do Cerco há imenso tempo.

— Sim, é uma ótima ideia — concordei. — Há croquetes, podemos preparar uma cesta.

— Dizemos ao Manel?

— Sim, dizemos ao Manel.

Não estava muito convicta em relação ao que estava prestes a fazer. Uma vez mais, e contrariando todas as minhas certezas, estava a ceder a um apelo da Rosa. A *ceder*, era esse mesmo o problema. Tinha prometido a mim mesma não mais baixar a guarda. Não mais receber cartas, certidões, declarações e papeluchos sem contestar. Porém, eu era péssima a manter-me firme junto dela. Toda a minha vida lhe tinha acedido aos caprichos. Quando brincávamos em meninas. Quando nos fizemos mulheres. Fui arrastada, convencida e até cúmplice. Tinha feito panelinha nos esquemas ardilosos e acabei a tomar-lhe conta dos filhos sem sequer piar. Que outra pessoa o teria feito? Não que isso tivesse conduzido à minha ruína, antes pelo contrário, mas não deixava de me sentir uma marioneta manobrada por ela.

— Luísa?

A minha mãe estava do outro lado do portão quando me preparava para sair.

— Mãe?

Olhava em volta, num misto de admiração e inquietude. Há quantos anos não viria ali? À casa que a tinha visto nascer? Tinha a unha do indicador entre os dentes. As peles em volta roídas. Percebi, imediatamente, que não me trazia notícias boas. A Carmo era uma ave de mau agouro.

— Vejo que acabaste de construir a garagem. E que tens um carro. Há muito tempo que não parava na frente deste quintal.

— Não me digas que não sabias... — respondi, irónica. — Como se neste bairro alguma coisa fosse segredo.

— Vais ter com ela?

— Desculpa?

— Com a Rosa. Não vás! Vai acontecer uma desgraça. Sonhei com isso.

Respirei fundo. Não tinha tempo, ou paciência para os vaticínios da minha mãe. Tinham passado tantos anos. Perdera o direito de me dizer o que devia ou não fazer.

— Deixa-te disso.

— É verdade. Eu sei que vai. Confia em mim.

— O que é que tu sabes da minha vida? — perguntei. A minha tolerância a esgotar-se e um calor a subir-me pelo peito.

— Ela tem uma aura negra, filha. A culpa é dela.

— Não, a culpa não é só dela — declarei, firmemente. — Não laves as tuas mãos. Mas, sabes, o mais curioso é que nem me lembro de ti... não me fazes falta. Mesmo tendo ficado sem o avô e sem o Carlitos. Porque, na verdade, nunca contei contigo. É como se também tivesses morrido.

— Não sei que te diga.
— Nada! Não há nada que me possas dizer. Nem sei o que raio aqui fazes — rematei. E era verdade. Só queria que ela se fosse embora.
— Só achei que te devia avisar. Consigo sentir... consigo cheirar a desgraça.

— E só consegues cheirar desta vez? *Que engraçado!*

O meu *SG Filtro* acabou. Preparei-me para entrar no carro.

— Bem, mãe, se não te importas tenho de ir. Os teus conselhos nunca me valeram de grande coisa. Não vai ser agora.

Ela atravessou o portão, travando-me a passagem. Colocou uma mão sobre o meu ombro e senti o desconforto ganhar espaço. A sensação de incómodo que me fez recordar mãos de estranhos sobre a minha barriga de grávida: *isso é o meu corpo, ainda não é um bebé, chega para lá!* Ser tocada pela minha própria mãe não devia fazer-me sentir assim, mas era inevitável.

— Fui eu... fui eu que lhe disse.

— O quê?

— Tudo! Conteí sobre a tua vida e a dos miúdos. A morte do Carlitos. Até sobre a avó Palmira e o Conde terem morrido. Escrevia-lhe cartas para Évora.

— Para Évora? — questionei, apanhada de surpresa.

— Sim. Ela nunca chegou a ir para França. Esteve sempre perto.

— Não estou a perceber. E escrevias-lhe cartas? *Tu?* Por que motivo?

Ela sentou-se no muro, francamente esgotada. Reparei, pela primeira vez, no quanto envelhecera. Nos seus olhos tristes. Na barriga caída, visível através da malha gasta da camisola cor de areia que lhe estava justa. Tantos planos, tanta ambição, tantas carcaças vendidas, para acabar assim. Desolada. Afogada num sentimento de culpa. *Infeliz.*

— Ela obrigava-me. Queria saber de ti.

— Não me parece que ela se preocupe minimamente comigo ou com o meu bem-estar.

— É o sangue. É a ligação das almas.

— Ó, mãe! Poupa-me — atirei, exasperada, olhando-a de cima. — Mas agora deste em espiritual? A sentir desgraças, a falar-me em ligações?

Ela inspirou. Conteve o ar durante o que me pareceram horas e a seguir proferiu *aquelas palavras*. Eu, em apneia, não percebi o que lhe acabara de sair da boca. Como num filme mudo. Os lábios a formarem frases silenciosas. O meu mundo a ruir. O bairro, as casas, as rosas que murchavam sob os meus pés. A minha pegada no cimento, em frente ao colo que a minha mãe

abraçava com os próprios braços e que nunca me dera.

— Vocês são irmãs, Luísa — repetiu. — Não vale a pena estar com rodeios. São *irmãs*. Tu também és filha da Cândida!

Eu era a gémea mais velha. Tinha demorado tanto tempo a nascer que quase matara a Rosa. A tia Cândida tinha a bacia estreita, e só depois de eu ter saído e de ela continuar cheia de dores, se percebeu que lá vinha outro. *Outra!* A Rosa. Ela tinha o cabelo preto e eu era careca. Tão branca que nem o primeiro choro me rosara as faces. Foi assim que a minha mãe o descreveu. E era um milagre, virem assim dois de chofre, mas uma verdadeira calamidade quando a ração já era curta antes disso. Alimentar uma bebé já seria difícil, que dizer de duas bocas tão pequenas que ainda por cima deixavam ver a goela de tão abertas? Eu não mamava, e só parava de chorar enrolada no colo quente da Carmo. *Um consolo, na altura.* A família decidiu, ou antes a minha avó Palmira, que o melhor seria dar um bebé a cada filha, até porque a Cândida teria o que hoje se chama de depressão pós-parto. Na altura, chamavam-lhe só preguiça. Histeria. E desgosto. Não conseguia cuidar de uma, que fazer com duas? Assim seria mais fácil. Ninguém tinha visto a Carmo grávida, *a minha suposta mãe*, mas ela era magra como um espeto, pelo que podia dizer-se às pessoas que a barriga mal se notara por baixo do avental. Claro que isso faria nascer mexericos. As dúvidas iriam sentar-se à mesa no jantar das sete, mas com o tempo tudo se esquecia. E o bairro esqueceu. Esqueceu a noite em que os gritos desalmados da Cândida acordaram todos os bairristas, madrugada fora. E esqueceu as semanas que se seguiram, em que os Pires se fecharam em casa, sob o pretexto de ser dezembro. De estar frio. De precisarem de sossego. Ninguém viu mães, filhas ou avós.

Certo era que a avó Palmira, em 1947, vira nascer duas netas. Duas

meninas que partilhavam o sangue do bairro, que as unia, e que as fizera crescer como se fossem irmãs. *O que realmente eram.*

O meu pai não tinha adorado a ideia de criar a filha de outro, que ninguém sabia quem era — a Cândida espalhava que o marido *estava para fora*, que era da Marinha, mas nunca ninguém lhe tinha visto o focinho; nem numa fotografia. O pai pouco falava e ainda menos se impunha, pelo que comeu e calou. Já o avô abanou a cabeça vincando a sua discórdia, discutiu com toda a gente, saiu de casa por umas horas, mas o importante era que ambas as meninas se criassem e por isso voltou — sabia de antemão que a sua intervenção seria necessária. Percebi que o apego que me tinha se chamava *compaixão*, porque sabia que vivíamos uma mentira e que a principal vítima do embuste seria eu. Separar as gémeas era tal qual pão com manteiga que se dividia irmãmente para que ninguém acabasse à chapada. Embora eu tivesse sido, *sempre*, a metade mais pequena para a minha família. A parte bolorenta da carcaça.

Enquanto crescíamos e nos fazíamos meninas, a Cândida esqueceu-se, porque a memória é seletiva, de onde é que eu tinha vindo — *que também nascera dela*. Escolheu a herdeira. Selecionou a afilhada. Quando se mudou para servir o Conde, já sabemos que de todas as maneiras, levou apenas a que mais lhe interessava. *A sua*. A Rosa.



Eu continuava sentada no muro do quintal — branca e perplexa — enquanto a minha mãe me relatava a história, como se tivesse saído de um dos exemplares expostos na minha livraria. Como se o enredo se fizesse de pessoas estranhas. As minhas pernas abanavam descompassadas — *para cima e para baixo; para cima e para baixo*. Meio maço fumado em hora e meia. O Tonito, que eu havia deixado na cozinha, tentara intervir umas três vezes, mas fora escorraçado para dentro de casa, enquanto a minha mãe narrava os factos. Havia muito para contar e ainda mais a processar. A história era maior do que parecia.

— Bem, pelo menos agora consigo perceber o pouco amor que me tens — disse, encarando-a. Aquelas eram as primeiras palavras que proferia.

— Não digas isso. Eu gosto de ti, filha. Mas tens de entender... os tempos eram outros! Todos achávamos que tinhas o demónio no corpo. Sabes como são as coisas no bairro. Não fazias senão chorar. Só eu te conseguia acalmar. Era um sinal, claro. Um chamamento para ficares comigo.

— Oh, e tu cumpriste-o muito bem — bufei, o meu tom mordaz, enquanto o fumo do cigarro me saía pela boca.

— Talvez por isso esteja a pagá-las. *Em vida.*

Levantou a camisola gasta e justa, a mesma que eu reparara ter buracos de traça. Tinha o peito cheio de marcas. Hematomas amarelados, um púrpura misturado, abaixo do sutiã. Arregaçou a manga direita. O braço repleto de nódoas negras.

— Ele bate-te? — perguntei, mas sabia a resposta.

— Todos os dias.

Um cabrão daqueles. Delicado e educado. Uma capa que escondia o monstro.

— Mas não estou aqui para que tenhas pena — acrescentou.

Dei espaço ao silêncio. Não sabia bem o que dizer, nem como engolir aquilo. A Carmo não era a melhor das mães — garantidamente estaria na corrida para a *pior* —, mas ninguém merecia apanhar e ficar calado. Ninguém tinha o direito de fazer aquilo. Não existia desculpa ou maneira de o ignorar. E ela teria de fazer queixa. Era um assunto para resolver. *Depois.* Agora, outro mais premente se impunha.

— Vamos resolver isso... juro-te que vamos, mas primeiro a Rosa. Ela sabe que somos irmãs? — Eu sentia o sangue a queimar-me as têmporas. A cabeça a latejar.

— Sim, a Rosa sabe. A Cândida contou-lhe ainda em miúda. Pouco depois de ela quase ter morrido. Ficou com peso de consciência e recebeu que a miúda morresse sem saber a verdade. Mas fê-la prometer que ficava calada, que nunca te contaria. Por causa da herança do Conde, óbvio. Era muito melhor haver só *uma* afilhada.

— Não me espanta que não tenha contado. Fez-me de parva e usou-me a vida inteira — admiti. — Só preciso que me digas por que razão me estás a contar isto agora. Achas que vai mudar o meu sentimento por ela? É um bocadinho tarde.

— Ela não está bem, Luísa. Nada bem. Está cada vez mais perturbada. Apareceu aí a dizer que a vida é curta, que não pode ficar com nada entalado. Vai querer contar-te tudo e eu prefiro que saibas por mim... já chega de sofrer ameaças às mãos dela. Tive sempre medo de que a Rosa ou a Cândida te contassem e sempre usaram isso contra mim. *Toda a vida.*

Tudo aquilo era realmente impressionante. Descobrir que a minha mãe, que eu tanto desprezara, também tinha sido alvo das chantagens e ameaças da Rosa. *Outra vítima.*

— Minha Nossa Senhora! Quando eu acho que estou sossegada no meu

canto, vêm vocês e viram tudo do avesso. Não bastava ela ter reaparecido...

— E não é só isto, Luísa...

— Não? Ainda há mais?

Ela acenou com a cabeça, confirmando-o.

— Havia uma terceira. A *última*, mas nasceu morta. Vocês as duas não deixaram que a pobrezinha se alimentasse. Sugaram tudo. Era pouco maior que um marmelo e tão engelhada que parecia uma velhinha — disse-o de olhos fechados. Recordando o parto da Cândida, na cama da avó Palmira, a que ela assistira e onde tinha ajudado, estendendo toalhas lavadas e panos quentes. — Nunca falávamos dela. *Nunca*. Só o teu avô insistia em mencioná-la, nos primeiros meses. Portanto, tu és a gémea mais velha, a seguir vem a Rosa e, quando a Cândida se levantou da cama aflita porque as dores continuavam, muito depois de parir a segunda, caiu a terceira. *Caiu!* Um filme de terror! Uma coisa do diabo. Nunca na vida me irei esquecer.

— Então éramos três?

— Sim, eram. Sabes há quanto tempo isso não acontecia no bairro? Trigêmeos? Desde o tempo dos *três* irmãos. Os da lenda.

Eu conhecia a lenda do Bairro das Cruzes. *Todos conheciam*. Era-nos contada em crianças com o intuito de pôr termo a zaragatas infantis. Para que percebêssemos que a inveja era imoral e que levava à desgraça de famílias inteiras.

— Como é que ela se chamava, a terceira? — arrisquei.

— Nunca lhe demos nome, não oficialmente, mas o avô Zé chamava-lhe Josefa. Dizia que era bonito e que assim nunca a esqueceria.

Josefa. Claro que era Josefa. O mesmo nome que o avô sugerira que eu desse em segredo à minha boneca. Aquela que a Rosa queimara, transformando-a em pouco mais do que cinza.

Levava o vidro aberto e serpenteava aquelas curvas que havia trilhado tantos anos antes, em miúda. O vento despenteava-me o cabelo loiro, cheio de jeitos, teimoso como um catraio de cinco anos. Tão diferente do dela, que caía entrançado. Perfeito. Como é que podíamos ser irmãs, se éramos tão diferentes? Ou seria a parte física uma mera distração para aquilo em que realmente éramos idênticas? No *sangue*. No fel. Naquele remoer de vísceras que me deixava qual banho-maria em ebulição. Seria eu tão ardilosa quanto ela? Também me aproveitara, ao longo dos anos, das circunstâncias. Não era nenhuma santa, nem nunca alimentara essa pretensão. Talvez, a bem da verdade, eu também fosse má.

Não havia sinal de gente quando cheguei. A estação, lia-se numa placa, estava encerrada para obras havia cerca de duas semanas. *Que maravilha. Se eu decidisse empurrá-la, não teria testemunhas!* Contornei o edifício, cujo rodapé de azulejos brancos e azuis sempre me fizera lembrar o chão de uma casa de banho. Ou um tabuleiro para jogar às damas. A Rosa estava sentada por baixo do relógio. A tapar um painel onde se via o Convento de Mafra.

— Eu sabia que acabarias por vir — disse, ouvindo os meus passos. Não olhou para mim, mas sabia que era eu.

Sentei-me ao lado dela. Tirei o maço de tabaco de dentro da mala e estendi-lho.

— Deixei de fumar.

Esbugalhei os olhos em sinal de puro espanto, já com o isqueiro pronto a acender o meu. Aquele cheiro. Fazia-me sempre lembrar o avô. A «esquina dos velhos» no Bairro das Cruzes. A tasca do Ti Ernesto cheia de gente ao

sábado à tarde, a gritar vivas ao glorioso em torno do rádio decrépito, com estática e ruído. Seria pedir muito querer viver na infância para sempre?

— Estás magra como um carapau seco. Não há pão em Évora? Podias pedir à minha mãe que ela mandava-te umas bolas saloias pelo correio, com as cartas onde te contava a minha vida.

A Rosa virou a cabeça, olhando finalmente para mim.

— Já sabes?

— Que a minha mãe era alvo de chantagem? Que a obrigavas a contar tudo o que acontecia no bairro? Sim, sei.

— Eu precisava de me manter informada sobre o bairro. *Sobre ti.*

— Para quê? Podias saber do bairro se cá tivesses ficado. Se tivesses criado os teus filhos, em vez de desejares ter grandes vidas. Se tivesses sido uma mulherzinha e responsável. Olha para ti. Foi para isto? Pareces uma pedinte.

— Não me contive, não me apetecia pôr panos quentes e a conversa com a minha mãe deixara-me enojada, ainda mais cansada e exasperada por um fim. Não receberia mais bilhetinhos ou me envolveria em conversas. *Aquela* seria a última. Desse por onde desse.

— Eu tenho uma grande vida, Luísa.

— Ótimo — acrescentei, cínica. — Então voltaste para quê? Por quem? Por mim não terá sido.

— É o chamamento.

— Que chamamento? Mas está tudo doido?

— Do bairro. Do sangue.

Revirei os olhos e decidi atalhar caminho.

— Sim, já sei da história das gémeas... éramos três, uma morreu e eu fui entregue à Carmo e era mais fácil dividir filhos e tudo mais.

— O irmão mais velho do Carlitos também foi entregue em troca de um trator.

Era verdade. E não nos soara estranho saber disso. Não era assim tão invulgar, sobretudo quando não se conseguiam alimentar todas as bocas. Pelo menos, eu permanecera na família. A ideia de não crescer no bairro, de não ter conhecido o avô, causou-me um arrepio. Uma sensação de puro terror.

— Não te chocou? Saber tudo isso?

— Ainda não engoli... sabes quando ficas embuchada, com tudo preso na garganta? É como eu me sinto. Está tudo *aqui* — a minha mão direita, aberta sobre o meu pescoço — entalado. Mas acho que já nada me choca. Já nada me surpreende.

— Quando a minha mãe me contou, eu chorei, principalmente por não te

poder contar. Queria dizer-te que éramos irmãs *a sério*, não só nas brincadeiras que inventávamos. Fiquei feliz.

Franzi o sobrolho e abanei a cabeça com desprezo. *Como é que ela conseguia?*

— Nota-se. Pelo amor que me tiveste todos estes anos.

— Eu gosto de ti, Luísa. És a única pessoa nesta puta de vida que me foi leal.

— E como é que me agradeceste?

— Olha, dando-te a mansão, por exemplo.

— Quero lá saber da mansão. Valia-me mais teres sido minha amiga. Teres sido mãe dos teus filhos. Teres ficado para ajudar quando o Carlitos morreu e apareceste no cemitério. A vida deu-te muitas oportunidades.

— Eu não podia. Tinha de voltar a Évora — justificou. — Só quis ter a certeza de que era *ele* no caixão.

— O Carlitos?

— Foi ele quem me obrigou a escrever a carta.

— Que carta? — perguntei, a medo. O chão fugia-me. Senti que o assunto se desviava e que, por fim, a Rosa me conduziria na conversa. Era para isso que me tinha chamado, certo?

— A carta onde eu te dizia que ia para França. Foi ele quem foi comigo ao Registo Civil e me obrigou a meter o teu nome no lugar de mãe do Tonito. E o nome dele no lugar do pai. Foi ele quem me obrigou a sair do bairro. Deu-me dinheiro, sacado ao Conde, em troca do silêncio.

Comecei a transpirar. Sentia o suor escorrer-me do buço. Das fontes. Por baixo da franja que ficaria oleosa em menos de nada.

— Quando ele soube que o Pedrito era filho dele, procurou o Conde. Não sei o que lhe disse, de que forma o chantageou e com o quê, mas sacou-lhe uma quantia avultada. Tinha que ver com Peniche e com as coisas que se faziam lá. O Luís passava informações ao partido. Esse dinheiro serviria para me calar. Ele sabia que não era preciso muito para me convencer. E a minha vida no bairro era *uma merda*. Em Lisboa, também. Aliás, acredito que não pertença a lugar algum. Sou sempre vazia, onde quer que esteja. E mesmo agora que até tinha uma boa casa em Évora, herdada do velho com quem casei, e podia ocupar os dias a contemplar os sobreiros sem fazer um chavo, graças ao que ele me deixou, não sou feliz. O Carlitos usou o dinheiro para me afastar do nosso filho. Do *vosso* filho.

— Foi o Carlitos que te obrigou a escrever a carta? — Eu tinha percebido, mas precisava que ela o repetisse.

— Sim. Ele não me queria por perto. Queria criar os miúdos contigo... e

foi, sem dúvida, o melhor. Lá congeminou uma maneira de me mandar embora, e eu fui. Nalgumas coisas sou boa a obedecer.

Aquilo parecia-me tremendamente injusto para com o Carlitos. Estaria ela a tentar descartar a sua culpa usando o nome dele?

— É fácil condenar os mortos. Como é que ele se defende, como é que provas que foi mesmo assim?

— Não defende. Vais ter de acreditar em mim.

— Como se isso fosse fácil.

A Rosa levantou-se e aproximou-se dos carris. Os comboios passavam, só não paravam. As obras não eram na plataforma, mas no edifício da Estação que estava em risco de ruir.

— Ele também não morreu acidentalmente — disse, de costas voltadas para mim, que continuava sentada no banco.

— Quem? O Carlitos?

— O meu marido era da Legião Portuguesa. Conheci-o em miúda em casa do Conde. Era um primo afastado dele. Caquético, pobre do velho. Lembrei-me dele, quando o Carlitos me fez o ultimato. Sempre tinha mostrado um *especial* interesse em mim... se é que me entendes. E eu tinha de me manter perto do bairro e de saber de ti, de *vocês*. Apresentei-me na casa dele como afilhada do Conde da Serra. Inventei que iria trabalhar na Universidade de Évora. Tudo mentira, claro. E até que ele me caísse na cama, não foi preciso muito. Era viúvo. E velho. Não tarda morreria. Só tinha de o convencer a casar-se comigo e, como sabes, eu consigo ser muito persuasiva — disse, com manifesto orgulho, encarando-me. — O Carlitos estava em frente à sede da PIDE. O *arruaceiro*. Nunca gostei dele, como sabes. Não gostava dele quando me escrevia bilhetes idiotas cheios de erros. Nem quando se armava ao pingarelho junto dos Doze. E ainda gostei menos da vossa súbita amizade, da cumplicidade que vocês tinham. Eu vivia na mansão, mas queria estar no bairro, só que também queria ter dinheiro. Tinha uns ciúmes de morte. Foi por isso que comecei a chamá-lo ao esconderijo. Eu podia dar-lhe uma coisa que a casta da Luísa não daria antes de se casar. Eu era a irmã mais esperta.

— Se achas que casei virgem, bem estúpida és — atirei, cortando-lhe a palavra.

— Fico orgulhosa! Afinal, não és tão parva como pareces. Bem, mas voltando ao Carlitos, que temos pouco tempo... ele era uma espécie de barata que eu só queria pisar. Tentei lixá-lo com a morte do António. Não consegui! Tentei que fosse para Peniche uma série de vezes. Não consegui! O gajo tinha o faro de um cão. Era astuto, e apanhava-me sempre nas curvas. Escorregadio

como uma enguia.

Levantei-me do banco e aproximei-me dela. Tinha as pernas dormentes e os meus passos eram pouco firmes, mas preferi manter-me de pé, menos vulnerável.

— Eu pedi ao Silvino que arranjasse maneira de o Carlitos levar um tiro na Revolução — continuou. — O Silvino era o meu marido, acho que não tinha dito ainda o nome do velho. Inventei uma série de mentiras. Que ele te batia. Que era mau marido e pai. Que me tinhas pedido ajuda, porque a polícia não fazia nada. Ainda se acredita que os homens devem bater nas mulheres. Sobre tudo às mulheres como tu, com pelo na venta. Não foi difícil, ele fazia tudo o que eu queria. Morreu no ano passado. Até tive pena, sabes? Era uma espécie de avô. Nem força no pau tinha para me chatear o juízo. Mexia-me nas mamas e adormecia. *Um sossego*. Até me portei bem, cuidei dele no leito da morte. Por isso é que fui obrigada a voltar para Évora na altura do funeral do Carlitos. Tinha o velho ao meu encargo, não podia ficar no bairro.

Eu estava demasiado concentrada na primeira frase dela, para realmente ouvir tudo o resto.

— Tu arranjaste maneira de matarem o Carlitos?

— Eu sabia que ele estaria lá. Que estaria na frente de combate, a erguer a foice que tem tatuada, com os patetas dos irmãos. Não foi difícil... bastou pedir a um dos empregados do Silvino, daqueles que fazem tudo a troco de uns tostões, para tratar do serviço. No dia 25 de abril, de manhã bem cedo, mandei-o para Lisboa. Seria fácil descobrir o Carlitos. Ele não é propriamente uma pessoa discreta, Luísa.

— E como é que ele o conhecia? — perguntei, trémula.

— Eu tinha uma fotografia do jornal regional onde ele aparecia na capa, de peito feito, a inaugurar a *Electro Carlos*. Que idiota fanfarrão!

— Meu Deus! Foste mesmo tu! — A certeza a instalar-se no meu peito. Mesmo ao centro. E a destruir-me por dentro. — E como é que tiveste coragem de ir ao enterro? Como?

— Tive de lá ir certificar-me de que ele estava morto! Imagina que o tiro tinha apanhado o homem errado? Descansei quando vi a urna aberta. Depois, voltei para Évora. Para o sossego do Alentejo. Sabia que ficarias melhor sem esse vigarista à tua volta. Filho da puta, chantagista! O Silvino garantiu-me que o tinham encontrado em frente à sede da PIDE e que, no meio da confusão, tinha sido fácil fingir que o tiro havia sido disparado por um polícia qualquer.

Não consegui conter a náusea e vomitei para a linha do comboio,

debruçada e agarrada à minha barriga, dura como uma tábua. Estava a uma curta distância dos carris e as tonturas faziam o meu corpo dançar. Ajoelhei-me, recuada, com medo de cair.

— E o avô... bem, o avô também não morreu nas cheias. Não propriamente.

— Rosa, para! Por favor, já chega. — Era difícil perceber até onde é que eu aguentaria.

— Não, não... ainda não terminei. E desta vez, sai tudo. Deixa-me só ligar aquela merda.

Reparei pela primeira vez num saco de pano, pousado ao lado do banco onde antes nos havíamos sentado. Agachou-se e tirou do interior uma bilha pequena de oxigénio. Enfiou um tubo no nariz, passou-o por trás da cabeça, em jeito de colar, e respirou fundo três vezes, num ritual que me pareceu familiar. Meteu o saco debaixo do braço, como se fosse uma mala.

— Tenho de andar com isto atrás, faz algum tempo — justificou. — Não importa. Queres ou não saber o que aconteceu ao avô?

— Quero — assumi, enchendo-me de força. Já não estava ajoelhada junto à linha.

— O avô não morreu nas cheias. Só depositaram lá o corpo dele, porque assim ninguém suspeitaria.

— O que é que estás a dizer?

— Ires parar *precisamente* àquele sítio, fazer voluntariado e escavações na lama, foi uma infeliz coincidência. Não devias ter sido tu a ver, a encontrares o corpo... naquele dia à noite, na véspera das cheias, eu disse-te que tinha feito uma coisa horrível. Eu disse-te tantas vezes.

— Mas não disseste que tinha que ver com o avô.

— O avô ficou a saber dos meus esquemas. *Conde. António. Carlitos*. Do motivo pelo qual estávamos em Lisboa. Do *bebé*. Não interessa esmiuçar a coisa e chafurdar na merda, sabes do que falo... foi na altura em que ele saiu de casa, lembras-te? O Manel foi ao Carmo contar-nos que ele tinha desaparecido. O desaparecimento acabou por ser forçado, por culpa do que aconteceu.

— Ah, Rosa... — gemi.

— Eu fui com dois «amigos» à caça dele para lhe darmos um enxerto. Era só um *aviso*. Eu sabia onde ele andava a acampar para montar a revolução com os camaradas. Sempre fui uma pessoa informada. Quando o enfrentei, o avô apontou-me o dedo. Disse que me ia denunciar e que a minha boa vida tinha acabado. Queria afastar-te de mim e não me deu alternativa. Eu tive de

tratar do assunto, Luísa! Mandeí aqueles dois idiotas que foram comigo darem-lhe tamanha paulada na cabeça que o velho caiu de rabo e não se levantou mais. Só não sabia o que fazer ao corpo, por isso ficou dias dentro de uma arca frigorífica que um deles tinha numa cave. As cheias vieram ajudar-me a resolver essa questão. Foi só depositá-lo junto aos outros mortos. Com tanta gente transfigurada pela água e toda aquela confusão, passou ao lado.

— Tu és doente! — gritei-lhe, empurrando-a. Ela afastou-se de mim e eu virei costas, as lágrimas a impedirem-me de ver. A minha cabeça encostada à parede fria de azulejos.

— Tu és minha irmã, não percebes? Nós temos de ficar juntas. Ou tínhamos. E todos nos afastavam, nos ameaçavam. Primeiro, achei que Lisboa serviria, mas não. Pensei, depois, que aceitando o dinheiro do Carlitos me ausentaria uns anos e depois me vingava e o mandava às favas. Tu ficavas com os putos e eu respirava um pouco. Punha as ideias em ordem. Estava meio perdida... eu *sou* meio perdida, tu sabes, Luísa. Tinha muito tempo para te reconquistar e voltar. *Mas não tenho*. E isto não pode ficar aqui preso. Eu matei-os por ti. Porque és minha irmã. E eles eram os principais empecilhos a que isso acontecesse. A que estivéssemos juntas. Isto é amor, não vês? Mas o destino lixou-me. O destino lixa-me sempre.

— Não te percebo, Rosa. Não percebo como chegaste a este ponto...

— Esquece — interrompeu-me. — O que importa é que sabes a verdade. E eu tirei um fardo de cima de mim. — Esticou os braços, como quem se espreguiça depois de um sono demasiado longo. — Lamento que saibas tudo isto assim, mas já chega! A tua mãe tem culpa. A minha mãe tem culpa. Até o avozinho que consentiu que fôssemos divididas por casas, por mães, como fruta que se apanha em excesso e se dá ao vizinho, tem culpa. E o Carlitos manipulador? Cheio de esquemas e a sacar dinheiro ao Conde? Ainda se safa e fica bem visto, porque, como morreu, é mártir? A culpa é de todos eles, embora digam sempre que não. Embora me apontem o dedo. A má sou eu? Por que raio? Só sou o que a vida fez de mim, foda-se. O que a vida fez de *nós*. Que merda é esta, Luísa? Nascemos condenadas? Às vezes parece que vejo as coisas acontecerem como se estivesse fora do meu corpo. Como se estivesse a assistir a um filme antigo. Éramos felizes no bairro, não éramos? Em miúdas? Não te acontece? Aposto que parece que estás a ler um livro. Gostas mais de livros do que de filmes, bem sei.

Eu não sabia o que dizer. O que pensar. Ou como agir. Ela estava doida. *Era* doida e eu só agora o confirmava, realmente. Só agora lhe distinguia a insensatez no olhar, a frieza nas palavras, a incapacidade de amar alguma

coisa que não ela própria. Comecei a andar de um lado para o outro, junto à linha. O coração batia-me no peito com tamanha força que só me conseguia concentrar no seu rufar — um tambor intermitente a ecoar no meu cérebro, que me provava estar viva, ainda que me parecesse não estar. A fazer estremecer a minha cabeça confusa. *Cansada*. Eu estava *tão cansada*.

— Eu não sou má de todo, Luísa. Não usei patavina do dinheiro que o chupista do teu marido me deu como se fosse uma esmola. Quer dizer, primeiro tirei uns escudos, mas depois repus tudo. Mais do dobro. Abri uma conta no banco, como mandam os ricos, e o dinheiro está lá todo. Esse e o do velho. É para os miúdos. A tua Paulinha incluída. Para que estudem condignamente e se façam gente. Avisa-os só que têm de sair do bairro ou estarão tão lixados como nós. *São outra vez três irmãos!*

— Eu sabia que tu estavas desequilibrada... provaste-o centenas de vezes, mas nunca imaginei que chegasses a este ponto. Que fosses capaz de matar!

— A culpa não é minha. Há sempre um irmão que é morto. Um que desaparece. E outro que se mata. Não é assim a lenda do Bairro das Cruzes?

— Cala-te, Rosa! Chega de disparates, meu Deus. Não queiras arrastar-me na tua loucura!

— Eu mato-me — disse, de forma leviana — para *tu* ficares livre. A que se livra da maldição. Quando desapareceres, já vais ser muito velhinha. E a história que contares será como uma fábula. «*Porque em todas as famílias, para que depois vivam contentes, morrem precocemente três parentes.*» O avô Zé, o Carlitos e eu.

E antes que eu pudesse ouvir a sua última palavra, abafada pelo apito sonoro do comboio que se aproximava, saltou. Atirou-se para os carris. Mesmo a tempo de embater na carruagem que passava, nesse mesmo instante na Estação, e que fez o meu grito parecer mudo. Mesmo a tempo de proferir aquela frase da lenda do Bairro, que para a Rosa justificaria tudo. Como se a vida fosse um ensaio. Como se a cena estivesse cronometrada. Saltou mesmo a tempo do descer do pano. Mesmo a tempo de morrer.

A Rosa morreu esmagada por um comboio. Presumi-o, por não ter coragem de enfrentar a cena. De *espreitar*. O barulho do embate tinha sido suficiente para me abalar. Virei costas e corri desenfreadamente para o meu carro sem parar de imaginar em que estado estaria o seu corpo. Se os membros se haviam despedaçado. Se, por entre bocados, seria possível encontrar o seu coração. Tudo me parecia confuso, envolto numa névoa que tornava a cena distante, longínqua no tempo e espaço, ainda que, a meros metros, o seu corpo se estirasse. *Morto*. Ouvi gritos do maquinista, das pessoas que saíram da carruagem num pranto, dando conta do que acontecera. Será que teriam avistado dois vultos no momento antes de ela saltar? Será que me procuravam? Que me julgariam capaz de a empurrar? Fugi, assolada pelo pânico, não sabendo como enfrentar aquilo, mas percebendo de imediato que aquela imagem me perseguiria por toda a vida. Fugi no meu carro e a uma velocidade mínima, se comparada com aquela em que fluía o meu sangue. Bombeado por um coração ofegante. *Sim, vão pensar que a empurrei*. Era esse o pensamento que gritava no meu cérebro. No meu corpo. Nas minhas mãos trémulas. Encostei o carro e vomitei na berma da estrada. Deixei-me cair de joelhos e chorei, como não fazia desde criança, desde que ela me queimara a *Josefa*. Chorei como se algum animal ferido, furioso e preso dentro de mim, precisasse de rugir e de ser libertado. Chorei com raiva. Tentava a todo o custo parar de tremer, parar de recordar a conversa que acontecera minutos antes, de ter vontade de a matar uma e outra vez — afinal de contas, ela tinha feito isso por mim. *Ela estava morta, que loucura!* A Rosa era uma assassina. Aliás, era *a* assassina das duas pessoas que eu mais amara. Não me sobrava

ninguém. Estava completamente sozinha. *Tinha um marido que morrera no Dia da Liberdade. Tinha ficado sozinha no dia em que descobrira ter uma irmã.* A minha mãe sabia do encontro. Testemunharia contra mim? Ela bem que me avisara. O que seria dos meus filhos? Se a Rosa tinha mesmo deixado uma conta bancária para os meninos, eu poderia fugir? Seria capaz? Mas levar o dinheiro dela não faria de mim culpada? *Cabra!* Até no fim da vida me tinha lixado. Matara-se para me incriminar, apesar das falinhas mansas. Das promessas de liberdade.

Quando cheguei ao bairro e estacionei o carro dentro da garagem, passei um pano nas pingas de vomitado que tinha na porta do pendura, onde me havia amparado. O Manel estava encostado à ombreira da porta da garagem, que dava para o quintal. Não o vira, tão concentrada estava a esfregar o que já estava limpo.

— Que susto! Que estás aqui a fazer? — perguntei, lavada em lágrimas. O rosto dele fitava o meu, apreensivo. Ele sabia, ou pelo menos suspeitava, que algo terrível tinha acontecido.

— Tenho isto para ti.

— O que é?

— Um envelope que a Rosa me deu, hoje de manhã, para te entregar. Disse que eu devia ficar aqui à tua espera. Que precisarias de mim quando voltasses da Estação.

Ela tinha tudo pensado.

— Ela disse: *isto vai livrá-la da culpa.* Que culpa, Luísa? O que aconteceu?

— Manel, faz-me um favor — pedi. — Pega nos miúdos e vão até ao Jardim do Cerco fazer o piquenique. Eles já tinham tudo preparado. Explico-te depois, prometo, mas agora tenho mesmo de ficar sozinha.

— Estávamos à tua espera precisamente para isso, para irmos almoçar.

— Não consigo. Não posso.

— Prometes que depois explicas? Tudo?

— Sim, prometo.

— Então espera dentro do carro para que eles não te vejam assim. Vou dizer que te atrasaste e que temos de ir andando — afirmou, depositando um longo beijo na minha testa suada de cabelos colados, e saindo pela porta da garagem, fechando-a atrás de si.

Encolhi-me no meu próprio corpo. Se eu já me sentia com dez anos na maior parte do tempo, na tristeza e na solidão era ainda mais fácil confundir a idade. Porque o tempo era bom a apagar as memórias do passado e tentávamos a todo o custo preservar as felizes. Regar as saudades do bom que

tivéramos, para que não se imiscuíssem como grãos de areia finos. Como se fosse possível apagar as frases com erros, as palavras que feriram, e lembrar apenas o que nos dava esperança. O que era *bom* de lembrar. Àquilo, porém, seria difícil sobreviver. Aquilo seria impossível de apagar. A imagem da Rosa a saltar. A repetição das suas palavras que gritavam dentro de mim. Ela matara-os. O avô. O Carlitos. Até o António e o Conde tinham sido marionetas naquele jogo. A Rosa tivera o fim que merecia. Ou que quisera ter. Mas eu sentia-me sozinha. Mais desamparada do que nunca.

Sem esperança e sem rumo. Será que devia ir à polícia confessar que lá estava com ela quando se tinha atirado? Que assistira a tudo, e que o medo me congelara o discernimento e me fizera fugir?

Respirei fundo e pausadamente, procurando recuperar a força e a calma. Estava um dia ameno. No bairro, as folhas já caíam das árvores e ocupavam as valetas. Eram já raras as janelas abertas, de cobertores ao sol. Não tarda, chegaria o Inverno. Os dias escuros e curtos junto ao braseiro, como era tradição, a aquecer os pés gelados pelas meias velhas e pelo tempo frio. Como fazíamos com o avô Zé. Como fazíamos as duas enquanto tentávamos encontrar palavras nas sopas de letras. *Amor. Saudade.* Cada coisa ocuparia o seu lugar. O seu tempo. O tempo que correria impiedoso como sempre fazia na vida adulta. E eu não precisava de ter medo. Nada havia a temer. Sempre soubera desprender-me do que não interessava e sobrevivera. *Força.* Era essa a minha palavra na sopa de letras. A que sublinhei quando me agarrei à caneca de chá que enchi para aquecer a alma e meter alguma coisa no estômago intolerante.

Agarrei no envelope e segui firme até ao quintal da Ti Orquídea. Vinte anos depois, o nosso esconderijo ainda ali estava. Aquela casa nunca tinha sido ocupada, após a morte da velhota rezingona que recordava com carinho. O telhado de chapa tinha voado, mas não chovia, pelo que pouco me importava que o meu teto fosse o céu. Sentei-me num caixote virado ao contrário, sacudindo-lhe o pó, e não pude deixar de recordar as tantas vezes que eu e a Rosa o tínhamos usado como mesa, enquanto enrolávamos rifas para a festa de Santo André; tantas vezes partilhámos, ali, umas sopas de café com leite, embora eu não achasse grande graça a abdicar de parte da minha comida; tantas vezes fizemos queixas e construímos sonhos — *gordos*, como os do Natal, cobertos de açúcar. Eu e a Rosa éramos irmãs. A minha prima Rosa era minha irmã. Seria isso suficiente para que lhe perdoasse a loucura? Haveria espaço dentro de mim, e anos vindouros suficientes, para que ela se tornasse não uma ferida aberta, mas sim uma bela recordação de um passado

e infância tão felizes?

Abri o envelope e tirei a última carta da Rosa, deixando-a dobrada sobre o colo. Bebi o resto do chá, que levava comigo, e coloquei a caneca sobre o caixote ao lado. Sabia que teria de ler aquelas palavras ali. *Ali* e em nenhum outro sítio. Era a letra dela, sem dúvida. Uma caligrafia redonda e larga, capaz de encher linhas de cadernos e de os fazer transbordar.

Querida Luísa,

Eis-me aqui, a escrever-te a minha última carta. Acabaram os recados, os bilhetinhos, as certidões e as trapações, prometo.

Eu tenho cancro. Não sei onde começou, nem como se espalhou, mas sei que quando dei por ele, já me sobrava pouco corpo. Foi-me comendo viva. Tenho meses de vida, talvez semanas. Ou será que já devo dizer «tinhas»? Não ficarei à espera dele para morrer, como bem sabes. Sou lá capaz de ficar atrás de alguém ou de alguma coisa.

No fim, libertaste-me. Do sofrimento certo. Da perda das faculdades essenciais. Da morte do corpo quando a cabeça ainda vive. E eu ganhei. Outra vez!

Obrigada, Luísa.

Foste tu que me deste coragem. Foste tu que me empurraste. Não literalmente, que fique claro. Mas foste tu quem soprou nas minhas costas. Já pouco havia por viver. Já pouco havia para acrescentar. Lembras-te da carraça? Era cancro. Reincidente, agora. Este tira-me o ar. Leva-o todos os dias um bocadinho e lembra-me que devia ter dado valor ao simples ato de respirar. Mas isso pouco importa. Pior do que não ter ar a borbulhar nos pulmões é senti-lo preso no peito. E foi por isso que te contei tudo. Livre como um pássaro em voo. Lembras-te de quando fingíamos que tínhamos asas? Costumávamos abrir caixotes de papelão, pegar em pedaços mal cortados e fingir que voávamos pelo bairro em bando, apesar de sermos só duas. Tu e eu. Soltas. E é lá que nos guardarei. Nesse voo que nunca terá fim. No nosso bairro.

Perdoa-me o querer-te só para mim. Perdoa-me por ter matado todos os que amavas. Todas as mentiras. As traições. As facadas nas costas e no peito. Perdoa-me por não querer uma cama aferrada a um canto e tu a dares-me arroz-doce à boca. Outra vez. Ou uma cela fria e escura, onde todos os dias serão noite. Prefiro escolher eu a minha morte.

E sabes, Luísa, só faltava eu. Só restava eu. Para que fosses livre, só faltava eu. As três cruzeiras do Bairro. Os três pesos sobre as tuas costas. Não era assim que o avô Zé nos contava a história? Contigo de olhos muito abertos a beber as palavras,

as linhas escritas e as imaginadas? E eu a revirar olhos, entediada? Que belas lápides daremos. Eu, o Carlitos e o avô Zé. O resto é dispensável. São só fotografias a sépia. De mortos e de vivos. De velhos e de novos. São só fotografias de um passado que já não importa.

As tuas cruzes ruíram. És livre, agora, e só tens trinta anos. Restam-te tantos outros para correr descalça. Para rodares o aro. Para atravessares túneis e baloiçares o corpo sem medo de tirar os pés do chão. Tens amor à tua volta. Tens coragem. Tens os nossos filhos para cuidar. A infância pode ser eterna se crescermos livres.

Por isso, não chores. Não te despeças. Não te aflijas com a solidão. Eu viverei em cada esquina. Em cada casa mal caiada. Em cada laranjeira selvagem e em cada criança descalça. Mas viverei livre. E tu também. Sem a sombra da gémea que matámos. Sem a pressão e angústia que a minha mãe, também tua mãe, nos causou. Sem o ciúme doentio. Não te assombrarei os dias, prometo. A minha lembrança acabará por ser feliz.

Agora, senta-te e fuma um cigarro. Podes usar a minha campá como assento. A minha sepultura. Podes ficar, daí, a imaginar que flores plásticas combinarão melhor com o meu penteado. Com o meu quintal. É disso que se trata, não é? Tudo é fruto da tua imaginação. E conta-lhes o nosso bairro. Conta-lhes a nossa história. Mesmo que demores anos e anos a ter coragem para o fazer. Ou que só aos setenta consigas ter tempo. Bem sei como ele nos foge. O meu acabou.

Da tua, para sempre, Rosa.

Dentro do envelope estava também um papel do Banco com toda a informação pormenorizada sobre a conta que ela abrira em nome dos miúdos. O contacto de um advogado em Évora, que, anotou ela, tinha indicações sobre todo o património que os filhos herdariam, sendo eu a legítima proprietária até que fossem maiores de idade. E, mais importante, uma outra carta, assinada e autenticada, onde confessava a morte do avô e do Carlitos e onde detalhava o seu suicídio na linha do comboio. Premeditado, porque nem o cancro seria mais esperto do que ela. Seria ela a decidir quando e como morrer.

O tempo da Rosa havia acabado. O meu estava prestes a começar.

Reparei, quando me levantava do assento improvisado, pronta a seguir para a minha casa, para os meus filhos e para a minha vida no bairro, que num canto do esconderijo alguém deixara esquecida uma caixa de latão. Uma

caixa de bolachas antiga, redonda e azul, que eu reconheceria em qualquer parte do mundo como a caixa de tesouros da Rosa. Ela pintara o seu nome, com tinta vermelha e um pincel de cerdas grossas, sobre a tampa. Peguei-lhe com cuidado e voltei a sentar-me. Ela deixara-a ali. Conhecia-me tão bem que sabia, de antemão, que eu iria ler a sua carta, depois da sua morte, naquele esconderijo.

— Ah, Rosa... — suspirei.

Tentei tirar a tampa com cuidado. A ferrugem a dificultar-me no processo. Assim que cedeu, senti o perfume chegar-me às narinas. Comovi-me como uma criança de dez anos. *O monte de recados do Carlitos*. As folhas de cheiro, com mensagens cheias de erros e, por baixo de todas elas, a *Josefa*. Ela não a tinha queimado. Fingira, só para me aborrecer. Peguei na boneca de papelão e abracei-a, enquanto chorava. A humidade roubara-lhe cor. Quando me preparava para voltar a colocá-la na caixa, os olhos embaciados pelas lágrimas, reparei no papelucho que estava dobrado e colado com fita-cola à sua cabeça.

Desculpa, Rosa. Mas eu agora amo mais a Luísa.

Era a letra do Carlitos. Afinal, ele sempre tinha gostado mais de mim.

Agradecimentos

Não seria justo dar nova vida a este livro, sem referir uma pessoa essencial para que isso acontecesse: *Helena Magalhães*.

A Helena leu o *Bairro das Cruzes* em 2019, na sua primeira edição por uma outra editora, colocou-o na sua livraria *Book Gang* em 2020 e permitiu que este livro chegasse a um número de leitores que, de outra forma e em plena pandemia, nunca saberiam da sua existência. Adorou a história. Acreditou nele, em *mim*, e foi graças a isso que hoje somos mais do que companheiras de escrita. Somos amigas. Foi ela quem me disse «escreve, escreve, escreve», incentivando-me a fazer nascer a *Julieta*, para que depois déssemos nova vida a este *Bairro*: reescrito, revisto, melhorado e com uma outra cara, muito mais bonita.

Obrigada, também, a todos os leitores da primeira edição do *Bairro das Cruzes* e a todos os que perguntaram por ele, durante a sua ausência para férias. Ele voltou. E foi por vocês.

Quando escrevi este livro, na minha primeira licença de maternidade há cinco anos, estava longe de imaginar que faria a sua revisão grávida do terceiro. Obrigada, filho número três, por te aguentares na barriga da mãe até à última prova.